

Pandaemonium Germanicum

Revista de estudos germanísticos

ISSN 1982-8837

USP - Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. João Grandino Rodas

Vice-Reitor: Prof. Dr. Franco Maria Lajolo

www.usp.br

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Vice-Diretor: Prof. Dr. Modesto Florenzano

www.fflch.usp.br

DLM – Departamento de Letras Modernas

Chefe: Profa. Dra. Maria Augusta da Costa Vieira

Vice-Chefe: Profa. Dra. Laura Izarra

www.fflch.usp.br/dlm

Área de Alemão/ Institut für Deutsch

www.fflch.usp.br/dlm/alemao

Editores responsáveis / Herausgeberteam

Eloá Heise

Eva Glenk

Juliana P. Perez

Masa Nomura

Conselho Editorial / Herausgeberkommission

Claudia Dornbusch

Eliana Fischer

Eva Glenk

Helmut Galle

João Azenha Júnior

José Simões

Juliana P. Perez

Maria Helena V. Battaglia

Selma Meireles

Tércio Redondo

Tinka Reichmann

Conselho Científico / Wissenschaftlicher Beirat:

Berthold Zilly (Freie Universität Berlin)

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa (USP, São Paulo)

Dagmar v. Hoff (Universität Hannover)

Deusa Maria P. Passos (USP, São Paulo)

Élcio Cornelsen (UFMG, Belo Horizonte)

Francis Aubert (USP, São Paulo)

Hardarik Blühdorn (IDS-Mannheim)

Heinz Vater (Universität Köln)

Hinrich C. Seeba (University of Berkeley, California)
Ingedore Koch (UNICAMP, Campinas)
Irene Aron (USP, São Paulo)
Karin Volobuef (UNESP, Araraquara)
Marcus Mazzari (USP, São Paulo)
Paulo Soethe (UFPR, Curitiba)
Stella Tagnin (USP, São Paulo)
Ulrich Beil (Universität München)
Walter Moser (Université de Montreal)
Werner Heidermann (UFSC, Florianópolis)
Willi Bolle (USP, São Paulo)

Projeto do site:

Denis Bevenuto

Projeto de capa:

Isabel Carballo

Ficha catalográfica

Serviço de Biblioteca e Documentação da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Pandaemonium Germanicum : revista de estudos germanísticos [Recurso eletrônico] / Departamento de Letras Modernas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. -- n. 11 (2007) -. -- São Paulo : Humanitas, 2007-
Online.

Anual.

Modo de acesso: World Wide Web.

Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/>

Originalmente publicado em forma impressa: N. 1(1997)-n. 10(2006).

1. Língua alemã. 2. Literatura alemã. 3. Linguística. 4. Tradução. 5. Cultura alemã. I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Modernas.

21ª. CDD 430
830

ISSN 1982-8837

Copyright dos autores

Apresentação

Este número da *Revista Pandaemonium Germanicum* apresenta, na seção de literatura, quatro ensaios que analisam manifestações da literatura alemã em relações interdisciplinares ou interculturais. Ulrich BEIL, no artigo “*Der caligarische Imperativ: Schrift und Bild im Stummfilm*”, não restringe seu estudo da película *O gabinete do doutor Caligari* aos recursos visuais do filme mudo, mas debate a relação escrita/imagem ao analisar inserções de passagens escritas no desenrolar da trama do filme, bem como as de referências literárias. Esse vínculo simbiótico deixa entrever como o cinema, a mídia mais nova à época, distancia-se e advém da mídia mais velha, a cultura escrita. Já o artigo de Boris PREVISIC MONGELLI “*Zur Inversion des Subjektbegriffs im medizinisch-literarischen Kontext Georg Büchners*” discute a relação intertextual e interdisciplinar engendrada por Büchner entre seus estudos no campo da medicina e sua produção literária. Baseado no rico material vindo a lume em 2008, com a publicação do volume *Naturwissenschaftliche Schriften* de Büchner, o autor do ensaio mostra, comparando as obras *Probevorlesung über Schädelnerven* e *Woyzeck*, como os vocabulários médico e literário de Büchner se associam e se integram para demonstrar a desintegração do sujeito no momento revolucionário do *Vormärz* e, por extensão, do homem moderno. Os dois outros trabalhos da seção estabelecem a relação da literatura alemã com o Brasil. Paulo SOETHE e Sibeles PAULINO mostram, no trabalho “*Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil: encontros e desencontros*”, como o grande escritor alemão, ligado de alguma forma ao Brasil por causa de sua ascendência materna, entra, durante sua maturidade, em contato com intelectuais brasileiros ou estrangeiros integrados à cena cultural do Brasil. Com isso, o trabalho alcança mérito peculiar por difundir dados e documentos inacessíveis ou inéditos e, assim, oferecer novas fontes a pesquisas especializadas. Em “*Großes zärtliches Brasilien – Das Brasilienbild in den Werken von Heinrich Eduard Jacob*”, Marlen ECKL comenta obras de Heinrich Eduard Jacob ligadas ao Brasil. Esse jornalista e escritor, pouco conhecido entre nós, também idealizou o país no mesmo sentido de Stefan Zweig, como “país do futuro” e “democracia racial” ao mesmo tempo em que, com aguda visão crítica, desmascara a decantada cordialidade brasileira e aponta as consequências negativas do nacionalismo da Era Vargas.

Apresentação

A seção de língua/linguística abrange um bom número de trabalhos voltados para diferentes enfoques linguísticos no âmbito do diálogo entre a cultura brasileira e a alemã. Dentre os textos, três se dedicam ao estudo de tipologias textuais/discursivas. O artigo de Kathrin SCHWEIGER “Zur brasilianischen Textart ‘Memorial Acadêmico’ – wie man sich in Brasilien auf eine akademische Stelle bewirbt” analisa o gênero textual ‘memorial acadêmico’ contrapondo-o ao gênero ‘akademischer Lebenslauf’, com destaque para a originalidade e criatividade do memorial brasileiro, marcado pelo caráter híbrido, ao mesmo tempo acadêmico-factual e pessoal-confessional. Ulrike SCHRÖDER, em “A construção metafórica do conceito ‘sociedade’ em perspectiva comparativa”, aborda as metáforas referentes ao conceito ‘sociedade’ no contexto discursivo brasileiro e alemão a partir de dois corpora constituídos de quatro gêneros textuais: entrevistas orais e escritas, artigos jornalísticos e livros de não-ficção. Dentro desse escopo, a autora enfatiza a necessidade de se considerar o contexto e as intenções dos locutores para detectar as funções comunicativas ligadas ao uso preferencial de certas metáforas. Outro gênero textual em análise é o das cartas familiares no estudo de Luciane WATTHIER e Terezinha da Conceição COSTA HÜBES “Alguns aspectos da cultura germânica num estudo sobre cartas familiares”, que reflete sobre as peculiaridades morfofonêmicas da linguagem utilizada pelos imigrantes alemães em sua comunicação epistolar, um português “contaminado”, fruto das condições adversas da vida do colono alemão nas comunidades rurais. Em “O discurso indireto no alemão: um estudo quantitativo do uso dos modos”, Andressa COSTA, a partir de um corpus de 400 textos *online* do gênero notícia de jornal, faz um levantamento quantitativo do uso dos modos *Konjunktiv* e *Indikativ* no discurso indireto no alemão. Para tal análise, a autora levanta situações hipotéticas que demandariam o uso dos diferentes modos. Kelly STANICH e Selma MEIRELES fazem um estudo do “Processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira e aprendizagem de falantes não-nativos de alemão”. Com base no conceito de cognição, as autoras propõem um modelo teórico fundamentado em teorias recentes da neurociência sobre memória, aprendizagem e processamento de representações de sequências frequentes na língua (*chunks*). Tais conceitos, aplicáveis à aquisição de língua estrangeira, são exemplificados no contexto do ensino de alemão como língua estrangeira. Já o ensaio “Kompetenzorientierung im Fremdsprachenunterricht – was heißt das eigentlich?” de Ulrike ARRAS, vindo ao encontro da renovada atenção que se dedica hoje à didática de língua estrangeira, remete

Apresentação

a novas orientações teóricas e mudanças nesse campo, discutidas na chamada *Gemeinsame europäische Referenzrahmen für Sprachen (GeR)* 2001, publicada pelo Conselho Europeu. A autora levanta várias questões pertinentes ao ensino de língua estrangeira advindas desse debate: orientação de competências, orientação para a ação e avaliação dessas competências.

A seção de tradução traz a colaboração de Masa NOMURA e João AZENHA Junior “O texto como unidade de trabalho no ensino de línguas e de tradução”. Também aqui verifica-se uma perspectiva interdisciplinar, na medida em que o artigo advoga a necessidade de aplicação sistemática de conceitos da linguística de base contrastiva e da linguística textual no campo da tradução como instrumentos necessários para tradutores iniciantes.

David-Christopher ASSMANN resenha o livro organizado por Heinz Ludwig ARNOLD und Matthias BEILEIN *Literaturbetrieb in Deutschland* sob o título “Lektoren, Hörbücher, Events. Zur Neufassung des Handbuchs *Literaturbetrieb in Deutschland*”. O manual é estruturado em cinco blocos compostos de trinta artigos que abordam as tendências atuais no cenário da produção literária alemã: *Berufsbilder, Vermittler, Märkte und Medien, Literatur und Öffentlichkeit* e *Grenzüberschreitungen*. Tais tendências mostram que a literatura não pode ser dissociada de pressupostos sociais e institucionais de produção, divulgação e recepção, uma vez que os textos literários estão alicerçados em um contexto social.

A Editora Martins, em 2009, oitenta anos após a publicação do original, lança no mercado brasileiro a obra de Alfred DÖBLIN *Berlin Alexanderplatz*, com tradução de Irene ARON, resenhada por Elcio Loureiro CORNELSEN sob o título “Franz Biberkopf está de volta”. O título escolhido pelo resenhista justifica-se não só como uma citação da obra, mas também por se tratar da terceira tradução de *Berlin Alexanderplatz* para o português: a primeira, feita em Portugal, a segunda por Lya Luft (Ed. Rocco, 1995). A opção por tantas traduções já indica a importância desse texto, pioneiro do romance moderno, bem como denota a procura de uma tradução competente que dê conta dos desafios impostos por essa obra-prima.

Eloá Heise, Masa Nomura

Geleitwort

Diese Ausgabe der Zeitschrift *Pandaemonium Germanicum* enthält im Bereich Literatur vier Beiträge, die sich mit den interdisziplinären oder interkulturellen Facetten der deutschen Literatur auseinandersetzen. Ulrich BEIL widmet sich im Aufsatz „*Der caligarische Imperativ*: Schrift und Bild im Stummfilm“ nicht nur der Besprechung des Films „Das Cabinet des Doktor Caligari“ und der visuellen Mittel des Stummfilms. Er geht auch auf das Text-Bild-Verhältnis ein, indem er den Einfluss der eingeflochtenen schriftlichen Passagen und Hinweise auf literarische Werke im Verlauf der Handlung beschreibt. Diese symbiotische Verbindung lässt durchscheinen, wie das Kino, das seinerzeit neueste Medium, einerseits auf dem früheren Medium, der Schriftkultur, aufbaut, sich aber gleichzeitig auch von ihr abgrenzt. Boris PREVISIC MONGELLI geht wiederum in seinem Aufsatz „Zur Inversion des Subjektbegriffs im medizinisch-literarischen Kontext Georg Büchners“ der in Büchners medizinischen und literarischen Werken vorhandenen intertextuellen und interdisziplinären Beziehung auf den Grund. Der Verfasser geht von dem umfangreichen Material aus, das durch die 2008 neu herausgegebenen *Naturwissenschaftlichen Schriften* Büchners zutage kam, und vergleicht die Werke *Probevorlesung über Schädelnerven* und *Woyzeck*. Dabei untersucht er, wie sich Büchners medizinischer und literarischer Wortschatz verbindet und miteinander verschmilzt, um den Verfall der Menschlichkeit im revolutionären *Vormärz* – stellvertretend für den modernen Menschen – darzustellen. Die anderen zwei Beiträge stellen eine Verbindung zwischen der deutschen Literatur und Brasilien her. Paulo SOETHE und Sibeles PAULINO zeigen in „Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil: encontros e desencontros“ [Thomas Mann und Brasiliens Intellektuellenszene: zustande gekommene und gescheiterte Begegnungen], wie der große deutsche Schriftsteller, der wegen der brasilianischen Herkunft seiner Mutter in einem besonderen Verhältnis zu Brasilien steht, als reifer Mann Kontakt mit brasilianischen und ausländischen Intellektuellen der brasilianischen Kulturszene aufnahm. Es sei besonders hervorgehoben, dass dieser Aufsatz unbekannte oder bisher unzugängliche Informationen und Dokumente enthält und somit neue Perspektiven für Forschungsarbeiten in diesem Gebiet eröffnet. In „*Großes zärtliches Brasilien*“ – Das

Geleitwort

Brasilienbild in den Werken von Heinrich Eduard Jacob” bespricht Marlen ECKL die Werke dieses Autors, die einen Brasilienbezug aufweisen. Der unter uns ziemlich unbekannt Journalist und Schriftsteller idealisierte Brasilien in ähnlicher Weise wie Stefan Zweig als „Land der Zukunft“ und als „ethnische Demokratie“. Gleichzeitig entkräftet er aber mit seinem scharfen und kritischen Blick die so hochgehaltene brasilianische Herzlichkeit und zeigt die negativen Folgen des nationalistischen Regimes unter Getúlio Vargas auf.

Der Bereich Sprache/Sprachwissenschaft umfasst mehrere Beiträge, die sich mit unterschiedlichen linguistischen Ansätzen an der Schnittstelle der brasilianischen und der deutschen Kultur auseinandersetzen. Drei davon haben Text- bzw. Diskurstypologien zum Gegenstand. In Kathrin SCHWEIGERS „Zur brasilianischen Textart ‘Memorial Acadêmico’ – wie man sich in Brasilien auf eine akademische Stelle bewirbt“ wird die Textsorte des brasilianischen „memorial acadêmico“ dem deutschen „akademischen Lebenslauf“ gegenübergestellt. Das besondere Augenmerk liegt auf der für diese brasilianische Textsorte charakteristischen Originalität, Kreativität und Hybridität, da sie einerseits auf Fakten der wissenschaftlichen Laufbahn beruht, andererseits aber viele memoirenähnliche Passagen enthält. Ulrike SCHRÖDER geht in ihrem Aufsatz „A construção metafórica do conceito ‘sociedade’ em perspectiva comparativa“ [Die Metaphernbildung um den Begriff „Gesellschaft“ in einer vergleichenden Perspektive] auf gesellschaftsbezogene Metaphern im brasilianischen und deutschen Diskurs ein. Ihre Analyse wurde anhand zweier Korpora, die jeweils aus vier Textsorten bestehen, durchgeführt: mündliche und schriftliche Interviews, Zeitungsartikel und Sachbücher. Die Autorin unterstreicht in diesem Zusammenhang, dass der Kontext und die Intention der Sprecher bzw. Schreiber zu berücksichtigen sind, um die kommunikativen Funktionen und die Bevorzugung bestimmter Metaphern identifizieren zu können. Familienbriefe sind eine weitere Textsorte, die in dem sprachwissenschaftlichen Bereich untersucht werden: Die Autorinnen Luciane WATTHIER und Terezinha da Conceição COSTA HÜBES gehen in ihrem Aufsatz „Alguns aspectos da cultura germânica num estudo sobre cartas familiares“ [Einige Aspekte der deutschsprachigen Kultur in einer Studie über Familienbriefe] auf die morphophonemischen Besonderheiten der von deutschen Einwanderern verwendeten Schriftsprache ein. Ihre Briefe sind im Zusammenhang der schweren Bedingungen der

Geleitwort

deutschen Einwanderer im brasilianischen Inland entstanden und wurden in einem stark von der deutschen Sprache geprägten Portugiesisch verfasst. Im Beitrag „O discurso indireto no alemão: um estudo quantitativo do uso dos modos“ [Die indirekte Rede im Deutschen: eine quantitative Studie des Gebrauchs der Modi] stellt Andressa COSTA die Ergebnisse ihrer Untersuchung über die Häufigkeit der Modi *Konjunktiv* und *Indikativ* in der deutschen indirekten Rede in einem Korpus von 400 elektronischen Zeitungstexten dar. Die Autorin erstellt in ihrer Analyse hypothetische Situationen, in denen diese Modi anzuwenden wären. Kelly STANICH und Selma MEIRELES haben sich wiederum dem Thema „Processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira e aprendizagem de falantes não-nativos de alemão“ gewidmet [Kognitive Verarbeitung im Zusammenhang der fremdsprachlichen Produktion und des Spracherwerbs von Sprechern, deren Muttersprache nicht Deutsch ist]. Sie gehen von dem Kognitionsbegriff aus und schlagen ein theoretisches Modell vor, das auf neueren Erkenntnissen der Neurowissenschaften im Hinblick auf Gedächtnis, Lernprozesse und die Verarbeitung der Repräsentationen von in der Sprache häufig vorkommenden Einheiten (*chunks*) beruht. Diese Konzepte können auf den Fremdsprachenerwerb übertragen werden, was die Autorinnen im Zusammenhang des DaF-Unterrichts mit Beispielen veranschaulichen. Der Aufsatz „Kompetenzorientierung im Fremdsprachenunterricht – was heißt das eigentlich?“ von Ulrike ARRAS steht im Zusammenhang mit der erhöhten Aufmerksamkeit, die zurzeit der Fremdsprachendidaktik zuteil wird, und beschäftigt sich mit theoretischen Ansätzen und Veränderungen, die auf dem vom Europarat 2001 herausgegebenen *Gemeinsamen europäischen Referenzrahmen für Sprachen (GeR)* beruhen. Die Autorin geht auf verschiedene Bereiche der Fremdsprachendidaktik ein, die sich aus dem GeR ergeben: Handlungs- und Kompetenzorientierung und die Beurteilung dieser Kompetenzen.

Der Übersetzungsbereich enthält einen Beitrag von Masa NOMURA und João AZENHA Junior „O texto como unidade de trabalho no ensino de línguas e de tradução“ [Der Text als Arbeitseinheit im Fremdsprachen- und Übersetzungsunterricht]. Auch hier wird von einem interdisziplinären Ansatz ausgegangen, da sich die Autoren in ihrem Aufsatz für die Notwendigkeit aussprechen, die Begriffe der kontrastiven Linguistik und der Textlinguistik konsequent im Übersetzungsunterricht für Anfänger einzusetzen.

Geleitwort

David-Christopher ASSMANN hat das von Heinz Ludwig ARNOLD und Matthias BEILEIN herausgegebene Buch *Literaturbetrieb in Deutschland* rezensiert: „Lektoren, Hörbücher, Events. Zur Neufassung des Handbuchs *Literaturbetrieb in Deutschland*“. Dieses Handbuch ist in fünf Abteilungen mit je 30 Kapiteln untergliedert, in denen auf die aktuellen Tendenzen in der deutschen Literaturszene eingegangen wird: *Berufsbilder, Vermittler, Märkte und Medien, Literatur und Öffentlichkeit* und *Grenzüberschreitungen*. Diese Tendenzen zeigen, dass die Produktion, der Vertrieb und die Rezeption der Literatur nicht von sozialen und institutionellen Voraussetzungen abgekoppelt werden können, da literarische Texte in einem bestimmten sozialen Kontext eingebettet sind. Der Verlag Martins Fontes hat im Jahr 2009, also 80 Jahre nach der Veröffentlichung des Originals, Alfred DÖBLINS *Berlin Alexanderplatz* (Übersetzung von Irene ARON) auf dem brasilianischen Markt lanciert. Die Rezension stammt aus der Feder von Elcio Loureiro CORNELSEN: „Franz Biberkopf está de volta“ [Franz Biberkopf ist wieder da]. Die vom Rezensenten gewählte Überschrift stellt nicht nur ein Zitat aus diesem Werk dar, sondern unterstreicht auch, dass es sich bereits um die dritte Übersetzung von *Berlin Alexanderplatz* handelt. Die erste Übersetzung wurde in Portugal veröffentlicht, die zweite 1995 in Brasilien (Übersetzung von Lya Luft, Rocco-Verlag). An diesen Mehrfachübersetzungen lässt sich durchaus die Bedeutung dieses Werks als Vorläufer des modernen Romans ablesen. Außerdem stehen sie für das sich langsam durchsetzende Bewusstsein, dass nur eine hochwertige Übersetzung in der Lage ist, den Anforderungen eines solchen Meisterwerks gerecht zu werden.

Eloá Heise und Masa Nomura

Übersetzung: Tinka Reichmann

Beil, U. – Der ‚caligarische Imperativ‘

Der ‚caligarische Imperativ‘ Schrift und Bild im Stummfilm¹

Ulrich Johannes Beil*

Abstract: Against the background of the *Ut-pictura-poesis*-discussion and the crisis of language at the beginning of the twentieth century, the article shows that silent movies used to integrate letters and writing not only for the obligatory title cards, but also, in a wider sense, as so called 'inserts': notes, letters, telegrams, certificates, testaments, etc.. The article analyses movies such as *Der Golem, wie er in die Welt kam* (1920), *Nosferatu* (1922), *Dr. Mabuse, der Spieler* (1922), *Das Wachsfingerkabinett* (1923/24) and above all Robert Wiens' *Das Cabinet des Dr. Caligari* (1920) as examples of a complex and multifaceted mode of relation between picture and writing in the German Cinema of the Republic of Weimar. The famous order *You must become Caligari* in Wiens' film can be read as a hybrid formula, mixing as well the hypnotic imperative, the rhetoric of persuasion, the language of commercials, combining different discursive energies (medical, political, psychological, economical) of the time.

Keywords: silent movie, ut-pictura-poesis, picture, writing, *Das Cabinet des Dr. Caligari*.

Zusammenfassung: Das Thema stellt sich nicht nur im Blick auf die vom Medium Stummfilm geforderten Zwischentitel, sondern auch im weiteren Sinne. Seine Spannweite reicht von den sogenannten ‚Inserts‘, konkreten in der Filmhandlung auftauchenden schriftlichen Dokumenten, bis hin zu literarischen Referenzen und Motivkonstellationen. All dies zeigt, dass das frühe Kino als das ‚neuere‘ Medium fortwährend auf das ‚ältere‘, die Schriftkultur, Bezug nimmt, es zitiert und auratisiert, sich ebenso von ihm absetzt wie von ihm herleitet.

Stichwörter: Stummfilm, Ut-pictura-poesis, Bild, Schrift, *Das Cabinet des Dr. Caligari*

¹ Vorliegender Text geht auf eine längere Beschäftigung mit dem *Caligari*-Film zurück. Am Anfang stand ein *Curso de Pós-graduação*, den ich im Frühjahr 2003 zusammen mit meinem damaligen Gastdozenten Christian Kiening, Professor an der Universität Zürich, in São Paulo an der USP hielt. Seither haben wir beide verschiedentlich über den Film publiziert, ihn im Rahmen unserer Zürcher Ausstellung *Schrift in Bewegung* (2008) gezeigt – und nicht zuletzt auch ein Buch neu ediert, das wir damals im Goethe-Institut São Paulo entdeckt und schätzen gelernt hatten: Rudolf Kurtz' Filmtheorie-Klassiker *Expressionismus und Film* von 1924.

* Dr. Ulrich Johannes Beil, Privatdozent an der Universität München, arbeitet derzeit als Senior Researcher in einem medienwissenschaftlichen Forschungsbereich an der Universität Zürich. Von Januar 2000 bis Dezember 2004 war er Professor Visitante/DAAD-Lektor an der Universidade de Sao Paulo.

Die Frage nach der Dialektik des Sichtbaren und des Sagbaren hat seit den *Ut-pictura-poesis*-Debatten zwischen Renaissance und Aufklärung nicht an Aktualität verloren. Man möchte mit Blick auf den in den 90er Jahren ausgerufenen *pictorial turn* sagen: im Gegenteil. Wenn man mit Lessing, Foucault, Deleuze und neuerdings W.J.T. Mitchell von einem Spannungsverhältnis ausgehen kann (MITCHELL 2008: 136-171), das die visuelle und die literale Kultur auch und gerade in der Moderne bestimmt, so scheint sich das Problem zur Zeit des Stummfilms in zweierlei Richtung zu verstärken.

Zum einen lässt sich beobachten, dass die europäischen Avantgarden im Anschluss an die 'Sprachkrisen' um 1900, die die Wörter der referentiellen Dimension zu berauben drohten, die graphisch-bildhaften Elemente der Schrift wiederentdecken, ihre sinnliche Dichte ebenso wie ihre archaische, fetischhafte Anziehungskraft. Als habe es die einstige Medienkonkurrenz nie gegeben, befreien Künstler die Schrift im Zeichen eines neuerlichen *Paragone* von ihrer linearen Anordnung (vgl. HÜLK 2006), spielen mit ihren Farben und Formen, fügen sie im Rahmen dadaistischer, futuristischer oder konstruktivistischer Collagen in visuelle Semantiken ein, so dass die Grenze zwischen Geschriebenem und Gezeichnetem auf immer neue Weise gezogen, in Frage gestellt und überschritten wird (vgl. den Band von MÜNZ-KÖNEN / FETSCHER 2006). Zum anderen gewinnt man den Eindruck, Schrift und Bild kehrten im Stummfilm, also gerade im fortschrittlichsten Medium des frühen 20. Jahrhunderts, wieder zu ihren herkömmlichen Kompetenzen zurück: Schrift, so scheint es, führt in der Kinematographie ein Eigenleben, bleibt in Form von Zwischentiteln sorgfältig von den bewegten Bildern getrennt. So kann man zwar sehen, dass die Protagonisten sprechen; was sie aber sagen, wird der nachgereichten Schrifttafel überlassen, die den Fluss des Films als Fremdkörper unterbricht (vgl. SCHEUNEMANN 1997). Carl Bleibtreu meinte bereits 1913, die Titel seien im Grunde "Gift für die Augen" (vgl. PAECH 1997: 59). Rudolf Arnheim hatte trotz seiner Skepsis gegenüber dem Tonfilm als einem „zweitrangigen Genre“ in seinem *Neuen Laokoon* von 1938 notiert: „Die Zwischentitel des stummen Films bedeuteten störende Einsprengsel in das Bild und zerlegten die natürliche Gleichzeitigkeit in der Darbietung des Sprechenden und des Gesprochenen in ein künstliches Nacheinander“ (ARNHEIM 2004: 406; 408). Béla Balász hielt die Zwischentitel zwar für prinzipiell verzichtbare "Rudimente" der überholten Gutenberg-Kultur und sah in ihnen vielfache Gefahren: etwa die, dass sich der Film auf eine "Reihe von beweglichen Illustrationen zu einem Text" reduziert, der "in den Titelaufschriften mitgeteilt wird" (BALÁSZ 2001: 29) oder dass man den Film zum

“Kehrichthaufen für literarische Abfälle” missbraucht (BALÁSZ 2001: 93). Im Vergleich zur “Katastrophe” des Tonfilms aber (BALÁSZ 2001b: 113) akzeptierte er die Titel immerhin als “Notbehelfe”, die richtig verwendet, pointieren und “Intensität” verleihen können (BALÁSZ 2001: 93 f.).

Auf den ersten Blick also mag es scheinen, als verdanke sich das Thema 'Schrift im Stummfilm' einem notwendigen Übel. Und erst der Tonfilm (seit 1929) habe endlich Abhilfe schaffen können. Das Verhältnis Schrift und Bild stellt sich freilich bei genauerem Hinsehen weit komplexer dar. Für eine erste Beziehung zur Schriftkultur sorgen zahlreiche Filmproduktionen der 10er und 20er Jahre allein schon dadurch, dass sie oft und gerne auf literarische Motive zurückgreifen. Dies gilt vor allem, aber nicht nur, für die künstlerisch ambitionierten Filme seit etwa 1913, als das Titelblatt der Fachzeitschrift *Der Kinematograph* emphatisch prophezeite: „Films berühmter Autoren sind die Zukunft des Kinos!“ (KASTEN 1990: 21). Marshall McLuhans Diktum entsprechend, der Inhalt eines Mediums sei stets ein anderes Medium, scheinen frühe Filmschaffende selten ohne literarische Anspielungen und Bezüge auszukommen. All die Monster, Vampire, Doppelgänger und Somnambulen, die die frühen Filme bevölkern, sind ohne die entsprechenden 'Vorbilder' in der fiktionalen Prosa des 18. und 19. Jahrhunderts kaum denkbar, auch nicht ohne Korrespondenzen zu epistemologischen Diskursen wie etwa den Neurowissenschaften und der Psychoanalyse. Eine zweite Verbindung zur Schriftkultur begleitet die frühe Filmtheorie von Anfang an: So wird in den unterschiedlichsten Versuchen, das Spezifische des neuen Mediums Film zu bestimmen, von Georg Lukács bis Boris Ejchenbaum auf Vergleiche mit schriftlichen oder von der Schrift dominierten Medien wie dem Roman, dem Gedicht oder auch dem Drama zurückgegriffen. Darüber hinaus finden sich bei Autoren wie Vachel Lindsay, Ricciotto Canudo, Abel Gance und insbesondere Sergej Eisenstein Vorschläge, das filmische Verfahren selbst, etwa die Montagetechnik, mit Prinzipien ideographischer Schriftkulturen in Verbindung zu bringen (vgl. hierzu DRUBEK-MEYER 2004) – Kulturen wie der ägyptischen oder der chinesischen also, die die Trennlinie zwischen Bild und Schrift nie so strikt gezogen haben wie das alphabetische Abendland (vgl. ASSMANN / ASSMANN 2004).

Schrift macht sich im Zusammenhang mit dem Stummfilm aber nicht nur indirekt als literarisches Motiv bemerkbar oder als Metapher für filmspezifische Techniken. Vielmehr tritt Schrift über die Zwischentitel hinaus auch ganz konkret in Erscheinung, und zwar in Form der sogenannten *Inserts*. Gemeint sind Schriftstücke wie Zettel, Briefe, Telegramme,

Visitenkarten, Urkunden, Haftbefehle, Todesurteile oder Testamente, die einen integralen Teil der filmischen Narration bilden. In Wegener/Ryes *Der Student von Prag* (1913) zum Beispiel läuft am Anfang und am Ende Alfred de Mussets Gedicht *La nuit de Décembre* auf einer handbeschriebenen Papierrolle ab. Dies erweckt, Brigitte Peucker zufolge, den Eindruck, als wolle der Film „die filmische Erzählung in literarische Klammern setzen, die Bewegung seiner Bilder mit der Bewegungslosigkeit der Schrift und – das Gedicht als Grabinschrift – des Todes rahmen“ (PEUCKER 1999: 19). In Wegener/Boeses *Der Golem, wie er in die Welt kam* (1920) stehen Schriftstücke unterschiedlicher Art von Anfang an mit Magie in Verbindung – mit dem Versuch der jüdischen Gemeinschaft, sich gegen den Druck der Behörden aufzulehnen. Wenn der Rabbi im Rahmen eines Feuerrituals den Dämon herbeiruft, aus dessen Mund das magische Wort AEMAET dringt, so lässt sich von der „Einbildung der Schrift in die Bildschicht des Films“ sprechen (PAECH 1994: 216), von einer „Atemschrift“, die als „Lichtschrift“ sichtbar gemacht wird: Der Schriftzug erscheint als „Inbegriff des Films, weil das Licht der Atem ist, der auf die Leinwand das magische Wort schreibt, das dort die Illusion des Lebendigen aus der Bewegung des Lichts hervorbringt“ (PAECH 1994 b: 29).

Immer wieder lassen sich in den frühen Filmen solche und ähnliche Phänomene beobachten. Schrift macht Unsichtbares sichtbar, setzt als Atem- und Zauberschrift Unbewegtes in Bewegung, erweckt Totes zum Leben. In Murnaus *Nosferatu* (1922), der sich an Bram Stokers Roman *Dracula* anlehnt, sieht man gleich zu Anfang das Titelblatt einer Chronik „über das große Sterben in Wisborg“, auf die im Film immer wieder Bezug genommen wird. Im Lauf der Handlung tauchen mehrfach dubiose Schriftstücke auf, etwa ein Buch über Vampire. Obwohl der sich zusehends ausbreitende Vampirismus einen Zusammenhang mit modernsten Medien suggeriert, kehren im Film nur die altbekannten handschriftlichen und gedruckten wieder: Chroniken, Bücher, Zeitungen, Fracht- und Liebesbriefe – aber auch der in hieroglyphischer Geheimschrift verfasste Brief des Grafen Orlok, der bis heute Rätsel aufgibt. Eine breite Palette von Schriftelementen führt auch Fritz Langs *Dr. Mabuse, der Spieler* (1922) vor Augen, wenn hier neben Visitenkarten, Extrablättern, Zetteln und Briefen zum Teil überdimensionale Buchstabenfolgen in Geschäftsstraßen und auf Litfasssäulen zu sehen sind, wenn magische Lettern auf einem Spieltisch erscheinen und hypnotische Befehle verdeutlichen – und wenn Schrift schließlich, von jeder Fixierung auf Zwischentitel losgelöst, frei durch den Raum schwebt (vgl. WILD 2006). In dem 1923/24 entstandenen Film *Das Wachsfigurenkabinett* (Paul Leni) tritt sogar

Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ'

ein richtiger Dichter auf: Als Angestellter eines Jahrmarktsschaustellers soll er, ein junger, mittelloser Poet, drei Gestalten eines Wachsfigurenkabinetts mit literarischer Phantasie zum Leben erwecken. Während er die Geschichten von Harun als Raschid, Iwan dem Schrecklichen und Jack the Ripper 'schreibt', verfolgen die Zuschauer die durch die Schrift in Bewegung versetzten Bilder, sie werden zu Zeugen „eines nächtlichen Schreibexzesses, einer onirischen Imaginationsbewegung, die gerade dort, wo die Handlung sich der Gegenwart annähert (bei Jack the Ripper), zur Vermischung von Fiktion und Wirklichkeit führt [...]“ (KIENING 2005: 127). Die wechselseitige Bedingtheit von Schrift und Film, die Hybridisierung von Literatur und Kino kann hier gleichsam *in statu nascendi* beobachtet werden.

Ein besonders eindrucksvolles Beispiel für die Vielzahl der Rollen, die Schrift in einem Stummfilm übernehmen kann, ist Robert Wienes *Das Cabinet des Dr. Caligari* (1919/20). Dieser Film, Höhepunkt des expressionistischen Kinos und als solcher zuerst von Rudolf Kurtz gewürdigt (KURTZ 2007), gilt als frühes Meisterwerk der deutschen und der internationalen Filmgeschichte, als Diskursknotenpunkt und nicht zuletzt als Dokument für die Kreativität der Weimarer Kultur, zu deren wichtigsten Symbolen Walter Laqueur “the Bauhaus, the *Magic Mountain*, Professor Heidegger and Dr. Caligari” zählt (vgl. WILLET 1978: 10; ELSAESSER 1999: 57). Zur Erinnerung an die Filmhandlung hier nur soviel: In der Rahmengeschichte erzählt Franzis, Insasse einer Irrenanstalt, einem Mitpatienten folgende, den Großteil des Films beanspruchende Binnengeschichte: Die kleine Stadt Holstenwall wird von einer Mordserie heimgesucht, mit der Dr. Caligari, ein Jahrmarktsschausteller, in Verbindung zu stehen scheint. Franzis besucht das Kabinett Caligaris zusammen mit seinem Freund Allan und erlebt, wie dieser Cesare, einen Somnambulen, der 23 Jahre im Schlaf lag, zum Leben erweckt. Als Franzis' Freund ermordet und auch noch seine Freundin Jane geraubt wird, nimmt Franzis die Spur auf und erkennt, dass der machtbesessene Hypnotiseur Caligari Cesare als Mordinstrument missbraucht. Im Direktor einer Irrenanstalt entdeckt Franzis Caligari wieder: Der Psychiater erweist sich als wahnsinnig und verfolgt von der Zwangsvorstellung, die Rolle Caligaris, eines kriminellen Mystikers aus dem 18. Jahrhundert, imitieren zu müssen. Beim Anblick des toten Cesare, der den Auftragsmord an Jane nicht mehr beging, bricht er zusammen und wird in eine Zwangsjacke gesteckt. Doch auf der Ebene der Rahmenhandlung ist es der verrückte Franzis, dessen krankem Gehirn diese Geschichte entspringt. In der Schlusseinstellung sehen wir den ‚normalen‘ Anstaltsdirektor, der den

Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ'

aufgebrachten Franzis beruhigt; seinen Kollegen gegenüber spricht er von dessen möglicher Heilung (zu Handlung und Struktur vgl. ROBINSON 2000).

Schon diese knappe Skizze des Geschehens macht deutlich, dass hier mit Doppeldeutigkeiten und Ambiguitäten gespielt wird, wie wir sie aus der Schrifttradition, insbesondere seit der Literatur der Romantik, kennen. Man darf an E.T.A. Hoffmanns *Sandmann* denken, aber auch an entsprechende Texte von Achim von Arnim, Clemens Brentano, Adalbert von Chamisso, Hans Christian Andersen, Robert Louis Stevenson oder Edgar Allen Poe, die in ihren Doppelgänger-Fiktionen Caligari auf die eine oder andere Weise antizipieren (vgl. WEBBER 1996). Es gibt im Film, um dies nur anzudeuten, ja nicht nur Caligari als Doppelgänger im diachronen Sinne, als Reinkarnation eines mystisch-kriminellen Vorgängers. Wir begegnen Caligari auch als diabolischem Schausteller und zugleich als seriösem Arzt. Zudem fungiert der Somnambule Cesare auf der synchronen Ebene als eine Art Psycho-Double Caligaris, unter dessen Diktat er agiert: Cesare, der seinerseits von einer Puppe gedoubelt wird, damit er unbemerkt seine Verbrechen begehen kann – von weiteren Doppelungsstrukturen, bis hinein in den Namen des Helden (CALI/GARI), an dieser Stelle nicht zu reden. Hinzu kommt die eigenartige Interferenz von Rahmen- und Binnenhandlung, die für Siegfried Kracauer einer der Anlässe war, sein berühmtes Buch *From Caligari to Hitler* zu verfassen (KRACAUER 1947). In der seiner Ansicht zufolge nachträglich vom Regisseur hinzugefügten Rahmenhandlung vermutete er ein reaktionäres, präfaschistisches Skandalon – fälschlicherweise, wie sich angesichts der kaum zu beseitigenden Ambiguitäten inzwischen herausgestellt hat (vgl. das Originaldrehbuch: MAYER/JANOWITZ 1995). Irritationen entstehen jedenfalls dadurch, dass der verbrecherische Schausteller Caligari innerhalb der Binnenerzählung, also aus Franzis' Perspektive, zunächst als der (wahnsinnige) Direktor einer Irrenanstalt wahrgenommen wird, der die damals vieldiskutierte Hypothese, Somnambule seien auf hypnotischem Wege zu Straftaten zu stimulieren, ‚wissenschaftlich‘-experimentell zu beweisen versucht und sich mit dem Mystiker Caligari identifiziert. Da aber der Erzähler Insasse eben derselben Anstalt ist, bleibt ein Unsicherheitspotential, das bis zum Schluss nicht wirklich geklärt wird. So fragt man sich, ob Franzis sich nur einbildet, der Anstaltsdirektor sei identisch mit dem kriminellen Schausteller oder ob dies tatsächlich zutrifft. Der eigentlich Wahnsinnige wäre dann nicht der Internierte, sondern der Direktor. Da wir als Zuschauer zunächst mit allen Mitteln dazu angehalten werden, die Perspektive von Franzis, einem vermeintlich Geisteskranken, einzunehmen, liegt es nahe, den Schausteller

Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ'

Caligari mit dem Anstaltsdirektor zu identifizieren und ein fatales Doppelgängertum zu vermuten. Da aber wiederum der gegensätzliche Eindruck, Franzis sei eben doch nichts anderes als ein Internierter, der seinen absurden Phantasien nachhängt, gerade am Ende sich verstärkt, und da ebenso am Ende auch der Direktor als Ausgeburt psychotherapeutischer Vernunft und Gelassenheit vorgeführt wird, gerät die ursprüngliche Perspektive ins Schwanken – ein Schwanken, aus dem einen auch und gerade die letzte Szene nicht erlöst. Vor diesem Hintergrund neigen neuere Analysen wie die von Thomas Elsaesser oder Richard Murphy dazu, Kracauer zu widersprechen: Von einer „Kontrolle des Erzählaktes“ ist die Rede, von „Meta-Kino“ oder „Selbstreflexivität“ (ELSAESSER 1999: 72-74). Man hebt das radikale Unbestimmtheitspotential des Films hervor, das sich autoritativen Tendenzen schon von der Struktur her widersetze (BUDD 1990; MURPHY 1999; KIENING 2005). Kurz: Man ist seit einigen Jahren dabei, „The Cabinet of Dr. Kracauer“, wie Noël Carroll unkte (CARROLL 1998: 17-25), zu verlassen, und mit Nachdruck auf die narrativen Doppelbödigkeiten, die reflexiven Qualitäten des Films aufmerksam zu machen – was im übrigen Kracauers faszinierendem Buch nicht den Stachel nimmt. Man wird es künftig nur anders lesen müssen (zu dieser Diskussion insgesamt vgl. KIENING 2005, BEIL 2005).

Wenn hier die literarische Tradition aufgerufen wird, um semantische Doppelbödigkeiten zu erzeugen, wenn literarische Dokumente hier also eine Art Palimpsest bilden, so bieten die Zwischentitel eine noch weit konkretere Einbeziehung von Geschriebenem in den Film. Dies nicht nur, weil sie Schriftliches explizit zur Erscheinung bringen, sondern auch, weil die Zwischentitel im Fall des *Dr. Caligari* gestalterische Energien erkennen lassen, die weit über eine medienbedingte Pflichtübung hinausgehen (vgl. PULCH 2002: 17-19). Diese Schrift begnügt sich nicht damit, „Notbehelf“ zu sein, dezent zu kommentieren, was die Bilder verschweigen. Die zerrissene Dynamik der Lettern, teils Handschrift, teils Holzschnitt, die auf gezackten Untergrundflächen wie auf Glassplittern hochzuschnellen scheinen, zieht mit ihrer so aggressiv wie fragil wirkenden Ästhetik die Aufmerksamkeit auf sich und zeugt auf ihre Weise von der Unruhe, der inneren Spannung der Figuren. Sie übersetzt das expressionistische Design der Caligari-Kulisse comic-strip-artig in den Bereich der Schrift – einer Schrift, die in einem *Clair-obscur*-Effekt aus der Nacht des Films herauszuspringen, den Zuschauer wie eine Schlagzeile anzuspringen scheint und so das Gefühl des Unheimlichen verstärkt. Statt nur Szenen zu verbinden oder zu erläutern, legen es diese Titel immer wieder darauf an, Bildsequenzen zu durchschneiden, Angst- und

Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ'

Zorneschreie sichtbar werden zu lassen, und zwar mit genuin graphischen Mitteln. Die hieroglyphische Gestik der Ausrufezeichen, Gedankenstriche und Punkte trägt das ihre dazu bei. Zuweilen werden Schrift und Bild so unmittelbar miteinander verzahnt, dass die Bilder einen eben wie mit angehaltenem Atem begonnenen Satz fortzusetzen scheinen. So liest man, bevor Jane zu ihrem fatalen Besuch im Cabinet des Dr. Caligari aufbricht: „Beunruhigt über das Ausbleiben ihres Vaters...“. Subjekt und Verb des Satzes folgen dann in dreidimensionaler Aktion: Fortsetzung der Schrift mit anderen, filmischen Mitteln. Die Titel gewinnen so kraft ihrer bizarr-sinnlichen Anwesenheit eine Art von ästhetischer Autonomie. Es ist, als würden sie den Bildern mit ihren papiernen Kulissen und ihren Licht-Schatten-Konfigurationen mehr und mehr angenähert. Wenn Cesare an Janes Hauswand entlang schleicht, bevor er über sie her fällt, so ist er selbst zu einem piktographischen Zeichen geworden, das mit den Zwischentiteln korrespondiert. Angesichts ihrer Kürze und Prägnanz könnte man von einer 'konzeptionellen Mündlichkeit' der Titel sprechen, die an die Lyrik des Expressionismus erinnert und der Steigerung der Spannung wie der Aufladung von Emotionen dient (vgl. SILBERMAN 2006: 150).

Darüber hinaus aber sind es vor allem die Inserts, die dem Film ein virtuoseres Spiel mit Übertragungen, Registerwechseln und Metareflexionen ermöglichen, eine Archäologie des Medialen in eigener Sache. So stößt man in diesem Film auch jenseits der Zwischentitel vielerorts auf Schriftliches: Visitenkarten, Plakate, Aufschriften, Flugblätter, Grafiken, Bücher. Gleich anfangs wird deutlich, in welchem Maß die entworfene Welt von Literarischem durchdrungen ist. Alan unterbricht seine Lektüre, als die Schausteller zu hören sind. Franzis sitzt lesend vor einem Bücherregal, als Alan ihn besucht. Die Vertreter der Obrigkeit studieren Akten oder Dokumente. Auch im Folgenden spielen Schriftstücke immer wieder eine Rolle, etwa wenn Flugblätter den Jahrmarkt ankündigen oder von den Mordfällen berichten (vgl. KIENING/BEIL 2007: 177 f.). Am beeindruckendsten ist wohl jene Szene gegen Ende des Films, in der der Protagonist Franzis und einige Ärzte das Büro des Direktors einer psychiatrischen Anstalt durchsuchen, den sie verdächtigen, Dr. Caligari zu sein – ein Wissenschaftler, der einen Somnambulen namens Cesare mittels Hypnose eine Reihe von Morden ausführen ließ. Sie betreten ein enges, expressionistisch verschachteltes Gewölbe; hohe Bücherstapel umstellen den kaum sichtbaren Schreibtisch wie ein Festungswall. In einem Geheimfach dieser 'Bibliothek', hinter einem Skelett, entdecken Franzis und die Psychiater alsbald den Schlüssel zum Verständnis der seltsamen Morde, die den kleinen Ort

Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ'

Holstenwall tagelang in Atem hielten: ein Buch mit dem Titel *Somnambulismus: Ein Sammelwerk der Universität Upsala* aus dem Jahre 1726. Ein zusammen mit dieser Schrift aufgefundenes Tagebuch aus der Hand des Direktors klärt darüber auf, dass in der alten Somnambulismus-Studie unter anderem der Fall eines „mystischen“ Dr. Caligari aus dem frühen 18. Jahrhundert abgehandelt wird, der sein somnambules ‚Medium‘ dazu benutzt hat, „bestialische“ Morde zu begehen. Die Überschrift des entsprechenden Kapitels in der Abhandlung lautet nicht anders als *Das Cabinet des Dr. Caligari*, womit man also ein fiktives historisches 'Drehbuch', eine Vorlage aus einer nahezu zwei Jahrhunderte zurückliegenden Epoche vor Augen hat. Es scheint bemerkenswert, dass die Aura, auf die der Film sonst dezidiert verzichtet, in der nostalgisch 'fernen' Präsenz dieses Buches mit seinem Ledereinband und seinen altdeutschen Lettern kurzzeitig beschworen wird. Nach Art eines Palimpsests ersetzt und überblendet der Film das Buch. Er fingiert eine Übertragung – von diesem (typographischen) Schriftstück in ein zweites (skripturales), das Tagebuch des Direktors, das sich sogleich als Dokument einer verfehlten Aneignung und eines psychotischen Schubes entpuppt. Um dies zu verdeutlichen, ist eine weitere Übertragung nötig, und zwar in das filmische Medium. Dadurch werden wir Zuschauer in die Lage versetzt, zu *sehen*, was die Detektive lesen und was die Lektüre des Somnambulismus-Buchs in der Psyche des Psychiaters angerichtet hat.

Es handelt sich um jene als Flashback eingefügte Schlüsselszene des Films, in der sich der Irrenhausdirektor mit einem Mal dazu gezwungen fühlt, die Identität jenes kriminellen Mystikers aus dem 18. Jahrhundert anzunehmen und durch entsprechende 'Experimente' die – im späten 19. Jahrhundert unter Neurologen wie Charcot oder De la Tourette viel diskutierte – Frage zu beantworten, ob es 'criminelle Suggestionen' gibt oder nicht (zur Hypnosediskussion im Zusammenhang mit *Caligari* vgl. ANDRIOPOULOS 2000). In dieser Szene erst wird Caligari „Caligari“, wird er zum filmischen Doppelgänger einer in einem Buch beschriebenen Existenz. Nach der Einlieferung eines Somnambulen, die er enthusiastisch begrüßt hat, stürzt der Psychiater, ganz außer sich, mit dem halb zerfledderten Buch in den nächtlichen Park der Anstalt. Dort wird er – ekstatisch tanzend, delirierend – immer wieder von dem leuchtschriftartig eingblendeten, durch die Bilder der Allee taumelnden Satz *Du musst Caligari werden!* verfolgt und gleichsam hypnotisiert: eine schizoide *Conversio*, die an die Erlebnisse klassischer Mystiker von Augustinus bis Pascal erinnert. Minutenlang scheint der Film auf der Schwelle zwischen Wahn und Wirklichkeit, Schrift und Bild, Bibliothek und

Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ'

Aktion zu balancieren – nur um das, wovon wir schon wissen, mit Nachdruck als die schaurige Konsequenz dieses Vorgangs begreiflich zu machen. Eine künstlerisch virtuos gestaltete Kippfigur, die Komplexität u.a. dadurch erzeugt, dass sie zwischen Innen- und Außenperspektive changiert: „Die Buchstaben sind sowohl innen wie außen. Sie repräsentieren den inneren Zwang zur Anverwandlung an die Figur der Geschichte und projizieren diesen Zwang zugleich nach außen. Sie machen den filmischen Raum zur Einschreibefläche für die Schrift und zugleich die Schrift zum beweglichen Element des filmischen Raums“ (KIENING 2005: 142). So sehen wir die diktatorische Schrift des Unbewussten, die das Innere des Delirierenden aufwühlt, und wir nehmen diese tanzenden Lettern zugleich außen, in der Umwelt des in Ekstase Geratenen wahr, als fragile Verkörperungen der Geister, die er rief und die ihm nun keine Wahl mehr lassen. Man könnte von einer 'Urszene des Medialen' sprechen: Der Film reflektiert in dieser aus einem krankhaften *Misreading* entstandenen *Performance* seine eigene Genese aus der europäischen Buch- und Wissenschaftskultur. Indem er eine moderne, pervertierte Faustgestalt ihren Teufelspakt schließen und eine wahnhaftige 'Hypothese' erproben lässt knüpft er auch im intertextuellen Sinne an diese Traditionen an. Man darf sich an Marlowe, Goethe, die klassischen Mystiker – zu denen ja auch manisch-depressive Gestalten zählen wie Sabbatai Zwi – ebenso erinnern wie an Bernheim, De la Tourette oder Freud.

Du musst Caligari werden! Dieser Satz, der nicht verstanden, nur befolgt, nur verwirklicht werden will, hat es in sich. Paradigmatisch für das Diskursgeschehen im späten 19. und im 20. Jahrhundert erscheint das Moment des Imperativs: eines Imperativs, der, auf pervertierte Weise kategorisch, von keinem Subjekt mehr ausgesprochen wird, sondern als autorlose, visionäre Schrift aus dem Unterbewussten eines Nervenkranken aufsteigt. Dieser Imperativ realisiert sich in der fiktiven 'Wirklichkeit' des Films. Als Hybride aus Zwischentitel und Insert, Wahn und Werbung, Gesprochenem, Geschriebenem, Bildhaftem und Filmischem sorgt er dafür, dass geschieht, was er fordert, dass in Handlung umgesetzt wird, was er vorgeschrieben hat: ein von einer unsichtbaren Maschine in die Anstaltsnacht gestanzter, nomadisch durch die Szene tanzender perlokutionärer Akt. Von Nietzsches Rhetorik der Persuasion über die frühen Leuchtreklamen bis hin zur Enter-Taste auf unseren PCs ziehen solche und ähnliche Imperative eine immer deutlichere Spur durch die Moderne. „Film und Reklame“ drängten „die Schrift vollends in die diktatorische Vertikale“, beobachtete Walter Benjamin in seiner *Einbahnstraße*. „Und ehe der Zeitgenosse dazu

Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ'

kommt, ein Buch aufzuschlagen, ist über seine Augen ein so dichtes Gestöber von wandelbaren, farbigen, streitenden Lettern niedergegangen, dass die Chancen seines Eindringens in die archaische Stille des Buches gering geworden sind" (BENJAMIN 1980: 103). Wenn die Decla-Film-AG im Februar 1920 mit nichts als der rätselhaft-suggestiven Parole *Du musst Caligari werden!* auf zahlreichen Plakaten um ihr Publikum warb, lässt dies unschwer darauf schließen, dass die Produzenten das hier skizzierte Potential ihres Films bewusst ins Spiel brachten. Der aus der Psyche eines Kranken auftauchende, durch fehlgeleitete Lektüren genährte Imperativ sollte nicht nur einen überdrehten Psychiater in Caligari verwandeln, sondern auch das Publikum, jeden zufällig vorbeikommenden Passanten einfangen in das hypnotische Netzwerk dieses Satzes. Statt auf den Inhalt, die verbrecherischen Machenschaften eines Schaustellers mit südländischem Namen, hinzuweisen, versucht die Reklame, den Zuschauer ganz direkt und intim anzusprechen, ihn mit eben jener Identifikation zu verführen, der auch der Anstaltsdirektor erlag. Es ist nicht nur ein Angebot nach Art eines „Hätten Sie mal eben Lust, Caligari zu sein?“ Es ist ein Befehl, dem man nicht mehr ausweichen können soll, sobald man ihn einmal gelesen, einmal gehört hat. Das Publikum wird schon mit jener hypnotischen Energie infiziert, bevor sich überhaupt die Türen dieses besonderen Kabinetts, des Kinosaals, hinter ihm geschlossen haben.

Du musst Caligari werden! Dieser Satz, den man den *caligarischen Imperativ* nennen könnte, lässt sich so zum einen als metafilmische Formel in der Art von 'Das Buch muss Film –', 'Das Wort muss Bild werden' lesen, frei nach Fausts *Wort-Tat*-Übertragung. Zum anderen erscheint er als eine Schaltstelle, in der unterschiedlichste diskursive Energien – kulturhistorische, politische, sozialpsychologische, neurologische, philosophische und theologische – sich verknüpfen. Theologische? Die Mediologie mache "aus der Inkarnation ein Modell", heißt es bei Régis Debray. "Dank der Inkarnation sind wir die Zivilisation der Malerei, des Kinos und heute des Videos geworden"(DEBRAY 2003: 143 f). Was wir in der beschriebenen Szene beobachten können, ist mehr als eine avantgardistisch inspirierte Montage von Schrift und Kinobild. Denn die Verschränkung der beiden Medien wird, über das ästhetische Ereignis hinaus, auf der Basis ihrer Trennung, der (auch stummfilmbedingten) Unterschiedenheit ihrer Kompetenzen inszeniert. Wenn die Schrift unruhig wird, zuckt, derart in Bewegung gerät, dass sie nach dem Film als ihrer Fortsetzung und Steigerung *verlangt*, so verlangt sie bei aller optisch-graphischen Annäherung nach ihrem Anderen, nach einem Sprung. Die Verschränkung wird als eine Auseinandersetzung lesbar: Das ältere Medium

antizipiert, inspiriert und hypnotisiert das jüngere, es diktiert und befiehlt ihm, fällt aber deutlich hinter dessen optische Intensitäten, die physiognomischen und gestischen Details, zurück. *Das Cabinet des Dr. Caligari* mag metareflexiv damit spielen, als Film das *Eschaton* der Schriftkultur zu sein, der mediale Ort, an dem Schrift sich 'realisiert'. Aber dies geschieht nicht im Sinne eines Schlussstrichs. Die Schrift bleibt vielmehr mit den bewegten Bildern verwoben, als ihre dauerhafte Herausforderung, ihr Motor und ihr Unbewusstes, nicht zuletzt auch als auratisches Relikt einer in die Jahre gekommenen medialen Hegemonie.

Literaturverzeichnis

- ANDRIOPOULOS, Stefan. *Besessene Körper. Hypnose, Körperschaften und die Erfindung des Kinos*. München, Fink 2000.
- ARNHEIM, Rudolf. „Neuer Laokoon. Die Verkoppelung der künstlerischen Mittel, untersucht anlässlich des Sprechfilms“. In: ARNHEIM, Rudolf. *Die Seele in der Silberschicht. Medientheoretische Texte. Fotografie – Film – Rundfunk*. Hg. und mit einem Nachw. Von Helmut H. Diederichs. Frankfurt a.M., Suhrkamp 2004, S. 377-412.
- ARNS, Inke / GOLLER, Mirjam / STRÄTLING, Susanne / WITTE, Georg (Hg.). *Kinetographien*. Bielefeld, Aisthesis 2004.
- ASSMANN Aleida / ASSMANN, Jan (Hg.). *Hieroglyphen. Stationen einer anderen abendländischen Grammatologie*. München, Fink 2004.
- BALÁSZ, Béla. *Der sichtbare Mensch oder die Kultur des Films*. Mit einem Nachwort hg. von Helmut H. Diederichs und zeitgen. Rezensionen von R. Musil, A. Kraszna-Krausz, S. Kracauer und E. Kästner. Frankfurt a.M., Suhrkamp 2000 [Orig.: 1924].
- BALÁSZ, Béla. *Der Geist des Films*. Mit einem Nachwort von H. Loewy und zeitgen. Rezensionen von S. Kracauer und R. Arnheim. Frankfurt a.M., Suhrkamp 2000 (2000 b) [Orig.: 1930].
- BENJAMIN, Walter. *Einbahnstraße*. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften* IV, 1 (werkausgabe Bd. 10). Hg. von Tilmann Rexroth. Frankfurt a.M. 1980, S. 83-148.
- BEIL, Ulrich Johannes. „Die Bibliothek des Dr. Caligari“. In: BEIL, Ulrich Johannes / DORNBUSCH, Claudia S. / NOMURA, Masa (Hg.): *Blickwechsel*. Akten des XI. Lateinamerikanischen Germanistenkongresses São Paulo – Paraty – Petrópolis. Bd. 2. São Paulo, Edusp 2005, S. 155-162.
- BEIL, Ulrich Johannes / KIENING, Christian. „Nachwort“. In: KURTZ, Rudolf. *Expressionismus und Film* (1926). Hg. und mit einem Nachwort vers. von Christian KIENING und Ulrich Johannes BEIL. Zürich, Chronos 2007, S. 137-221.
- BUDD, Mike. „The Moments of Caligari“. In: BUDD, Mike (ed.). *The Cabinet of Dr. Caligari: Texts, Contexts, Histories*. New Brunswick/London, Rutgers University Press 1990, S. 7-120.

- CARROLL, Noël. „The Cabinet of Dr. Kracauer“. In: CARROLL, Noël. *Interpreting the Moving Image*. Cambridge, Cambridge University Press 1998, 17-25.
- DEBRAY, Régis. *Einführung in die Mediologie*. Aus dem Franz. von Susanne Lötscher. Bern-Stuttgart-Wien, Haupt 2003.
- DRUBEK-MEYER, Natascha. „Kino↔Graphien“. In: ARNS, Inke / GOLLER, Mirjam / STRÄTLING, Susanne / WITTE, Georg (Hg.). *Kinetographien*. Bielefeld, Aisthesis 2004, S. 313-342.
- ELSAESSER, Thomas. *Das Weimarer Kino – aufgeklärt und doppelbödig*. Aus dem Engl. von Michael Wedel. Berlin, Vorwerk 8, 1999.
- FRIEDRICH, Hans-Edwin / JUNG, Uli (Hg.). *Schrift und Bild im Film*. Bielefeld, Aisthesis 2002.
- GOETSCH, Paul / SCHEUNEMANN, Dietrich (Hg.). *Text und Ton im Film*. Tübingen, Narr 1997.
- GREBER, Erika / EHLICH, Konrad / MÜLLER, Jan-Dirk (Hg.). *Materialität und Medialität von Schrift*. Bielefeld, Aisthesis 2002.
- HÜLK, Walburga. „Bewegung, Gedächtnis, Initiation. Facetten eines Paragone im Umfeld des Medienumbruchs 1900“. In: MÜNZ-KÖNEN, Inge / FETSCHER, Justus (Hg.). *Pictogrammatica. Die visuelle Organisation der Sinne in den Medienavantgarden (1900-1938)*. Bielefeld, Aisthesis 2006, S. 31-48.
- KASTEN, Jürgen. *Der expressionistische Film. Abgefilmtes Theater oder avantgardistisches Erzählkino? Eine stil-, produktions- und rezeptionsgeschichtliche Untersuchung*. Münster, Moks 1990.
- KIENING, Christian. „Blick und Schrift. *Das Cabinet des Dr. Caligari* und die Medialität des frühen Spielfilms“. In: *Poetica* 37 (2005), S. 119-145.
- KIENING, Christian / BEIL, Ulrich Johannes. „Nachwort“. In: KURTZ, Rudolf. *Expressionismus und Film* (1926). Hg. und mit einem Nachwort vers. von Christian Kiening und Ulrich Johannes Beil. Zürich, Chronos 2007, S. 137-221.
- KIENING, Christian. „Die erhabene Schrift. Vom Mittelalter zur Moderne“. In: KIENING, Christian / STERCKEN, Martina (Hg.). *SchriftRäume. Dimensionen von Schrift zwischen Mittelalter und Moderne*. Zürich, Chronos 2008, S. 8-126.
- KIENING, Christian / STERCKEN, Martina (Hg.). *SchriftRäume. Dimensionen von Schrift zwischen Mittelalter und Moderne*. Zürich, Chronos 2008.
- KRACAUER, Siegfried. *From Caligari to Hitler: A Psychological History of the German Film*. Princeton, Princeton University Press 1947.
- KURTZ, Rudolf. *Expressionismus und Film* (1926). Hg. und mit einem Nachwort vers. von Christian Kiening und Ulrich Johannes Beil. Zürich, Chronos 2007.
- MAYER, Carl / JANOWITZ, Hans. *Das Cabinet des Dr. Caligari: Drehbuch zu Robert Wiens Film von 1919/20*. Mit einem einführenden Essay von Siegbert S. Praver und Materialien zum Film von Uli Jung und Walter Schatzberg. München, edition text + kritik 1995.
- MITCHELL, W.J.T. *Bildtheorien*. Herausgegeben und mit einem Nachwort von Gustav Frank. Frankfurt a.M., Suhrkamp 2008.

Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ'

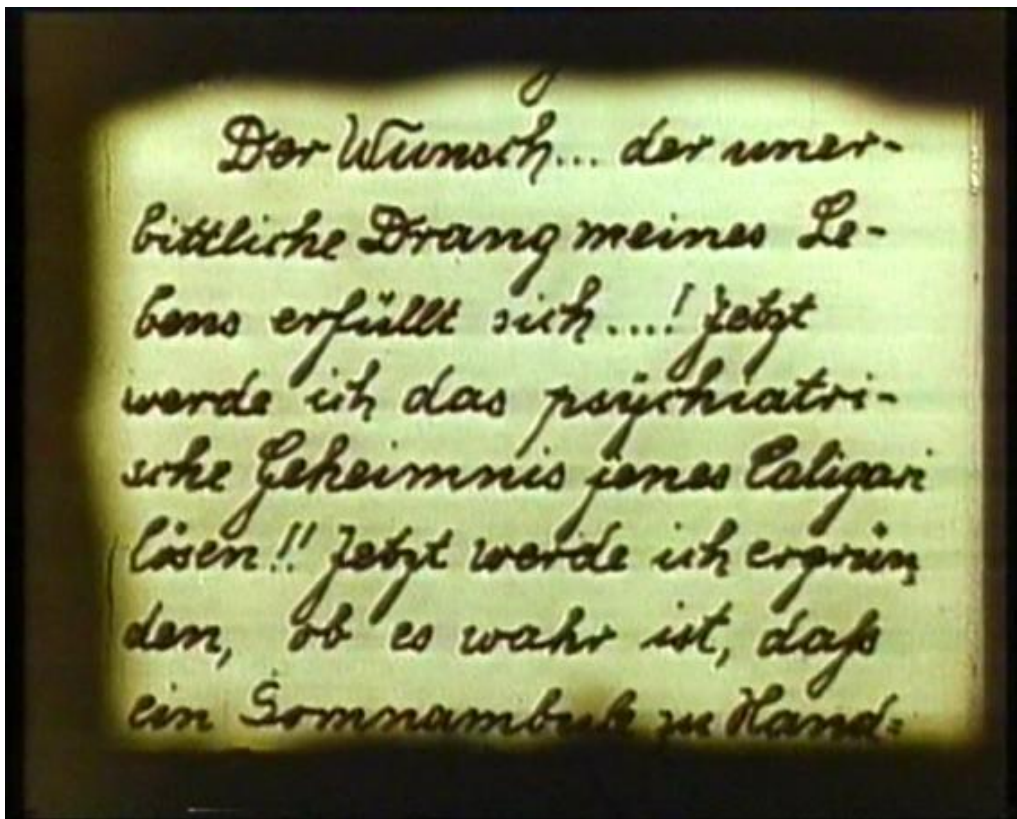
- MÜNZ-KÖNEN, Inge / FETSCHER, Justus (Hg.). *Pictogrammatica. Die visuelle Organisation der Sinne in den Medienavantgarden (1900-1938)*. Bielefeld, Aisthesis 2006.
- MURPHY, Richard. *Theorizing the Avant-garde: Modernism, Expressionism, and the Problem of Postmodernity*. Cambridge, University Press 1999.
- PAECH, Joachim. „Der Schatten der Schrift auf dem Bild. Vom filmischen zum elektronischen 'Schreiben mit Licht' oder 'L'image menacée par l'écriture et sauvée par l'image même'“. In: WETZEL, Michael / WOLF, Herta (Hg.). *Der Entzug der Bilder. Visuelle Realitäten*. München, Fink 1994, S. 213-235.
- PAECH, Joachim. „Vor-Schriften – In-Schriften – Nach-Schriften“. In: ERNST, Gustav (Hg.). *Sprache im Film*. Wien, Wespennest 1994, S. 23-41 (1994 b).
- PAECH, Joachim. „Zwischen Reden und Schweigen – die Schrift“. In: Paul Goetsch / Dietrich Scheunemann (Hg.), *Text und Ton im Film*. Tübingen, Narr 1997, S. 47-68.
- PEUCKER, Brigitte. *Verkörpernde Bilder – das Bild des Körpers. Film und die anderen Künste*. Berlin 1999.
- PULCH, Harald. „Type in motion. Schrift in Bewegung“. In: FRIEDRICH, Hans-Edwin / JUNG, Uli (Hg.). *Schrift und Bild im Film*. Bielefeld, Aisthesis 2002, S.13-31.
- ROBINSON, David. *O Gabinete do Dr. Caligari*. Rio de Janeiro, Rocco 2000.
- SCHEUNEMANN, Dietrich. „Intolerance – Caligari – Potemkin? Zur ästhetischen Funktion der Zwischentitel im frühen Film“. In: GOETSCH, Paul / SCHEUNEMANN, Dietrich (Hg.), *Text und Ton im Film*. Tübingen, Narr 1997, S. 11-46.
- SCHEUNEMANN, Dietrich. „The Double, the Décor, and the Framing Device: Once More on Robert Wiene's *The Cabinet of Dr. Caligari*“. In: SCHEUNEMANN, Dietrich (ed.). *Expressionist Film: New Perspectives*. Rochester, Camden House 2003, S. 125-156.
- SILBERMAN, Marc. „'Mixed Messages': Schrift und Bild im expressionistischen Film“. In: MÜNZ-KÖNEN, Inge / FETSCHER, Justus (Hg.). *Pictogrammatica. Die visuelle Organisation der Sinne in den Medienavantgarden (1900-1938)*. Bielefeld, Aisthesis 2006, S. 145-160.
- WEBBER, Andrew. *The Doppelgänger: Double Visions in German Literature*. Oxford, Clarendon Press 1996.
- WILD, Daniel Heinrich. *The Writing on the Screen. Images of Text in the German Cinema from 1920 to 1949*. Pittsburg, University Press 2006.
- WILLET, John. *The New Sobriety*. London, Thames & Hudson 1978

Anhang – Caligari



Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ' – Anhänge





Anhang – Dracula

223

CHAPTER XVII.

DR. SEWARD'S DIARY—*continued.*

WHEN we arrived at the Berkeley Hotel, Van Helsing found a telegram waiting for him:—

"Am coming up by train. Jonathan at Whitby. Important news.—MINA HARKER."

The Professor was delighted. "Ah, that wonderful Madam Mina," he said, "pearl among women! She arrive, but I cannot stay. She must go to your house, friend John. You must meet her at the station. Telegraph her *en route*, so that she may be prepared."

When the wire was despatched he had a cup of tea; over it he told me of a diary kept by Jonathan Harker when abroad, and gave me a typewritten copy of it, as also of Mrs. Harker's diary at Whitby. "Take these," he said, "and study them well. When I have returned you will be master of all the facts, and we can then better enter on our inquisition. Keep them safe, for there is in them much of treasure. You will need all your faith, even you who have had such an experience as that of to-day. What is here told," he laid his hand heavily and gravely on the packet of papers as he spoke, "may be the beginning of the end to you and me and many another; or it may sound the knell of the Un-Dead who walk the earth. Read all, I pray you, with the open mind; and if you can add in any way to the story here told do so, for it is all-important. You have kept diary of all these so strange things; is it not so? Yes! Then we shall go through all these together when that we meet." He then made ready for his departure, and shortly after

drove off to Liverpool Street. I took my way to Paddington, where I arrived about fifteen minutes before the train came in.

The crowd melted away, after the bustling fashion common to arrival platforms; and I was beginning to feel uneasy, lest I might miss my guest, when a sweet-faced, dainty-looking girl stepped up to me, and, after a quick glance, said: "Dr. Seward, is it not?"

"And you are Mrs. Harker!" I answered at once; whereupon she held out her hand.

"I knew you from the description of poor dear Lucy; but——" She stopped suddenly, and a quick blush overspread her face.

The blush that rose to my own cheeks somehow set us both at ease, for it was a tacit answer to her own. I got her luggage, which included a typewriter, and we took the Underground to Fenchurch Street, after I had sent a wire to my housekeeper to have a sitting-room and bedroom prepared at once for Mrs. Harker.

In due time we arrived. She knew, of course, that the place was a lunatic asylum, but I could see that she was unable to repress a slight shudder when we entered.

She told me that, if she might, she would come presently to my study, as she had much to say. So here I am finishing my entry in my phonograph diary whilst I await her. As yet I have not had the chance of looking at the papers which Van Helsing left with me, though they lie open before me. I must get her interested in something, so that I may have an opportunity of reading them. She does not know how precious time is, or what a task we have in hand. I must be careful not to frighten her. Here she is!

MINA HARKER'S JOURNAL.

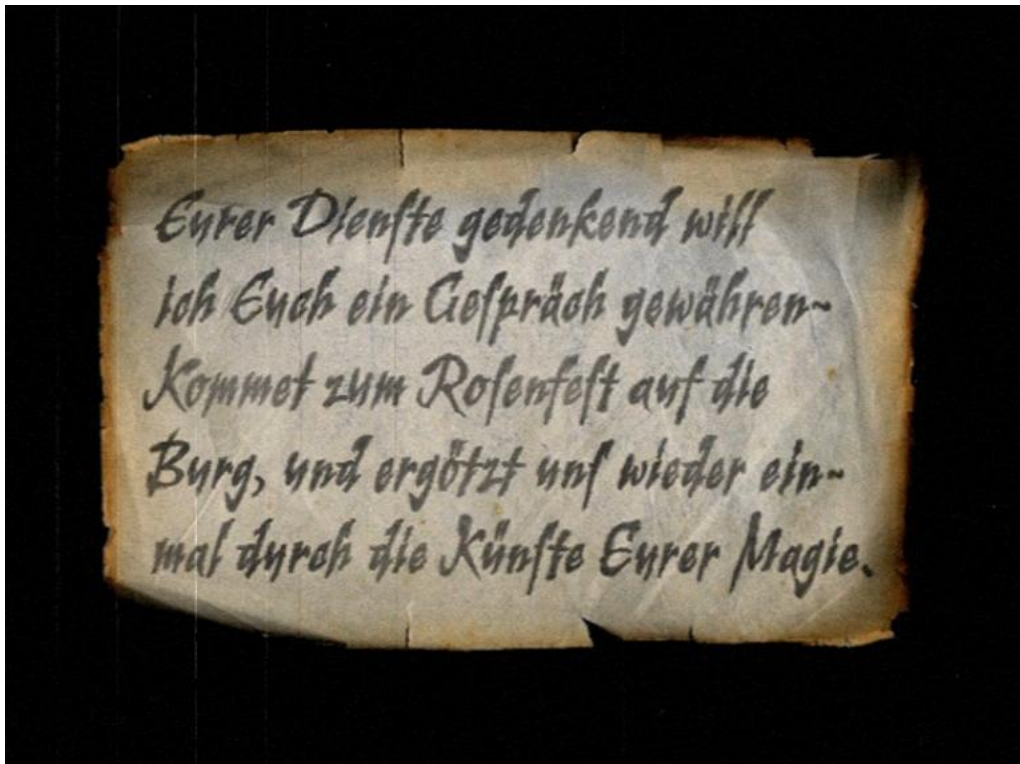
29 *September*.—After I had tidied myself, I went down to Dr. Seward's study. At the door I paused a moment, for I thought I heard him talking with some one. As, however, he had pressed me to be quick, I knocked at the door, and on his calling out, "Come in," I entered.

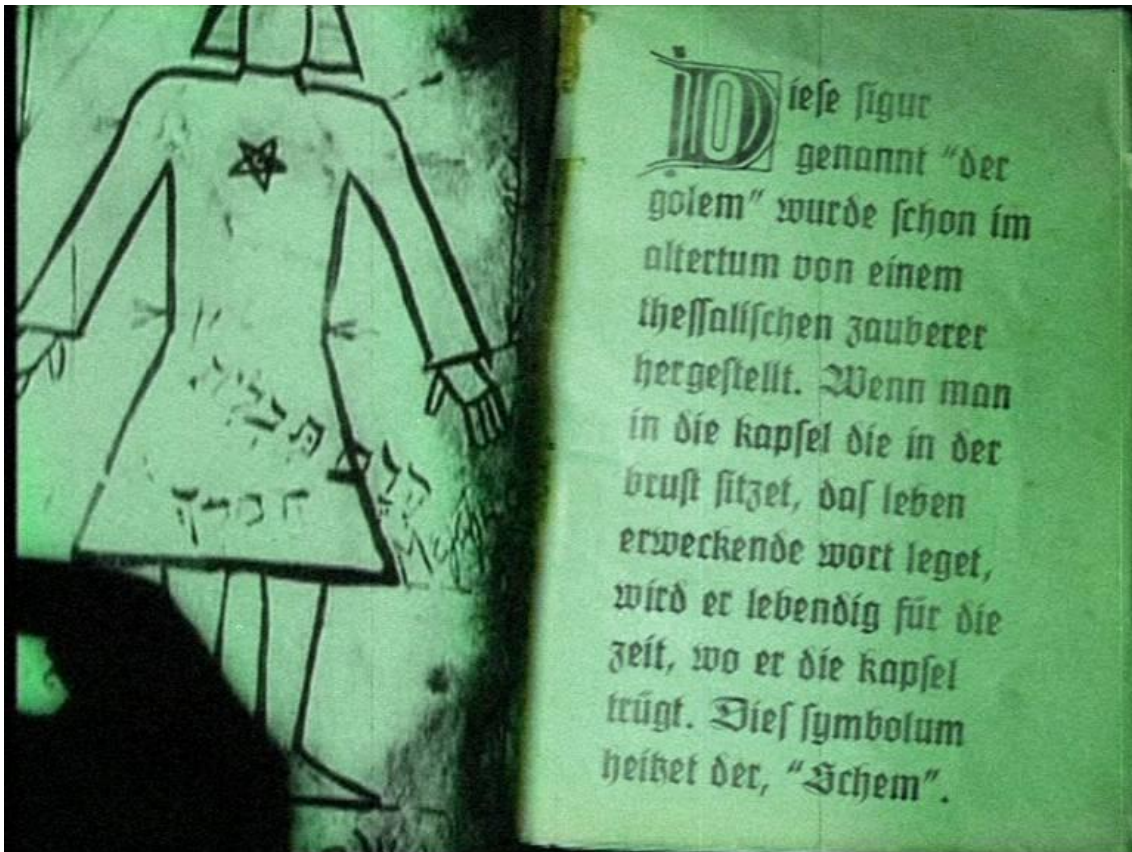
To my intense surprise, there was no one with him. He was quite alone, and on the table opposite him was what I knew

Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ' – Anhänge

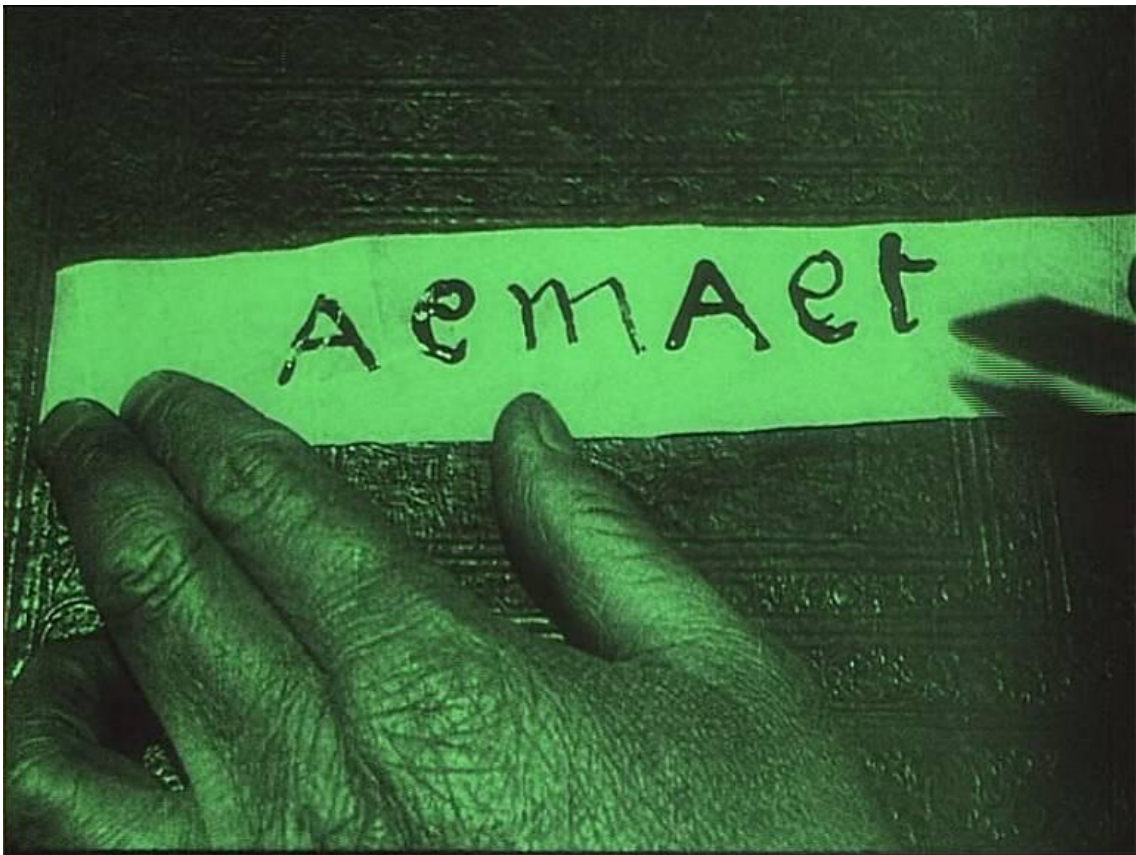
189		MORNING.	EVENING.	REMARKS.
		<i>USA 2/10/1910 - Nacht</i>		
May 1	Monday	Dead House Harker leaves Munich 2.35 P.M.		
2	Tuesday	arrive Vienna 6.45 am leave Vienna 8.25 am	Arise from bed 1.30 P.M. leave 2 P.M.	Arise Klammberg 10.34 P.M.
3	Wednesday	Arise from bed 1.30 P.M. leave Klammberg 8 am	Arise from bed 8 P.M.	
4	Thursday	Arise from bed 2 P.M. leave Klammberg 2 P.M.	Arise from bed 9 P.M. (see how early)	
5	Friday	3rd drive to Corte		
6	Saturday	Arise from bed		
May 7	Sunday	Corte	Arise	
May 8	Monday	Corte	Arise	
9	Tuesday	Corte	Arise	
10	Wednesday	Corte	Arise	
11	Thursday	Corte	Arise	
12	Friday	Corte	Arise	See Court to out of Vienna
13	Saturday	Corte	Arise	
May 14	Sunday			
May 15	Monday			Women's Party
16	Tuesday			
17	Wednesday			Days letter to Maria
18	Thursday			Arise from bed
19	Friday			Arise from bed to write letter
20	Saturday			
May 21	Sunday			
May 22	Monday			
23	Tuesday			
24	Wednesday			Arise from bed 10.34 P.M. 3 P.M.
25	Thursday			Arise from bed to other
26	Friday			Arise from bed to Arise
27	Saturday			
May 28	Sunday			Letter to G. P. - Court dis. over to

Anhang – Golem



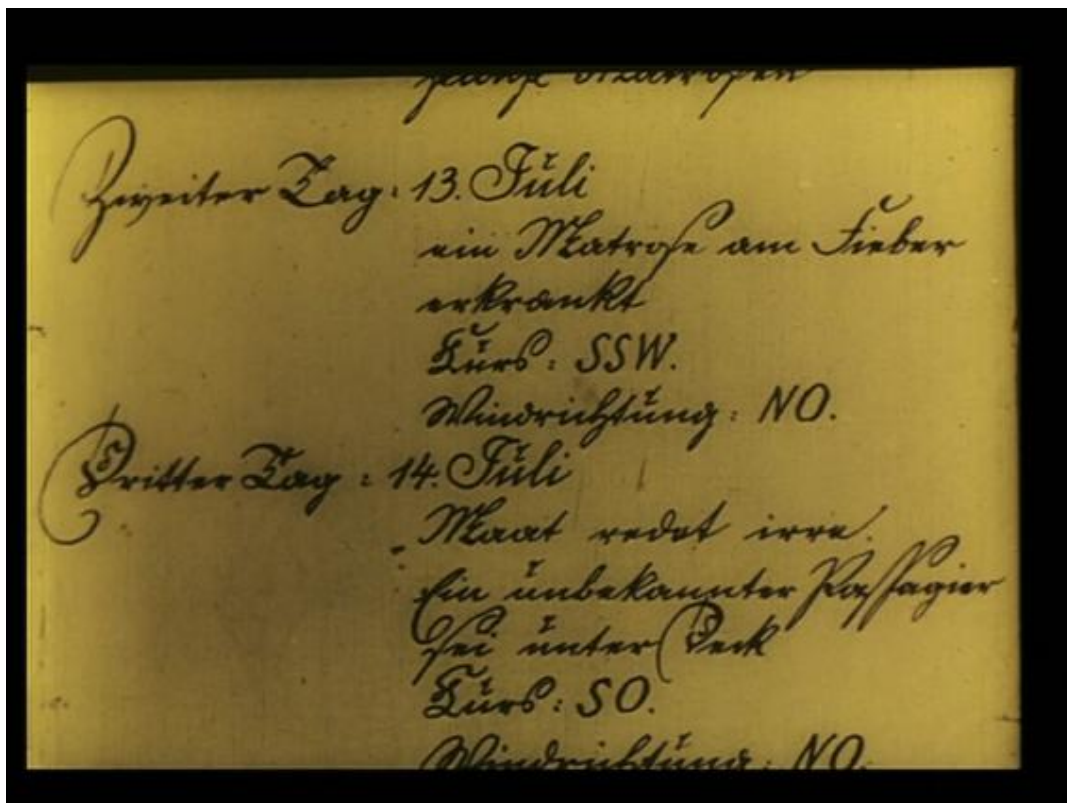
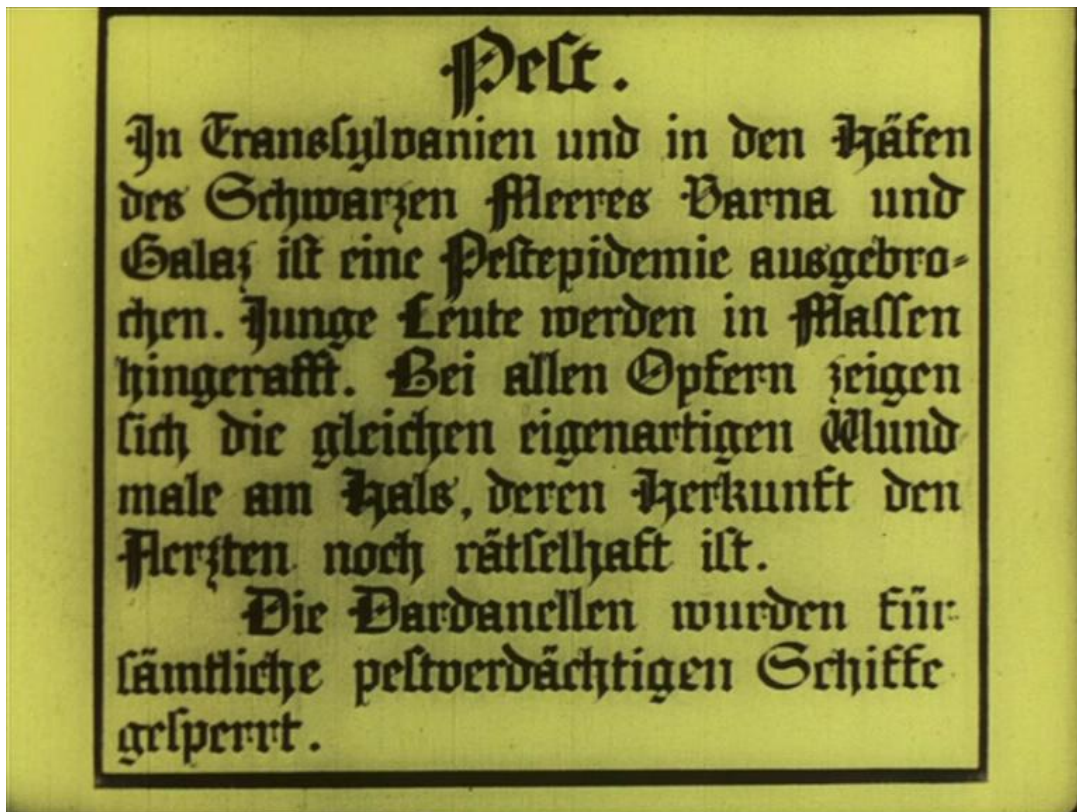


Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ' – Anhänge



Anhang – Nosferatu





Beil, U. – Der 'caligarische Imperativ' – Anhänge



Zur Inversion des Subjektbegriffs im medizinisch-literarischen Kontext Georg Büchners

Boris Previsic Mongelli¹

Abstract: The purpose of this paper is to compare Büchner's medical and literary discourse, namely *Probevorlesung über Schädelnerven* and *Woyzeck*. Both texts were written towards the end of the author's short life. The comparative analysis provides evidence that Büchner inverts the notions of subjectivity and objectivity; he lets them 'go on their head', "auf dem Kopf gehn" (Lenz). In his medical lecture, Büchner demonstrates free will, whereas in the theatre piece, especially in the doctor's scene, he shows the subjection of Woyzeck. As this paper will show, by taking into consideration the political awareness of revolutionary movements like the "Vormärz", it is possible to make a critical reflection about dependency and autonomy of the 'subject of history'.

Keywords: Büchner; Woyzeck; medicine; subject

Zusammenfassung: In diesem Aufsatz werden der medizinische und literarische Diskurs bei Büchner miteinander verglichen. Vor allem in seiner Zürcher *Probevorlesung über Schädelnerven* und in seinem *Woyzeck*, welche im letzten Lebensjahr Büchners entstehen, scheinen die Begriffe von Subjektivität und Objektivität – in Lenzscher Anlehnung – „auf dem Kopf [zu] gehn“. In seiner medizinischen Vorlesung beweist der Privatdozent Büchner, dass es den freien Willen gibt, während er in seinem *Woyzeck*, insbesondere in der Doktorszene, die Unterdrückung des Protagonisten eindrücklich in Szene setzt. Dieser Aufsatz zeigt somit auf, dass eine kritische Reflexion über die Abhängigkeit und den freien Willen des „Subjekts der Geschichte“ auf der Folie der politischen Sensibilisierung in Umbruchzeiten wie im Vormärz möglich wird.

Stichwörter: Büchner; Woyzeck; Medizin; Subjekt

Die Inversion des Subjekt- und Objektbegriffs im *Woyzeck* hat etwas mit Büchners wissenschaftlichem Schaffen zu tun; doch das eine als Reaktion auf das andere oder das andere als Reaktion auf das eine zu deuten, scheint kein einfaches Unterfangen zu sein. Bevor

¹ Doktor der Neueren Deutschen und Allgemeinen Literaturwissenschaft am Lehrstuhl Alexander Honold am Deutschen Seminar der Universität Basel. Email: boris.previsic@unibas.ch

das Betätigungsfeld Büchners ganz nach dem Titel der Büchner-Monographie von VIËTOR (*Georg Büchner. Politik. Literatur. Wissenschaft*, 1949) überhaupt umrissen werden kann und Verbindungen zwischen den einzelnen Disziplinen hergestellt werden, muss auf den letzten Punkt, auf die wohl arbeitsintensivste Disziplin der Trias, eingegangen werden – auf die Wissenschaft. Dank der materialreichen, 2008 erschienenen Marburger Ausgabe von Büchners *Naturwissenschaftliche(n) Schriften* (NS) ist dieses Arbeitsgebiet des Autors nun gut zugänglich geworden.

Obwohl Georg Büchner zunächst den Fußstapfen seines Vaters zu folgen scheint und sich für ein Medizinstudium in Strassburg 1831 einschreibt, so interessiert ihn immer weniger die „Arzeneykunst“ als vielmehr die allgemeineren Fächer Naturwissenschaft und Philosophie (welche heute in abgewandelter Form innerhalb des *Studium generale* ein Mauerblümchendasein fristet). Wenn er sich fünf Jahre später in Zürich um eine Privatdozentenstelle bewirbt, so will er in erster Linie Vorlesungen über Philosophie halten; er habe – wie er im Brief vom 31. Mai oder 1. Juni an Gutzkow formuliert – „die fixe Idee, im nächsten Semester zu Zürich einen Kurs über die Entwicklung der deutschen Philosophie seit Cartesius zu lesen“ (NS: 213). Das Sprungbrett dazu bietet ihm seine *Mémoire*, mit welcher er seine Fähigkeiten in vergleichender Anatomie und Zoologie unter Beweis stellt und auf deren Grundlage er auch seine *Probevorlesung* bestreitet. Als vergleichender Anatome bewegt sich Büchner im wohl wichtigsten Fach seiner Zeit. Man könnte sagen, er sei das, was der Genforscher bzw. der Neurowissenschaftler heute ist, im ersten Drittel des 19. Jahrhunderts. Gemäss dem *philosophisch-medicinischen Wörterbuch* (1807) besteht das Ziel dieser Wissenschaft darin, anhand vergleichender anatomischer und physiologischer Studien die „animalischen Erscheinungen als eine Natur d.i. als ein gesetzmäßig verknüpftes Ganzes von Gegenständen unserer Wahrnehmung“ (NS: 190) philosophisch zu erfassen. Damit wird die Trennung zwischen der empirischen Naturwissenschaft und den theoretisch angelegten „medizinischen-philosophischen“ Wissenschaften unscharf. Gerade in dieser Unschärferelation zwischen harter und weicher Wissenschaft liegt das Interesse Büchners, wenn er seine ersten Skripte zur vergleichenden Anatomie von Cartesius einerseits und zur Philosophie Spinozas andererseits verfasst.²

² Wie sein Bruder Ludwig Büchner berichtet, „präparirte [Georg], um mit zwei Fächern ausgerüstet nach Zürich zu kommen, einen vollständigen Lehrkurs über ‚die philosophischen Systeme der Deutschen seit Cartesius und Spinoza‘“ (NS: 213).

Am 5. November 1836 hält Büchner seine Probevorlesung vor „circa 20 Zuhörern“ (NS: 217). Zum grössten Teil übernimmt er einfach Teile aus seiner *Mémoire*, welche er lediglich übersetzt. Sie wird nur durch die Einleitung und die Bezugnahme auf Friedrich Arnolds Referat *Der Kopftheil des vegetativen Nervensystems* erweitert, welches er ausführt (NS: 157–159). Darin heisst es unter anderem: „Auf gleiche Weise scheint helles Licht Niesen hervorzubringen, indem sich die Reizung der Blendungsnerve zu den mit ihnen verbundenen Nasennerven oder die des Sehnerven durch die Verbindung mit dem Nasenknoten auf dem obigen Wege zu dem nervus phrenicus fortpflanzt.“ (nach NS: 217) Diese Stelle hinterlässt Spuren in der ebenfalls in Zürich geschriebenen Szene im *Woyzeck*, in welcher der „Doctor“ seiner titelgebenden Versuchsperson vorwirft, einfach so „auf die Wand“ gepisst zu haben: „Ich hab’s gesehn, mit diesen Augen gesehn, ich streckte grade die Nase zum Fenster hinaus u. ließ die Sonnenstrahlen hinein fallen, um das Niesen zu beobachten.“ (Büchner 1988: H4,8, 226)³ Mit anderen Worten: In dem Moment, in dem der Doktor einen Eigenversuch anstellt, um eine Theorie des Niesens zu bestätigen, welche auf einer synästhetischen Verbindung zwischen Sehnerv und Nasennerv basiert, entgeht ihm der zwar vertraglich gesicherte, wertvolle und später zu analysierende Urin des Menschenversuchs.⁴ So sehr Büchner offenbar die Figur des Doktors ironisierend behandelt, so eng ist die *Probevorlesung* zumindest mit der letzten Entwurffassung verknüpft. Auf solche Weise wird die intertextuelle Beziehung zwischen literarischem und naturwissenschaftlichem Schaffen im letzten Lebensjahr Büchners besiegelt.

Gerade der einleitende Teil der *Probevorlesung* ist nicht nur als Frucht seines Spinoza-Skripts, sondern auch als Fortführung der gestrichenen naturwissenschaftlichen

³ Die Szenenbezeichnung bezieht sich auf die auch in die historisch-kritische Marburger Ausgabe übernommenen Siglen, welche die Nummer des Handschriftkonvoluts, die Entwurfsstufen (H1 bis H4) und die jeweilige Szene darin verzeichnet, die Seitenangaben hingegen auf die im folgenden auch zitierte Münchner Ausgabe (BÜCHNER 1988).

⁴ In der ersten Entwurfsstufe ist dieser gegenseitige Bezug noch nicht offensichtlich, wenn der Doktor sagt: „Aber ich hab’s gesehen, dass er an die Wand pißte, ich steckt grad mein Kopf hinaus, zwischen meiner Valnessia u. Myriaden“ (BÜCHNER 1988: H1,6, 213). Udo Roth zeigt schlüssig auf, wie sich hier der Doktor ernsthaft mit Grundlagenforschung im Sinne der genetischen Methode beschäftigt (ROTH 2000). Wenn man will, so ersetzt hier Büchner die kantische Apriorifunktion, auf deren Basis die Beobachtung der Grundlagenforschung stattzufinden hat, systemtheoretisch *avant sa lettre* durch eine Beobachtung zweiter Ordnung: „Die Beobachtung des Einen im Einen müsste aber das, was sie ausschließt [...], einschließen.“ Dies wiederum erfordert „einen imaginären Raum (so wie man von imaginären Zahlen spricht), und dieser imaginäre Raum tritt an die Stelle des klassischen Apriori der Transzendentalphilosophie.“ Daran kann sich die „Bedeutung des Beobachtens zweiter Ordnung“ anschliessen, und die Schlussfolgerung lautet: „Statt auf letzte Einheiten zu rekurren, beobachtet man Beobachtungen, beschreibt man Beschreibungen.“ (LUHMANN 1990: 716f.)

Grundlagenforschung in der Doktorszene zu betrachten. Bewusst positioniert er sich – im Unterschied zu seiner *Mémoire* – gegen einen teleologischen Funktionalismus, der „in England und Frankreich“ überwiege (NS: 153). Dieser anglo-französische Funktionalismus kenne „das Individuum nur als etwas, das einen Zweck außer sich erreichen soll, und nur in der Bestrebung, sich der Außenwelt gegenüber theils als Individuum, theils als Art zu behaupten“ (NS: 153). Gegen dieses funktionalistische Modell stellt Büchner die im deutschen Sprachraum entwickelte genetische Methode, in welcher „Alles nach einer gewissen Einheit, nach dem Zurückführen aller Formen auf den einfachsten primitiven Typus“ strebe (NS: 155). Im Rückgriff auf „die Repräsentationsidee Oken’s in der Klassifikation des Thierreichs“ (NS: 155) entwickelt er sich sein eigenes Modell. Damit bringt er die gestrichene Szene durch die Hintertüre einer Einleitung wieder in die Diskussion. In diesem Zusammenhang ist es auch festzustellen, dass eigentlich erst die Zusammenführung dieser zwei Standpunkte, des teleologischen einerseits, der unter anderem auch das Überleben des Lebenstüchtigeren anvisiert, und des genetischen andererseits, der auf einer Genealogie der Tierarten basiert, zum späteren Darwinschen Modell führen.

Damit schreibt sich Büchner in die aktuelle Debatte ein und umgeht von vornherein das Dilemma, welches er noch in seiner Dissertation im Übergang vom beschreibenden zum philosophischen Teil hatte, wo die unzähligen *Tableaux* der Interpretation bedürfen und nur qua nachträglicher nominalistischer Potenz die „genetische Methode“ wieder fruchtbar macht⁵; nicht dass er die „teleologische Methode“ in Bausch und Bogen verwürfe. Die kennt er zu gut aus seinem Studium, als dass er sich diese nicht zunutze machen würde. Aber er argumentiert, dass das Lebewesen nicht einfach als „verwickelte Maschine“ betrachtet werden darf (NS: 153), denn:

Die Natur handelt nicht nach Zwecken, sie reibt sich nicht in einer unendlichen Reihe von Zwecken auf von denen der eine den anderen bedingt; sondern sie ist in allen ihren Aeußerungen sich unmittelbar selbst genug. Alles, was ist, ist um seiner selbst willen da. Das Gesetz dieses Seins zu

⁵ „Die *partie descriptive* [...] kulminiert im hybriden Medium von Bildern, die gelesen werden wollen. [...] In dieser darstellerischen Sackgasse befindet sich nicht nur Büchner, sondern die beschreibende Anatomie allgemein.“ Der Übergang gelingt einem textlich-literarischen Verfahren der *partie philosophique* in Büchners Dissertation, in welcher „die Hirnnerven in einem idealen Gesamtkörper [...], der zeitlicher Natur ist“ vorgeführt werden. Die Potenzierung des Experiments erfolgt qua Autorität sprachlicher Verweisung zeitlich nach dem Experiment. Entsprechend inflationär verwendet Büchner das Verb „répondre“ im ‚philosophischen Teil‘ seiner Dissertation (MÜLLER-SIEVERS 2003: 80ff.).

Mongelli, B. P. – Zur Inversion des Subjektbegriffs

suchen, ist das Ziel der der teleologischen gegenüberstehenden Ansicht, die ich die philosophische nennen will. Alles, was für jene Zweck ist, wird für diese Wirkung. Wo die teleologische Schule mit ihrer Antwort fertig ist, fängt die Frage für die philosophische an. (NS: 153–155)

Zweierlei Sachverhalte sind aus dieser Stelle zu lesen: Erstens reiht sich Büchner damit – sicherlich auch um seine Berufsaussichten zu sichern – pragmatisch geschickt in eine Traditionslinie ein, welche er in Zürich vorfindet; es handelt sich dabei vor allem um die Schädelwirbeltheorie, welche Oken propagiert, indem er die Metamorphose zwischen Hörorgan und Fischkiemen postuliert. Zweitens verknüpft er diese genetische Methode mit einer philosophischen, für die „die Frage“ erst anfängt. Zwar hält Büchner nicht viel von einer apriorischen Form von Spekulation in der philosophisch orientierten Naturwissenschaft, wie sie von Carus und zum Teil auch von Oken vertreten wird. Dies zeigt sich ebenfalls in der Einleitung der *Probevorlesung*, wo er sarkastisch anfügt, die „Philosophie a priori“ sitze „noch in einer trostlosen Wüste“; sie habe „einen weiten Weg zwischen sich und dem frischen grünen Leben“ und es sei „eine große Frage, ob sie ihn je zurücklegen“ werde (NS: 155). Dennoch sieht er eine Zweckfreiheit in der Natur zugunsten einer übergeordneten „Harmonie“. In seinen Worten:

Alles, Form und Stoff, ist für [die reinsten Formen] an dies [Ur-]Gesetz gebunden. Alle Funktionen sind Wirkungen desselben; sie werden durch keine äußeren Zwecke bestimmt, und ihr sogenanntes zweckmäßiges Aufeinander- und Zusammenwirken ist nichts weiter, als die nothwendige Harmonie in den Aeüßerungen eines und desselben Gesetzes, dessen Wirkungen sich natürlich nicht gegenseitig zerstören. (NS: 155)

Dieses „Urgesetz“ kann im Zusammenhang mit Spinozas Ethik gelesen werden, welche nach Euklids geometrischen Grundbegriffen geordnet ist und sich am pantheistisch übergeordneten Gesetz Gottes orientiert. Dieses unendliche Wesen als „natura naturans“ schöpft die „natura naturata“ von selbst. Die dualistische Auffassung Descartes’ wird so auf eine monistische konzentriert, in der Seele und Leib eine Einheit bilden. Alles unterliegt der Unabänderlichkeit diese „Urgesetzes“, selbst Gott. Innerhalb dieses Systems gibt es darum keine Zweckursachen

und demnach auch keine Willensfreiheit, da selbst der Mensch immer nur als der Welt immanentes Wesen aufgefasst werden kann.⁶

Gerade aus der Kritik an der naturwissenschaftlichen „Philosophie a priori“, welche sich den Gegenstand anhand ihrer Theorie zurechtzulegen versucht und dadurch neue Erkenntnisse aus der Naturwissenschaft – wie seinerzeit beispielsweise des Blutkreislaufs – verkennt, kann sich Büchner vollumfänglich auf ein empirisches Vorgehen der Naturwissenschaft einlassen, da er seine Argumentation mit der neuen Einleitung bereits in die richtigen Bahnen gelenkt hat. Die Empirie setzt er darum nicht zugunsten eines Funktionalismus wie in Frankreich oder in England, sondern zugunsten des höheren Prinzips ein. So verschränkt er die Methode der einen Richtung (die empirische Methode der funktionalen Richtung) mit dem Ziel der anderen, der philosophischen Richtung; notabene sind das genau die beiden Richtungen, die er eingangs seiner *Probevorlesung* scharf trennt. Nur schon ein Blick auf den Quellencorpus seiner *Mémoire* zeigt, dass er sich überhaupt nicht auf eine Nationalrichtung einschießt, sondern – im Gegenteil – seine Thesen international mit Fachliteratur aus ganz Europa auf breiter Basis abstützt. So kann man mutmaßen, ob es an seiner Herkunft aus der deutschen Tradition einerseits, seiner wesentlichen Schulung in Frankreich unter einem Cuvier-Schüler, nämlich Duvernoy, andererseits liegt, dass es ihm möglich wurde, vielversprechende „methodologische Ansätze aus Deutschland wie zum Beispiel die genetische Methode mit der sehr viel stärker empirisch und funktionalistisch ausgerichteten Tradition in Frankreich zu verbinden“ (NS: 253).

Verfolgt man nun seine Beweisführung in der *Mémoire*, woraus die *Probevorlesung* in der Folge nur noch übersetzend zitiert, so zeigt sich, mit welcher akribischen Empirie er vorgeht, um im Sinne der genetischen Methode den einheitlichen Bauplan der Barbe gerade

⁶ Prägnant fällt Žižeks Folgerung von dieser Auffassung Spinozas, wie sie im *Tractatus theologico-politicus* aus dem Jahre 1670 formuliert wird, aus: „Für Spinoza gibt es kein Hobbessches ‚Selbst‘, das der Wirklichkeit entzogen wäre und ihr gegenüberstünde. Spinozas Ontologie ist die Ontologie vollkommener Immanenz in der Welt - d.h. ich ‚bin‘ nichts als das Netzwerk meiner Beziehungen zur Welt und in ihm vollkommen ‚entäußert‘. Mein conatus, mein Streben, mich selbst zu behaupten, ist somit keine Selbstbehauptung auf Kosten der Welt, sondern mein uneingeschränktes Akzeptieren der Tatsache, dass ich Teil der Welt bin, mein Zur-Geltung-Bringen der umfassenderen Wirklichkeit, in der allein ich gedeihen kann. Der Gegensatz von Egoismus und Altruismus ist damit überwunden: Ganz bin ich nicht als isoliertes Selbst, sondern in der gedeihlichen Wirklichkeit, deren Teil ich bin.“ (ŽIŽEK 2005: 38). Darauf, dass Büchner dennoch kritische Distanz zur Beweisführung Spinozas hält, verweist bereits Viëtor, der nachweist, dass die in Büchners Nachlass erhaltenen Handschriften neben Übersetzungen fast „ausschließlich Notizen und Materialien, zusammengetragen aus philosophischen Handbüchern, vor allem aus der vielbändigen Geschichte der Philosophie des Kantianers Wilhelm Gottliebe Tenemann“ und „kritische Glossen [...] zu Spinozas Ethik“ enthielten (VIËTOR 1949: 247).

dort aufzuzeigen, wo die funktionalistische Methode Eigenheiten behauptet. Eigenheiten, welche nur bei Fischen, aber nicht bei anderen Wirbeltieren vorkommen, bedrohen die Einheitlichkeit, das Übergeordnete, das Urgesetz. So punktuell der Ansatz auch sein mag, so exemplarisch setzt Büchner seine Experimente argumentativ ein. Es ist ein besonderer Verdienst der neuen Marburger Ausgabe, das systematische Vorgehen Büchners in fünf ‚Kampfzonen‘ nachzuzeichnen, welche ich hier – ohne die genaue Argumentation, welche den Rahmen dieser Ausführungen sprengen würde – nochmals kurz skizziere: Erstens beweist er gegen Cuvier, den Vater des französischen Funktionalismus, dass die drei Trigeminiäste nicht als ganze, sondern höchstens in einem Nerv, eine Eigenheit der Fische darstellen würden (NS: 263f.). Zweitens sei dieser ein Nerv, der so genannte vierte Ast, „der allein hinreichen würde, um jede vernunftmässige Theorie des Nervensystems unmöglich zu machen“,⁷ wohl nur aufgrund unsachgemässen Sezierens als Einheit klassifiziert worden. Dennoch sieht sich Büchner nicht genötigt, alle Abweichungen vom einheitlichen Bauplan, alle Eigenheiten, durch integrative Erklärungen zu beseitigen (NS: 264–267). So kann er drittens diesen vierten Ast, den so genannten Recurrens, zur „genetischen“ Variante erklären (NS: 267–268). Viertens entkräftet er das Argument der Funktionalisten, dass ein besonderer Ast des Trigemini nur die Fische für die Kiemen hätten. Vielmehr sei dieser Ast nur als „nerf dérivé“, als „abgeleiteter Nerv“ vom Ohr zu verstehen (NS: 268–269). Und fünftens sei der so genannte Hypoglossus, der unter den Wirbeltieren bisher allein bei den Fischen festgestellt worden sei, auch bei „mehreren Säugethieren“ vorhanden. Zudem beweise gerade dieser Nerv die strukturelle Identität von Rückenmark- und Schädelnerven, da er sich just an der Übergangsstelle beider Systeme befinde (NS: 269–270).

Während in funktionaler Hinsicht primär die Differenz zwischen sensiblen und motorischen Qualitäten der Nerven interessiert, geht es Büchner in seiner genetischen Methode vielmehr um die Einheitlichkeit, die Grundausstattung des Nervensystems bei allen Wirbeltieren. Im Bezug auf den Menschen formuliert er seine Fragen wie folgt in der *Probevorlesung*:

[W]elche Schädelnerven treten bey den niedrigsten Wirbelthieren zuerst auf, wie verhalten sie sich zu den Hirnmassen und den Schädelwirbeln und nach

⁷ In der *Mémoire* heisst es noch: „[B]ranche qui à elle seule suffirait pour rendre impossible chaque théorie rationnelle du système nerveux“ (NS: 38).

welchen Gesetzen wird, die Reihe der Wirbelthiere bis zum Menschen, ihre Zahl vermehrt oder vermindert, ihr Verlauf einfacher oder verwickelter? (NS: 161)

Schon aus dieser Versuchsanordnung wird klar, dass zwar eine gewisse Einheitlichkeit des Bauplanes vorausgesetzt wird, dass aber ganz im Sinne der genetischen Methode („die Reihe der Wirbelthiere bis zum Menschen“ aufsteigend) Varianten möglich sind.⁸ Die Beweisführung steht also ganz unter dem Vorzeichen seiner wissenschaftlichen Exemplarität. Das Beispiel, d.h. das Experimentierobjekt, leistet nicht einfach einen neuen monographischen Beitrag für das riesige *Tableau* im Sinne der klassischen Repräsentation Foucaults, sondern steht vielmehr für das Ganze. Das empiristisch Feststellbare ist Beweisstück der *natura naturans* oder, nach Spinoza formuliert, steht das Einzelne immer schon *sub specie aeternitatis*. Je genauer die Versuchsanlage aufs Einzelne angelegt ist, um es ins Grosse einzugliedern, desto erfolgreicher scheint Büchner zu argumentieren. Man könnte auch sagen, dass sein wissenschaftliches Experiment immer *in extremis* von Allgemeincharakter einerseits und Spezifizierung andererseits stattfindet, um alles andere dazwischen mitzudenken.

Was bedeutet diese wissenschaftliche Versuchsanordnung nun für den literarischen Büchner, insbesondere für den *Woyzeck*, an dem er zur selben Zeit arbeitet? Könnte man nicht postulieren, dass er gerade in der Fallgeschichte seines literarischen Experiments – falls man *Woyzeck* schon so nennen darf – das Aristotelische Ideal gelingender Mimesis, welche allgemein gültigen Charakter hat, gewissermaßen durch die Hintertüre einfängt? Und dies ganz nach derselben Formel: Je spezifischer der *casus* – hier wohl als Gegengutachten zum Clarus-Gutachten – aufgerollt wird, desto genereller ihre Aussage.

Doch gerade an dieser Stelle werden auch Zweifel laut, kann man doch hinter dieser allgemeinen Vorgehensweise des Experiments eine Abgezwecktheit zweiter Ordnung vermuten. Das Versuchsobjekt begründet seine Teleologie nicht mehr in sich selbst, sondern in der ihm übergeordneten Ordnung. Die Systemimmanenz von Spinozas Ethik wirft ein neues Schlaglicht auf die zentralen Begriffe von Subjekt und Objekt. Das Subjekt des

⁸ Nicolas Pethes führt diesen Willen für die genetische Methode, den Büchner hier an den Tag legt, auf den deutschen Traditionszusammenhang des Goetheschen Homologiegedankens zurück: „Büchners Behauptung, dass die Schädelnerven aus den Wirbeln des Rückenmarks entstanden seien, beruht aus epistemologischer Sicht nicht allein auf wissenschaftlicher Analyse, sondern auf dem Homologiegedanken, der u.a. auch Goethes Überzeugung eines Kontinuums zwischen Pflanzen, Tier und Mensch zugrunde liegt“ (PETHES 2004: 360).

Naturwissenschaftlers, welcher ein Experiment leitet, unterwirft sich seinem System wieder. So wie sein Versuchsobjekt verkommt er selbst zum Objekt einer übergeordneten Ordnung. Müsste man in diesem Moment nicht die Formel nach der „Literatur als Korrektiv“⁹ bemüßigen, welches diese Ordnung wieder auf den Kopf stellt? Hat das literarische Experiment – wie schon Lenz – einfach „auf dem Kopf [zu] gehn“? Oder übernimmt die Literatur sogar die Rolle des Goetheschen „eigne[n] strengste[n] Beobachter[s]“?¹⁰ Büchner scheint sich zu fragen, was das denn sei, was sich selber wieder zum Objekt macht, um Teil des eigenen Experiments zu werden – wie schon in karikiertem Form der Doktor, der in die Sonne schaut, um sein eigenes „Niesen zu beobachten“.

Derselbe Doktor macht zuvor Woyzeck den Vorwurf, seinen Urin nicht zurückgehalten zu haben, worauf dieser einwendet:

WOYZECK: Aber Herr Doktor, wenn einem die Natur kommt.

DOKTOR: Die Natur kommt, die Natur kommt! Die Natur! Hab ich nicht nachgewiesen, dass der *musculus constrictor vesicae* dem Willen unterworfen ist, WOYZECK der Mensch ist frei, in dem Menschen erklärt sich die Individualität zur Freiheit. Den Harn nicht halten können!

(BÜCHNER 1988: H 4,8, 225)

Diese Erklärung reduziert die Willensfreiheit auf ihre niedrigste Stufe. In ihrer ganzen sozialen Kritik macht sie auch deutlich, wie ein politisches Schlagwort der Aufklärung auf tiefste Ebene zurückgestuft werden kann. Wenn der freie Willen nur da ist, um die Grundbedürfnisse zu unterdrücken, so nützt er gar nichts. Im Gegenteil: Er wird nur zum Mittel des Herrschenden, damit wieder in eine Teleologie eingebunden und dadurch obsolet. Die Kombination der Parodie auf den freien Willen mit der Niesepisode – welche wohlweislich die angedeutete Grundlagenforschung aus dem Manuskript H2 ersetzt – verdeutlicht aber noch etwas Anderes: nämlich die Doppelbödigkeit des Naturbegriffs einerseits als Ebene des Affekts und des instinktiven neuronalen Reflexes, andererseits als Ausgangs- und Kulminationspunkt einer philosophischen Richtung von vergleichender Anatomie. So figuriert in den wissenschaftlichen Arbeiten, vorab in der *mémoire*, die Barbe

⁹ So der Titel des einleitenden Aufsatzes von Karl RICHTER zum zweiten Teil des Sammelbandes, welcher die Zeitperiode von 1830 bis 1890 umfasst. (RICHTER 1997: 131–138).

¹⁰ GOETHE 1982: 6.

als „primitiver Typus“¹¹, worauf sich die „genetisch“ angelegte Analogieforschung quer durch alle Wirbeltierklassen bezieht. Mit anderen Worten: die konkreten, fallspezifischen Parodien im literarischen Experiment, welche in der Sekundärliteratur ständig bemüht werden, um biographische Parallelen zu bestimmten Dozenten, welche Büchner in Gießen erlebte, herzustellen,¹² diese Parodien sind letztlich nur amüsante Manövriermasse, hinter der sich der Grundtypus Woyzeck versteckt hält. Er ist derjenige, der „philosophiert“; er ist wohl der einzige Mensch im ganzen Drama, obwohl es mit ihm nur bergab geht.¹³ Denn er verweist auf die intrinsisch angelegte Spur der Natur, welche gelesen werden will: „Haben sie [sic] schon gesehn in was für Figurn die Schwämme auf d. Boden wachsen. Wer das lesen könnt.“¹⁴ Gleichzeitig verweist Büchner auch in der Einleitung seiner *Probevorlesung* auf die Lesbarkeit der Natur nach ästhetischem Prinzip, wenn er sagt:

Hat man auch nichts Ganzes erreicht, so kamen doch zusammenhängende Strecken zum Vorschein und das Auge, das an einer Unzahl von Thatsachen ermüdet, ruht mit Wohlgefallen auf so schönen Stellen, wie die Metamorphose der Pflanze aus dem Blatt, die Ableitung des Skeletts aus der Wirbelform; die Metamorphose ja die Metempsyche des Fötus während des Fruchtlebens; die Repräsentationsidee Oken's in der Klassifikation des Thierreichs u. d. gl. m. In der vergleichenden Anatomie strebte Alles nach einer gewissen Einheit, nach dem Zurückführen aller Formen auf den einfachsten primitiven Typus. (NS, 155,32–47)

Nicht nur im *Woyzeck*, sondern auch in der Wissenschaft wird die Natur zum Text, in dem man auf schöne Stellen aufmerksam wird, welche den eigentlichen Zusammenhang herstellen.¹⁵ Erst seine „aberratio mentalis partialis“ erlaubt es dem Hauptprotagonisten des Dramas, aus der ganzen Versuchsanlage des Doktors, welche – salopp formuliert – ökonomische Einsparungen („Hülsenfrüchte statt Fleisch für die Soldaten“) bezweckt,¹⁶ und

¹¹ „Je ne veux que démontrer le type primitif, d'après lequel ces parties se sont développées“ (NS 100).

¹² Vgl. dazu VIËTOR 1949: 218, KUBIK 1991 und FRICK 2004: 266.

¹³ „Hier geht es nicht um die Besonderheit eines Falles [...], siehe da, ein Mensch!“ (VIËTOR 1949: 218).

¹⁴ BÜCHNER 1988: H4,8, 225.

¹⁵ Vgl. dazu MÜLLER NIELABA 2000.

¹⁶ In diesem Fall handelt es sich nicht um eine Versuchsanlage, welche Büchner von Justus von Liebig beschrieben hat, der zu Büchners Studienzeit in Gießen „die gleichen ernährungsphysiologischen Experimente an Soldaten der großherzoglichen Leibkompanie durchgeführt“ habe – so Buddecke (in BORNSCHEUER 1972: 15), sondern vielmehr um ein Konglomerat der anfangs der 1830er Jahren relevanten ernährungsphysiologischen Fragen zusammen: „Das Drama präsentiert naturwissenschaftliche wie medizinische, anatomische wie

aus den Schicksalsschlägen des Lebens (*Woyzeck* als Eifersuchtsdrama) wenigstens temporal partiell auszuberechnen. So wird er nicht nur für den Doktor zum „interessante[n] casus“ – sondern auch ganz allgemein, systemtheoretisch gesprochen, auf zweiter Ebene. Dies unterstreicht die Apposition „Subjekt Woyzeck“: trotz vielleicht sarkastischen Beigeschmacks bildet die Hauptfigur in ihrer doppeldeutigen Rolle eine Scharnierfunktion zwischen Versuchsobjekt (im Sinne des *sub-jectum*, des dem Experiment Unterworfenen) und autonomem Individuum, welches – in seiner ganzen Geworfenheit in diese Welt – diese trotzdem in ihrer doppelten Natur wahrnimmt. Erst in dieser Doppeldeutigkeit, in dieser Unentschiedenheit „wege des Gedankestrichels zwische Ja, und nein ja – und nein“ (H2, 7, 216) tut sich im System – gerade auch in seiner Abgezwecktheit zweiten Grades, systemtheoretisch gesprochen – etwas auf, das von einem freien Willen zeugen könnte.

Aus diesem Grund drängen sich literarischer und wissenschaftlicher Diskurs an den Rand ihrer Möglichkeiten. So schafft die experimentelle (und teleologische) Anlage der *Probevorlesung*, die darin fast vollumfänglich der Dissertation entspricht, die lebensnotwendige Verbindung, auf die Büchner anspielt, wenn er in der Einleitung die prekäre Situation der Philosophie a priori skizziert. Was am neu formulierten Anfang der *Probevorlesung* noch als schiere Unmöglichkeit dargestellt wird, ermöglicht die experimentelle Beweisführung, welche zuvor in der Dissertation auf die Autorität der rhetorischen Setzung in der *partie philosophique* angewiesen war. Diese Umkehrung von Allgemeinbetrachtung und Beweisführung hat zur Folge, dass ein vorgegebener Weg nur noch nachgezeichnet werden muss. Parallel dazu bewegt sich Woyzeck in seinem sozialen Feld: Je mehr er an dessen Rand gedrängt wird, je verzweifelter seine Lage ist, desto mehr wird er zum Menschen. Die teleologische Konsequenz, welche dem experimentellen Teil der *Probevorlesung* innewohnt und den Menschen innerhalb des ganzen Natursystems philosophisch begründet, ist zwar von fatalistischer Konsequenz, fördert aber gleichzeitig die Freiheit innerhalb ihrer Begründung wieder zu Tage. Man kann es drehen und wenden, wie man will: Sowohl die Konsequenz der wissenschaftlichen Begründung wie auch die unabänderliche schiefe Bahn, auf welche Woyzeck gerät, erfordern Darstellungsmittel, welche in ihrer Diskontinuität über die fatalistische Einbahnstrasse hinausweisen – seien es

physiologische Sachverhalte, an Beispielen konkretisiert und terminologisch wie historisch korrekt. Woyzeck ist somit auch ein medizinhistorisches Dokument“ (ROTH 2000: 519).

die in sich oft unabgeschlossenen Szenenfragmente im *Woyzeck* oder die spezifischen Beispiele der Dissertation. Je mehr diese ihr Eigenleben beweisen, desto weniger treten sie den Beweis von fatalistischer Konsequenz an, zumal die „unmittelbare Anwendung [...] zum Beweis irgendeiner Hypothese schädlich ist“ (GOETHE 1982: 6). Erst die Zweckfreiheit, ja die Objektivierung des Experiments, das im *Woyzeck* neben dem (abgesehen vom Auftritt des Professors) gar nicht so sarkastischen, jedenfalls gut begründeten naturwissenschaftlichen Diskurs andere Stimmen zulässt oder die „philosophische Manifestation eines Urgesetzes“ wie in der *Probevorlesung* miteinbezieht, erlaubt den entsprechenden gesellschaftspolitischen Befreiungsschlag. Oder anders formuliert: Erst die politische Sensibilisierung im Vormärz für die Rhetorizität von Wissenschaft und Literatur erlaubt eine kritische Reflexion der Abhängigkeit und Autonomie des schillernden „Subjects der Geschichte“.

Literaturverzeichnis

- BORNSCHEUER, Lothar (Hg.). *Erläuterungen und Dokumente. Woyzeck*. Stuttgart, Reclam, 1972
- BÜCHNER, Georg. *Werke und Briefe*. Herausgegeben von Karl Pörnbacher, Gerhard Schaub, Hans-Joachim Simm und Edda Ziegler. München, Carl Hanser, 1988.
- BÜCHNER, Georg. *Naturwissenschaftliche Schriften*. Marburger Ausgabe, Marburg 2008 (= NS).
- FRICK, Werner. „Und sehe, dass wir nichts wissen können...“. Poetische Wissenschaftsskepsis bei Goethe, Kleist und Büchner. In: Norbert Elsner und Werner Frick (Hgg.): „*Scientia poetica*“. *Literatur und Wissenschaft*. Göttingen, Wallstein 2004, 243–272.
- GOETHE, Johann Wolfgang. Der Versuch als Vermittler. In: *Schriften zur Naturwissenschaft*. Stuttgart, Reclam, 1982, 6.
- KUBIK, Sabine. *Krankheit und Medizin im literarischen Werk Georg Büchners*. Stuttgart, M&P, 1991.
- LUHMANN, Niklas: *Die Wissenschaft der Gesellschaft*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1990.
- MÜLLER NIELABA, Daniel. „Das Auge ruht mit Wohlgefallen auf so schönen Stellen.“ Büchners Nerven-Lektüre. In: *Weimarer Beiträge* 46. Weimar, 2000, 325–345.
- MÜLLER-SIEVERS, Helmut. Desorientierung. Anatomie und Dichtung bei Georg Büchner. Göttingen, Wallstein, 2003.
- PETHES, Nicolas. Poetik/Wissen. Konzeptionen eines problematischen Transfers. In: Burghard Dedner und Thomas Michael Mayer (Hg.): *Romantische Wissenspoetik. Die Künste und die Wissenschaften um 1800*. Würzburg, Königshausen und Neumann, 2004, 341–372.

Mongelli, B. P. – Zur Inversion des Subjektbegriffs

- ROTH, Udo. Georg Büchners Woyzeck als medizinhistorisches Dokument. In: *Georg Büchner Jahrbuch 9*. Tübingen, Niemeyer, 2000, 503–519.
- RICHTER, Karl / SCHÖNERT, Jörg / TITZMANN, Michael (Hg.). *Die Literatur und die Wissenschaften 1770–1930*. Stuttgart, Metzler, 1997, 131–138.
- VIËTOR, Karl. *Georg Büchner. Politik. Literatur. Wissenschaft*. Bern, Francke, 1949.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Die politische Suspension des Ethischen*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 2005.

Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil: encontros e desencontros

Sibele Paulino*

Paulo Soethe

Abstract: Thomas Mann's Brazilian origin, from his mother Julia da Silva Bruhns, made it possible for the adult writer to make contact with Brazilian or foreign intellectuals, connected to the cultural scene in Brazil. In the first group we find Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda and Erico Verissimo. Living in Brazil, Karl Lustig-Prean (whom later returns to Europe), and the translator Herbert Caro, settled in Brazil. Also, the direct or indirect contact with thinkers and writers, such as Karl Loewenstein, Heinrich Eduard Jacob, Marte Brill and Stefan Zweig has played a part in bringing Thomas Mann closer to the Brazilian universe. This and other points of contact are described in the present article, which intends to diffuse documents and data long unpublished or unavailable, offering up-to-date approaches to Thomas Mann works, as well as indicating biographical and documental information related to the writer, regarding his relationship to Brazil.

Keywords: Thomas Mann and Brazil; Cultural relationship between Brazil and Germany; Intellectual scene in Getúlio Vargas Era.

Resumo: A origem brasileira de Thomas Mann, por parte de sua mãe, Julia da Silva Bruhns, deu ocasião, na maturidade do escritor, a seu contato com intelectuais brasileiros ou estrangeiros ligados à cena cultural do Brasil. No primeiro grupo, tem-se Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Erico Verissimo. Residentes no Brasil, Karl Lustig-Prean, que posteriormente retornará à Europa, e o tradutor Herbert Caro, que se radica em definitivo no Brasil. Também o contato direto ou indireto com pensadores e escritores como Karl Loewenstein, Heinrich Eduard Jacob, Marte Brill e Stefan Zweig colaboraram para a aproximação de Thomas Mann ao universo brasileiro. Estes e outros pontos de contato são descritos no presente artigo, que pretende difundir dados e documentos há muito inacessíveis ou inéditos, no sentido de contribuir com abordagens atualizadas da obra de Thomas Mann e oferecer à pesquisa especializada a indicação de dados biográficos e documentais relacionados ao escritor, no que concerne à sua relação com o Brasil.

Palavras-chave: Thomas Mann e o Brasil; Relações culturais entre Brasil e Alemanha; Cena intelectual brasileira na Era Vargas

* Sibele Paulino é Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (UFPR). Email: sibelepaulino@yahoo.com.br. Paulo A. Soethe é professor de Língua e Literatura Alemã na UFPR. Email: soethe@ufpr.br. A tradução das citações foram feitas pelos autores do artigo.

1. Introdução

A brasileira Julia da Silva Bruhns, nascida em 1851 nas proximidades de Parati (RJ), passou, nestes últimos anos, a ocupar mais centralmente o lugar que lhe cabe na história cultural alemã. Após perder a mãe, Senhorinha Maria da Silva, a pequena Julia emigrou em 1858 para a cidade de Lübeck com seu pai alemão, Johann Ludwig Bruhns. Foi criada em um pensionato e desposou com dezessete anos, em 1869, um importante comerciante da cidade, Thomas Johann Heinrich Mann. Julia Mann ficou viúva em 1891; dois anos depois, mudou-se para a Baviera com seus filhos e filhas, onde pôde acompanhar as bem-sucedidas carreiras literárias de Thomas e Heinrich Mann¹.

No imaginário autobiográfico e poético do escritor e intelectual Thomas Mann (1875-1955), que constitui objeto deste artigo, a origem exótica da mãe e de si mesmo está presente de maneira discreta e cifrada. Em seus escritos, são raras e pontuais as figurações ficcionais da mãe e remissões diretas ao processo de aculturação vivido por ela. Daí compreender-se que a crítica especializada, até meados dos anos 1990, quando emergiram com força temas como a alteridade e as diferenciações e trânsitos culturais, não tenha dedicado grande atenção a essa dimensão da obra do escritor.²

De qualquer modo, no entanto, em razão da origem brasileira, que aguçou a curiosidade e provocou rechaço de alguns no Brasil e na Alemanha, o escritor acabou mesmo por estabelecer certa relação com o país em que nasceu sua mãe, não apenas por circunstâncias biográficas como os raros contatos com parentes³ ou com

¹ Heinrich Mann (1871-1950), no romance *Entre as raças* [Zwischen den Rassen], que em breve será lançado em tradução brasileira (de Fernanda Boarin Boechat, pela editora Candela, de Curitiba) dedica-se a figurar e transformar no universo da ficção, a partir do diálogo com as memórias de Julia Mann, a situação sociocultural e psíquica da mãe brasileira em seus anos de infância e adolescência em Lübeck. Sobre isso, cf. Soethe, 2006a; Kuschel/Mann/Soethe, 2009 (cap. 2). No Brasil, o romance *Ana em Veneza*, de João Silvério Trevisan (1994, trad. alemã: 1997), também toma a figura de Julia Mann como ponto de partida para refletir sobre situações de identidade, trânsito e “exílio” cultural. Desenvolvo [S.P.] dissertação de mestrado sobre esse romance brasileiro e sua relação com a obra de Thomas Mann, em especial a narrativa *A morte em Veneza*.

² Sobre o assunto, cf. o estudo exemplar de Elsaghe (2004).

³ Há registros de contatos da família Mann, por carta, com parentes no Brasil. Em 23/12/1942, Thomas Mann registra em seu diário: “Carta em inglês para Julia Pedroso em São Paulo, prima” (Tb, p. 512). Julia Pedroso (1870-1969) era filha de Heinrich Nicolaus Stolterfoth e de sua mulher Maria, nascida da

diplomatas brasileiros⁴, mas sobretudo em razão da iniciativa e empenho de intelectuais brasileiros ou vinculados ao Brasil.

2. O retrato da mãe: Julia Mann por Thomas Mann

Thomas Mann atribui à mãe o importante papel da musicalidade em sua vida e associa tal aptidão à origem étnica de Julia Mann, sob noções vagas de uma “psicologia dos povos” bastante difundida na época. Em uma carta de junho de 1939 à mecenas americana Agnes E. Meyer, o escritor ressalta a “propensão ao ‘Sul’, à arte e à boemia” que havia em sua mãe:

Minha herança paterna e materna divide-se exatamente segundo o modelo goetheano: do pai a “estatura”, ao menos uma dose disso, e

Silva Bruhns, irmã de Julia Mann. Anos mais tarde, em 09/01/1948, uma nova informação no diário de Thomas Mann sobre esse contato familiar: “Grande contentamento pela carta em inglês de Julia Petroso (sic), nascida Stolterfoht de Sao Paulo” (Tb, p. 209). [Como acima, nesta mesma nota, todas as citações seguintes referentes aos diários de Thomas Mann serão introduzidas apenas pelas iniciais Tb, seguidas do número da página; a data remete ao respectivo volume na edição indicada nas referências bibliográficas, de 2003.]

Cartas inéditas de Erika Mann à “Srta. Stolterfoht” (de 2 e de 24/03/1960, disponíveis no Arquivo Literário Municipal de Munique, Monacensia, cf. Documentos) registram o encontro da filha do escritor com essa provável prima distante pela linhagem brasileira da família. Trata-se, provavelmente, de Caroline Amalia Oskara Stolterfoht, pois é a única filha de Maria que não se casou, o que justifica a referência a “Fräulein”, de Erika, na carta (cf. Krüll 1997: Anexos).

⁴ Thomas Mann manteve contato com alguns diplomatas brasileiros. Em anotação em seu diário de 18/11/2009 ele registra, por exemplo: “Jantar com enviados brasileiros e tchecos e suas esposas”. Mais importante ainda o encontro de 30/06/1940: “O enviado brasileiro. Com ele, e por causa de Golo, à mesa, mais tarde.” Em 29/02/1940 Thomas Mann já havia registrado: “Sobre Golo, sua permanência problemática, a conveniência de sua vinda [...]”. Está em questão a possibilidade de um visto brasileiro para a saída de Golo Mann da Alemanha, e a ocasião logo se oferece. Segundo Schneider (2001: 83), a associação católica St. Raphael “realiza uma importante ação de salvamento dos assim chamados cristãos não-arianos [...]. Seus esforços de possibilitar a emigração de alemães para além-mar, sobretudo para o Brasil, encontra apoio do Vaticano [...]: por iniciativa do presidente da Associação St. Raphael, do bispo Wilhelm Berning, e do cardeal Michael von Faulhaber, Pio XII empenha-se junto ao governo brasileiro pela permissão de 3000 vistos para cristãos não-arianos; o presidente Vargas aceita, por fim. Deste contingente, 100 vistos foram redirecionados para emigrantes que se dirigiam a outros países da Europa, cuja partida foi se tornando cada vez mais difícil, após a eclosão da guerra. Possivelmente Golo Mann dispôs de um desses vistos. Na página 119 do catálogo da exposição “Brasil, um refúgio nos trópicos. A trajetória dos refugiados do nazi-fascismo” (Carneiro 1995), encontra-se uma cópia pouco legível de um telegrama de 2 jul. 1940, que Carlos Martino Pereira e Souza (da embaixada brasileira de Washington) envia para o Ministério de Relações Exteriores do Brasil com o pedido de permissão para fornecer um visto de entrada a Angelus Gottfried Thomas Mann (Golo Mann), filho de Thomas Mann e neto da brasileira Julia da Silva Bruhns. Nesse mesmo telegrama, o nome “Meyer” relaciona-se claramente ao de Agnes Meyer, que se empenhava pela concessão do visto.

Paulino, S.; Soethe, P. – Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil

„o jeito sisudo de ser“; da “mãezinha”, tudo que G. [Goethe] resume simbolicamente nas palavras “alegria, candura” e a “vontade de histórias tecer”, o que nela assumia formas bem diferentes, é claro. Sua natureza pré-artística e sensível expressava-se na musicalidade, em seu piano tocado com bom gosto e com a aptidão proporcionada por uma formação burguesa consistente, e em sua refinada arte de cantar, à qual devo meu bom conhecimento da canção alemã. Ela foi levada a Lübeck ainda em tenra idade, e enquanto durou lá sua lida com as obrigações da casa comportou-se como uma boa filha da cidade e de seus extratos sociais mais elevados; uma corrente interior de propensão ao “Sul”, à arte e à boemia, no entanto, jamais deixaram de estar claramente presentes. (MANN 1961ss.: vol. 2: 100s.)

Mesmo em Lübeck, uma cidade marcada pela sobriedade do Norte alemão, Julia Mann mantinha em sua casa uma vida social movimentada. Segundo Katia Mann, ela era na sociedade de Lübeck “um peixe fora d’água” (“ein fremder Vogel”, cf. MANN 1976: 31). A casa era frequentada por artistas e intelectuais, a anfitriã promovia bailes e via-se cercada de oficiais, músicos e gente de teatro que lhe faziam a corte. Seu filho Thomas descreve-a em *Das Bild der Mutter (O retrato da mãe)*, de 1930, como a seguir:

Nossa mãe era de beleza extraordinária; sua presença, espanhola, não restava dúvida – voltei a encontrar certos traços da raça e do habitus em dançarinas famosas –; irradiava o esplendor sulino de marfim, era nobre o feitio de seu nariz, e a boca formosa como jamais vi outra.

[...] e mesmo que nós, eu e meus irmãos, enquanto crianças, estivéssemos sob a responsabilidade de uma governanta para os cuidados principais, o lar ainda conservava um caráter suficientemente burguês para que sempre houvesse contato entre nós e nossa mãe, e ela com freqüência nos dedicava suas noites livres, quando lia histórias de Fritz Reuter para nós, sob a luminária da mesa da sala. Era surpreendente como o dialeto de Mecklenburg soava bastante bem em sua boca exótica, e ela o dominava melhor que qualquer outra pessoa em casa. (MANN 1983: 153)

Em outubro de 1891, com apenas 51 anos de idade, morre o marido de Julia Mann, e assim ela se liberta da cinzenta cidade hanseática. Muda-se em junho de 1893 para a alegre capital bávara, Munique. Ali espera vivenciar mais sua inclinação para a extravagância, para a música e as artes em geral, o que de fato se concretiza em uma primeira fase. Em sua autobiografia, o músico Karl Ehrenberg, amigo da família, descreve as noites de leitura e de música na casa hospitaleira da senhora Mann, um “ponto de encontro de jovens animados e interessados pelas artes, onde vivíamos

horas inesquecíveis e cuja atração e interesse eram ainda mais realçados pela amabilidade da anfitriã e de suas duas belas filhas Julia e Carla” (STRAUSS 1997: 77).

Thomas Mann não deixa de enfatizar em *Das Bild der Mutter* o talento musical de sua mãe, que não deixou de ter conseqüências sobre os filhos:

Mais ainda me agradava acompanhar minha mãe quando ela se dedicava à música. Seu piano de cauda Bechstein ficava no salão, um cômodo claro com sacadas, em que o estilo burguês pomposo de 1880 tratava de abrigar com bom gosto uma paz sem vencidos nem vencedores, e ali eu ficava sentado horas e horas em uma das poltronas cinzas-claras estofadas e ouvia a música bem executada e sensualmente acurada de minha mãe, que eu percebia mais alegre nos Études e Noturnos de Chopin. (MANN 1983: 154)

Os desdobramentos dessas impressões “brasileiras” e europeias da infância do escritor, que marcaram sua autocompreensão e universo poético, foram percebidas anos depois por um importante contemporâneo seu e oferecem nesse caso uma chave de leitura curiosa para quem se aproxima do autor.

3. Os olhos brasileiros de Thomas Mann

Theodor W. Adorno, um dos mais influentes pensadores na Alemanha do pós-guerra, esboçou em 1962, seis anos após a morte de Thomas Mann, seu retrato pessoal do “Mago” (epíteto atribuído com frequência ao escritor). A intenção despretensiosa de Adorno (1972: 7) era dizer “algumas palavras sobre a pessoa e não sobre a obra” do escritor, com quem havia convivido no exílio na Califórnia e a quem considerava um interlocutor admirável. Filósofo e musicólogo proeminente, Adorno integra a seu “retrato” de Mann uma menção peculiar ao Brasil.

Seu objetivo, no ensaio publicado em uma coletânea por ocasião dos 85 anos de Hermann Hesse, não seria apresentar lembranças pessoais de Mann, mas, segundo Adorno, “a partir da minha própria experiência, (...) refutar alguns preconceitos que teimosamente pesam sobre a pessoa do escritor” (1972: 7). Estes preconceitos “não são indiferentes ante a composição da obra, sobre a qual quase se transportam de modo automático: eles a obscurecem à medida que ajudam a reduzi-la a fórmulas”

(idem). O filósofo, em face da fórmula bastante disseminada do “conflito entre o burguês e o artista, herança da antítese nietzscheana entre a vida e espírito” (idem), pretende combater a caracterização apressada de Thomas Mann como artista burguês avesso à vida e suas dinâmicas sociais.

Adorno destaca a complexidade e multiplicidade da pessoa e da obra de Mann, pois “apesar de toda a força de seu Eu, não era sua identidade quem ditava a última palavra” (1972: 11). Salienta, no comportamento do retratado, justamente seu distanciamento e recolhimento nos momentos de partilha social: “É bem possível que, durante eventos sociais, que de modo algum costumavam aborrecê-lo, o espírito pesado o conduzisse às esferas do sono acordado” (1972: 11). Mas Adorno não via nisso qualquer ausência de sensibilidade por parte do escritor. Para ele, pelo contrário, era esse o momento em que “ele se preparava para arrancar a máscara” (1972: 11), quer dizer, a máscara do “filho do senador de Lübeck, frio e reservado” (1972: 9). Então segue, em posição de destaque no texto de Adorno, uma alusão à origem brasileira de Thomas Mann:

Se eu tivesse que dizer o que nele me parecia o mais característico, deveria mencionar o gesto de repentino sobressalto que se podia aguardar nessas ocasiões. Seus olhos eram azuis ou azuis cinzentos, porém naqueles momentos em que ele encontrava a si mesmo, fulguravam negros e brasileiros, como se algo ardesse estagnadamente e esperasse seu momento de inflamação; como se se tivesse reunido algo material de que agora ele se apoderava para experimentar suas forças. O ritmo do seu sentimento de vida era o contrário do burguês; nada de continuidade, mas antes a alternância entre extremos, entre estagnação e iluminação. Este fato talvez irritasse amigos da mornez, do aconchego antigo ou novo. Pois nesse ritmo no qual um estado negava o outro, veio à luz a ambigüidade do seu natural. (ADORNO 1972:11)

Os olhos, “negros e brasileiros”? O retrato de Adorno não decifra o mistério de Mann enquanto “filho do senador de Lübeck”, mas quer intensificá-lo pela remissão à origem sul-americana de sua pessoa. Essa ambivalência de Mann, identificada com sensibilidade pelo filósofo, também se espelha na relação reflexiva do escritor com sua origem. Indiferença, distanciamento e mesmo negação, em especial no início da vida pública, irão alternar-se com declarações de valorização desse componente de

diversidade étnica e cultural em sua pessoa e com manifestações de interesse pelo país exótico em que havia nascido e crescido sua mãe.

4. O Brasil nos livros

Algumas poucas leituras serviram a Thomas Mann como fonte de informação sobre o Brasil. Elas se limitam a *Brazilian Adventures*, de Peter Fleming (1907-1971), conforme registro no diário do escritor em 26/09/1935: “Leio com prazer o livro de viagens sobre o Brasil do jornalista inglês Fleming. – Vou tarde para cama.” (Tb, p. 179) Na obra, Fleming conta suas aventuras: atraído por um anúncio no *The Times*, participou de uma expedição que percorreu os rios Araguaia e Tapirapé, organizada por instituições inglesas que pretendiam encontrar o Coronel Percy Harrison Fawcett (1867-1925?), explorador inglês desaparecido no Mato Grosso em meados dos anos 1920.

Outro título é *Brasilien, ein Land der Zukunft* (1941) [*Brasil, país do futuro*], de Stefan Zweig. Comprova-o o registro de 4/12/1941 no diário (Tb, p. 356): “Após o jantar o livro de Stefan Zweig sobre o Brasil.” Cabe aqui caracterizar rapidamente a relação delicada de Thomas Mann em face do escritor austríaco. Stefan Zweig, depois de percorrer diversas estações em seu itinerário de fuga do nazismo, como exilado, fixa-se na cidade de Petrópolis. Lá, em fevereiro de 1942, comete suicídio justamente no “país do futuro” que pouco antes havia constituído objeto de louvor em sua própria obra: em um tempo de guerra e tantos ódios raciais, Zweig argumenta que o Brasil merece grande admiração internacional, por abrigar culturas e etnias múltiplas de maneira pacífica e integradora.

Em uma carta à primeira esposa de Stefan Zweig, Friderike Zweig, Thomas Mann se posiciona sobre o aparente descaso e frieza que ele mesmo teria expressado publicamente, em texto que escreve pouco após a morte do escritor. Mann argumenta, em favor de si mesmo, não ser uma tarefa difícil homenagear escritor de tamanha estatura, mas, ao mesmo tempo, não poder calar sobre o caráter condenável da saída que Zweig encontrara para seu desespero: o suicídio.

Mann entende que para uma personalidade de “tendência radicalmente pacifista”, não havia, em tempo de guerra, mais que “infelicidade sangrenta”. Zweig não teria conseguido suportar viver em um país em que se concebesse a guerra, e quando até mesmo o Brasil mostrou-se inclinado a tomar parte dela, Zweig não logrou mais suportar essa situação. Para Mann, no entanto, a decisão extrema de Zweig configura-se como um ato de fraqueza e de “renúncia”, e não poderia ter qualquer consequência prática exceto o “silêncio”. Era como se Stefan Zweig tivesse desconsiderado os “milhares para quem seu nome era importante” e os que não tiveram sua mesma sorte.

A carta de Thomas Mann a Friderike Zweig termina, de qualquer modo, com uma pequena celebração do escritor austríaco, e Mann reforça que sua dor seria tão grande quanto a dos que a expressaram massivamente em publicações honrosas. Tampouco as homenagens providas do Brasil escaparam aos olhos do escritor, que com “verdadeira satisfação” as teria lido e igualmente se alegrado com “as honrarias públicas que eram prestadas ao falecido pelo país de seu último exílio” (MANN, 1961ss.: vol. 2: 281s.).

O contexto sociopolítico brasileiro virá se tornar mais claro para Thomas Mann alguns meses mais tarde, por meio de sua leitura do estudo histórico e sociopolítico *Brazil under Vargas*, de Karl Loewenstein (1891-1973). A propósito, Loewenstein, importante pensador alemão, considerado um dos pais do constitucionalismo moderno, dedicou sua obra a Mann, como se lê já na primeira edição, de 1942: „To Thomas Mann, in token of many years of friendship“ (p. V). O início da leitura do livro e a constatação da dedicatória são mencionadas no diário em 25/09/1942. Dali a dois dias, novo registro: “Li ‘Brazil under Vargas’ de Loewenstein” (Tb, p. 478). Em 29/09/1942 (Tb, p. 479), menciona-se uma carta enviada ao “Prof. Loewenstein”, em agradecimento pela obra.

Outra obra sobre o Brasil recebida por Mann é *Estrangeiro. Der Fremdling*, de Heinrich Eduard Jacob (1889-1967). A observação no diário de Mann (21/5/1951) é a seguinte: “‘Estrangeiro’, romance de H. E. Jacob, algo brasileiro.” (Tb, p. 122) Entusiasmado com a obra, Thomas Mann escreve uma carta ao escritor em 24/10/1951, em que considera o romance envolvente e emocionante. Ele o teria lido

em curto espaço de tempo e apreciado a descrição da natureza (Cf. MANN 1976-1987 51/428: 88).

Por fim, uma última obra que cabe mencionar aqui foi organizada e publicada apenas recentemente pelo professor Reinhard Andress, da University of St. Louis, nos Estados Unidos. Em seu posfácio ao romance *Der Schmelztiegel*, de Marte Brill, Andress menciona haver no espólio dessa escritora a cópia de uma carta de Thomas Mann, de 08/07/1941. Na carta, Mann mencionaria um manuscrito que Brill teria enviado a ele e no qual ele haveria elogiado sua “tenacidade e pertinácia artística”, bem como seu “talento”. Mann encontraria no manuscrito “algo tocante e instigante sobre a tragédia desta época” (BRILL 2002: 346). Na correspondência trata-se justamente do romance *Der Schmelztiegel*, em que a escritora narra sua vinda ao exílio no Brasil, com a filha, por conta da perseguição aos judeus na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

Ainda segundo Andress, no posfácio de *Der Schmelztiegel* Thomas Mann teria aconselhado Marte Brill a enviar a tradução em língua inglesa do romance, feita por Ruth Mary Moore, diretora da *São Paulo Graded School*, para a editora Knopf, de Nova York. A editora não mostrou interesse pela obra, assim como havia ocorrido com uma versão em português, que se havia pretendido publicar, sem êxito, pela editora Brasiliense. Sob o governo de Getúlio Vargas, o país que havia dado asilo a essa vítima do fascismo alemão também teria censurado a publicação por razões políticas.

Para além dos contatos livrescos com o Brasil, Mann teve também encontros pessoais com intelectuais brasileiros como Sérgio Buarque de Holanda e Erico Verissimo. Esses encontros impactam os brasileiros, mas não guardam registro por parte de Thomas Mann. Gilberto Freyre, por sua vez, é mencionado por Mann em carta, mas um encontro entre ambos, que poderia ter sido possível durante uma eventual viagem do escritor alemão ao Brasil, jamais acontece. Assim, o contato efetivo, registrado em correspondência e diário, e mesmo significativo para a caracterização do escritor e de sua obra, restringe-se ao diálogo com dois exilados no Brasil: Herbert Caro e, mais extensamente, Karl Lustig-Prean.

5. Um encontro em Berlim: Sérgio Buarque de Holanda

O encontro entre Sérgio Buarque de Holanda e Thomas Mann ocorreu em 18 de dezembro de 1929, em Berlim. Sobre ele há um relato do próprio Sérgio Buarque reeditado no primeiro volume de *O espírito e a letra*. “Acho impossível dispensar o prazer de conversar com um brasileiro”, teria afirmado Thomas Mann na época, explicando a Sérgio Buarque por que ele, e não outro, havia sido escolhido para falar com o laureado com o prêmio Nobel, em meio a tantas outras solicitações de entrevistas.

Sérgio Buarque confessa em seu registro do encontro haver considerado até então apenas uma lenda a origem brasileira de Mann, sobre a qual teria tido informação através de um certo Adolf Bartels, o qual se esforçava no entanto para desqualificar essa origem “vergonhosa” de Mann, segundo relata Sérgio Buarque. Na conversa com ele, Mann teria oferecido ao brasileiro informações sobre sua origem e lhe apresentado o argumento de uma gênese poética marcada pelo “sangue brasileiro herdado de minha mãe”. E Thomas Mann acrescenta, segundo o relato de Sérgio Buarque: “Penso que nunca será demais acentuar essa influência quando se critique a minha obra ou a de meu irmão Heinrich” (HOLANDA 1998: 255).

Ora, Sérgio Buarque indicou como fonte de seu conhecimento da origem brasileira de Mann a leitura do historiador literário Adolf Bartels. Se esse historiador, segundo informação de Buarque de Holanda, tratava de pôr em questão a origem brasileira de Thomas Mann “como se fosse qualquer coisa de lamentável e de quase vergonhoso” (para indignação de HOLANDA 1998: 263), o fato é que o próprio Mann, anos antes, em 1912 e 1913, havia mantido polêmica com o crítico alemão, que insistia em ver no autor de *Os Buddenbrook* traços judeus, tanto culturais quanto raciais.

Sem eximir-se do peso da mentalidade da época, Thomas Mann trata de replicar o anti-semita Bartels, negando obstinadamente uma eventual origem judaica: “como *não* sou judeu – e isso em nenhuma gota sequer de meu sangue – não posso desejar que alguém me tome por judeu” (Thomas MANN apud KURZKE 2000: 212). A pretensa “acusação” de Bartels contra Thomas Mann, segundo a lógica perversa e

insana do antissemita, remonta à origem portuguesa de Julia Mann, “já que o povo português é o pior de todos os povos europeus, do ponto de vista racial: basta ver a *Enciclopédia Meyer para Conversação*, que destaca a mistura de árabes, judeus, indianos e negros.”

O incansável Bartels insiste ao longo de décadas em versar sobre Heinrich e Thomas Mann, e ainda em 1942, na 18ª edição de sua *História da literatura alemã*, ainda se lê que a mãe de ambos era portuguesa e que “portanto possivelmente não estava livre de sangue judeu e negro; e não vá se esquecer que ambos se casaram com judias”. Infelizmente, tal raciocínio era corrente nas primeiras décadas do século XX, e não apenas na Alemanha. Entre nós, a obra do historiador antissemita brasileiro Gustavo Barroso, *História secreta do Brasil*, é sinal tão evidente quanto deplorável da relevância desse tema, que talvez também viesse à baila nas conversas cotidianas mantidas entre Julia Mann e seus filhos.

Um exemplo de alusão ao Brasil na obra de Thomas Mann, e que parece fazer referência a uma das razões que enfraquece o empenho do escritor por afirmar sua origem brasileira, é a menção de brasileiros em *A montanha mágica*. Embora discreta, ela alude, no âmbito da ficção, a uma questão ligada a controvérsias ao longo da vida política de Thomas Mann. Ao informar o leitor sobre a vida de Leo Naphta, este jesuíta de origem judaica, favorável ao terror e defensor convicto de uma teocracia comunista, uma das figuras magistras com que o protagonista Hans Castorp tem contato em *A montanha Mágica*, o narrador apresenta no romance o seguinte comentário: “O cosmopolitismo da instituição [o seminário jesuíta] impedia que sua origem racial [judaica] aparecesse de modo evidente. Existiam ali jovens provenientes de terras longínquas, sul-americanos de raça lusa, cujo aspecto era mais ‘judeu’ que o de Leo, e dessa forma o conceito deixou de subir à tona” (MANN 2000: 607).

A frase seguinte no romance menciona de forma aparentemente gratuita a presença de um príncipe etíope, “um tipo negro de carapinha, muito nobre, no entanto” (MANN 1996: 622), que ingressava no seminário à mesma época que Nafta. Ora, a única e breve alusão a brasileiros em todo o romance destaca uma suposta semelhança entre judeus e brasileiros e faz menção fortuita ao africano.

Parece significativo que também em outro romance de Thomas Mann, *As confissões do impostor Felix Krull*, ocorra nova associação entre brasileiros e judeus.

O protagonista Felix, em Frankfurt, depara com um casal de irmãos e por sua beleza percebe neles “uma aparência de além-mar, de cabelos escuros, talvez argentinos, brasileiros – tento adivinhar; mas quem sabe sejam judeus também” (FA: 88s.).

A questão, que aparece cifrada nos dois romances, mas já havia sido motivo de breve polêmica no espaço público alemão entre Mann e Bartels, perde força quando o domínio nazista e as práticas antissemitas vão exigindo mais e mais uma posição clara de Thomas Mann, que afinal não hesita em assumi-la e em se tornar um dos opositores mais ferrenhos do nazismo, após o início da Guerra. É nessa fase que ocorrerá o encontro entre ele e Erico Verissimo.

6. Denver, 1941: Erico Verissimo

Thomas Mann teria tido um breve encontro ainda com outro intelectual brasileiro de grande renome, Erico Verissimo. No dia 10 de agosto de 1939, havia sido anunciada no *Correio do Povo* uma viagem de quatro meses do escritor brasileiro, cuja partida estava prevista para dali a quinze dias, em 25 de agosto. Professores da Universidade de Michigan haviam-no convidado para proferir palestras.

Também a União Pan-Americana de Washington havia feito um convite a membros do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano para uma visita ao país. Verissimo estava entre os convidados. O escritor brasileiro tinha várias perspectivas para a viagem, sobretudo a realização de reportagens e artigos que pudessem resultar de uma série de entrevistas a “homens de alto valor que foram da Europa, fugindo a odiosas perseguições políticas e raciais” (TORRESINI 2003: 299). Verissimo ressalta: “Procurarei também esses grandes exilados entre os quais se contam algumas das melhores cabeças pensantes da humanidade de hoje” (2003: 299).

Novamente no *Correio do Povo*, em 22 de maio de 1941, anunciam-se o regresso do escritor e uma entrevista em que este pontua alguns acontecimentos. Entre as vinte e quatro conferências proferidas e o anúncio da tradução de *Caminhos cruzados*, o escritor afirma ter tomado “cerveja, burguesamente, em Denver, com Thomas Mann” (2003: 312).

O encontro de Erico Verissimo com Thomas Mann marcou profundamente o escritor brasileiro. Como diretor da seção de literatura da editora Livraria do Globo, Verissimo, ainda antes do encontro de 15/03/1941 em Denver, já tinha organizado a publicação da tradução de *Os Buddenbrooks* e *A montanha mágica* por Herbert Caro. Em seu livro de viagens *Gato Preto em Campo de Neve*, o escritor gaúcho apresenta uma impressão detalhada e bastante positiva da pessoa de Thomas Mann, bem como o conteúdo da conversa entre ambos.

No início do capítulo “Thomas Mann”, em que o episódio é narrado, menciona-se um outro provável encontro que ambos teriam tido em Princeton. Bastante surpreso pela presença de Mann na cidade de Denver, o escritor gaúcho não perde o ensejo de comentar a origem de seu colega alemão:

- Diga-me, Herr Mann – pergunto – é verdade que um de seus antepassados nasceu no Brasil?
- Sim. Minha mãe nasceu no seu país. Era filha de pai alemão e de mãe brasileira.
- Mas... brasileira só de nascimento ou também de sangue?
- Minha vó materna tinha sangue português e índio. (VERISSIMO 1961: 253)

Em seguida, Verissimo descreve a impressão que teve de Mann:

É um homem de estatura pouco abaixo da mediana. Tem o rosto comprido e estreito, a testa alta, de cenho quase sempre cerrado, um nariz comprido, bigode aparado e ralo, cabelos escuros levemente grisalhos. Suas faces são dum vermelho lustroso, o que lhe dá um agradável aspecto de saúde. Sua voz é grave e meio áspera, e seu todo é o de um simples e tranqüilo professor. (idem)

O brasileiro afirma ainda que Thomas Mann era uma “criatura [...] bastante diferente do retrato que dela me pintaram alguns escritores que o conhecem: um *magister* grave, dogmático e de ar suficiente, desses que levantam o indicador e dizem sempre a palavra definitiva sobre todos os assuntos” (1961: 254).

O próprio Thomas Mann infelizmente não menciona o encontro com o escritor brasileiro, tanto menos seu nome. Há nos diários de Mann, no entanto, uma menção

objetiva sobre o programa de que ele teria se incumbido naquele dia, em Denver, e que ao menos coincide com o que descrevera Erico Verissimo.

Em carta a Thomas Mann de 14/10/1941, o tradutor Herbert Caro transmite, com muita admiração, saudações de Verissimo, “diretor de nossa editora, que o Sr. conheceu em Denver” (KUSCHEL/MANN/SOETHE 2009: 202). Esta carta, cuja cópia está disponível no Arquivo Herbert Caro, Thomas Mann não chegou a receber, pois ela se extraviou. Recebeu, sim, somente outra versão de mesmo teor, enviada em 15/04/1942, mas que não se encontra no arquivo. Na resposta de Thomas Mann de 05/05/1942 não há qualquer menção às lembranças mandadas por Erico Verissimo, ou porque nessa carta de maio Herbert Caro não menciona mais as lembranças, ou porque, caso o tenha feito, Mann simplesmente desconsidera a saudação, ou ela lhe passa despercebida.

7. Exilado e militante: Karl Lustig-Prean

Pouco tempo após esse encontro com Erico Verissimo, e trinta anos depois da polêmica pública entre Thomas Mann e Adolf Bartels sobre a origem étnica do escritor, outro acontecimento acaba por intensificar a relação de Thomas Mann com a cena brasileira.

Desde meados de 1937, vivia exilado em São Paulo o dramaturgo austríaco Karl Lustig-Prean (1892-1967)⁵. Intelectual progressista católico, ele assumiu desde cedo no Brasil a função de líder do Movimento dos Alemães Livres, uma coalisão de militantes alemães anti-hitleristas articulada em nível internacional (sobre o assunto, cf. HAMACHER: 2005). Inicialmente ligado ao movimento A Outra Alemanha, presente na Argentina e de orientação social-democrata, a ala brasileira do movimento irá se filiar em 1943 ao Comitê Latino-Americano dos Alemães Livres, liderado pelo

⁵ Registro aqui meus agradecimentos a Izabela Maria Furtado Kestler (1959-2009). Em uma conversa pessoal em 2000, a colega despertou-me [P.S.] a atenção para a presença de Lustig-Prean no Brasil e para a correspondência dele com Thomas Mann. Izabela falou-me naquela ocasião de sua tese de doutoramento (Kestler 1992), que os leitores brasileiros tiveram a felicidade de ver traduzida recentemente (Kestler, 2004). Da mesma forma, agradeço o jornalista e cineasta Marcos Strecker e Simone Malaguti, que me forneceram primeiras cópias de algumas das cartas trocadas entre Mann e Lustig-Prean e me indicaram a existência do Arquivo Lustig-Prean na Biblioteca Nacional Austríaca, em Viena, onde a pesquisa pôde ter continuidade.

comunista Ludwig Renn (1889-1979) e apoiado por escritores famosos como Anna Seghers e Heinrich Mann, na condição de seus presidentes de honra. Também Thomas Mann manifesta apoio à iniciativa em carta de 10/04/1942. Em seu diário, na anotação de 18/8/1943, ele relata, inclusive, haver recebido a visita de “dois cavalheiros do F.B.I. em razão do grupo no México”. O anticomunismo norteamericano irá se intensificar e será fator decisivo para a decisão de Mann de deixar o país nos anos 1950 e retornar à Europa.

Sob a ditadura Vargas, tais atividades políticas, sobretudo quando exercidas por um estrangeiro de língua alemã, não se desenvolviam sem imensas dificuldades. Por um lado, havia no governo brasileiro forte presença de simpatizantes tácitos do nazismo no Brasil; por outro lado, cumpria-se uma política severa de nacionalização que havia proibido o uso do idioma alemão. É somente com a inversão das perspectivas na guerra, o enfraquecimento militar da Alemanha a partir de 1941 e a progressiva aproximação do Brasil aos Estados Unidos que a situação se torna menos desfavorável junto às autoridades brasileiras. Em 4 de setembro de 1942, Lustig-Prean escreve sua primeira carta a Thomas Mann,⁶ na qual lhe comunica a oficialização do Movimento dos Alemães Livres do Brasil em “maio do corrente ano”, sob a “tolerância das autoridades” brasileiras e “após anos de difícil existência” do grupo cultural que lhe deu origem.

O envio da carta é justificado pelo desejo de informar Thomas Mann dos acontecimentos e por ser ele “o centro intelectual e espiritual de todos os movimentos livres alemães”. Não havia exagero: essa posição central era reconhecida em nível internacional, particularmente pela atuação e discursos contundentes do escritor contra o nazismo, redigidos e difundidos no exílio norteamericano, no rádio e na imprensa internacionais. Mann responde a carta de maneira breve, mas prontamente (já em 30 de setembro) e com palavras calorosas de agradecimento pelas informações “interessantes e aprazíveis”.

Em 8 de abril de 1943, segue nova correspondência de Mann a Lustig-Prean. A carta é bem mais longa (uma lauda completa) e de iniciativa própria, talvez ocasionada pela passagem dos vinte anos de morte da própria mãe, Julia, falecida em

⁶ Cartas trocadas entre Thomas Mann e Karl Lustig-Prean cf. Kuschel/ Mann/ Soethe (2009: 220-237).

11 de março de 1923. Pois ainda que a correspondência manifeste a intenção de agradecer a atuação dos integrantes do Movimento dos Alemães Livres do Brasil e cumprimentá-los pelo primeiro ano de existência de sua agremiação “sob o reconhecimento das mais altas autoridades do país”, o tom do texto revela-se na verdade bastante pessoal. Na carta, lê-se a declaração mais contundente de Thomas Mann sobre a importância da própria origem brasileira em sua formação como pessoa e artista. Seu agradecimento não vai apenas às pessoas ligadas ao Movimento:

Dirige-se também ao país imenso e acolhedor que lhes oferece proteção e liberdade de atuação e ao qual me sinto ligado por laços sanguíneos. Cedo soou em meus ouvidos o louvor de sua beleza, pois minha mãe veio de lá, era uma filha da terra brasileira; e o que ela me contou sobre essa terra e sua gente foram as primeiras coisas que ouvi sobre o mundo estrangeiro. Também sempre estive consciente do sangue latinoamericano que pulsa em minhas veias e bem sinto o quanto lhe devo como artista. Apenas uma certa corpulência desajeitada e conservadora de minha vida explica que eu ainda não tenha visitado o Brasil. A perda de minha pátria [*mein Vaterland*] deveria constituir uma razão a mais para que eu conhecesse o país de minha mãe [*mein Mutterland*]. Ainda chegará essa hora, espero (MANN, *Briefe*, vol II, 1963: 306).

O apoio ao movimento político antinazista no Brasil e a manifestação sentimental sobre a origem familiar mesclam-se na carta de Thomas Mann. Soa nela um aspecto interessante de sua produção: a atenção a elementos estrangeiros (estranhos, alheios)⁷. O jogo com as palavras “Vaterland” e “Mutterland” e a menção das primeiras experiências com o mundo estrangeiro fazem pensar no momento particularmente interessante vivido por Mann em seu percurso intelectual e de atuação política. Estava cumprido o abandono de qualquer chauvinismo, com a consciência da responsabilidade coletiva do povo alemão pelo advento do nazismo, e era sincero o

⁷ Em alemão, as noções de estrangeiro, alheio e estranho convivem sob o termo “fremd” (como adjetivo) e em suas realizações substantivadas (ambivalentes, com frequência): “das Fremde” é o conceito psicológico ou sociocultural que reúne os elementos de estranheza e a percepção do que é alheio; “der Fremde” (fem.: “die Fremde”, pl.: “die Fremden”) designa a pessoa estrangeira, podendo significar também apenas “turista”, em alguns substantivos compostos; e “die Fremde” designa a localidade estrangeira, o exterior.

apoio à atuação política como atividade legítima e valorosa, sinal claro da superação de idealizações e arrogância do “apolítico” de 1918.⁸

A correspondência com Lustig-Prean prossegue com mais uma carta de Mann de agosto de 1943, de agradecimento por material enviado, e outra em 11 de dezembro de 1944, em resposta a uma sinopse que o dramaturgo austríaco lhe envia em alemão, de um artigo seu intitulado “Escritores alemães no exílio”, publicado no *Boletim Biblio-Graphico* da Biblioteca Municipal de São Paulo (vol. 3, 1944), com uma seção dedicada à família Mann.

Essa última carta de Mann é breve, mas atenciosa e pessoal. Ele anuncia que contará a Heinrich, seu irmão, e ao filho Klaus sobre o artigo publicado em São Paulo. E ainda acrescenta, em uma referência muito elogiosa a Klaus, que este último, ora na Itália em missão militar a serviço do *Intelligence Service*, acabara de ler o último volume de sua tetralogia *José e seus irmãos* e se manifestara sobre a obra “com a inteligência crítica que admiro nele desde sempre”.

Após o fim da guerra, ainda há uma troca de cartas no final de 1947, sobre o apelo que Gilberto Freyre faz à Academia Brasileira de Letras para convidar Thomas Mann a uma visita ao Brasil. A carta de Lustig-Prean, de outubro, encerra uma manifestação de apoio a Thomas Mann na polêmica que se dá entre ele e escritores alemães que haviam permanecido “em exílio interior” no país sob Hitler. Na carta, Lustig-Prean ainda manifesta sua preocupação quanto ao futuro político do Brasil.

Em maio de 1948 ocorre a última troca de cartas. Lustig-Prean pede ajuda a Thomas Mann no sentido de possibilitar seu retorno à Europa com uma recomendação junto às autoridades norte-americanas. Mann responde-lhe pronto, mas lamenta não poder ajudá-lo. Afirma não ter mais prestígio algum junto às autoridades daquele país – vivia-se o macarthismo – e lamenta não estar mais na América de Roosevelt, quando, então sim, poderia ter ajudado o parceiro de correspondência.

Por outros caminhos, Lustig-Prean logra voltar à Europa, para Viena, onde vive os últimos anos de relativo sucesso como diretor do Conservatório de Música da capital austríaca. De Viena Lustig-Prean ainda se corresponde com Katia e Thomas Mann, segundo comprovam um cartão postal enviado a ele por Mann em 11/08/1951

⁸ Sobre o percurso político de Thomas Mann, cf. Soethe 2006b.

e uma carta enviada por Katia Mann em 7/3/1955, ambos em resposta a contatos de Karl Lustig-Prean.

8. Esforços de Freyre e a visita que não houve

Na carta de 31 de outubro de 1947, mencionada há pouco, Lustig-Prean havia retomado o contato com Thomas Mann “depois de um longo silêncio de ambos os lados”. Nela, informa que “um dos maiores escritores e certamente o sociólogo mais representativo da América Latina, Prof. Dr. Gilberto Freyre” havia publicado um artigo no *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro), em 26 de outubro, intitulado “Thomas Mann, filho de brasileira”. Para a redação do presente artigo, resgatou-se o texto de Freyre no Arquivo da Biblioteca Nacional (fig.1), que segue abaixo na íntegra, na seção de *Documentos*.

Em seu artigo, Freyre exorta a Academia Brasileira de Letras a convidar Thomas Mann para vir ao Brasil, designado como “a maior personalidade da literatura alemã moderna”. Thomas Mann se alegra com tal apelo, que o “divertira e tocara”, segundo escreve em 6 de dezembro de 1947, em resposta a Lustig-Prean, para prosseguir com ponderações práticas: “Quase não consigo imaginar de que maneira a Academia Brasileira pudesse atender à sua conclamação. Ela deveria nomear-me membro-correspondente? Claro que isso seria uma honra e uma alegria para mim.”

Segundo a carta seguinte de Lustig-Prean, de 1º/05/1948, enviada a Thomas Mann antes que o austríaco deixasse o Brasil, Gilberto Freyre tomou conhecimento da carta de Thomas Mann. Ali Lustig-Prean anuncia que “um de nossos jornais, *Folha da Manhã*, voltou a se referir ao assunto no último domingo e exigiu uma atitude da Academia Brasileira de Letras, no sentido de honrar o maior ‘filho de uma brasileira’, o que seria muito natural.” Esse artigo, cujo original também se encontra na Biblioteca Nacional, segue abaixo na íntegra, na seção de *Documentos*.



Figura 1. Fac-símile do jornal Diário de Notícias, com artigo de Gilberto Freyre.

A despeito de nenhum dos anseios de Gilberto Freyre haver se concretizado na ocasião, esse último contato entre Thomas Mann e o Brasil conserva a força simbólica do encontro entre dois grandes intelectuais, mediado pela presença de um terceiro, para quem a mediação em si mesma constitui o sentido da própria atuação e atividade intelectual. Um ícone para o papel e potencialidade da germanística brasileira. Karl Lustig-Prean, nas memórias de tom cômico que publica em 1952, destaca no capítulo “Balanço e palavra final”, como principal contribuição cultural sua ao longo dos onze anos em que permaneceu no Brasil, justamente essa mediação:

Paulino, S.; Soethe, P. – Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil

Quando Gilberto Freyre escreveu sobre Thomas Mann, concedeu lugar central às seguintes palavras: “Leio num artigo do jornalista austríaco Carlos Lustig-Prean que Thomas Mann ainda teria a intenção de visitar o Brasil, por ser ele mesmo filho de uma brasileira. Lustig-Prean é figura esplêndida de europeu que o Brasil teve a felicidade de atrair e está tendo a de conservar”. (LUSTIG-PREAN 1952: 329)

Lustig-Prean deixa o Brasil para retornar à Europa, Thomas Mann não se decide a empreender viagem ao Brasil, a Academia não reage ao apelo de Gilberto Freyre. Não obstante, o diálogo iniciado prossegue na atividade acadêmica e reflexiva da germanística (brasileira e internacional) e ainda constitui matéria fértil para pesquisa e publicações na área.

9. Documentos

9.1. Cartas inéditas de Erika Mann à Srta. Stolterfoht

2.März 1960

Sehr verehrtes Fräulein Stolterfoht, -

von Adelina Meiners höre ich, Herr Richard Marty habe mit Ihnen gesprochen und mitgeteilt, dass ich demnächst nach Lübeck komme. Sie bei dieser Gelegenheit zu besuchen, wäre mir eine besondere Freude und nicht zuletzt deshalb besonders interessant, weil Sie zu meines Vaters Tanzstundenpartnerinnen gehörten.

Ich treffe nicht, wie ursprünglich geplant, am 14.März in Lübeck ein, sondern erst am 15. Um 4 Uhr bin ich bei Fräulein Meiners, mit der es allerlei zu erörtern gibt, und hoffe, dass es Ihnen recht wäre, wenn ich anschliessend – so gegen 6 Uhr – bei Ihnen vorspräche. Einer Antwort bedarf es nicht. Sollte Ihnen mein Besuch zur vorgeschlagenen Zeit nicht passen, so erfahre ich dies gewiss bei Fräulein Meiners.

Ich bin, mit den freundlichsten Grüßen und Wünschen,

Ihre sehr ergebene:

Paulino, S.; Soethe, P. – Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil

24. März 1960

Sehr verehrtes, liebes Fräulein Stolterfoht, -

Ich möchte mich doch auch auf diesem Wege nochmals bedanken für die grosse Freundlichkeit, mit der Sie mich empfangen haben. Ihre Erzählungen über das Haus in der Bäckergrube, den grässlich grossen Saal, den anschliessenden kleinen Salon mit den Wächterinnen des guten Tones und den Senator, der Sie, als noch sehr junge Mädchen, auf der Strasse zuerst grüsste, - all dies und anderes mehr habe ich mir genau und zweifellos zu meinem Nutzen im Gedächtnis aufbewahrt.

Seien Sie aufs schönste gegrüsst und nehmen Sie die besten Wünsche

Ihre sehr ergebene:

9.2. Gilberto Freyre exorta a vinda de Thomas Mann ao Brasil

Thomas Mann, filho de brasileira⁹

Gilberto Freyre

A Academia Brasileira de Letras há de permitir que eu lhe dirija a palavra, do suburbio de provincia onde resido, não para pedir-lhe uma graça ou sequer um obsequio e sim para recomendar às suas homenagens um grande escritor moderno nascido na Alemanha, mas descendente de brasileiro; e que, entretanto, parece não ter merecido ainda do governo do nosso país um simples convite para aqui realizar conferencias; nem da Academia de Letras, a solene demonstração de que o Brasil se sente um pouco dono da figura tão gloriosa da literatura moderna; um pouco responsável pelo seu enriquecimento, pela sua formação, pela sensibilidade quase de mulher que em Thomas Mann se junta a um dos talentos mais varonis que o mundo intelectual já viu.

Mann é hoje um homem de mais de setenta anos. Talvez não queira mais dar-se ao incômodo de atravessar o Atlântico para conhecer o Brasil, embora tenha escrito há pouco tempo, segundo leio numa revista do Rio, a um jornalista tcheco residente em São Paulo – figura esplêndida de europeu

⁹ Artigo do jornal Diário de Notícias, de 26 de outubro de 1947, p. 2.

Paulino, S.; Soethe, P. – Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil

que o Brasil teve a felicidade de atrair e está tendo a de conservar: o sr. Carlos de Lustig-Prean – que só por certo "comodismo conservador" se explica o fato de não ter ainda ele, Mann, visitado o Brasil; mas que continuava "aguardando a hora de visitar esse país", "da terra de minha mãe...filha da terra brasileira" que "descrevia (para o filho pequeno) os encantos desse mundo de estranha beleza, do seu solo e de sua gente".

Creio que o convite lhe deveria ser feito. Que a Academia Brasileira de Letras deveria tomar conhecimento de modo o mais solene, do fato de que o autor de "A Montanha Mágica" descende de brasileira, de quem, em pequeno, ouviu histórias de um Brasil que ainda não conhece senão de oitava.

Um Rio Branco no Itamarati não se esqueceria de ligar o nome do Brasil ao nome de Thomas Mann. O mundo inteiro ficaria sabendo, pela voz das maiores agências de publicidade, que o grande romancista era meio-sangue brasileiro. Mann teria visitado o Brasil a convite do governo, Mann teria sido recebido aqui com banquete e com festas iguais àquelas com que se recebem reis e políticos, cardeais e chefes militares. Mann teria sido condecorado. Mann teria recebido as mais altas homenagens da Academia de Letras. Hoje, o que se vê? Thomas Mann passar dos setenta anos sem que o Brasil se tenha sequer lembrado de lhe prestar a homenagem especialíssima que ele merece receber dos brasileiros.

Daí meu apelo à Academia Brasileira de Letras. Que se movimente para promover a Mann a demonstração de particularíssimo afeto que ele já deveria ter recebido do Brasil. Pois é à Academia que toca, mais do que a nenhuma outra instituição brasileira, a iniciativa justa, ainda que tardia, de tal homenagem.

Que os redatores literários dos jornais do Rio não vejam nesse meu apelo à mais alta das nossas associações literárias, nova disposição de minha parte para aproximar-me maciamente da Academia como um Romeu embuçado da sua doce Julieta; nem suponham que a idéia da homenagem a Mann seja apenas pretexto para a renovação do velho namoro, já descoberto por um bisbilhoteiro de idílios dessa espécie – os idílios de indivíduos obscuros com instituições ilustres – em que eu estaria empenhado disfarçadamente, fingindo-me indiferente às honras acadêmicas.

O namoro, não digo que seja pura invenção dos bisbilhoteiros; talvez o seja. Inconscientemente talvez eu seja um velho namorado da Academia de Letras como sou um velho namorado da Igreja Católica de Roma.

Paulino, S.; Soethe, P. – Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil

Apenas esses namoros – não temam os rivais – são eternos namoros platônicos. Nenhum deles namoro para casar ou constituir família. Horrorizam-me não só os pais e os tios das duas noivas com os quais eu teria de conviver em família como a própria idéia de desapontar-me com a rotina do matrimônio, da convivência cotidiana com uma academia ou uma igreja.

Daí minha atitude de cristão sempre fora das igrejas e de escritor sempre fora das academias, sem ser, entretanto, nem anti-católico nem anti-acadêmico dentro de minha orientação de acatólico e de inacadêmico. Ao contrário: cada dia mais me convenço da conveniência ou necessidade de tais organizações, compostas, é claro, de homens de vocação ortodoxa e de temperamento acadêmico acentuados e inconfundíveis. Igrejas e academias são particularmente úteis à saúde moral e à disciplina intelectual de povos como o brasileiro, heterogêneos e inclinados à indisciplina. O Brasil intelectual estaria incompleto sem a sua Academia de Letras, como o mundo cristão estaria incompleto sem a Igreja de Roma – poderia dizer hoje um conselheiro Acacio que não temesse ser enfático na expressão do seu bom senso.

E porque a Academia é, ao meu ver, não uma escrecência lamentável nem um arcaísmo ridículo, mas, admitida uma exceção ou outra, instituição verdadeiramente representativa do que há de mais característico nas nossas tradições literárias, é que o recomendo aos senhores acadêmicos o caso de Thomas Mann: glorioso escritor, filho de brasileira, que não recebeu ainda do Brasil a homenagem excepcional que merece. Já que a Casa de Rio Branco não se preocupa hoje, como nos dias do Barão, com tais frivolidades, que se movimente a Casa de Machado de Assis.

Thomas Mann e o Brasil¹⁰

Tendo lido, graças a um amigo austríaco residente nesta capital – o jornalista e escritor Carlos de Lustig-Prean – o artigo de Gilberto Freyre “Thomas Mann, filho de brasileira”, onde se sugere uma homenagem especial do Brasil e da Academia Brasileira de Letras ao grande romancista alemão, este manifestou-se a respeito em palavras que revelam sua simpatia pelos brasileiros. "O Apelo do prof. dr. Gilberto Freyre é de minha inteira e

¹⁰ Nota do jornal Folha da Manhã, em 25/04/1948, 3o Caderno.

Paulino, S.; Soethe, P. – Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil

comovida satisfação etc. (Der appell des prof. dr. Gilberto Freyre hat mich mit Genugtuung erfüllt und bewegt, etc."). Deste modo, pode-se ter como certo um movimento dentro e fora da Academia Brasileira de Letras, entre os intelectuais mais representativos do nosso país, que traga ao Brasil o glorioso autor de “A Montanha Mágica”. O fato de ser Thomas Mann filho de brasileira, já fôra posto em relevo pelo escritor Gilberto Freyre no seu livro escrito em inglês “Brazil: an interpretation”, que tem feito tanta repercussão nas Americas e na Europa, e no Brasil, onde apareceu sob o título de “Interpretação do Brasil”, traduzido e prefaciado por Olivio Montenegro.

10. Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W. Para um retrato de Thomas Mann. In: _____. *Notas de literatura*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1972, 7-15.
- BARTELS, Adolf. *Jüdische Herkunft und Literaturwissenschaft: eine gründliche Erörterung*. Leipzig, Verlag des Bartels-Bundes, 1925.
- BRILL, Marte. *Der Schmelztiegel*. Frankfurt/M., Büchergilde Gutenberg, 2002.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasilien, Fluchtpunkt in den Tropen. Lebenswege der Flüchtlinge des Nazi-Faschismus. / Brasil, um refúgio nos trópicos. A trajetória dos refugiados do nazi-fascismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHACON, Vamireh. *Thomas Mann e o Brasil*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- ELSAGHE, Yahya. *Thomas Mann und die kleinen Unterschiede. Zur erzählerischen Imagination des Anderen*. Köln, Böhlau, 2004.
- FLEMING, Peter. *Brazilian adventure*. Londres: Cape, 1933. (Ed. bras.: *Uma aventura no Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1996.)
- HAMACHER, Gottfried. *Gegen Hitler. Deutsche in der Résistance, in den Streitkräften der Antihitlerkoalition und der Bewegung „Freies Deutschland“*. *Kurzbiografien*. 2. ed. corr. Berlim: Dietz, 2005.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Thomas Mann e o Brasil. In: _____. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária I*. São Paulo, Companhia das Letras, 1976, 251-256.
- JACOB, Heinrich Eduard. *Estrangeiro. Der Fremdling. Ein Tropen-Roman*. Frankfurt/M.: Scheffler, 1951.

- KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*. Frankfurt/M., Peter Lang, 1992.
- _____. *Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. São Paulo, EdUSP, 2004
- KRÜLL, Marianne. *Na rede dos Magos. Uma outra história da família Mann*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.
- KURZKE, Hermann. *Thomas Mann: das Leben als Kunstwerk*. München, Beck, 2000.
- KUSCHEL, Karl-Josef; MANN, Frido; SOETHE, Paulo Astor. *Mutterland. Die Familie Mann und Brasilien*. Düsseldorf, Artemis&Winkler, 2009.
- LOEWENSTEIN, Karl. *Brazil under Vargas*. Nova York: Macmillian, 1942.
- LUSTIG-PREAN, Karl. *Lustig-Preans lachendes Panoptikum*. Frankfurt/M.; Viena: Forum, 1952.
- MANN, Heinrich. *Ein Zeitalter wird besichtigt*. Frankfurt/M.: Fischer, 1988.
- MANN, Katia. *Meine ungeschriebene Memoiren*. Org. Elisabeth Plessen e Michael Mann. Frankfurt/M., Fischer, 1976.
- MANN, Thomas. Das Bild der Mutter. In: _____. *Über mich selbst. Autobiographische Schriften*. Frankfurt/M., Fischer, 1983. p. 152-154.
- _____. *Briefe 1889-1955*. Ed. p. Erika Mann. vol. I-III. Frankfurt/M.: Fischer, 1961ss.
- _____. *Tagebücher*. Frankfurt/M.: Fischer, 2003.
- _____. *Die Briefe Thomas Manns. Regesten und Register*. Berab. und hrsg. v. Yvonne Schmidlin, Hans Bürgin, Hans Otto Mayer u. Gert Heine. 5. Bde. (I, 1976; II, 1980; III, 1982; IV, 1987; V, 1987). Frankfurt/M.: Fischer, 1976-1987.
- _____. *Der Zauberberg* (Gesammelte Werke). Peter de Mendelssohn (org.). 2^a. ed. Frankfurt/M.: Fischer, vol. III, 1996.
- _____. *A montanha mágica*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- _____. *A gênese do Doutor Fausto*. Romance sobre um romance. São Paulo, Mandarim, 2001.
- _____. *Große kommentierte Frankfurter Ausgabe*. Frankfurt/M.: Fischer, 2001-2009. (FA)
- SCHNEIDER, Dieter Marc. *Johannes Schauff, 1902-1990. Migration und 'Stabilitas' im Zeitalter der Totalitarismen*. München, Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 2001.
- SOETHE, Paulo Astor. Deutsch, italienisch, brasilianisch: Heinrich Mann *Zwischen den Rassen*. In: *Estudios Filológicos Alemanes* (12), 2006a, Sevilla, 413-428.
- _____. Thomas Mann: ironia burguesa e romantismo anticapitalista. In: CODATO, Adriano (Org.). *Tecendo o Presente*. Oito autores para pensar o século XX. Curitiba, SESC Paraná, 2006b.

Paulino, S.; Soethe, P. – Thomas Mann e a cena intelectual no Brasil

STRAUSS, Dieter/ SENE, Maria A. (Orgs). *Julia Mann: uma vida entre duas culturas*. São Paulo, Estação Liberdade, 1997.

TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *História de um sucesso literário. Olhais os lírios do campo de Erico Verissimo*. Porto Alegre, Literalis, 2003.

TREVISAN, João Silvério. *Ana em Veneza*. Best Seller, São Paulo, 1994.

VERISSIMO, Erico. *Gato Preto em Campo de Neve*. Porto Alegre, Editora Globo, 1961.

ZWEIG, Stefan. *Brasilien, ein Land der Zukunft*. Stockholm, Bermann-Fischer, 1941.

„Großes zärtliches Brasilien“¹ – Das Brasilienbild in den Werken von Heinrich Eduard Jacob

Marlen Eckl*

Abstract: Although Heinrich Eduard Jacob visited Brazil in 1932, having written various articles about this trip in particular, and later three books on Brazilian issues, he is almost unknown in Brazil. The following paper, therefore, focuses on the biography of the journalist and writer and his Brazilian books *Hothouse South America* (1934), *Coffee. The Epic of a Commodity* (1935) and *Estrangeiro. Einwandererschicksal in Brasilien* (1951). Furthermore he is put in context with other German-speaking authors who wrote about Brazil in the thirties and forties. These were mainly émigrés fleeing the Nazism such as Stefan Zweig, Richard Katz, Wolfgang Hoffmann-Harnisch, Frank Arnau and Marte Brill. Regarding the image of Brazil espoused by Jacob, it becomes clear that he, as so many other authors, saw in Brazil a “Land of a future” (as he called it) and an alleged existing “racial democracy”. Nevertheless, he doesn’t refrain from revealing the proverbial Brazilian cordiality to be only appearance and from pointing out existing difficulties such as the politics regarding the coffee and the negative consequences of the nationalism promoted by the Vargas-Regime. By doing so, he took a view that opposed the one of his friend Stefan Zweig.

Keywords: Heinrich Eduard Jacob, Stefan Zweig, the image of Brazil in German literature, German travel literature, exile literature

Resumo: Embora tendo viajado pelo Brasil em 1932 e depois escrito vários artigos sobre essa viagem assim como três livros de temática brasileira, Heinrich Eduard Jacob é quase desconhecido em Brasil. Por isso neste artigo são apresentados a trajetória do jornalista e escritor e as suas obras brasileiras *Treibhaus Südamerika* (1934), *Saga e marcha triunfal do café* (1934) e *Estrangeiro. Einwandererschicksal in Brasilien* (1951). Ademais Jacob será contextualizado através da conexão com os outros autores que, nos anos 30 e 40, escreveram sobre o país. Estes, na maioria, foram refugiados do nazismo como entre outros Stefan Zweig, Richard Katz, Wolfgang Hoffmann-Harnisch, Frank Arnau e Marte Brill. Quanto ao imaginário acerca do Brasil descrito por Jacob percebe-se que ele como tantos outros autores também viu no Brasil um “país de um futuro” (como o chamou) e uma “democracia racial” pretensa existente no país. Apesar disso, não desistiu de desmascarar a cordialidade brasileira proverbial como sendo apenas disfarce e de indicar problemas existentes como a questão da política quanto ao café e as consequências negativas do nacionalismo, fomentado pelo regime Vargas. Assim ele defendeu um ponto de vista que foi contrário àquele do seu amigo Stefan Zweig.

¹ JACOB, Heinrich Eduard: *Treibhaus Südamerika*, Zürich, Bibliothek zeitgenössischer Werke, 1934, 304

* Magister Artium in Allgemeiner und Vergleichender Literaturwissenschaft der Johannes Gutenberg-Universität Mainz und Doktor in Geschichte der Universität Wien. E-mail: Ecklmarlen@aol.com

Eckl, M. – “Großes zärtliches Brasilien”

Palavras-chave: Heinrich Eduard Jacob, Stefan Zweig, imagens do Brasil na literatura alemã, literatura de viagem de língua alemã, literatura de exílio

Zusammenfassung: Obgleich Heinrich Eduard Jacob 1932 Brasilien bereiste und in der Folge zahlreiche Zeitungsartikel darüber veröffentlichte sowie drei Bücher mit brasilianischer Thematik verfasste, ist er in Brasilien nahezu unbekannt. Der folgende Aufsatz stellt den Lebensweg des Journalisten und Schriftstellers sowie seine brasilianischen Werke *Treibhaus Südamerika* (1934), *Sage und Siegeszug des Kaffees* (1934) und *Estrangeiro. Einwandererschicksal in Brasilien* (1951) näher vor und setzt ihn in den Kontext zu den anderen deutschsprachigen Autoren, die in den 30er und 40er Jahren über Brasilien geschrieben haben. Dabei handelt es sich mehrheitlich um Flüchtlinge des Nationalsozialismus wie u.a. Stefan Zweig, Richard Katz Wolfgang Hoffmann-Harnisch, Frank Arnau und Marte Brill. Hinsichtlich des von Jacob in den Werken vermittelten Brasilienbildes wird deutlich, dass er, wie so viele, in Brasilien das „Land einer Zukunft“, wie er es nannte, und eine vermeintlich vorhandene „Rassendemokratie“ erkannte. Indes hinderte ihn dies nicht, die sprichwörtliche brasilianische Herzlichkeit als Schein zu entlarven und auf existierende problematische Fragen wie die der Kaffeepolitik und auf die negativen Auswirkungen des vom Vargas-Regime geförderten Nationalismus hinzuweisen. Damit vertrat er eine Ansicht, die derjenigen seines Freundes Stefan Zweig entgegenstand.

Stichwörter: Heinrich Eduard Jacob, Stefan Zweig, das Brasilienbild in der deutschsprachigen Literatur, deutschsprachige Reiseliteratur, Exilliteratur

„Mächtiges Land [...]. Einer ebenen Tafel vergleichbar; und achtzehnmal so groß wie Deutschland. Aber nur halb so viel [sic] Einwohner. Land einer Zukunft, Brasilien!...“ (JACOB 1992: 36) Dieses Zitat stammt nicht, wie man etwa meinen könnte, aus Stefan Zweigs berühmtem Klassiker *Brasilien. Ein Land der Zukunft*, sondern von seinem Freund Heinrich Eduard Jacob aus dessen Schilderungen des Zeppelinflugs nach Brasilien im Jahre 1932. Obwohl Jacob, wie sein Freund, das Land seit diesem Besuch im März/April 1932 „niemals aufgehört [hatte] zu lieben“ (JACOB 1951a)² und obwohl er als Folge dieser Reise eine Studie über den Kaffee als weltwirtschaftlichen Stoff verfasste, um derentwillen er als Begründer des modernen Sachbuchs angesehen wurde und mit der er nach Ansicht Stefan Zweigs das südamerikanische Land „für unsere Generation [...] ‚mit‘ entdeckt[e]“ (JACOB 1951a), ist der Journalist und Autor heute in Brasilien nahezu unbekannt. Dabei gehörte Jacob zu den angesehenen deutschen Schriftstellern der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts.

² Ich danke dem Verwalter von Heinrich Eduard Jacobs Nachlass, Hans Jörgen Gerlach, für die Bereitstellung wertvoller Informationen und Materialien sowie die Abdruckgenehmigung der unveröffentlichten Briefe (Die Autorin hat kleinere Fehler in diesen Schreiben korrigiert). Jeffrey B. Berlin gilt ebenfalls mein Dank für das Überlassen hilfreicher Informationen und Materialien.

Namhafte Autoren wie u. a. Thomas Mann, Arnold Zweig, Jacob Wassermann und Stefan Zweig lobten seine Werke, von denen drei auch ins Portugiesische übersetzt wurden.³ Der einmalige Besuch in Brasilien beeinflusste nachhaltig sein publizistisches und literarisches Werk. Das Land hinterließ aber nicht nur in mehreren Zeitungsartikeln Spuren. Wie es Jacob ausdrückte, hätten seine Gedanken den „Zuckerhut-Berg“ darüber hinaus auch „in manchem Buch umkreist“ (JACOB 1951a), so im Novellenband *Treibhaus Südamerika* von 1934 und im Roman *Estrangeiro. Einwandererschicksal in Brasilien* von 1951. Dabei war es in seinem Lebensweg nicht abzusehen gewesen, dass Brasilien einmal eine wichtige Rolle in seinem Schaffen spielen würde.

1. Die publizistischen und literarischen Anfänge

Am 07. Oktober 1889 in Berlin als Sohn von Richard Jacob, Bankdirektor, Ägyptologe, Zeitungsherausgeber und Verfasser eines Reiseromans über Ägypten, in eine großbürgerliche, assimilierte jüdische Familie hineingeboren, verbrachte er seine Kindheit und Jugend in Berlin und Wien. Schon während seines Literatur- und Germanistik- sowie Musikstudiums an der Königlichen Friedrich-Wilhelm-Universität in Berlin begann er Artikel in Zeitungen und Zeitschriften zu publizieren und seine ersten Stellen als Redakteur anzutreten, z.B. ab 1910 als Theaterkritiker der Berliner Wochenzeitung *Herold* und ab 1912 als verantwortlicher Redakteur für Theater, Musik und Kunst der Berliner Wochenzeitung *Deutsche Montags-Zeitung*. Daneben schrieb er regelmäßig für *Die Schaubühne* und veröffentlichte bereits 1912 seinen ersten Novellenband namens *Das Leichenbegängnis der Gemma Ebria*. Der unmittelbar in der Folge begonnene und 1915 vollendete erste Roman *Der Zwanzigjährige* konnte jedoch bedingt durch den Ersten Weltkrieg erst 1918 erscheinen. Diese ersten Veröffentlichungen stießen auf eine positive Aufnahme bei der Kritik und fanden das Lob der Schriftsteller- oder Journalistenkollegen wie Julius Bab, Max Brod und Ernst Feder. In jenen Jahren hatte Jacob Kontakt zu dem von Kurt Hiller gegründeten „Neuen Club“, zu dem er allerdings bald auf Distanz ging, da dieser sich von den Dichtern abwandte,

³ Es sind Sage und Siegeszug des Kaffees, Johann Strauß, Vater und Sohn und 6000 Jahre Brot (Vgl. GERLACH 1994: 25/26; 28)

denen sich Jacob damals verpflichtet fühlte, wie Hugo von Hofmannsthal oder Gabriele d'Annunzio (GERLACH 2000: 216). Obwohl sich der Autor also im Umfeld der Expressionisten bewegte, war er nicht zu diesen zu zählen. Zu einer Radikalität im Schreiben und Auftreten war Jacob aufgrund seines sanften Gemüts und seiner pazifistischen Grundeinstellung gar nicht fähig. (vgl. GERLACH 2000: 216) Er erklärte seinen ungewöhnlichen Beweggrund für sein literarisches Schaffen folgendermaßen:

Für jeden Schriftsteller kommt einmal der Tag, an dem er sich fragt, **warum** er eigentlich schreibt. Welches der Uranlaß seines Schreibens ist. Für mich erschien diese Gewissensfrage bereits früh. Schon vor 40 Jahren erkannte ich als den Hauptgrundtrieb meines Schaffens die DANKBARKEIT. [...] Für einen schönen Sommeraufenthalt, einen Baum, einen schwärmerisch verehrten Gymnasiallehrer oder eine Frau (JACOB apud GERLACH 2000: 216/217)

Bezüglich der Auswahl seiner Stoffe schrieb er 1941 in einem Brief an seinen Freund Stefan Zweig:

Die Erzählungen haben dies gemeinsam, daß ein Epiker, der Mann des ruhigen Erzählens, darin sich an Stoffe wagt, die eigentlich höchst unruhig, fervent, unausgegoren, kurz, journalistisch interessant sind. Der Zusammenklang dieser beiden Werte, der formalen Ruhe und der inhaltlichen Ruhe, hat eigentlich bisher meine Wirkung und meine Anerkennung ausgemacht. (JACOB apud BERLIN 2008: 710)

Wie für viele Literaten brachte der Erste Weltkrieg auch für Jacob einen tiefen Einschnitt. Er ließ sich zwar nicht von der Kriegseuphorie so vieler seiner Kollegen mitreißen und zog nicht in den Kampf fürs Vaterland. Gleichwohl konnte auch er sich nicht ganz der Faszination des Krieges entziehen, wie das Werk *Die Reise durch den belgischen Krieg* von 1915 zeigt, das auf Erfahrungen beruhte, die er während einer Fahrt durch Belgien als „Kriegsberichterstatter“ zusammen mit Walter Hasenclever gemacht hatte. Schwankend zwischen glühendem Deutschtum und Mitleid mit den Besiegten sowie Berausung am Krieg und Sehnsucht nach einem friedlichen Europa, spiegelt dieses Werk die Ambivalenz des Autors wider und stellt „ein Prisma des Widerspruchs“ dar. „(W)ie eine Schaukel taucht, was diesen Krieg betrifft, noch immer mein Herz ins Ja und ins Nein.“ (JACOB 1915: 18; 275).

Mitte 1916 ging Jacob ins Exil in die Schweiz, nichtahnend, dass es nicht das einzige Mal in seinem Leben bleiben sollte. Es sollte 1921 werden, bis er wieder langfristig nach

Eckl, M. – “Großes zärtliches Brasilien”

Berlin zurückkehrte. In der Schweiz lernte er 1916 auch seine spätere Ehefrau Dora Angel kennen, die damals noch mit dem Wiener Schriftsteller Otto Soyka verheiratet war. Infolge der Erfahrung des Weltkrieges „sah er [fortan] den Schutz der Welt – und damit den Schutz des Menschen vor dem Menschen – als Aufgabe des Dichters und Literaten an.“ (GERLACH 2000: 221). Seine gegen Ende des Krieges und kurz danach entstandenen Dramen *Beaumarchais und Sonnenfels* und *Tulpenfrevel* zeugen von seiner Ansicht der gesellschaftspolitischen Verantwortung der Literatur. Dazu gehörte für Jacob auch die Auseinandersetzung mit den tiefgehenden Problemen der Weimarer Republik, wie beispielsweise mit der Inflation im Roman *Jacqueline und die Japaner* von 1928, mit dem ihm dann letztlich der literarische Durchbruch gelang (dazu vgl. FLEISCHER 1991).

Als Herausgeber der von 1921 bis 1924 erschienenen Monatsschrift *Der Feuerreiter. Zeitschrift für Dichtung, Kritik, Graphik* und des Bandes *Verse der Lebenden. Deutsche Lyrik seit 1910* von 1924, der 1927 und 1932 in überarbeiteten und erweiterten Neuauflagen veröffentlicht wurde, war Jacob in den 20er Jahren ebenfalls sehr erfolgreich. In diesen Publikationen vereinigte er Arbeiten der bekanntesten Schriftsteller der damaligen Zeit wie u.a. Johannes R. Becher, Gottfried Benn, Bertolt Brecht, Alfred Döblin, Ivan Goll, Georg Heym, Kurt Hiller, Klabund, Heinrich Mann, Ludwig Marcuse, Robert Musil, René Schickele, Georg Trakl, Franz Werfel, Paul Zech, Arnold Zweig und Stefan Zweig.

Neben der literarischen Tätigkeit erlangte er auch als Journalist zunehmend Bedeutung. Für das *Berliner Tageblatt* rezensierte er ebenso regelmäßig Neuerscheinungen wie für die von Willy Haas herausgegebene Zeitschrift *Die literarische Welt*, in der er überdies noch Beiträge zur Literatur im Allgemeinen und Artikel über Autoren veröffentlichte. Der Höhepunkt seiner journalistischen Karriere war 1927 die Ernennung zum Chefkorrespondenten und Leiter des Mitteleuropäischen Büros des *Berliner Tageblatts* in Wien. In dieser Funktion war er neben den Ressorts Feuilleton, Theater- und Musikkritik auch für Politik zuständig. In seinen bis 1933 knapp 1000 geschriebenen Beiträgen nahm er dann eine kulturelle Vermittlerrolle zwischen Deutschland und Österreich ein, indem er z.B. vermehrt Bücher österreichischer Autoren besprach und die Besonderheit der österreichischen Mentalität erläuterte, die politische Situation im Land darstellte und weitsichtig die sich zuspitzende Entwicklung für die Alpenrepublik kommentierte. Von Beginn an wies er auf die Gefahr hin, in der sich die Demokratie dort seiner Ansicht nach befand, wobei er die

Heimwehrbewegung und antidemokratischen Strömungen in Österreich scharf kritisierte, was ihm später zum Verhängnis werden sollte.

Die Politik fand auch Eingang in sein literarisches Schaffen, wie der 1929 erschienene Roman *Blut und Zelluloid* beweist, den Arnold Zweig als den „Gipfel des politischen Romans“ (ZWEIG apud CLARENBACH 2002: 341) bezeichnete. Das Werk war insofern etwas Besonderes, als der Schriftsteller die für die damalige Zeit ungewöhnliche Einbeziehung von führenden Politikern, wie Mussolini und Herriot, und der aktuellen Ereignisse unternahm. Vorausschauend machte er in diesem Werk auf das gefährliche Zusammenspiel von Politik und Medien sowie den ideologischen Missbrauch des Films aufmerksam, als hätte er geahnt, wie sehr sich die Nationalsozialisten später dieses Mediums bedienen würden, um das Volk von ihren politischen Zielen zu überzeugen. Der Roman wurde zum Bestseller und machte Jacob neben Emil Ludwig, Robert Musil und Kurt Tucholsky zu einem der führenden Autoren des Rowohlt Verlags. Die beiden zwei Jahre später im Wiener Paul Zsolnay Verlag erschienenen Romane *Die Magd von Aachen* und *Liebe in Üsküb*, von denen Jacob den letzteren seinem langjährigen Freund Stefan Zweig zu dessen 50. Geburtstag widmete, erwiesen sich jedoch als weniger erfolgreich. Bevor Jacob im November 1932 mit *Ein Staatsmann strauchelt* sein letztes Werk vor Hitlers Machtübernahme veröffentlichte, sollte er im Frühjahr desselben Jahres für das *Berliner Tageblatt* als Gast der Zeppelin-Gesellschaft nach Brasilien fliegen, um für die Zeitung über den Flug und seinen Aufenthalt im Land von Ende März bis Ende April 1932 zu berichten. Der Autor konnte nicht ahnen, wie maßgeblich diese Reise seine späteren Werke prägen würde.

2. Mit dem Zeppelin nach Brasilien

Am 20.03.1932 startete Jacob mit einem der erfolgreichsten Verkehrsluftschiffe seiner Zeit, dem 1928 fertig gestellten *LZ 127 Graf Zeppelin*, in Richtung Brasilien. Das *LZ 127* war der Pionier des transatlantischen Flugdienstes und bediente neben Fahrten nach Nordamerika von 1931 bis 1937 regelmäßig die Route Deutschland – Brasilien. Indem das *Berliner Tageblatt* einen seiner Korrespondenten auf diese Reise schickte, folgte es einer Entwicklung, die sich aus der langen durch den Ersten Weltkrieg und dessen Nachwirkungen bedingten Isolation in der Zwischenkriegszeit ergeben hatte. Denn angesichts der fehlenden

Möglichkeiten, selbst zu verreisen, hungerten die Menschen in Deutschland nach Informationen aus dem fernen Ausland. Daher schickten die Zeitungen Korrespondenten in fremde Länder und Kontinente, um ihre Leserschaft mit den Berichten darüber zu versorgen, die diese begierig las. In den Beiträgen vermischten sich häufig Belletristik und Journalistik, was ihrer Popularität nicht schadete. Im Gegenteil, der Rückgriff auf fiktionale literarische Elemente machte sie für das Leserpublikum so reizvoll. Die poetische Funktion ist daher „keineswegs ornamentales Beiwerk oder gar Störfaktor, sondern wesentlicher Bestandteil auch der abendländischen Reiseliteratur in ihrer modernen Formprägung“ (ETTE 1997: 41). Es verwundert deshalb kaum, dass einige Autoren ihre Reiseerfahrungen nicht nur in Reiseberichten verarbeiteten, sondern diese ferner als Romanstoff verwendeten, so auch Jacob.

In der Tat war der Journalist nicht der einzige, der im Auftrag seines Zeitungsverlags nach Brasilien reiste. Bereits 1931 war Richard Katz, dessen Buch über seine erste Weltreise *Ein Bummel um die Welt* (vgl. KATZ 1927) zum Bestseller wurde und ihm den Weg zu einem der erfolgreichsten deutschsprachigen Reiseschriftsteller und Klassiker der Reiseliteratur ebnete, im Rahmen seiner Südamerika-Reise in Brasilien gewesen und hatte für die Zeitungen des Ullstein Verlags davon berichtet. Noch im gleichen Jahr war im selben Verlag sein Reisebuch namens *Zickzack durch Südamerika. Schnaps, Kokain und Lamas* (vgl. KATZ 1955) herausgekommen. Gleichfalls 1931 hatte der mit Jacob bekannte Kasimir Edschmid Brasilien auf seiner Südamerika-Rundfahrt ebenfalls bereist und seine Eindrücke in dem noch im selben Jahr erschienenen, in einer Mischform zwischen Roman und Reisebericht geschriebenen Werk *Glanz und Elend Südamerikas* (vgl. EDSCHMID 1957) festgehalten. Einer der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten, die in den 30er Jahren Brasilien besuchten, unternahm die Reise dorthin sogar ebenfalls mit dem Zeppelin. Es war Wolfgang Hoffmann-Harnisch, der 1936/37 im Auftrag der *Berliner Illustrierten* das Land bereiste, von dort für die Zeitung berichtete und seine Reiseerfahrungen zwei Jahre später unter dem Titel *Brasilien. Bildnis eines tropischen Großreiches* (vgl. HOFFMANN-HARNISCH 1938) herausbrachte.⁴ Keiner der Autoren und keines der Werke wurden jedoch so bekannt wie Stefan Zweig und sein Klassiker *Brasilien. Ein Land der Zukunft* von 1941 (vgl. ZWEIG

⁴ Da sich während Hoffmann-Harnischs Brasilien-Aufenthalt am 06. Mai 1937 das Zeppelin-Unglück von Lakehurst ereignete, bei dem 35 der 97 Passagiere starben und in dessen Folge die Zeppelin-Gesellschaft die Flugverbindung nach Brasilien einstellte, musste der Journalist für die Rückreise ein Schiff der Hamburg-Südamerikanischen Dampfschiffahrtsgesellschaft nehmen.

Eckl, M. – “Großes zärtliches Brasilien”

1990). Im Unterschied zu all seinen Kollegen war er für die Brasilianer allerdings schon ein prominenter Schriftsteller, als er 1936 zum ersten Mal als Gast der brasilianischen Regierung nach Rio de Janeiro kam.

Als Jacob 1932 auf die Brasilienreise geschickt wurde, bereitete er sich gründlich vor. Dazu beriet er sich nicht nur mit seiner 1898 geborenen Halbschwester Alice Lampl (aus der zweiten Ehe seiner Mutter mit dem Wiener Bankier Edmund Lampl), die das Land bereits in den 20er Jahren bereist hatte, sondern las auch damals wichtige Referenzwerke über Land und Leute, wie z. B. Heinrich Schülers *Brasilien. Ein Land der Zukunft* (vgl. SCHÜLER 1921). Als Gast der Zeppelin-Gesellschaft führte er darüber hinaus viele Gespräche mit den Mitgliedern der Gesellschaft, darunter auch der Luftschiffführer Dr. Hugo Eckener, die regelmäßig nach Brasilien fuhren.

Wie so viele Brasilienreisende zeigte sich Jacob von der Größe des Landes beeindruckt, die er von der Höhe aus besonders eindringlich wahrnahm.

Brasilien. Da. Eine Kante im Mittag! Langes Gestade! Der Horizont, blaugrau zunächst, erfüllt sich mit Grün. [...] Es ist wie in der Kolumbus-Sage: Grün, Grün, ein Schild aus unendlichem Grün, vor dem eine weiße Borde entlangläuft (zehntausend Kilometer Brandung!) rückt neben den blauen Buckel des Meeres. (JACOB 1992: 35/36)

Wolfgang Hoffmann-Harnisch sekundierte ihm sechs Jahre später:

Wie jeder Brasilienfahrer lerne ich es zuerst als ein Küstenland kennen, und ich unterliege [...] dem überwältigenden Eindruck, den dieser Strand in seiner Unendlichkeit hervorruft. Stunde um Stunde zieht das Schiff seine Bahn über den drei Linien: der weißschäumenden Brandung, dem goldenflimmernden Strand, dem graugrünen Flachland mit seinen Kokospalmen und Eingeborenenhütten. (HOFFMANN-HARNISCH 1938: 19)

Auch Richard Katz, der 1941 vor den Nationalsozialisten nach Brasilien flüchtete und mehr als zehn Bücher über sein neues Zuhause verfasste (dazu vgl. ECKL 2009), sah in der Größe den Schlüsselpunkt zum Verständnis des Landes (vgl. KATZ 1963: 18). Daher ist es nicht erstaunlich, dass die Autoren in Brasilien ein großes Zukunftspotential ausmachten, das sie nicht zuletzt in dessen Größe und dünner Besiedlung begründet sahen. Am stärksten brachte dies jedoch Stefan Zweig zum Ausdruck, der geneigt war, das menschenleere

Eckl, M. – “Großes zärtliches Brasilien”

Territorium zu einer Lebensmut spendenden Kraft und einem Symbol der Zukunftsträchtigkeit zu stilisieren. „(E)ine Welt mit Raum für dreihundert, vierhundert, fünfhundert Millionen [...] Raum ist auch seelische Kraft. Er erweitert den Blick und erweitert die Seele [...] wo Raum ist, da ist nicht nur Zeit, sondern auch Zukunft.“ (ZWEIG 1994: 11; 149/150).

Von seiner Brasilienreise, die ihn u.a. in die Städte Recife, Salvador da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas und Santos führte, zeigte sich Jacob ebenso wie sein Freund Stefan Zweig tief beeindruckt. Um dies mitzuteilen, wählte er fast denselben Vergleich wie dieser. Würde Stefan Zweig sein Brasilienbuch 1941 mit den berühmten Worten: „Wer Brasilien wirklich zu erleben weiß, der hat Schönheit genug für ein halbes Leben gesehen.“ (ZWEIG 1990: 308) enden lassen, so schrieb Jacob neun Jahre zuvor: „Diese Brasilienreise ist ein Film, von dessen Erinnerungsbildern ein Künstler jahrelang leben kann.“ (JACOB 1992: 42) Tatsächlich sollte er gleich in mehreren Werken unterschiedlichen Genres seine Erlebnisse verarbeiten.

Und ebenfalls wie Stefan Zweig hatte auch Jacob eine Audienz beim brasilianischen Außenministerium, obwohl er anders als sein Freund nicht als Gast der Regierung im Land war. Der Empfang beim Außenminister Afrânio de Mello Franco wurde Jacob eine lehrreiche Begegnung mit der sprichwörtlichen brasilianischen *cordialidade*. Der Journalist nutzte daher seinen Artikel über seinen Besuch im *Palácio Itamaraty*, um der deutschsprachigen Leserschaft diese brasilianische Art von Herzlichkeit und Höflichkeit näher zu bringen. Welcher Bedeutung er dabei der Akkolade ebenso wie Stefan Zweig, der diese als einen „Ausstrom natürlicher Herzlichkeit“ (ZWEIG 1990: 158) verstand, beimaß, veranschaulicht die ausführliche Beschreibung des Vorgangs:

(I) Im Hintergrund des Saals [...] begibt sich etwas Ablenkendes. Es ist der „Abraço brasileiro“, ein Akt von starkem, fremdartigem Reiz, den da zwei Freunde einander erteilen. [...] Mit einem lautlos entzückten Lächeln fallen beide sich in die Arme – das heißt: sie bleiben, Brust an Brust, in einer Fast-Berührung stehn. Ihre Körper sind so arrangiert, dass beide sich über die Schulter sehn und mit der rechten Hand rhythmische Schläge auf den Rücken des Freundes ausführen, während sie die linke Hand leicht um seine Hüfte ranken. Dann treten sie rasch von einander weg und sehn sich begeistert ins Gesicht. (JACOB 1932: 3)

Eckl, M. – “Großes zärtliches Brasilien”

Der von Sérgio Buarque de Holanda als „Verkleidung“ (HOLANDA 1995: 177) entlarvten brasilianischen Höflichkeit begegnete Jacob in Afrânio de Mello Francos Antwort auf seine Frage, wie sich die deutschen Einwanderer in Brasilien bewährt hätten: Sie wurde zu einer Eloge auf deren Beitrag am Aufbau und Fortschritt des Landes. Aber Jacob war im Unterschied zu manch anderem seiner Kollegen hellseherisch genug zu erkennen, dass hier nicht die heimischen Maßstäbe von Lüge und Wahrheit anzuwenden waren. „Welch eine bezaubernde Höflichkeit! Man müsste ein trauriger Bursche sein, um diesen Aggregatzustand einer gekelterten Sittlichkeit etwa mit ‚Lüge‘ zu verwechseln.“ (JACOB 1932: 4) In diesem Sinne pflichtete ihm der Journalist Frank Arnau bei, der 1939 nach Brasilien vor den Nationalsozialisten geflohen war.

Die Höflichkeit des Brasilianers ist übertrieben. [...] Denn sie ist zutiefst unwirklich – um nicht zu sagen unwahr. Es bedarf feinsten Gehörs und ausreichender Übung und Erfahrung, um hier Weizen von Spreu scheiden zu können. Für den Brasilianer ist [es] eine Selbstverständlichkeit [...], daß man sie als Form betrachtet und bewertet, keinesfalls aber als wirkliches Gefühl, als echte Offenbarung, als Zusage gar. (ARNAU 1956: 24/25)

Jacob machte darüber hinaus während seines Brasilienaufenthalts auch Erfahrungen mit der „Empfindlichkeit der Südländer, wenn man nicht **alles** bei ihnen großartig findet.“ (JACOB 1951c). Diese hohe Sensibilität gegenüber Kritik und Tadel sollte sich in der Tat für nicht wenige der Reisenden und späteren Flüchtlinge des Nationalsozialismus wie Stefan Zweig oder den Philosophen Vilém Flusser als nur schwer nachvollziehbar erweisen.⁵ „Die scheinbare Unterwürfigkeit tarnt oft einen Stolz und ein Ehrgefühl, für das ein Okzidentaler kein Verständnis mehr aufbringt. Es ist eben so, daß der Einwanderer diesen Menschen ratlos gegenübersteht“ (FLUSSER 1994: 23). Neben der Berichterstattung für das *Berliner Tageblatt* nutzte Jacob diese Reise vor allem auch, um in dem Land, das damals der weltgrößte Kaffeeproduzent war, Recherchen für sein späteres Werk über diesen weltwirtschaftlichen Stoff zu betreiben.

⁵ Für alle erwähnten Exilanten, die in Brasilien eine Zuflucht vor den Nationalsozialisten fanden, gibt es eine Kurzbiographie in KESTLER 1992 und 2003.

3. Bekenntnis gegen die Nationalsozialisten

Mit der Machtübernahme Hitlers im Januar 1933 war Jacob gezwungen, in Wien zu bleiben, sein zweites Exil begann, da eine Rückkehr nach Berlin, wenn er dies jemals gewünscht hätte, nun nicht mehr möglich war. Im Mai 1933 wurde Jacob wie so viele namhafte Schriftsteller und Publizisten Opfer der Bücherverbrennung, was zunächst nur *Blut und Zelluloid* betraf. 1935 wurde jedoch sein Gesamtwerk auf Antrag der Reichsschrifttumskammer verboten. Bereits Anfang 1933 wurde er seines Postens als Chefkorrespondent und Leiter des Mitteleuropäischen Büros des *Berliner Tageblatts* enthoben. Seine wirtschaftliche Lage wurde daher immer schlechter; der gewohnte Lebensstil ließ sich nicht mehr fortführen.

Die Vorgänge während des XI. Internationalen Kongresses des P.E.N.-Clubs in Ragusa (heute Dubrovnik) vom 26.-28. Mai 1933 boten ihm eine erste Gelegenheit, deutlich gegen die Nationalsozialisten Stellung zu beziehen. Mit Paul Frischauer, Raoul Auernheimer und Robert Neumann und anderen arbeitete er eine Resolution aus, die auch von Franz Theodor Csokor, Gina Kaus, Ernst Lissauer, Emil Ludwig und Friedrich Torberg unterschrieben wurde. Darin wurde das Verhalten der österreichischen Delegierten, die entgegen des Beschlusses zur neutralen Haltung eine Solidarisierung mit den Deutschen vorgenommen hatten, scharf missbilligt. Ferner erklärte sich der österreichische P.E.N.-Club mit „den im heutigen Deutschland unterdrückten, ihrer Freiheit beraubten Männern und Frauen des Geisteslebens ohne Unterschied ihrer Partei und Rasse“ solidarisch und wandte sich „entschieden im Namen der deutschen Freiheit und der übernationalen Grundsätze des P.E.N.-Clubs [...] gegen die geistige Unterdrückung des Individuums.“ (CLARENBACH 2002: 119/120).⁶ Es kam zum gewünschten Austritt der mit den Nationalsozialisten sympathisierenden Autoren aus dem österreichischen P.E.N.-Club. Für Jacob sollte sich jedoch infolge der politischen Entwicklungen seine Mitwirkung an der Resolution beruflich nachteilig auswirken.

⁶ Zu den Vorgängen um diesen Kongress des P.E.N.-Clubs vgl. auch PRUTSCH; ZEYRINGER 1997: S.116-118.

4. Der tiefe Einblick ins brasilianische Leben in Treibhaus Südamerika

Bevor Jacob im Dezember 1935 unter Betrugsverdacht zusammen mit seiner damals fast 71jährigen Mutter verhaftet wurde, konnte er 1934 noch die „Früchte“ seiner brasilianischen Reise veröffentlichen; und dies, obwohl seine Situation als jüdischer Schriftsteller in Deutschland erheblich schwieriger geworden war. Ganz problemlos vollzog sich die Publikation aber nicht. So zögerte der Paul Zsolnay Verlag die für Januar 1933 vertraglich festgelegte Veröffentlichung des Novellenbands *Großes zärtliches Brasilien* immer wieder hinaus, um die Entwicklungen in Deutschland abzuwarten, in der Hoffnung, dass der Nationalsozialismus, den man im Verlag als vorübergehende Erscheinung betrachtete, bald überwunden wäre. Schließlich erschien das Buch auf Drängen Jacobs im Oktober 1934, aber nicht im Wiener Paul Zsolnay Verlag, sondern unter dem Titel *Treibhaus Südamerika* in der zum Zsolnay Verlag gehörenden Züricher Bibliothek zeitgenössischer Werke, was der Autor als eine Art Abschieben empfand.⁷

Jacob hielt das Werk trotz Selbstkritik für sein geglücktestes (vgl. CLARENBACH 2002: 279). Die zahlreichen überaus positiven Kritiken bestätigten ihn. So bezeichnete Hermann Graf Kayserling *Treibhaus Südamerika* als „kleines Meisterwerk, als veritables Kabinettstück“ (KAYSERLING apud CLARENBACH 2002: 1). Hugo Greihz stellte in der Wiener *Volkszeitung* fest: „Es ist ein glühendes Buch, das Jacob geschrieben hat, es rauscht in Farben und Düften auf, in allem, was die Sinne entzündet, und nicht das letzte davon ist die gefährliche Fremdheit, die, anziehend und abstoßend, den Weißen in die Tropenwirrnis lockt und verstrickt.“ (Greihz apud CLARENBACH 2002: 145). Der Novellenband enthält jedoch nicht nur Beschreibungen der exotischen Landschaft, sondern auch philosophische Betrachtungen über das menschliche Dasein. Denn Jacob hatte eine Veränderung der Verhaltensformen in dieser Umgebung erkannt, die er bereits in einem Artikel über seinen Novellenband erläuterte. In Brasilien fand er

⁷ Alle drei Novellen erschienen als Vorabdrucke im *Berliner Tageblatt*, im *Neuen Wiener Tagblatt* und im *Tag*, Wien sowie *Pariser Tageblatt*. JACOB, Heinrich Eduard: *Schwarze Leute in Bahia*, Vorabdruck in 19 Folgen in: *Berliner Tageblatt*, 7.3.1933 (Morgenausgabe) bis 29.3.1933 (Morgenausgabe); ders.: *Herr Müller geht spazieren* in: *Neues Wiener Tagblatt*, 7.5.1933 bis 28.5.1933; ders.: *Aracy und das Fieber* in: *Der Tag*, Wien, 10.9.1933 bis 10.11.1933; ders.: *Aracy* in: *Pariser Tageblatt*, Paris, 6.12.1934.

Eckl, M. – “Großes zärtliches Brasilien”

Südamerika als Treibhaus, fand Seele, Körper, und Geist seiner Menschen von einer unerhörten Atmosphäre geformt, bedingt und verändert. [...] Räusche der Vorzeit durchdringen diese Menschen mit betörender Urkraft. [...] das Wunderbare in dieser kochenden Tropenwelt [sind] die Städte, in denen das Geld, die Krankheiten, der Ehrgeiz, die Liebe, das religiöse Bedürfnis, der Aberglaube mammothafere Formen annehmen als in unseren Breitengraden. Dieses Gesetz des Tropenwachstums – in Dingen, die allgemein menschlich sind – glaube ich entdeckt zu haben. Von diesem wuchernden Leben und von der gefährlichen Herrlichkeit dieses Lebens handeln meine Novellen. (JACOB apud HOHMANN: 2006: 181)

Eine Gefährlichkeit sah er u.a. im schlagartigen Umkippen der Stimmung, im fehlenden Mittelmaß und in den nicht vorhandenen Übergängen. In diesem Sinne waren die Sanftmut der Brasilianer und die manchmal plötzlich auftretende *raiva* untrennbar miteinander verbunden:

Gerade ein sanftes Volk, das so stark ist, muß einmal explodieren dürfen. Gerade ein gutartiges Volk darf über einen Messerstich und einen Revolverschuß hinwegsehen [sic] und sich auf die Reue des Täters verlassen. [...] Die Menschen sind jähzornig. Aber selbst wenn sie einander morden, hat es irgendetwas von Spiel. Und wenige Augenblicke später sind sie wieder höflich und starr. (JACOB 1934: 80; 187)⁸

Richard Katz erkannte ebenfalls diesen engen Zusammenhang: „(D)añ tropische Stimmung von äußerster Geduld zu äußerster Wut umschlägt, vollzieht sich so notwendig wie der Rückschlag eines Pendels.“ (KATZ 1952: 258) Desgleichen sekundierte Vilém Flusser dem Journalisten: „Dabei ist die sprichwörtliche Sanftmut (‘paciência’) [...] trügerisch [...] und kann in plötzliche individuelle und kollektive Raserei ausbrechen, um ebenso plötzlich wieder abzuflauen.“ (FLUSSER 1994: 23).

Wie schon in seinem Bericht über die „Audienz beim brasilianischen Außenministerium“ griff Jacob auch in der Novelle „Herr Carlos Müller geht spazieren“ den Aspekt von Brasilien als Einwanderungsland auf. Bemerkenswert ist in diesem Zusammenhang seine Verwendung des Verbs „auffressen“. Denn bezüglich der Namen der Stadtteile von Rio de Janeiro kommentierte er: „Andere Städte in dieser Stadt hießen Monroe

⁸ In seinem fünf Jahre später geschriebenen Roman *Estrangeiro* schrieb er über die *raiva*: „Die wilde ‚Raiva‘ jenes Ausbruchs, die der davon Befallene vergaß wie einen Fieberanfall, war nichts Europäisches. Sie gemahnte in ihrem Aufschnellen zum Siedepunkt und im raschen Hinunter an eine Art seelischer Malaria. Sie war tropisch.“ (JACOB 1951: 40)

Eckl, M. – „Großes zärtliches Brasilien“

und Leblon und gaben, wie der Stadtteil Meyer [sic], das namentliche Zeichen dafür, daß Brasilien groß genug war, Yankees, Deutsche und Franzosen, soviel es nur wollte, aufzufressen und zu Brasilianern zu machen.“ Dies weckt die Assoziation mit dem von Oswald de Andrade Ende der 20er Jahre publik gemachten *Manifesto Antropófago* (vgl. ANDRADE 1928). Der Dichter hatte darin das metaphorische Essen, Verdauen und damit die „Verbrasilianisierung“ fremder Einflüsse und Kultur gefordert, um auf diesem Weg etwas ganz Neues, ganz Brasilianisches hervorzubringen. Ob Jacob allerdings de Andrades *Manifesto* kannte, lässt sich heute nicht mehr mit Sicherheit feststellen. Er war jedoch nicht der einzige deutschsprachige Publizist, der die starke gesellschaftliche Assimilationswirkung des Landes mit diesem Bild des „Auffressens“ in Verbindung brachte. 1941 sollte Marte Brill, die 1933 ins Exil nach Brasilien gegangen war, den Vorgang der Assimilierung in ihrem Exilroman *Der Schmelztiegel* ebenfalls mit den Verben „fressen, schlucken und verdauen“ beschreiben.

Wie ein Ungeheuer lag die Stadt [d.i. São Paulo, M.E.] über der Serra und breitete sich aus, [...] fiebernd, kochend, brodelnd von Leben. Das Ungeheuer fraß, schluckte und verdaute Menschen, es gebar neue Menschengeschlechter. Viele Menschenalter hindurch warf eine unsichtbare Hand Menschen aller Rassen in den willigen Schlund, wie trübes Metall in den läuternden Schmelztiegel. (BRILL 2002: 164)

Eine weitere wichtige Thematik dieses Novellenbandes war die Situation und die Lebensweise der Farbigen in Brasilien, denen Jacob die Novelle „Schwarze Leute in Bahia“ widmete. Zwar wies er in „Herr Carlos Müller geht spazieren“ auf die in Brasilien vermeintlich vorhandene „große Vorurteilslosigkeit“ (JACOB 1934: 15) hin und bestätigte in seinem fünf Jahre später verfassten Roman *Estrangeiro*: „Es gab aber keine Farbigenfrage in Brasilien. Gott sei Dank nicht. [...] [Dort hatten] alle Farben Platz [...] Das riesige Areal Brasiliens füllte keine Rasse allein aus.“ (JACOB 1988: 80) Mit dieser Ansicht war Jacob nicht allein. Neben Stefan Zweig glaubte u.a. auch Kasimir Edschmid in den Brasilianern „(e)in vorurteilloses Volk“ anzutreffen.

Der Brasilianer nämlich machte kein Hehl, nicht das geringste Hehl daraus, daß er sich mit Negern vermischt habe – und die guten Brasilianer empfanden diese Vermischung als ein Glück, einen Vorteil, als einen politischen Segen und einen gefühlsmäßigen Nutzen. (EDSCHMID 1957: 414)

Eckl, M. – „Großes zärtliches Brasilien“

In der Novelle „Schwarze Leute in Bahia“ zeigte Jacob aber auch auf, dass Vorwärtskommen der Farbigen trotz der Aufhebung der Sklaverei weiterhin infolge sich hartnäckig haltender „Voreingenommenheiten“ gegenüber ihnen (ROSENFELD 1954: 158), wie es der 1937 nach Brasilien geflohene Anatol Rosenfeld nannte, erschwert würde. Aber auch die Farbigen selbst hätten sich noch nicht von den „Rest[en] sklavischen Aberglaubens“ (JACOB 1934:150) befreit. Jacob folgte mit dieser Beobachtung der Ansicht des bekannten Anthropologen Arthur Ramos, der in diesem Zusammenhang festgestellt hatte: „Seine Seele [d.i. des Farbigen, M.E.] bleibt vielmehr in den Fesseln eines kollektiven Minderwertigkeitskomplexes befangen. Die ‚Farbenlinie‘ hält die arme Rasse so würgend umschürt wie Halseisen, Schandpfeile und Daumenschrauben.“ (RAMOS apud KATZ 1947: 109)

Neben Salvador da Bahia ist Rio de Janeiro der Haupthandlungsschauplatz der Novellen. In der dritten Novelle „Aracy und das Fieber“ hat die Stadt einen zentralen Stellenwert inne. Im Bild, das der Autor von ihr zeichnet, steht wie bei vielen anderen seiner Kollegen der Kontrast zwischen Natur und Stadt im Mittelpunkt. Allerdings findet Jacob seine ganz eigene Art, diesen zu beschreiben und ihn sogar im Namen der Protagonistin sichtbar zu machen (dazu vgl. auch MOZER 2005: 347).

„Aracy!“ Bald zeigte sie auf die eigene Brust, bald auf eine riesige Cattleya [...] Eine Orchidee war sie? [...] Paul wunderte sich nicht darüber, daß seine Freundin Aracy einen Pflanzennamen hatte. War nicht ganz Rio de Janeiro von großer Pflanzlichkeit erfüllt? Die Pflanzen durchdrangen Erde und Wasser, ja, fast noch den steinernen Straßenkern. Etwas Knolliges, Faseriges griff um die Stadt und die Menschen herum [...] Man wußte nicht, wo die Materie aufhörte und Pflanzlich-Tierisches begann. (JACOB 1934: 210/211)

Bereits 1932 hatte Jacob über die Stadt gesagt: „Rio de Janeiro ist eine Stadt von unglaublich konzentrierter Gewalt. [...] Das alles wird mich jahrelang bis in meine Träume verfolgen.“ (JACOB 1992: 42/43) Wie sehr diese Stadt und ganz Brasilien Jacob in ihren Bann gezogen hatten, verdeutlichen diese enthusiastischen Worte, die sich am Ende der Novelle befinden:

Großes zärtliches Brasilien! Er [d.i. Paul, der Protagonist, M.E.] hatte seinen Duft geatmet, das göttliche Gift dieser wilden Mixturen – und Sehnsucht erfaßte aufs Neue sein Herz. Großes, zärtliches Brasilien! Oh, noch einmal den grünen Saum mit eigenen Händen abtasten können! Wie liebte er plötzlich

Eckl, M. – “Großes zärtliches Brasilien”

alle und alles, was ihm dort drüben begegnet war! Oh, alles festhalten: ehe es für immer hinter den Horizont fiel. (JACOB 1934: 304/305)

5. Der Siegeszug des Kaffees als Begründung des modernen Sachbuches

Trotz des 1933 in der *Berliner Börsen-Zeitung* und im *Börsenblatt* veröffentlichten Boykottaufrufs erschien nur ein Monat nach *Treibhaus Südamerika* im Hamburger Rowohlt Verlag *Sage und Siegeszug des Kaffees*, das Werk also, für das Jacob 1932 in Brasilien recherchiert hatte. Es sollte nicht zum Schaden des Verlags werden. Ganz im Gegenteil, mit diesem Buch gelang Jacob noch im Dritten Reich ein so aufsehenerregender Erfolg, dass Goebbels persönlich den Verleger Ernst Rowohlt anrufen und seinem Unmut mit der Aufforderung: „Herr Rowohlt, nehmen Sie Ihren Juden zurück!“ (DORA JACOB apud CLARENBACH 2002: 123) Ausdruck verliehen haben soll. Bedeutsamer als der Verkaufserfolg war für den Schriftsteller Jacob indes die Tatsache, dass er mit seiner kulturhistorischen Abhandlung über die Geschichte des Kaffees für sich reklamieren konnte, der „Vater des modernen Sachbuches“ (JACOB apud CLARENBACH 2000: 128) geworden zu sein. Das stand im Einklang mit den fast ausnahmslos positiven Rezensionen, obwohl die Wurzeln dieses Genres eigentlich bis in die Aufklärung zurückreichen. Indem Jacob darin allerdings charakteristische Elemente des Sachbuchs mit denen des Romans verband, schuf er etwas Besonderes, das erzählerische Sachbuch, worin auch das Geheimnis des Erfolgs dieses Werks lag.

Brasilien widmete er als dem damals weltgrößten Kaffee-Exporteur aus verständlichem Grund eines der insgesamt fünf „Bücher“, aus denen sich das Werk zusammensetzt. Obzwar dieses den bezeichnenden Titel „Die Diktatur Brasiliens“ trägt, ist damit weniger das damals im Land herrschende diktatorische Regime von Getúlio Vargas gemeint. Der Diktator, den er „Staatspräsident“ nannte, wurde von Jacob nur indirekt im Zusammenhang mit der Politik bezüglich des Kaffees thematisiert. Unter „Diktatur“ verstand er vielmehr die Handlungsweise, die der Kaffee dem Land als wichtigstes Exportprodukt aufzwang und die Macht, die er über das Land besaß. Auch Wolfgang Hoffmann-Harnisch betonte die Vorrangstellung des Landes mit dem Satz: „Von Brasilien zu sprechen, heißt vom Kaffee zu sprechen“ (HOFFMANN-HARNISCH 1938: 166) In diesem Sinne sollte auch er

vom Kaffee als „Brasiliens Dämon“, als „Brasiliens Retter und Ernährer, Schöpfer und **Diktator** [Hervorhebung durch die Autorin, M.E.]“⁹ sprechen und eine enge Verbindung zwischen der Mentalität der Brasilianer und dem Nationalprodukt erkennen: „Wie sollte es eine Brasilidade geben, wenn Brasilien keinen Kaffee hätte?“ (HOFFMANN-HARNISCH 1938: 166; 177; 195).

Was die Beurteilung der Sklaverei in Brasilien anbelangt, die den Aufstieg des Landes zum weltgrößten Kaffeeproduzent begünstigt hatte, wird deutlich, dass Jacob ebenso wie so viele andere (stellvertretend seien Stefan Zweig, Richard Katz und Frank Arnau genannt) dem Mythos einer „humanen“ Sklaverei in Brasilien nicht entging, wobei er die bei den Portugiesen nicht vorhandene „Rassenhemmung“ betonte, die zur Vermischung mit „Indianerinnen und Negerinnen“ geführt hatte,

so daß seit vier Jahrhunderten im Brasilianer Halbblut fließt. In einer so beschaffenen Gesellschaft war der Neger zwar ein Sklave, aber keineswegs geächtet. [...] Der Plantagenbesitzer hatte meist so zahlreiche uneheliche Kinder, daß ihn mit den Negerfamilien eine Art von Beziehung verband, welche die äußersten Formen des Hasses zwischen Herren und Sklaven ausschloß. Auch viele Formen des Freikaufs gab es, und mannigfaltige Bestechung vermochte das Los der Sklaven zu lindern. (JACOB 2006: 240)

Obleich nicht mehr mit eindeutiger Sicherheit festgestellt werden kann, ob Jacob Gilberto Freyres Klassiker *Herrenhaus und Sklavenhütte* von 1933 zur Vorbereitung wirklich gelesen hat, so dürfte man doch davon ausgehen können, da er in seiner Argumentationsweise auf von Gilberto Freyre vertretene Ansichten zurückgreift.¹⁰

Stefan Zweig war hinsichtlich der Krise, die durch den eklatanten Preissturz des Kaffees auf dem Weltmarkt in den 30er Jahren ausgelöst wurde und die das Land vor enorme Herausforderungen stellte, geneigt, lediglich den positiven Aspekt zur gleichmäßigeren Ausbreitung seiner Produktion zu sehen (vgl. ZWEIG 1990: 131). Jacob hingegen veranschaulichte diesbezüglich schonungslos die drastischen Auswirkungen in seinem Werk.

⁹ Es lässt sich nicht mehr feststellen, ob Wolfgang Hoffmann-Harnisch Jacobs Kaffeebuch kannte. Aufgrund des überragenden Erfolgs des Werks und der Tatsache, dass die beiden Kollegen waren, dürfte man jedoch annehmen können, dass Wolfgang Hoffmann-Harnisch Jacobs Werk zur Vorbereitung auf seine Brasilienreise gelesen hat. Er widmete der Kaffeeproblematik in seinem Buch ebenfalls ein umfassendes Kapitel (vgl. HOFFMANN-HARNISCH 1938: 166-206).

¹⁰ Aufgrund hervorragender Latein-, Französisch- und Italienischkenntnisse bereitete Jacob die Lektüre portugiesischsprachiger Werke keine Schwierigkeiten.

Eckl, M. – „Großes zärtliches Brasilien“

Da der Preisverfall durch den ständig vorhandenen Überschuss an Kaffee verursacht wurde, konstatierte er die Gefahr, die die Üppigkeit und das überbordende Wachsen und Gedeihen der Pflanzen in den Tropen barg: „Rätselhaft dieser fremde Erdteil mit seinen gefährlichen Reichtümern, die, wenn man sie nicht regulierte, in gräßlichste Armut umschlagen konnte...“ (JACOB 2006: 274). In Brasilien und seiner Kaffeepolitik erkannte er die Gefahren der Abhängigkeit von einem einzigen Produkt. So wurde er Zeuge, wie das Land unter dem Druck, den Kaffeepreis zu stabilisieren, die Ernte verbrannte. Auch wenn er sich bemühte, die Zweckdienlichkeit der Maßnahmen des Vargas-Regimes verständlich zu machen, konnte er sich selbst letztlich aber auch nicht des Eindrucks erwehren, dass „Vernunft [...] Unsinn“ (JACOB 2006: 268) geworden war, der „auf die Fassungskraft, auf die Moral und auf die Seele des einfachen Mannes nicht Rücksicht nimmt!“ (JACOB 2006: 284) Seine eindringliche Darstellung der Verzweiflung in Gestalt eines über die zerstörte eigene Existenz verrückt gewordenen Kaffeepflanzers, der in seiner Not den Plan gefasst hat, den Überschuss mithilfe des Schädlings *broca do café* zu bekämpfen, ist eine düstere Vorwegnahme der Folgen der Globalisierung und verleiht seinem Werk Aktualität.

Es versteht sich von selbst, dass im Kaffeebuch, anders als in *Treibhaus Südamerika*, in dem die Städte Rio de Janeiro und Salvador da Bahia im Mittelpunkt standen, São Paulo und die Städte des gleichnamigen Bundesstaates, des „Kaffeestaates“ Brasiliens, in das Blickfeld des Betrachters gerückt werden. São Paulo schien Jacob eigentlich

überhaupt keine Tropenstadt [zu sein], wenigstens nicht in seinem Stadtkern. Es hatte Polizisten und Autos, Restaurants und Läden, wie wir sie haben – und alles war gar noch überflutet von einer kühlen Vormittagssonne. Man war tausend Meter über dem Meer, also war man auch in den Tropen. (JACOB 2006: 284/285)

Mit der Meinung, dass in São Paulo die Tropen „unsichtbar“ (JACOB 2006: 285) seien, war Jacob nicht allein. Stefan Zweig und Richard Katz zogen gerade im Vergleich zu Rio de Janeiro Parallelen zu US-amerikanischen Städten. Beide betonten in diesem Kontext das rasante Wachstum der Stadt, das von Jacob unerwähnt gelassen worden war.

Um die Stadt Rio de Janeiro darzustellen, müßte man eigentlich ein Maler sein, um São Paulo zu schildern, ein Statistiker oder Nationalökonom. [...] keine Stadt Brasiliens und wenige in der ganzen Erde lassen sich an Ungestüm der Entwicklung dieser ehrgeizigsten und dynamischsten Brasiliens

Eckl, M. – “Großes zärtliches Brasilien”

vergleichen. [...] Schon im siebzehnten Jahrhundert hatte es sich erwiesen, daß der ‚Paulista‘ energischer, tatkräftiger, aktiver gesinnt sich entwickelt als die übrigen Brasilianer. (ZWEIG 1990: 239; 241)

(D)ie Paulistaner [sind] Menschen höheren Härtegrades, als er in den Tropen üblich ist [...] São Paulo ist die einzige Stadt Brasiliens, die es eilig hat; *sehr* eilig sogar. Sie wimmelt wie Ameisenhaufen. In einer Zeitung fand ich sie als *die* Stadt gerühmt, die am allerschnellsten gewachsen ist, schneller als New York, [...] schneller sogar noch als ihr Vorbild Chicago: in zwanzig Jahren um hunderteinundzwanzig Prozent. (KATZ 1947: 24; 88)

Mit der Geschichte des Kaffees wollte Jacob nach eigenen Angaben

die Biographie eines Stoffes [erzählen]. Eines tausendjährigen, treuen und machtvollen Begleiters der ganzen Menschheit. Eines Helden. [...] Sein Einfluss auf den Außenbau und den Innenbau der Gesellschaft; seine Verknüpfung mit ihren Geschicken und mit der Ursache dieser Geschehnisse (JACOB 2006: 16).

Indessen nutzte er dieses Werk auch, um indirekt das austrofaschistische Österreich zu kritisieren. Seine Darstellung der Belagerung Wiens durch die Türken geschah „in einem anderen Licht, als es die Wiener Feierlichkeiten zum 250. Jahrestag der Befreiung wollten“ (MOZER 2005: 73), die dabei ein selbstgerechtes, nationalistisches Selbstbild präsentierten. Damit verband er implizit eine Kritik am Rassismus der 30er Jahre. Goebbels’ Unmut dürfte deshalb wohl nicht nur von der Tatsache hervorgerufen worden sein, dass ein jüdischer Autor derart erfolgreich war, sondern auch, dass dieser wagte, eine solche Kritik im Werk zu äußern.

6. In den Händen der Nazi-Schergen

Nach dem überragenden Erfolg des Kaffeebuchs folgte eine äußerst schwierige Zeit für Jacob. Er war von seiner Halbschwester Alice Lampl unwissentlich in Wertpapierbetrügereien mit hineingezogen worden und wurde schließlich im Dezember 1935 zusammen mit seiner Mutter unter Betrugsverdacht verhaftet. Erst sieben Monate später sollte er nach Hinterlegung einer Kautions von 12.000 Schilling, die er nur mithilfe von Freunden

und Bekannten hatte aufbringen können, wieder entlassen werden; seine Mutter musste sogar über ein Jahr in Haft bleiben. Der Prozess im Februar 1938 endete zwar mit einem Freispruch für Jacob.¹¹ Die Konsequenzen waren jedoch fatal. Einerseits war seine finanzielle Lage wegen des Verdienstausfalls sehr prekär. Andererseits hatte er einen großen Reputationsverlust bei manchen Freunden und Kollegen infolge der Langwierigkeit der Angelegenheit und der Berichterstattung in der Presse erlitten, die aufgrund der politischen Entwicklungen gegen ihn als Juden voreingenommen war.

Am schwersten wog indes die Tatsache, dass Jacob Wien aufgrund der von der Staatsanwaltschaft eingereichten Nichtigkeitsbeschwerde gegen den Freispruch nach der Urteilsverkündung im Februar 1938 nicht hätte verlassen dürfen, selbst wenn er die nötigen Papiere und finanziellen Mittel dazu gehabt hätte. So fiel er wenige Wochen nach der Urteilsverkündung, kurz nach dem „Anschluss“ des Landes an das Dritte Reich im März 1938, in die Hände der Nationalsozialisten. Am 22. März wurde er von der Gestapo verhaftet und in „Schutzhaft“ genommen. Neun Tage später wurde er mit dem „Ersten Österreichertransport“, zu dem u.a. auch sein Freund Raoul Auernheimer, Bruno Heilig und der spätere österreichische Vizekanzler Friedrich Bock gehörten, nach Dachau deportiert.

Dort erwartete ihn der harte KZ-Lageralltag mit schwerster körperlicher Arbeit, Hunger und gesundheitlichen Problemen, von Schikanen und Misshandlungen durch SS-Leute ganz zu schweigen. So wurden ihm bei seiner Bitte um leichtere Arbeit (durch das Schleppen von Steinen und Eisenbahnschienen hatte er sich zwei Leistenbrüche zugezogen) die meisten Zähne des Oberkiefers ausgeschlagen (vgl. GERLACH 2000: 233). Im September 1938 wurde er ins KZ-Buchenwald verlegt, wo sich sein gesundheitlicher Zustand so sehr verschlechterte, dass er einmal während des Appells zusammenbrach. Zwar bekam er die „leichtere“ Arbeit des Steinklopfens zugeteilt, aber infolge von Durchfällen, schweren Lungenkatarrhen, Furunkulose und Gallenkoliken war er dem Tod nahe. Dass er die KZ-Haft dennoch überlebte, verdankte Jacob, wie er rückblickend betonte, seiner Fabulierkunst und der Kraft, die er aus der Erinnerung an glücklichere Tage zog.

Selbstverständlich bemühten sich seine Mutter und seine damalige Verlobte Dora Angel, die er im Februar 1939 heiratete, inständig um seine Entlassung. So waren er und Dora Angel überglücklich, als er als nunmehr gezeichneter und schwerkranker Mann zusammen

¹¹ Seine Halbschwester und seine Mutter wurden zu zwei Jahren bzw. eineinhalb Jahren schweren Kerkers verurteilt.

mit 140 anderen Häftlingen aus der „Ostmark“ auf Grundlage der vorhandenen zur Emigration nötigen Papiere am 10. Februar 1939 aus dem KZ Buchenwald entlassen wurde.¹² Über London sollten die beiden im Juli dank eines Affidavits¹³ eines Onkels, der für sie die Bürgerschaft übernommen hatte, die USA erreichen.

Nach dem Krieg äußerte er sich in einigen Interviews und Gedenkreden zu seiner Zeit im KZ und sah den Beitritt zum Verband der Konzentrationshäftlinge in New York 1946 als Pflicht an, „nicht etwa bloß zur Pflege der Kameradschaft und der Erinnerung [...] [sondern auch um] im amerikanischen Leben ein Mahner und ein Warner zu sein, zu welchen Tiefen der Barbarei ein Volk schließlich gelangen könne, das seine Minderheiten diskriminiere“ (JACOB apud BERLIN 1999: 220). Trotzdem verarbeitete er diese leidvollen Monate im Unterschied zu vielen anderen nicht literarisch. Jedoch sollte die existenzielle Erfahrung seinem Projekt eines zweiten kulturgeschichtlichen Sachbuchs über das Brot, das 1944 zuerst in englischer Fassung im New Yorker Schocken Verlag unter dem Titel *Six Thousand Years of Bread. Its Holy and Unholy History* erschien, einen maßgeblichen Impuls geben.

Seit mir in meiner studentischen Jugend der große Forscher Georg Schweinfurth geraten hatte, mich mit der ‚Weltgeschichte des Brotes‘ zu befassen, [...] hatte ich nicht aufgehört, dieses Thema zu studieren. Und wieviel drängender war es mir jetzt durch das K.Z.-Erlebnis geworden: Wir hatten in Buchenwald kein Brot und aßen die Rinde von den Bäumen ... Seither streichelte ich jedes Brot. (JACOB apud CLARENBACH 2002: 227)

7. „Estrangeiro“ im amerikanischen Exil

Während er die Lagerzeit nicht zu einem Hauptthema seines späteren Werkes machte, sollte er doch die Emigrationserfahrung in seinem unmittelbar nach Ankunft in den USA begonnenen Roman *Estrangeiro* literarisch verarbeiten. Darin schilderte er in verfremdeter

¹² Erst kurz vor ihrem Tod vertraute sich Dora Jacob Hans Jörgen Gerlach an und gestand ihm, dass „ein hoher Wiener Gestapo-Offizier die Freilassung ihres Verlobten in Aussicht gestellt habe, wenn sie sich ihm sexuell hingeben würde. Wissend, wie grausam die Situation im Konzentrationslager [sic] war und wie nah am Tod sich ihr Verlobter bewegte, gab sie der Erpressung nach. Dora Jacob litt zeitlebens unter dieser Nötigung“ (GERLACH 2000: 236).

¹³ Dies war die für ein US-Visum benötigte, eidesstattliche, vor einem Notar geleistete Erklärung einer in den USA ansässigen Person, dass sie bereit ist, für eine Person, die ein Visumsgesuch gestellt hat und einzuwandern beabsichtigt, zu bürgen, damit diese der amerikanischen Öffentlichkeit nicht zur Last fällt. Die Bürgerschaftsfähigkeit musste nachgewiesen werden.

Eckl, M. – "Großes zärtliches Brasilien"

Form seine eigenen Ängste als Immigrant in einer ihm unbekanntem Nation. Denn Jacob empfand die Emigration, wie er in diesem Zusammenhang seinem früheren, 1941 nach Brasilien exilierten Kollegen des *Berliner Tageblatts* Ernst Feder gegenüber feststellte, als „ein hartes Schicksal [...], das nur mit der äußersten Anstrengung aller Seelen- und Geisteskräfte zu meistern war.“ (JACOB 1952a). Und so spiegelte der Roman die Befürchtung des Schriftstellers wider, im Zufluchtsland keine Anerkennung mehr zu finden.

Eigentlich macht jede Ortsveränderung den Menschen im Innersten erbeben. Er hat zwar Füße: das ist ein Zeichen, daß Gott den Wandertrieb in ihn legte. Und dennoch: die Seele muß so etwas wie eine Pflanze sein! Sonst spürte sie nicht diese grausame Angst, ihr gewohntes Erdreich zu verlassen. (JACOB 1988: 30)

Um das „Einwandererschicksal“, so der Untertitel des Werkes, darzustellen, wählte er als Handlungsschauplatz allerdings nicht sein eigenes Exilland, die Einwanderernation USA, sondern Brasilien. „Dass ich dieser Situationstragik das brasilianische Gewand gab, dazu bewogen mich Liebe und Staunen, die ich nicht von mir getan habe seit ich Euer schönes Land besuchte“ (JACOB 1952b), schrieb er 1952 Ernst Feder.

Das Werk *Estrangeiro* war ihm nicht nur wegen der Frage des Emigrationsschicksals persönlich sehr „teuer“, sondern auch „wegen seiner ethischen Problemstellung [...] (Fremde gegen Mensch und Mensch gegen Fremde)“ (JACOB 1952b). In seinem Einwandererroman ließ er das vermeintliche Paradies Brasilien für seinen Protagonisten ungarischer Herkunft, Elemer Hegedüs, zur Hölle werden. Der Kaufmann Hegedüs, der eine Möglichkeit gefunden hat, Brasilien von der vom Land in riesigen Mengen benötigten indischen Jute unabhängig zu machen, fühlt sich den Brasilianern überlegen und misstraut ihnen. Angesichts der in Teilen der brasilianischen Gesellschaft verbreiteten Ressentiments gegenüber Fremden und deren politischer und wirtschaftlicher Einflussnahme glaubt er sich bestätigt, ohne zu bemerken, dass er mit seinem überheblichen Auftreten diese damit verstärkt. Beim Bemühen, sich eine Existenz aufzubauen, sieht er sich deshalb einem rücksichtslosen Überlebenskampf ausgesetzt, in dem jeder auf den eigenen Vorteil bedacht ist. Jacob versinnbildlicht diesen in der Schilderung des brasilianischen Urwalds.

Der Urwald war der Kampf aller gegen alle; die Hölle, welche Myriaden von Pflanzen sich und dem Nachbarn bereiteten. Die Schlacht der Pflanzen

Eckl, M. – „Großes zärtliches Brasilien“

gegeneinander geschah stumm, heftig und verbissen. [...] Nicht nur die Fremden fraßen das Fremde. Sogar je verwandter die Arten waren, desto eher töteten sie sich. Und es häuften sich die Leichen, die übereinander hinsanken und Moder wurden und fruchtbarer Dung für die Wurzelgefäße der Lebenden. [...] Obwohl jeder Sohn hier den Vater fraß – dies war ehernes Gesetz –, wenn nicht vorher der Vater den Sohn durch Schattenübermaß erdrückte. [...] Alles lebte hier von Leichen. [...] Denn selbst die Toten waren nicht tot. Sie bildeten, indem sie zerfielen, neue Zellstaaten und Symbiosen, sie paarten, teilten sich, standen auf, verließen den Hades und lebten nochmals! Ein erstarrtes Gelächter ging durch das Ganze, ein unvorstellbarer Übermut. (JACOB 1988: 171-173)

Das vom Autor gezeichnete Bild der brasilianischen Natur brach folglich mit der eng zu Brasilien gehörenden Vorstellung eines irdischen Gartens Eden. Anders als von Stefan Zweig dargestellt, wird Brasilien für Hegedüs kein „Land der Zukunft“. Brasilien lässt dunkle, bisher unbekannte Seiten seiner Persönlichkeit zum Vorschein bringen und Hegedüs schließlich zum Mörder werden.

Obzwar Jacob mit diesem Werk, wie oben erläutert, auch eigene Ängste verarbeiten wollte, beruhte der Plot des Romans doch auf einer wahren Begebenheit, allerdings ohne deren tragischen Ausgang¹⁴. Anhand des gescheiterten Emigrationsschicksals von Hegedüs veranschaulichte Jacob ferner den zunehmenden Nationalismus in Brasilien, der in den 30er Jahren vor allem durch die Nationalisierungskampagne des diktatorischen Regimes von Getúlio Vargas gefördert wurde. Die im Rahmen dieser Politik durchgeführten Maßnahmen zielten im Wesentlichen darauf ab, die nationalen Minderheiten in die brasilianische Nation zu „integrieren“ und die portugiesische Sprache ebenfalls in deren Gemeinden zu verankern. Wie Richard Katz (vgl. KATZ 1951: 50) sah Jacob den Minderwertigkeitskomplex gegenüber allem Fremden durch einen betonten Nationalismus ersetzt. „Unfaßbar, woher dieser Wind wehte: Jahrhundertlang hatte Brasilien schweigend der Krone Portugals gedient und ihr alles hingegeben [...], ohne jemals aufzutrumphen. Plötzlich hatte es sich besonnen: Dies und jenes Ding wächst bei uns, darum sind wir besser als alle andern!“ (JACOB 1988: 99/100) Doch auch Stefan Zweig, der sich in seinem Brasilienbuch bezüglich des Vargas-Regimes nur

¹⁴ 1940 ließ er seine Mutter hinsichtlich des Romans wissen: „(A)ls ich im Jahre 1932 dort [d.i. Brasilien, M.E.] war, erzählte mir ein ungarischer Kaufmann, wie wenig die Leute dort vom Textilgewerbe verstehn. Sie wüßten nicht, daß sie die Jute für ihre Kaffeesäcke im eigenen Lande herstellen lassen könnten, anstatt sie für teures Geld aus Indien zu beziehen. Er selbst aber, der Ungar, war ein Fremder und könne dies den dortigen maßgeblichen Stellen nicht vorschlagen: man würde von ihm keinen Ratschlag hören wollen. Ich erinnere mich recht gut, daß ich gleich nach meiner Rückkehr meiner Schwester und Dir diese Anekdote erzählte. Jetzt ist sie der Grundstock meines Buches geworden. (JACOB apud CLARENBACH 2002: 195)

zurückhaltend geäußert hatte, erkannte diese nachteilige Veränderung. Hatte er in *Brasilien. Ein Land der Zukunft* noch festgestellt: „(E)s ist kein Zufall, daß es [...] heute, da es als Diktatur gilt, mehr individuelle Freiheit und Zufriedenheit kennt als die meisten unserer europäischen Länder.“ (ZWEIG 1990: 21/22), so schrieb er 1941 seinem Freund Felix Braun: „(L)eider beginnt auch hier jetzt Selbstgefühl und Nationalismus – die Weltkrankheit.“ (ZWEIG 1941).

Trotz des tragischen Ausgangs des Schicksals von Hegedüs ließ Jacob das Werk versöhnlich enden. Carlos Bahiano, ein Literaturprofessor, der sich in Hegedüs' Schwester Gertie verliebt hat, hält bei Hegedüs' Mutter Ilona um die Hand der Tochter an, obwohl er weiß, dass der Bruder einen Mord begangen hat, denn „(e)s ist gegen unsere Landessitte, zwei Frauen einsam und schutzlos zu lassen“ (JACOB 1988: 251). Mit diesem Hinweis auf den Edelmut der Brasilianer brachte Jacob letztlich seine „Botschaft der Liebe für Brasilien“ zum Ausdruck, die er im Werk für „unüberhörbar“ (JACOB 1952a) hielt.

Seinen Freunden gegenüber betonte Jacob, dass er anhand der Geschichte des Ungarn „eine menschliche **Ursituation**“ behandelt habe, „die sich zu jeder Zeit und in jedem Lande genauso hätte abspielen können“ (JACOB 1951c) und „in jedem Jahrhundert verschieden gefärbt [ist] durch verschiedene Umstände, Umstände, die oft alle Elemente der Tragik und auch solche Komik enthalten.“ (JACOB apud BERLIN 1999: 235). Willy Haas schrieb er dazu:

Es ist ein Buch, das [...] im fremden Erdteil spielt, in Brasilien, wo nun gleichsam die Lebens- und Glücksgesetze eines anderen Sterns gelten. Mein Held ist ein Ungar, der [...] seinem neuen Vaterlande viel zu geben hätte, aber ein gewisser Hochmut und eine innerliche Fremdheit hindert ihn daran vorwärtszukommen. Dadurch entwickelt sich bei ihm seinen neuen Mitbürgern gegenüber eine Neurose. Wenn es dann aber schließlich zu der unausbleiblichen Katastrophe kommt, dann allerdings liegt die Hauptschuld nicht auf seiner Seite. Denn auch ihm gegenüber hat der fremde Erdteil eine Angst und Abwehr-Neurose entwickelt. [...] Elemer Hegedüs macht einfach die Erfahrung, dass die fremden materialreichen, aber menschenarmen Länder den Überschuss der europäischen Nationen zwar **brauchen**, aber unglücklich darüber sind, dass sie seiner bedürfen und dass sie den Einwanderer deshalb instinktiv abwehren. Meines Wissens ist bisher gerade dieser **allerwichtigste** Punkt mit seinen von ihm ausstrahlenden Schmerzen noch in keinem Auswanderungsroman klinisch aufgezeigt worden. (JACOB 1951b)

Wie eindringlich Jacob die Tragik des Fremdseins und all die damit verbundenen Probleme im Roman zu schildern vermochte, spiegelt Thomas Manns Urteil wider. Der Schriftsteller hatte Jacob geschrieben, es sei „ein erfahrenes und erlittenes Buch, das seinen Leser mit- und nachleiden macht.“ (JACOB 1951c) Umso mehr freute es Jacob, dass ausgerechnet dieses Buch, das als erstes nach dem Zweiten Weltkrieg in Deutschland erschien, „einen ausgesprochenen Erfolg“ (JACOB 1952a) verzeichnete, an den er in dieser Weise nicht geglaubt hatte, wengleich auch die Verkaufszahlen hinter den Erwartungen von Jacobs Verleger zurückblieben. Jahrelang hatte er den Roman zuvor vergeblich amerikanischen Verlagen angeboten.¹⁵

Tatsächlich gelang es ihm im amerikanischen Exil nicht, ein einziges erzählerisches Werk unter eigenem Namen zu veröffentlichen. Vielmehr wurde er seitens der Verlage aufgrund des großen Erfolgs seines Kaffeebuches und seiner Johann Strauss-Biographie, die 1935 bzw. 1939 in den USA herausgekommen waren, als Sachbuchautor wahrgenommen. Es erstaunt daher nicht, dass schließlich sein zweites kulturhistorisches Sachbuch über die Geschichte des Brots die wichtigste Publikation der amerikanischen Exilzeit darstellte. Aber obwohl das 1944 erschienene Werk *Six Thousand Years of Bread. Its Holy and Unholy History* zur Pflichtlektüre an amerikanischen Schulen und Universitäten gehörte, glückte Jacob damit nicht der Durchbruch als Autor. Seinen Lebensunterhalt verdiente er sich hauptsächlich durch seine Mitarbeit an der New Yorker Zeitung *Aufbau*, die zahlreichen Exilanten eine Arbeitsmöglichkeit gab.

Hatte er auch für das wichtige Thema Emigration nicht die USA als Handlungsort ausgewählt, so erwies er seinem Zufluchtsland doch noch mit einem ganz besonderen Werk seine Reverenz, der Biographie über die Dichterin Emma Lazarus, die die berühmten Verse am Sockel der Freiheitsstatue verfasst hatte. In seinem „erste(n) rein amerikanische(n) Buch“ (JACOB apud BERLIN 2008: 719) *The World of Emma Lazarus* ging Jacob nicht nur auf das amerikanische Element dieses Lebenswegs ausführlich ein, sondern setzte sich auch intensiv mit der jüdischen Herkunft seiner Protagonistin auseinander. Trotz bester Kritiken und der Tatsache, dass das Werk pünktlich zum 100. Geburtstag von Emma Lazarus herauskam und die erste vollständige Biographie der Dichterin war, wurde es kein Verkaufserfolg, wie vom

¹⁵ Eine Ursache für den Erfolg in Deutschland vermeinte Jacob in Brasilien als Romanhandlungsort zu erkennen: „Auf Grund ganz natürlicher, psychologischer Gesetze ist jetzt eine große „Weltsehnsucht“ in Deutschland vorhanden; eine Sehnsucht nach fremden Farben und Lebensformen, nach dem [sic] Problemen ferner Länder an Stelle der eigenen Probleme.“ (JACOB apud BERLIN 1999: 235)

Autor erwartet und erhofft. Dies bestärkte Jacob in seinem Gefühl, dass er wie sein Protagonist Hegedüs in seinem Zufluchtsland auch nach langen Jahren noch immer ein „Estrangeiro“ war und dort nicht wirklich heimisch werden konnte. Es ist deshalb nicht verwunderlich, dass er sich 1953 entschloss, nach Europa zurückzukehren.

8. Heimatlose Rückkehr nach Europa

Zu jenem Zeitpunkt seiner Rückkehr hatte er nicht nur schon wieder mehrere Werke in Deutschland veröffentlicht, wie den oben erläuterten Roman *Estrangeiro*, eine Neuauflage seines Kaffeebuches und die Haydn-Biographie (vgl. JACOB 1952), sondern auch mehrere Verträge über neue Werke abgeschlossen. Dennoch sollte er auch in Europa keine Heimat mehr vorfinden. Vielmehr wurde er

zu einem rastlosen Wanderer zwischen den Welten. Ohne festen Wohnsitz, mit stark beschädigter Gesundheit – und damit Arbeitskraft –, verstand Jacob seine Geschichte als paradigmatisch für die Hiob-Erfahrung des ganzen jüdischen Volkes. Trotzdem klagt er den Feind (Deutschland) nicht an, sondern versucht ‚im Vergangenen einen Funken der Hoffnung anzufachen‘ (Benjamin). (GERLACH apud BERLIN 1999: 224)

Wie zuvor in den USA wurde er hinsichtlich seines literarischen Schaffens im Nachkriegsdeutschland im Wesentlichen auf das Sachbuch und die Musikerbiographien festgelegt. In der Tat erhielten seine Strauß-, Haydn- und Mozart-Biographien (vgl. JACOB 1952; 1953; 1956) sowie die deutsche Fassung des Brotbuchs unter dem Titel *Sechstausend Jahre Brot* (vgl. JACOB 1954) unzählige positive Rezensionen und erwiesen sich durchaus als erfolgreich. Er knüpfte daher 1959 mit *Felix Mendelssohn und seine Zeit* (vgl. JACOB 1959) an die Musikerreihe an. Aber er wählte das Thema nicht allein aus diesem Grund aus. Es galt vielmehr, das Unrecht, das Antisemiten und Nationalsozialisten an diesem Künstler begangen hatten, indem sie ihn als „undeutsch“ und „verjudet“ aus der deutschen Kultur verdrängt hatten, wiedergutzumachen, zumal Jacob selbst Parallelen zu seinem eigenen Schicksal darin wahrnahm. Es sollte Jacobs letztes Werk bleiben.

Nach 1959 wurde er zwar noch vermehrt journalistisch tätig, schrieb insbesondere Beiträge über Komponisten und Schriftstellerkollegen, darunter auch Artikel über Stefan

Eckl, M. – "Großes zärtliches Brasilien"

Zweig und dessen Selbstmord in Petropolis, aber es zeichnete sich doch eine zunehmende Konzentrationsschwäche und ein Gedächtnisverlust ab. Er starb schließlich am 25. Oktober 1967 in Salzburg an den Folgen eines schweren Herzanfalls.

Archivalische Quellen

JACOB 1951a = Brief von Heinrich Eduard Jacob an Ernst Feder, 10.04.1951. In: Nachlass Heinrich Eduard Jacob. Deutsches Literaturarchiv, Marbach am Neckar, Bestand A: Jacob H.E.

JACOB 1951b = Brief von Heinrich Eduard Jacob an Willy Haas, 24.09.1951. In: Nachlass Heinrich Eduard Jacob. Deutsches Literaturarchiv, Marbach am Neckar, Bestand A: Jacob H.E.

JACOB 1951c = Brief von Heinrich Eduard Jacob an Ernst Feder, 12.11.1951. In: Nachlass Heinrich Eduard Jacob. Deutsches Literaturarchiv, Marbach am Neckar, Bestand A: Jacob H.E.

JACOB 1952a = Brief von Heinrich Eduard Jacob an Ernst Feder, 04.03.1952. In: Nachlass Heinrich Eduard Jacob. Deutsches Literaturarchiv, Marbach am Neckar, Bestand A: Jacob H.E.

JACOB 1952b = Brief von Heinrich Eduard Jacob an Ernst Feder, 17.07.1952. In: Nachlass Heinrich Eduard Jacob. Deutsches Literaturarchiv, Marbach am Neckar, Bestand A: Jacob H.E.

ZWEIG 1941 = Brief von Stefan Zweig an Felix Braun, 21.11.1941. In: Nachlass Felix Braun, Wienbibliothek im Rathaus, Handschriftenabteilung, I.N. 198.123.

Literaturverzeichnis

ANDRADE, Oswald de. „*Manifesto Antropófago*“. In: *Revista de Antropofagia*, 1 (1), Mai 1928. In: http://www.antropofagia.com.br/antropofagia/pt/man_antropo.html (17/01/2008).

ARNAU, Frank. *Der verchromte Urwald. Licht und Schatten über Brasilien*, Frankfurt am Main, Umschau Verlag, 1956.

BERLIN, Jeffrey B. „,War unsre [KZ] Gefangenschaft ein Einzelfall, etwas Monströs-Zufälliges oder war die die natürliche Folge natürlicher Gegebenheiten?‘ – The

Eckl, M. – "Großes zärtliches Brasilien"

- Unpublished Exile Correspondence between Heinrich Eduard Jacob und Raoul Auernheimer (1939-1943)". In: *Germanisch-Romanische Monatsschrift* 49 (2), 1999, 209-239.
- BERLIN, Jeffrey B. „Erfahrung und Zeugenschaft. Perspektiven zur Entstehungsgeschichte von Heinrich Eduard Jacobs Biographie *The World of Emma Lazarus*“. In: *Etudes Germaniques*, 63 (4), Oktober-Dezember 2008, 707-722.
- BRILL, Marte. *Der Schmelztiegel*, Frankfurt am Main, Edition Büchergilde, 2002.
- CLARENBACH, Anja. *Finis libri. Der Schriftsteller und Journalist Heinrich Eduard Jacob (1889-1967)*. Hamburg, Doktorarbeit. Universität Hamburg, 2003. In: www.sub.uni-hamburg.de/opus/volltexte/2002/948/pdf/dissertation.pdf (29.08.2008).
- ECKL, Marlen. „Richard Katz – Weltreisender und Brasilianer des Herzens“. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, 56, 2009, 147-171.
- EDSCHMID, Kasimir. *Glanz und Elend Südamerikas. Roman eines Erdteils*, Hamburg/Wien, Paul Zsolnay Verlag, 1957.
- ETTE, Ottmar. „Est-ce que l'on sait où l'on va? Dimensionen, Orte und Bewegungsmuster des Reiseberichts“. In: BERNECKER, Walther L.; KRÖMER, Gertrud (Hg.): *Die Wiederentdeckung Lateinamerikas. Die Erfahrung des Subkontinents in Reiseberichten des 19. Jahrhunderts*, Frankfurt am Main, Vervuert Verlag, 1997, 29-75.
- FLEISCHER, Marion. „Das vertraut gewordene Fremde. Heinrich Eduard Jacobs Roman „Jaqueline und die Japaner““. In: SHICHIJI, Yoshinori (Hg.): *Erfahrene und imaginierte Fremde. Akten des VIII. Internationalen Germanisten-Kongresses Tokyo 1990*, München, Iudicium Verlag 1991, 474-480.
- FLUSSER, Vilém. *Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen. Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung*, Mannheim, Bollmann Verlag, 1994.
- FREYRE, Gilberto. *Herrenhaus und Sklavenhütte. Ein Bild der brasilianischen Gesellschaft*, Stuttgart, Klett-Cotta Verlag, 1982.
- GERLACH, Hans Jürgen. *Heinrich Eduard Jacob. Between two Worlds - Zwischen zwei Welten. Bio-bibliographische Angaben zu Heinrich Eduard Jacob 1889-1967*, Berlin, Unveröffentlichtes Typoskript, 1994.
- GERLACH, Hans Jürgen. „Heinrich Eduard Jacob“. In: SPALEK, John M.; FEILCHENFELDT, Konrad; HAWRYLCHAK, Sandra H. (Hg.): *Deutschsprachige Exilliteratur seit 1933 Bd. 3 USA*. Bern/München, K. G. Saur Verlag, 2000, 215-257.
- HOFFMANN-HARNISCH, Wolfgang. *Brasilien. Bildnis eines tropischen Großreiches*, Hamburg, Hanseatische Verlagsanstalt, 1938.
- HOHMANN, Jens-Erik. *Unvergänglich Vergängliches. Das literarische Werk Heinrich Eduard Jacobs*, Lübeck, Der andere Verlag, 2006.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Die Wurzeln Brasiliens*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1995.
- JACOB, Heinrich Eduard. „Aus einem südamerikanischen Tagebuch: Audienz beim brasilianischen Außenministerium“. In: *Die literarische Welt*, 8 (45), 1932, 3-4.

Eckl, M. – “Großes zärtliches Brasilien”

- JACOB, Heinrich Eduard. *Die Reise durch den belgischen Krieg*. Berlin, Erich Reiß Verlag, 1915.
- JACOB, Heinrich Eduard. *Treibhaus Südamerika. Novellen*, Zürich, Bibliothek zeitgenössischer Werke, 1934.
- JACOB, Heinrich Eduard. *Joseph Haydn, Seine Zeit, Sein Ruhm*, Christian Wegner Verlag, Hamburg, 1952.
- JACOB, Heinrich Eduard. *Johann Strauß, Vater und Sohn. Die Geschichte einer musikalischen Weltherrschaft*, Hamburg, Rowohlt Verlag, 1953.
- JACOB, Heinrich Eduard. *6000 Jahre Brot*, Hamburg, Rowohlt Verlag 1954.
- JACOB, Heinrich Eduard. *Mozart oder Geist, Musik und Schicksal eines Europäers*, Büchergilde Gutenberg, Frankfurt am Main, 1956.
- JACOB, Heinrich Eduard. *Felix Mendelssohn und seine Zeit. Bildnis und Schicksal eines Meisters*, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 1959.
- JACOB, Heinrich Eduard. *Estrangeiro. Einwandererschicksal in Brasilien*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt Verlag, 1988.
- JACOB, Heinrich Eduard. *Mit dem Zeppelin nach Pernambuco*, Berlin, Katzengraben-Presse, 1992.
- JACOB; Heinrich Eduard. *Kaffee. Die Biographie eines weltwirtschaftlichen Stoffes*, München, Oekom Verlag, 2006.
- KATZ; Richard. *Seltsame Fahrten in Brasilien*, Erlenbach-Zürich, Eugen Rentsch Verlag, 1947.
- KATZ, Richard. *Begegnungen in Rio*, Erlenbach-Zürich, Eugen Rentsch Verlag, 1951.
- KATZ, Richard. *Allerhand aus fernem Land*, Zürich, Fretz & Wasmuth Verlag, 1952.
- KATZ, Richard. *Zickzack durch Südamerika. Schnaps, Kokain und Lamas*, Erlenbach-Zürich, Eugen Rentsch Verlag, 1955.
- KATZ, Richard. „Fernes Brasilien“ in: Aktiengesellschaft für Nestlé Produkte (Hg.): *Brasilien, Zukunftsland*, Vevey, Nestlé. 1963, 5-20.
- KESTLER, Maria Izabela Furtado. *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten*, Frankfurt/Berlin/New York/Paris/Wien, Peter Lang Verlag, 1992.
- KESTLER, Maria Izabela Furtado. *Exílio e literatura. Escritores de fala-alemã durante a época do nazismo*, São Paulo, EdUSP, 2003.
- MOZER, Isolde. *Zur Poetologie bei Heinrich Eduard Jacob*, Würzburg, Königshausen & Neumann, 2005.
- PRUTSCH, Ursula; ZEYRINGER, Klaus. *Die Welten des Paul Frischauer. Ein „literarischer Abenteurer“ im historischen Kontext Wien – London – Rio – New York – Wien, Wien/Köln/Weimar*, Böhlau Verlag, 1997.

Eckl, M. – “Großes zärtliches Brasilien”

ROSENFELD, Anatol. „Die Situation der Farbigen in Brasilien“. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, 2, 1954, 155-174.

SCHÜLER, Heinrich. *Brasilien. Ein Land der Zukunft*, Stuttgart/Berlin, Deutsche Verlagsanstalt, 1921.

ZWEIG, Stefan. *Brasilien. Ein Land der Zukunft*, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 1990.

Zur brasilianischen Textart “Memorial Acadêmico” – wie man sich in Brasilien auf eine akademische Stelle bewirbt

Kathrin Schweiger*

Abstract: This paper analyses the Brazilian genre “Memorial acadêmico” and its function, outlining similarities and differences in comparison with the German Genre “Akademischer Lebenslauf. Based on a corpus of seven “Memoriais”, differences in terms of proposition and illocution between these two genres were identified.

Key-words: Genre in Academic Setting, Autobiography, Contrastive Analysis of Genres.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o gênero “Memorial Acadêmico” e as suas funções, propõe também uma discussão entre as semelhanças e diferenças entre esse gênero e o gênero “Akademischer Lebenslauf”, usual na Alemanha. O estudo baseou-se em seis *Memoriais* nos quais podem-se constatar as diferenças do gênero tanto na proposição quanto na ilocução, assim como o seu uso nos respectivos países.

Palavras-chaves: Gênero acadêmico, Autobiografia, Análise Contrastiva de Gêneros Acadêmicos.

Zusammenfassung: Um sich in Brasilien auf eine wissenschaftliche Stelle zu bewerben, muss oftmals ein “Memorial Acadêmico” eingereicht werden. Eine Textart, die es so im deutschsprachigen Raum nicht gibt. Eine in funktionaler Hinsicht ähnliche Textart liegt im “Akademischen Lebenslauf” vor. In diesem Artikel sollen anhand eines Korpus von sechs “Memoriais” Unterschiede und Gemeinsamkeiten in Illokution und Proposition dieser beiden Textarten aufgezeigt werden.

Stichwörter: Akademischer Text; Autobiografie; Kontrastive Analyse akademischer Textarten.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo.
Email: schweiger@usp.br

O. Einleitung

Wenn man sich in Brasilien auf eine wissenschaftliche Stelle bzw. auf eine Dozentenstelle an der Universität bewirbt, muss man ein so genanntes *Memorial Acadêmico* einreichen. Zunächst einmal findet sich in Deutschland bzw. im deutschsprachigen Raum keine dem brasilianischen *Memorial* eins zu eins entsprechende Textart¹. Grundsätzlich entspricht diese Textart aber hinsichtlich ihrer Funktion dem in Deutschland geläufigen *Akademischen Lebenslauf*. Bevor der Wissenschaftler eine neue Stelle an einer Universität antritt, muss er sich normalerweise einem Auswahlverfahren unterziehen; dieses beginnt schon mit dem Abfassen und Einreichen des Lebenslaufes. Zwischen der brasilianischen Version und der deutschen bestehen jedoch große Unterschiede bezüglich Proposition (Inhalt), Illokution (Sprechhandlungen) und Stil. Diese Unterschiede sollen in der vorliegenden Arbeit dargestellt werden. Es zeigt sich, dass es sich beim *Memorial Acadêmico* nicht um eine verschiedensprachige Version eines *akademischen Lebenslaufes* handelt, sondern um eine in jeder Beziehung andersartige Textart. Als Korpus dienen sechs Exemplare der Textart *Memorial*, die bei Bewerbungen um Dozentenstellen der Literatur-, Sprach- und Geschichtswissenschaft vorgelegt wurden².

1. Zur kulturellen Bedingtheit von Texten

Es wird davon ausgegangen, dass Textarten kulturell geprägt sind, d.h., die Denkweisen, Vorstellungen und Verhaltensweisen einer Gesellschaft X spiegeln sich in ihnen

¹ „Eine Textart ist eine zweckbezogene Tiefenstruktur, die spezifische kommunikative Aufgaben zu bearbeiten gestattet, denen repetitiv immer neue Handelnde gegenüberstehen. Textarten sind also Großmuster des sprachlichen Handelns, denen eben jener Ressourcencharakter zukommt, der für die Bearbeitung gesellschaftlicher Zwecke unumgänglich ist (EHLICH 2000:11)“. Zentral für Ehlichs Textdefinition ist der gesellschaftliche Zweck, das heißt, dass der spezifische Zweck einer Textart X in einen größeren gesellschaftlichen Zusammenhang eingebunden ist – hier in die Institution der Wissenschaft; der Universität und ihren zugehörigen Einrichtungen.

² Die *Memoriais* sind grundsätzlich der Öffentlichkeit zugänglich, dies entspricht dem transparenten Bewerbungsprozess in Brasilien. Dennoch handelt es sich m. E. um eine sehr persönliche Textart, sodass die Namen der Verfasser nicht direkt genannt werden. Die *Memorias* stammen aus den Universitäten UNESP Assis (zwei *Memoriais* eingereicht bei der Französischfakultät 1989, Theoretische Literatur 1987), UNESP Araraquara (Deutschfakultät 2002, Italienischfakultät 2002), UNESP São José de Rio Preto (Französischfakultät 1993), USP São Paulo (Fakultät für Geschichte, 1987).

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart "Memorial Acadêmico"

wider (REHBEIN 1985: 30). Dabei ist Kultur das Resultat einer historisch gewachsenen Entwicklung, bei der Sprache eine mediale Funktion zukommt. Zudem manifestieren sich in ihr die kulturellen Eigenheiten einer Gemeinschaft, d.h., die sprachlichen Ausdrucksformen werden durch Kultur geprägt (a.a.O.).³

Textarten, denen der gleiche Zweck zugrunde liegt, die aber aus unterschiedlichen Kulturkreisen kommen, können daher Unterschiede in ihren Textmustern aufweisen. Diese Unterschiede können maßgeblich dazu beitragen, dass die Texte nicht als Textart als solche begriffen werden. Nach ESSER (1997) sind diese Unterschiede sowohl bei der sprachlichen Darstellung als auch bei der strukturellen Aufmachung der Texte auszumachen. Dabei weist sie ausdrücklich darauf hin, dass man bei einem Vergleich der Texte es nicht bei einer kontrastiv sprachlichen Untersuchung belassen darf. Vielmehr müssen die Texte in einen „kulturellen Bezugsrahmen“ (ESSER 1997:35) gestellt werden. Demnach bestimmen „(...) außertextuelle⁴, kulturbezogene Faktoren das Textmuster einer Textsorte, also ihre inhaltliche, strukturelle, sprachliche und funktionale Gestaltung (...)“ (ebd.).

Ich gehe davon aus, dass ein *Memorial acadêmico* und ein *akademischer Lebenslauf* die gleiche Funktion aufweisen: sich bewerben um eine Stelle. Bei beiden geht es darum, seine Lebensstationen in einer für den potenziellen „Arbeitgeber“ relevanten Darstellung offen zu legen. Allerdings zeigt sich schon in der Bezeichnung „relevant“ die kulturelle Dimension beim Verfassen dieser Textart. Im Folgenden möchte ich anhand von Auszügen aus den mir vorliegenden „Memoriais“ funktional-pragmatische sowie kulturelle Eigenschaften dieser Textart aufzeigen. Zunächst soll aber unter Punkt zwei noch eine etymologisch-definitivische Skizzierung der Begriffe *Biografie*, *Autobiografie* und *Memoiren* vorgenommen werden.

³ Nach KAISER (2002) stellt sich dabei aber zu Recht die Frage, inwieweit sprachliche Ausdrucksformen ihrerseits wiederum die kulturelle Dimension prägen.

⁴ „außertextuell“ meint nach EHLICH (2000) den Zweck.

2. Biografie – Autobiografie – Memoiren – Memorial Acadêmico

Die Begriffe *Memorial/Memoiren* gehen auf das lateinische Wort *memoria*⁵ (*Erinnerung, Gedenken*) zurück. Wenn wir im Deutschen von *Memoiren* sprechen, werden diese dabei oftmals mit der Textart *Autobiografie* verwechselt. Eine Autobiografie ist eine Biografie (von griech. *bios* - *Leben*; *grafein* - *schreiben*), die von einer Person selbst (*auto*) geschrieben wird (MISCH 1989), während die Biografie das Leben einer Person beschreibt, ohne dass es eine Übereinstimmung zwischen Autor und Protagonisten der Handlung gibt. LEHMANN (1988: 36) definiert die Autobiografie aus pragmatischer Perspektive als eine „(...) Textart, durch die ihr Autor in der Vergangenheit erfahrene innere und äußere Erlebnisse sowie selbst vollzogene Handlungen in einer das Ganze zusammenfassenden Schreibsituation sprachlich in narrativer Form so artikuliert, daß er sich handelnd in ein bestimmtes Verhältnis zur Umwelt setzt“. BRUSS (1989: 273) spricht von „Regeln für den autobiografischen Akt“. Der Autor verpflichtet sich zur Wahrheit seiner Geschichte, während der Leser sowohl die ihm präsentierten Ereignisketten als auch die Identität zwischen Autor, Erzähler und Protagonisten als Faktum anerkennt. Wie schon erwähnt, wird die Textart der *Memoiren* häufig unter die oben genannte Definition von Misch subsumiert; literaturwissenschaftlich betrachtet unterscheiden sich aber die *Memoiren* und die *Autobiografie* in einem Punkt. Während die *Autobiografie* die Entwicklung einer individuellen Persönlichkeit zu rekonstruieren versucht, das heißt, den Menschen von Anfang an bis hin zu seiner Sozialisierung unter Augenschein nimmt, befassen sich *Memoiren*⁶ mit dem Werdegang einer Person im Rahmen ihres gesellschaftlichen Umfelds. Damit ist gemeint, dass die soziale Funktion der Person im Mittelpunkt steht wie z.B. beruflicher Werdegang, politische Karriere, das Schaffen als Künstler etc. Des Weiteren unterscheiden sich die beiden Textarten hinsichtlich des Zeitrahmens. *Memoiren* beschreiben oftmals nur einen Lebensabschnitt,

⁵ PRADO (2006) listet für den Begriff *memória* im Portugiesischen 11 Bedeutungsmöglichkeiten auf:

1. faculdade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente 2. lembrança, reminiscência, recordação 3. celebridade, fama, nome 4. monumento comemorativo 5. relação, relato, narração 6. memento 7. vestígio, sinal 8. nota diplomática 9. dissertação acerca de assuntos diversos 11. dispositivo do computador 12. poder criador, imaginação, talento.

⁶ Im Portugiesischen findet man die Pluralform *memórias* als Begriffsbezeichnung neben *memorial*. Mir scheint, dass *memórias* der generelle Begriff für *Memoiren* sind und *memorial acadêmico* die spezifische Bezeichnung für die Textart im Sinne eines *akademischen Lebenslaufs* ist.

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart “Memorial Acadêmico”

während die Autobiografie das gesamte Leben schildert. Auch in Brasilien unterscheiden sich *memorial* und *autobiografia* in diesem Punkt (RAMOS/GONCALVES 1996:6).

(...) [o autor] faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importantes, ou interessantes, no âmbito de sua existência. Possivelmente, ele só levantará o véu apenas da parte que, de si próprio, pretende que se saiba e que se venha a ser lembrada.⁷

Anders als bei der Biografie gibt es keine “Verpflichtung” das ganze Leben zu schildern (PRADO 2006).

Die diffuse Verwendung der Begriffe *Autobiografie/Memoiren* kann auch zum einen daran liegen, dass der Begriff *Memoiren* lange Zeit für die Textart *Autobiografie* verwendet wurde, während der Ausdruck *Autobiografie* nach MISCH (1989) erst im 19. Jahrhundert im deutschsprachigen Raum Einzug fand und den *Memoiren-Begriff* ablöste. „Dieser Ausdruck hat einen tieferen Sinn insofern, als er, aus dem Wort ‘Erinnerung’ gebildet, auf die psychologische Quelle der Geschichte – und nach der klassisch-griechischen Anschauung auch der Poesie – hinweist.“ (MISCH 1989: 39ff). STEPHAN (2004) weist den *Memoiren* eine Zwitterstellung zwischen Faktenbericht und literarischem Kunstwerk zu. In ähnlicher Weise äußert sich WAIZBORT (1998:1), indem er schreibt :

O memorial converte o candidato em um narrador de extração distinta da que lhe é usual. Se a escrita e algumas formas narrativas lhe são familiares, em uma vida que consiste também em escrever textos, o texto do memorial impõe suas exigências peculiares e, para muitos dos seus autores mais recentes, é oportunidade para dar curso a pretensões narrativas que, no dia-a-dia da produção científica, ficam recalçadas.

Wo ist nun die brasilianische Textart *Memorial* zu verorten? Meines Erachtens handelt es sich hierbei um eine Mischung aus *Memoiren* und *ausführlichem Lebenslauf*. Das *Memorial acadêmico* beschreibt das „Werden zum Akademiker“⁸, während es sich beim deutschen

⁷Der Autor verfasst einen Bericht über sein Leben, bei dem er nur die wichtigsten und interessantesten “Ereignisse” seines Lebens herausucht. Er hebt den Schleier nur soweit wie er meint, dass diese Begebenheiten gedenkwürdig sind.

⁸ WAIZBORT (ebd.) verweist in diesem Zusammenhang auf den im 18. Jahrhundert entstandenen Bildungsroman.

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart “Memorial Acadêmico”

akademischen Lebenslauf um eine bloße Aufreihung der Fakten handelt und der reflektorische Prozess außer Acht gelassen wird.

3. Makrostruktur

Die makrostrukturelle Untersuchung umfasst die Analyse der Textteile und den formellen Aufbau der jeweiligen Textart allgemein. Zunächst einmal gilt es festzustellen, aus welchen Teilen sich ein *Memorial* zusammensetzt.

3.1. Textteile

Ein Memorial kann 30 bis 100 Seiten umfassen und beginnt mit einem Deckblatt, auf dem neben dem Namen des Bewerbers, dem Datum und der expliziten Erwähnung der Textart⁹ auch die namentliche Nennung der Institution sowie die ausgeschriebene Stelle aufgeführt ist. Es folgt ein Inhaltsverzeichnis, eine Art Einführung/Vorwort, ein Haupttext sowie der tabellarische Lebenslauf. Es findet sich hin und wieder auch nach dem Deckblatt ein Extrablatt mit einer Widmung oder einem Gedicht/ Sprichwort als Einstieg:

Beispiel 1

A meus pais, lutadores que me ensinaram a perseverança e a determinação; A Flavio, amigo e companheiro, que me acompanha e ampara há muito nessa jornada; A Pedro¹⁰ e Mariana, frutos de nosso amor e herdeiros de nossa disposição de luta.

Für meine Eltern, Kämpfer, die mich Durchhaltevermögen und Bestimmtheit gelehrt haben, für Flavio, Freund und Begleiter, der mich schon lange auf diesem Weg begleitet und unterstützt. Für Pedro und Mariana, Früchte unserer Liebe und Erben unserer Kampfbereitschaft.

⁹ „Die Bezeichnung eines Textes durch seinen Verfasser lässt darauf schließen, dass der Verfasser Textartbewusstsein besitzt und somit auch „einen gewissen Formwillen [...] verrät“ (KAISER 2002:169).

¹⁰ Namen wurden von der Verfasserin aus Datenschutzgründen geändert.

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart “Memorial Acadêmico”

Beispiel 2

Wer von sich selber zu erzählen beginnt, beginnt meist mit ganz anderen Leuten. Mit Menschen, die er nie getroffen hat und niemals treffen wird. Mit Menschen, die schon lange tot sind, und von denen er fast gar nichts weiß. Wer von sich selber zu erzählen beginnt, beginnt meist mit seinen Vorfahren.
(Erich KÄSTNER*1899/+1974-Als ich ein kleiner Junge war)

Oder es gibt einen Anhang, der dann ein Gedicht (z.T.über mehrere Seiten hinweg) enthält, das dem Bewerber besonders passend oder auf ihn zutreffend erscheint.

Bei den meisten *Memoriais* ist ein Inhaltsverzeichnis (portugiesisch *sumário* oder *índice*) vorangestellt, das folgende Themen beinhaltet:

Abb. 1

<i>Persönliche Angaben</i> (Name, Name der Eltern, Geburtsortdatum, Ausweisnummer, Steuerzahlernummer, Wohn-/Arbeitsort, Nationalität, Zivilstand, Wahlberechtigungsnummer, Nummer des Arbeitsausweises usw.)
<i>schulischer Werdegang</i>
<i>akademischer/beruflicher Werdegang</i>
Auflistung der während der Mestrado-bzw. Doutoradozeit besuchten <i>Seminare</i>
<i>Publikationsliste</i>
<i>Projekte</i>
<i>unterrichtete Fächer</i>
<i>gehaltene Vorträge/Kongressteilnahmen</i>
„ <i>Zwischen den Zeilen</i> “
<i>Lebenslauf</i>

Bei den persönlichen Daten ist festzustellen, dass es dabei sehr „bürokratisch zugeht“. Sämtliche Identifikationsnummern werden angegeben (Steuerzahlernummer, Wahlberechtigungsnummer etc.).

Es zeigt sich, dass es keine strikten formellen Vorgaben hinsichtlich des Aufbaus bzw. der Abfolge gibt. Allerdings lässt sich eine gewisse Zweigliedrigkeit feststellen, d.h. in einem ersten Teil findet sich der „ausführliche Lebenslauf“ (eben die *Memoiren*) und in einem

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart “Memorial Acadêmico”

zweiten Teil der „tabellarische Lebenslauf“ (mit den *Persönlichen Angaben* vorangestellt) oder auch vice versa.

Abb.2

Beispiel 3	Beispiel 4
<i>Sumário</i>	<i>Índice</i>
<i>Introdução</i>	I. Explicação necessária
1. Começando...	II. Lembrança do mundo antigo
2. Partindo...	III. Á la recherche du temps perdu
3. Voltando às origens...	A. Professora-aluna/aluna-professora
2. E agora?...	B. Professora-pesquisadora
.....	C. Pausa
9. Agora, podendo trabalhar mais com a	D. Retomando a narrativa
docência, podendo me dedicar mais aos alunos...	E. De como não fui professora da USP
10. E o doutorado ?	IV. Le temps retrouvé
<i>Curriculum vitae</i>	A. A docência
1. Dados Pessoais	B. A pesquisa
2. Formação	C. A prestação de serviços à comunidade
2.1. Formação Básica	
2.2. Formação Universitária	V. Considerações finais
3. Atividades de Formação	VI. Curriculum vitae
2. Formação	
2.1. Formação Básica	
2.2. Formação Universitária	
3. Atividades de Formação	

3.2. Vergleich der Textteile Akademischer Lebenslauf – Memorial

Bei einer Gegenüberstellung der Textteile Akademischer Lebenslauf¹¹ – Memorial ergeben sich folgende Unterschiede:

Abb.3

Memorial	Akademischer Lebenslauf
<ul style="list-style-type: none"> ● Persönliche Daten ● Schulische Bildung (Kindergarten, Grundschule, weiterführende Schule) ● Universitäre Ausbildung ● Publikationsliste (Artikel, Monografien, Kongressakten etc.) ● Projekte ● Kongressteilnahmen (aktiv, passiv) ● Betreute Arbeiten (Abschlussarbeiten, Magister-Doktorarbeiten) ● „Zwischen den Zeilen“ ● Tabellarischer Lebenslauf 	<ul style="list-style-type: none"> ● Persönliche Daten + Foto ● Universitäre Bildung ● Publikationsliste (meist nur die wichtigsten Veröffentlichungen, eventuell Vorträge) ● Projekte ● Drittmiteleinahmen ● Mitgliedschaft in Vereinigungen/Verbänden ● Gutachtertätigkeiten ● Auszeichnungen

¹¹ Bei den *akademischen Lebensläufen* handelt es sich um drei Texte der Bereiche Wirtschaft, Ethik und Anglistik. M. E. ist der *akademische Lebenslauf* eine relativ fachunabhängige Textart, sodass nicht darauf geachtet wurde, dass die Lebensläufe nur aus der sprachwissenschaftlichen Disziplin stammen. Die Lebensläufe sind im Internet abrufbar (s. Literaturverzeichnis).

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart "Memorial Acadêmico"

Unterschiede hinsichtlich der Textteile sind im Bereich der schulischen Bildung zu finden, die beim *Akademischen Lebenslauf* nicht ins Gewicht fällt – höchstens wird noch das Abiturjahr genannt.

Die signifikantesten Divergenzen sind sowohl bei der Drittmittelbeschaffung zu finden als auch bei den Kongressteilnahmen. Bei der chronischen Unterfinanzierung deutscher Universitäten spielt die Drittmittelbeschaffung eine große Rolle – nicht zuletzt ein Einstellungskriterium. Verfügt die Person über Kontakte, finanzielle Mittel, um das Forschungsprojekt zu finanzieren bzw. zu beschaffen?

Hinsichtlich der Kongressteilnahmen ist zu bemerken, dass jegliche Art der Teilnahme im *Memorial* zu verzeichnen ist. Kongressteilnahmen – auch in aktiver Sicht (gehaltene Vorträge) – werden allerdings in einem *akademischen Lebenslauf* nicht gleichermaßen honoriert wie im *Memorial*.

Ein weiterer Unterschied besteht in der Auflistung der betreuten Arbeiten. Sicherlich spielt hierbei das Betreuungsverhältnis zwischen Dozent und Student eine Rolle. In Brasilien ist das Verhältnis 12:1. Auf einen Dozenten kommen 12 Studenten (DAAD BERICHTER DER AUßENSTELLEN 2006). Für Deutschland ist die Zahl mal drei zu nehmen¹². Die Auflistung sämtlicher betreuter Arbeiten (z.B. Magisterarbeiten) würde den Rahmen eines Lebenslaufes sprengen.

Des Weiteren scheinen die Mitgliedschaft in Verbänden und wissenschaftlichen Vereinigungen in Deutschland von größerer Bedeutung zu sein. Wohingegen außercurriculare Interessen in den akademischen Lebensläufen nicht zu finden sind und im *Memorial Acadêmico* als Teil der ganzheitlichen Bildung und Entwicklung des Individuums aufgeführt werden. Bezeichnend dazu ein Kommentar der *Deutschen Universitätszeitschrift* (2007) über die zehn Sünden der akademischen Bewerbung, wo es heißt: „Als Hobby Marathon oder Blumenstecken angeben: Damit verstoßen Sie gegen das Gesetz: Das Leben findet am Schreibtisch beziehungsweise im Labor statt. Zumindest muss es danach aussehen“.

In den folgenden Abschnitten wird nun näher auf die sprachlichen Realisierungen des *Memorial Acadêmicos* eingegangen.

¹²Als Beispiel sei hier die Betriebswirtschaftliche Fakultät der Uni München (LMU) angeführt. Hier kommen 50 Studenten auf einen Professor (<http://www.sueddeutsche.de/jobkarriere/16/335865/text/> Zugang:13.06.2007).

4. Beschreibung des *Memorial Acadêmico*

4.1 Sprache und Stil

Bei den Kapitelüberschriften bzw. der Gliederung des *Memorials* zeichnet sich ein ziemlich heterogenes Bild ab. So finden sich einige „blumige“ Kapitelbeschreibungen, die besonders das poetische Element des *Memorials* verdeutlichen. Sprichwörter, Wortspielereien, Fragmente der Märchen- und Mythenwelt kennzeichnen dabei das brasilianische Ausdruckssortiment, das sich nicht nur in den Kapitelüberschriften zeigt, sondern sich durch den ganzen Text zieht. Die Sprache in Brasilien, so SCHRÖDER (2003: 174ff), hat zugleich eine Bühnenfunktion, ein „zur Schau stellen“ von Befindlichkeiten und Meinungen. Pathos, Dramatik und Lebensweisheiten finden sich dabei genauso wieder, wie das Anführen von geflügelten Worten. Nicht zuletzt werden auch häufig Metaphern eingesetzt, meistens aus der Liebes- und Körperwelt –, um die Arbeitswelt zu beschreiben (SCHRÖDER 2003: 198ff).

In den vorliegenden Memoriais lassen sich diese von SCHRÖDER aufgezählten Ausdrucksweisen wiederfinden (s. Beispiele 5-14).

a) Metaphorische Ausdrucksweisen (Liebesmetaphern)

Beispiel 5

Foi lá também que me apaixonei pela análise sintática. E, infelizmente, foi também lá que desisti de entender a matemática.

Dort habe ich mich in die Satzanalyse verliebt. Und leider habe ich es auch dort aufgegeben, Mathematik zu verstehen.

Beispiel 6

Fui apresentada à literatura francesa que me seduziu tanto quanto a brasileira e a portuguesa.

Ich wurde der französischen Literatur vorgestellt, die mich so verführt hat wie die brasilianische und die portugiesische.

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart “Memorial Acadêmico”

Beispiel 7

Como num casamento, meu relacionamento com esse período tem muito de amor...e um pouco de ódio!

Wie in einer Ehe gibt es in meiner Beziehung zu dieser Epoche viel Liebe ... und ein bisschen Hass.

Beispiel 8¹³

Anos de Purgatório. A faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Die Jahre des Fegefeuers. Die juristische Fakultät Largo de São Francisco.

b) Wortspielereien, Weisheiten

Beispiel 9

Quando uma porta se fecha...outra se abre?

Wenn eine Tür sich schließt... öffnet sich eine andere?

Beispiel 10

Publicar é preciso. Viver não é preciso?

Veröffentlichen ist notwendig. Leben ist nicht notwendig?

Beispiel 11

Mas, como diria o finado Brás Cubas: „não adiantemos os sucessos”.

Aber wie sagte der gute Brás Cubas: „Führen wir den Erfolg nicht zu früh herbei“.

Beispiel 12

Assim prosseguia, tentando a fome de saber e a de viver...

So kam ich voran, den Wissens- und Lebensdurst ausprobierend...

Beispiel 13

Aprovada...fui matriculada.

Prüfung bestanden... eingeschrieben.

¹³ Beispiel 6, 7, 11 und 14 sind Kapitelüberschriften.

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart “Memorial Acadêmico”

Beispiel 14

Orientandos, orientados e desorientados.

Betretet werdende, Betreute und Orientierungslose.

c) Dramatik

Beispiel 15

Tenho feito o máximo esforço para ser honesto e fiel ao roteiro da minha carreira universitária.

Ich habe mich maximal bemüht, ehrlich und treu meine akademische Laufbahn zu verfolgen.

Beispiel 16

Os anos que estudei na fundação ficarão registrados para sempre na minha memória como anos difíceis [...] mas também são lembrados como momentos repletos de saber, companheirismo, amizade, compreensão e, principalmente, de generosidade.

Die Jahre, die ich an der Schule gelernt habe, werden mir immer als schwierige Jahre in Erinnerung bleiben [...], aber auch als Momente voller Wissen, Kameradschaft, Freundschaft, Verständnis und v.a. Großzügigkeit.

4.2. Stimulierende und deliberative Sprechhandlungen

Der Terminus “Stimulierende Texthandlungen” wurde dem der „stimulierenden Textmerkmale“ von GROEBER (1982:212) vorgezogen, um den Handlungscharakter von Sprache zu verdeutlichen. Unter diesem Begriff sind Fragen bzw. rhetorische Fragen, elliptische Äußerungen, persönliche Worte, Markierungen/Hervorhebung bestimmter Textteile durch den Autor gemeint und verdeutlichen die Unmittelbarkeit und Direktheit, mit der sich der Autor an den Leser wendet. Nicht zuletzt erzeugen sie den Eindruck von Dialogizität zwischen Autor und Leser. Dazu tragen vor allem die Klammersetzung als auch die Auslassungspunkte bei, die den Eindruck der Mündlichkeit verstärken (SACHTLEBER 1993, 182). Des Weiteren zähle ich zu den *stimulierenden Texthandlungen* auch

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart “Memorial Acadêmico”

*deliberative*¹⁴ *Texthandlungen*. Unter deliberative Frage wird das „Nach-außen-bringen“ eines Reflexionsprozesses verstanden (ZIFONUN ET AL. 1997: 115). „Die deliberative Frage hat den Zweck, eine Problemlösung dadurch zu befördern, dass das Problem (...) „nach außen“ (...) – gesetzt wird und in dieser Formulierung einer mentalen Bearbeitung durch den Sprecher selbst und/oder den Hörer zugänglich gemacht wird (...)“. In den folgenden Beispielen zeigt sich, wie hier versucht wird, den anderen an seinem Seelenzustand teilnehmen zu lassen, um ihm Einsicht in das Innenleben des Verfassers zu gewähren. Dem Leser wird die Möglichkeit gegeben, an Entscheidungsprozessen bzw. Reflexionen des Verfassers teilzunehmen.

a) Deliberative Sprechhandlungen

Beispiel 17

Estudando-se as crônicas, estabelece-se o impasse qual será sua verdadeira função: informar? interpretar (...)?

Bei der Analyse von Chroniken gerät man in einen Engpass: Welche wird wohl ihre wahre Funktion sein? Zu informieren? Zu interpretieren?

Beispiel 18

A partir dessa síntese, me interrogo: como operar com os conceitos de quantidade e qualidade? Como medir em número os conceitos de quantidade e qualidade? Como medir em número de páginas o esforço, o tempo do prazer na tradução do verso, para tentar recuperar em nossa língua algo da beleza original de um poema?

Von dieser Synthese ausgehend habe ich mich gefragt: Wie gehe ich mit den Ideen/Konzepten der Quantität und Qualität um? Wie messe ich die Zahl der Seiten, die Anstrengung, die Zeit des Vergnügens mit der Übersetzung von Versen, um in unserer Sprache diese ursprüngliche Schönheit des Gedichts einzufangen ?

Beispiel 19

Voltando às origens, encontro-me agora, depois de quase três anos de Alemanha, em um país do qual já não me lembrava muito. Quanta diferença! E o que fazer?

¹⁴ EHLICH/REHBEIN (1997) verwenden den Begriff der *Exothese* (s. ZIFONUN 1997 et al.). Man könnte daher auch von exothetisierenden Sprechhandlungen sprechen.

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart “Memorial Acadêmico”

Zurück zu den Wurzeln, ich befinde mich jetzt, nach fast drei Jahren in Deutschland, in einem Land, an das ich mich kaum noch erinnere, was für ein Unterschied! Und was mache ich jetzt?

Beispiel 20

Como lidar com o poder? Bancas e Comissões.

Wie geht man mit der Macht um? Auswahlkomitees und Prüfungskommissionen.

b) Klammersetzung, Ausrufe und Auslassungspunkte

Beispiel 21

O ano 1951 foi decisivo na minha vida escolar. Por alguma razão misteriosa que não consigo identificar, transformei-me de aluno rebelde (para os padrões da época, por favor!) em aluno bem comportado.

Das Jahr 1951 war ein entscheidendes Jahr in meiner Schullaufbahn. Aus irgendeinem mysteriösen Grund, den ich nicht ausmachen kann, verwandelte ich mich vom rebellischen Schüler (aber im Rahmen dieser Zeit, bitte schön!) in einen braven Schüler.

Beispiel 22

Que bom que ainda não tínhamos filhos!

Wie gut, dass wir noch keine Kinder hatten!

Beispiel 23

Início de 1976, lá estou eu prestando vestibular CESEA. Consegui...Português e Alemão!

Anfang 1976, da bin ich nun und absolviere die Zulassungsprüfung CESEA. Ich habe es geschafft...für Portugiesisch und Deutsch!

Beispiel 24

Também houve um concurso para historiográfico no Museu Paulista, com 80 candidatos e duas vagas. Adivinhem em que lugar fiquei! Em terceiro, é claro!

Es gab auch ein Bewerbungsverfahren als Geschichtswissenschaftler am Paulista Museum mit 80 Bewerbern und zwei Stellen. Ratet mal auf welchen Platz ich kam! Auf den dritten, natürlich!

4.3 Metakommunikative Äußerungen

Unter „Metakommunikation“ subsumieren sich diejenigen Äußerungen, bei denen der Autor sich direkt an den Leser wendet und aus dem Text „heraustritt“, um dem potenziellen Leser über Schwierigkeiten, Probleme, Unsicherheiten oder sonstige Unwäglichkeiten beim Verfassen des Textes zu berichten. *„Metakommunikative Äußerungen können als Sprechhandlungen betrachtet werden, die die laufende Kommunikation zum Gegenstand haben und deren wesentliches Merkmal ihr reflexiver, d.h. rückbezoglicher Charakter ist“* (KAISER 2002: 248).

RADEMACHER (1998:45ff) macht zwei Hauptfunktionen metakommunikativer Äußerungen aus: eine *interaktive Funktion* und eine *kommunikative Funktion*. Erstere ist zuständig für die Regulierung sozialer Nähe und Distanz letztere dient der Organisation des Dialogs; der Vermeidung von Missverständnissen und der allgemeinen Verständnissicherung.

Diese metakommunikativen Äußerungen finden sich vielmals in dem untersuchten Korpus, dies mag zum einen daran liegen, dass ein *memorial acadêmico* keine gängige Textart ist, d.h., man schreibt diese selten mehr als einmal bzw. fügt ansonsten nur etwas hinzu oder ändert ab. Deshalb fühlen sich manche unsicher, vielleicht sogar überfordert und bringen dies „nach außen“ (s. Bsp. 25-26):

Beispiel 25

Habituada à objetividade, à clareza, à logica dominantes no discurso do poder absoluto do aprendizado universitário, confesso que não me sinto à vontade com o uso da primeira pessoa, condição básica para a elaboração de um memorial.

An die im akademischen Diskurs vorherrschende Objektivität, Klarheit und Logik gewöhnt, bekenne ich, dass ich mich nicht wohl fühle beim Gebrauch der ersten Person – Grundvoraussetzung zum Verfassen eines Memorials

Beispiel 26

Síntese impossível: sob essas divisas este memorial foi redigido, menos por opção do autor que pela inevitabilidade desses conceitos.

Unmögliche Synthese: Unter diesen Umständen wurde das Memorial verfasst, weniger aufgrund der Wahl des Autors vielmehr wegen der Unvermeidlichkeit dieser Konzepte.

4.4 Zum illokutiven Gehalt der Äußerungen

In den bisher vorgestellten Beispielen zeigt sich, dass auf der Ebene der illokutiven Akte neben den rein assertiven oder auch repräsentativen Sprechhandlungen, denen die Informationsvermittlung zugrunde liegt, sich auch argumentative wie auch deskriptive Sprechhandlungen (Beispiel 27-28 z.B. genaue Deskription der Umgebung) wiederfinden.

Beispiel 27

Santo André era uma cidade tranquila e pacata.
Santo André war eine ruhige und friedvolle Stadt.

Beispiel 28

Era uma escola totalmente diferente da anterior. Construída em madeira – com exceção dos três banheiros de dois metros quadrados cada um (masculino, feminino e das professoras) e da cozinha que eram de alvenaria – possuía apenas três salas e uma para a Direção.

Die Schule war ganz anders als die vorherige Schule. Aus Holz gebaut – mit Ausnahme der drei Toiletten mit jeweils 2 Quadratmetern Fläche (eine für Schüler, eine für Schülerinnen und die Toilette der Lehrerinnen) und der Küche, die aus Ziegeln gebaut waren – hatte die Schule nur drei Klassenzimmer, und einen Raum für die Direktion.

Besonders charakteristisch sind die rechtfertigenden und bewertenden Sprechhandlungen, die in der Form in einem *akademischen Lebenslauf* nicht anzutreffen sind. Es ist im Memorial möglich, über die „negativen Seiten“ des *Curriculum vitae* zu schreiben, über die verpassten Chancen, Umwege, falsche Entscheidungen. „Ausrutscher“ sind erlaubt – wohingegen der *akademische Lebenslauf* gefälligst lückenlos zu sein hat. So auch das folgende Beispiel:

Beispiel 29

Há sempre um deslizamento“, diz Marguerite Yourcenar em “De olhos abertos“ e é esse deslizamento intelectual que tentarei mostrar e justificar aqui.
Es gibt immer ein Abdriften, sagt Marguerite Yourcenar in “Mit offenen Augen/Eyes wide shut” und dieses intellektuelle Abdriften versuchte ich, zu zeigen und zu rechtfertigen.

4.5 Die Konstituente „Familie“

In den *Memoriais* ist generell auch ein stärkerer Bezug zur Familie auszumachen. Wie die Beispiele 30 und 31 zeigen:

Beispiel 30

Minha avó era muito querida por mim, ensinava-me francês, latim, e boas maneiras. Aprendi com ela a gostar de perfumes.

Ich mochte meine Oma sehr, sie hat mir Französisch, Latein und gutes Benehmen beigebracht. Ich lernte von ihr auch Parfüm zu mögen.

Beispiel 31

Das minhas tias herdei o gosto pela docência.

Von meinen Tanten habe ich die Lust am Unterrichten geerbt.

Einer der Gründe weshalb die Familie in Brasilien eine tendenziell höhere Wertigkeit besitzt, könnte laut GÜSS (1998) in der Individualismus-Kollektivismus-Theorie HOFSTEDES (1980) ihre Erklärung finden. Mit der Familie werden Schutz und Sicherheit verbunden, gerade dann auch, wenn ein „starker“ Staat fehlt (z.B: i.S. eines Sozialstaates). Wichtige Entscheidungen werden – so auch die berufliche Laufbahn – zusammen bzw. von der Familie gefällt, da dieser bei der Finanzierung des Studiums eine wichtige Rolle zufällt. Die Bindung zu den Eltern in Brasilien ist generell etwas enger und es werden soziale Errungenschaften in diesem Zusammenhang mit Stolz hervorgehoben.

5. Erklärungsversuch aus kulturhistorischer Perspektive

Die bisher gezeigten Beispiele weisen einen besonders auffallend hohen Anteil an direkten Redeelementen auf; man hat das Gefühl man steht in direktem Kontakt mit dem Autor. Gerade die deliberativen Texthandlungen wie auch die metakommunikativen Äußerungen vermitteln den Eindruck einer dialogischen Gesprächssituation. SCHRÖDER (2003), die Brasilianer und Deutsche zu verschiedensten Lebenskonzepten (Arbeit, Familie,

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart “Memorial Acadêmico”

Liebe, Zukunft etc.) in einem kulturkontrastiven Vergleich interviewt hat, stellt bei den Brasilianern einen von Oralität geprägten Erzählstil fest. In einem von ihr (SCHRÖDER 2003: 136) geführten Interview mit der Kulturforscherin DILMA DE MELO SILVA äußert sich diese zum Erzählstil der Brasilianer folgendermaßen:

O que marca a nossa cultura nesse sentido é, sem dúvida, a oralidade. Isto implica, o que marca uma conversa aqui, no presente momento, é contar histórias, uma expressão extremamente narrativa. E a história nunca é contada diretamente. Não é dita com uma palavra, sempre com uma história, um provérbio. É mais um cenário.

Was unsere Kultur in diesem Sinn auszeichnet, ist zweifelsohne die Oralität. Das impliziert, dass das, was eine Konversation in einem bestimmten Moment ausmacht, das Geschichtenerzählen, eine extrem narrative Ausdrucksweise ist. Und die Geschichte wird niemals direkt erzählt. Sie wird nicht mit einem Wort erzählt, immer mit einer kleinen Anekdote dabei, mit einem Sprichwort. Es ist eher ein Szenario.

Begründet wird dies durch die langjährige Unterdrückung durch die portugiesischen Eroberer. Mehrere Jahrhunderte lang war es den Brasilianern nicht möglich bzw. verboten, Universitäten zu gründen, Bücher zu erwerben etc. So schreibt AZZI (2005), dass während der Kolonialzeit das Schrifttum verboten wurde und die Verbreitung von Schriften daher sehr beschränkt war, wenn überhaupt vorhanden, mussten diese von der weit entfernten Stadt bestellt werden. Die Missionierung der luso-brasilianischen Gesellschaft und Verbreitung der theologischen Wahrheiten erfolgte so mündlich oder durch Imagination. Ein nicht unbeachtlicher Teil der katholischen Doktrin wurde durch Statuen, Malerei, rituelle Gesten, Gesänge und religiöse Inszenierungen vermittelt. Aufgrund der hier genannten kulturhistorischen Gegebenheiten, zeigt sich, dass sich in Brasilien eine stärker oralisierte Kultur- und Kommunikationsgemeinschaft herausgebildet hat, deren Charakteristika sich noch in den heutigen Text- und Diskursarten niederschlagen bzw. noch anzutreffen sind.

Literaturverzeichnis

AZZI, R. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis/ RJ, Editora vozes, 2005.

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart "Memorial Acadêmico"

- BRUSS, E. Die Autobiographie als literarischer Akt. In: NIGGL, G. (Hrsg.) *Die Autobiographie. Zur Form und Geschichte einer literarischen Gattung*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1989, 33-55.
- DAAD. *DAAD-Berichte der Außenstellen*. Deutsch Akademischer Austauschdienst, Bonn, 2006.
- EHLICH, K. Textsorten – Überlegungen zur Praxis der Kategoriebildung in der Textlinguistik. In: MACKELDEY, R. (Hrsg.) *Textsorten/Textmuster in der Sprech- und Schriftkommunikation*. Leipzig, 1990, 17-30.
- ESSER, R. *Etwas ist mir geheim geblieben am deutschen Referat. Kulturelle Geprägtheit wissenschaftlicher Textproduktion und ihre Konsequenzen für den universitären Unterricht von Deutsch als Fremdsprache*. München, iudicium, 1997.
- GÜSS, D. *Spontanität versus Gründlichkeit: Eine Untersuchung über das Planen in Brasilien und Deutschland*. Memorandum Nr. 26, Otto-Friedrich Universität Bamberg, Lehrstuhl Psychologie, 1998.
- HOFSTEDE, G. *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Beverly-Hills, Sage, 1980.
- Deutsche Universitätszeitschrift www.duz.de/docs/stellenthemen/bewerbungssuenden.html.
Zugang: 20.04.07
- KAISER, D. *Wege zum wissenschaftlichen Schreiben – Eine kontrastive Untersuchung zu studentischen Texten aus Venezuela und Deutschland*. Tübingen, Stauffenburg, 2002.
- LEHMANN, J. *Bekennen – Erzählen – Berichten. Studien zur Theorie und Geschichte der Autobiographie*. Tübingen, Niemeyer, 1988.
- MISCH, G. Begriff und Ursprung der Autobiographie. In: NIGGL, G. (Hrsg.) *Die Autobiographie. Zur Form und Geschichte einer literarischen Gattung*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1989, 33-55.
- PRADO TOLEDO, G.D. V. / SOLIGO, R. Memorial de Formação – quando as memórias narram a história da formação. In: DERS. (Hrsg.) *Porque escrever é fazer história*. 2 ed. Campinas, Graf. FE, v.1/2005, 47-52.
- RAMOS, M. A. / GONCALVES, R. E. As narrativas autobiográficas do professor como estratégia de desenvolvimento e prática da supervisão. In: *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Alacrão, Isabel Org. Editora Porto, 1996.
- RADEMACHER, U. *Metakommunikation. Das Sprechen über das Sprechen aus sozialpsychologischer Perspektive*. Heidelberg, Univ. Diss., 1998.
- REHBEIN, J. Einführung. In: DERS. (Hrsg.) *Interkulturelle Kommunikation*. Tübingen, Narr, 1985, 7-32.
- SACHTLEBER, S. *Die Organisation wissenschaftlicher Texte: eine kontrastive Analyse*. Frankfurt, Lang, 1993.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. Metasprache und Metakommunikation. Zur Überführung eines sprachphilosophischen Problems in die Sprachtheorie und in die sprachwissenschaftliche Forschungspraxis“. In: DERS. (Hrsg.) *Sprachtheorie*. Hamburg, Hoffmann & Campe, 1975, 189-205.

Schweiger, K. – Zur brasilianischen Textart "Memorial Acadêmico"

SCHRÖDER, U. *Brasilianische und deutsche Wirklichkeit. Eine vergleichende Fallstudie zu kommunikativ erzeugten Sinnwelten*. Wiesbaden, Deutscher Universitätsverlag, 2003.

STEPHAN, A. Autobiographien, Memoiren und Oral-History als historische Quellen. In: (o.A.V.): *Digitales Handbuch zur Geschichte und Kultur Russlands und Osteuropas*. www.vifaost.de, 2004.

<http://www.sueddeutsche.de/jobkarriere/16/335865/text/> Zugang: 13.06.2007

WAIZBORT, L. Para uma sociologia do memorial acadêmico – um fragmento. In: *Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada*, São Paulo 1998, v. 3, 77-82.

ZIFONUN, G./ HOFFMANN, L. /STRECKER, B. ET AL. (Hrsg.) *Grammatik der deutschen Sprache*. Bd. 1 *Sprache und Illokution*. Berlin, de Gruyter, 1997.

Akademische Lebensläufe

http://www.ebs.edu/fileadmin/redakteur/faculty/CV/CV_Moeller_Sabine.pdf

(Zugang: 19.08.2009)

<http://www.ethik.uni-jena.de/de/images/stories/personal/2/Lebenslauf.pdf>

(Zugang: 19.08.2009)

http://www.unikonstanz.de/FuF/Philo/LitWiss/angame/images/content/Rosenthal_Lebenslauf_2008-05-26.pdf (Zugang: 19.08.2009)

A Construção Metafórica do Conceito 'Sociedade' em Perspectiva Comparativa

Ulrike Schröder*

Abstract: Based on two corpora composed of four discourse genres each – spoken interviews, written interviews, newspaper articles and non-fictional books – the article focuses on the way one speaks metaphorically about 'society' in current German and Brazilian discourse. The study reveals that the image schemas tend to be more mixed and dynamic in the German corpus as compared to the Brazilian one and that the conceptual metaphors **-business, building, game, and observation** - are more frequent, whereas in the Brazilian corpus, there is a more extensive use of **personification, stage, flora, family, and war**. In a second step, motivated by a more microanalytic and communicative approach, we turn our attention to 'highlighting' and 'hiding' effects connected to certain ideological backgrounds, strategic aims and speech functions linked to the preference of certain metaphors.

Keywords: Conceptual metaphors, image schemas, society

Resumo: Com base em um corpus de quatro gêneros textuais – entrevistas orais e escritas, artigos jornalísticos e livros de não-ficção – o artigo focaliza o modo como o conceito 'sociedade' é abordado metaforicamente em discursos brasileiros e alemães atuais. Os resultados mostram que certos esquemas imagéticos são mais misturados e dinâmicos no corpus alemão em oposição ao corpus brasileiro, onde a percepção da própria sociedade tende a ser mais estática. Com relação a metáforas conceituais, destacam-se as metáforas **negócio, edifício, jogo e observação** como mais frequentes no corpus alemão, ao passo que no corpus brasileiro o uso das metáforas **personificação, palco, flora, família e guerra** é mais frequente. Acrescenta-se também uma microanálise que leva em consideração o contexto e as intenções dos locutores que revelam as funções comunicativas ligadas à preferência de certas metáforas.

Palavras-chave: Metáforas conceituais, esquemas imagéticos, sociedade

* Doutora em Comunicação Social pela Universidade de Essen, professora adjunta II da Faculdade de Letras da UFMG. Email: schroederulrike@gmx.com

1. Introdução

Desde o nascimento da Teoria Conceptual da Metáfora (LAKOFF & JOHNSON 1980), a metáfora não manteve sua concepção de mera figura trópica no sentido de um ornamento retórico, mas sim, passou a ser entendida como fenômeno cognitivo, no qual se observa um “cross-domain mapping in the conceptual system” (LAKOFF 1993: 203), sendo um dos domínios o alvo (*target domain*) e o outro a fonte (*source domain*) do mapeamento metafórico. No entanto, nesse processo, ao invés de apenas se referirem descritivamente a um mundo externo, as metáforas passaram a atuar de forma prescritiva e performativa. Por fim, na relação entre indivíduo e sociedade, elas assumiram um papel mediador entre cognição e linguagem, tornando-se o meio central para a criação da cultura (KÖVECSES 2005: 2006). Enquanto servem à estruturação do nosso mundo interno e externo, no que tange à cognição, com relação à linguagem, elas potencialmente ocorrem em qualquer tipo de comunicação e, sendo assim, guiam também objetivos particulares de ação. Sob essa ótica, o que se torna relevante, são os aspectos semânticos, afetivos, comunicativos e pragmáticos das metáforas (CAMERON 2007, 2008, SCHRÖDER 2007, 2009). Portanto, a relação entre metáfora e realidade é uma relação recíproca na qual, por um lado, a realidade cultural pode levar a um uso específico de metáforas; por outro lado, trata-se também de um processo no qual essa realidade somente se segue a sua prefiguração metafórica. Dessa forma, metáforas fazem circular imagens que têm uma função epistemológica e condutora, por coordenarem nossas ações cotidianas.

Ora, como no caso de outros domínios abstratos, também quando falamos ou escrevemos sobre ‘sociedade’, utilizamos metáforas para tornar um tal conceito tratável e estruturável, de algum modo. Com isso, tanto para as instituições sociais como para o indivíduo singular, tem uma relevância profunda se **sociedade** é conceitualizada como **corpo, aparelho, sistema, contrato, nexó natural** ou **unidade jurídica**, como aconteceu nas grandes abordagens filosóficas e sociológicas (LÜDEMANN 2004). Tais reflexões e criações teóricas sobre nossa realidade social ilustram que “die Einheit der Gesellschaft in der Gesellschaft nur als imaginäre Einheit, als semantische Imagination zu haben ist” (FUCHS 1992: 7).

Uma consequência importante dessa suposição sobre o caráter demiúrgico de metáforas é que locais culturais, sociais ou individuais distintos também contribuem de modos distintos para a construção metafórica da realidade. É o aspecto cultural da metáfora na construção do domínio discursivo ‘sociedade’ que buscamos explorar em nosso estudo. Em virtude disso, realizamos um estudo sobre o uso divergente de metáforas na tematização da sociedade atual nas comunidades de fala alemã e brasileira.

2. Procedimento metodológico

Para a realização do estudo foi composto um corpus com base em quatro gêneros distintos dentro de uma escala contínua da oralidade à escrita:

- Entrevistas orais com 25 sujeitos em cada cultura (1 a 3 entrevistados por entrevista), resultando em um corpus de 15.926 palavras no caso brasileiro e 15.406 palavras no caso alemão;
- Entrevistas escritas com 25 sujeitos em cada cultura resultando em um corpus de 7.086 palavras no caso brasileiro e 7.625 palavras no caso alemão;
- Artigos jornalísticos online que tratam explicitamente do assunto ‘sociedade brasileira/alemã atual’ pré-selecionados por busca eletrônica, resultando em um corpus de 113.760 palavras no caso brasileiro e 102.455 palavras no caso alemão;¹
- Cinco livros de não-ficção de cada cultura, publicados entre 2005-2008 e relacionados ao tema ‘sociedade brasileira/alemã atual’, cuja seleção seguiu as listas de best-seller e suas respectivas resenhas nos meios de comunicação relevantes.²

¹ O corpus brasileiro abrange artigos de 2006-2008 dos jornais *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *Estado de Minas*, *Jornal do Brasil* e das revistas *Veja*, *Carta Capital* e *Época*. O corpus alemão compreende artigos de 2006-2008 dos jornais *TAZ*, *DIE ZEIT*, *Frankfurter Rundschau*, *Die Welt* e da revista *DER SPIEGEL*. Uma explicação das abreviações relacionadas às citações encontra-se no anexo.

² Livros brasileiros analisados: *Leituras da Crise* de Marilena Chaui, Leonardo Boff, João Pedro Stedile & Wanderley Guilherme dos Santos (2006), *Brasil, um país do futuro?* de João Paulo dos Reis Velloso & Roberto Cavalcanti de Albuquerque (2006), *A Cabeça do Brasileiro* de Alberto Carlos Almeida (2007), *Brasil Contemporâneo. Crônicas de Um País Incógnito* de Fernando Schüler & Gunter Axt (2006) e *A Nova Sociedade Brasileira* de Bernardo Sorj (2006). Livros alemães analisados: *Was zur Wahl steht* de Ulrich Beck (2005), *Die Ausgeschlossenen. Das Ende vom Traum einer gerechten Gesellschaft* de Heinz Bude (2008), *Politische Milieus in Deutschland. Eine Studie der Friedrich-Ebert-Stiftung* de Gero Neugebauer (2007), *Deutschland. Der Abstieg eines Superstars* de Gabor Steingart (2005) e *Deutschland eine gespaltene Gesellschaft* de Stephan Lessenich & Frank Nullemeier (2006).

Uma hipótese central que conduziu a escolha dos corpora supõe que esse contínuo represente uma ‘scale of conventionality’ (KÖVECSSES 2002: 31; BECKMANN 2001: 71-82) no que concerne metáforas mais lexicalizadas do lado das entrevistas e metáforas também criativas ou inovativas do lado dos artigos jornalísticos e livros em questão, isto é, metáforas inovativas, muitas vezes, têm sua origem em comentários feitos por políticos ou jornalistas e começam a circular nos meios de comunicação em massa, criando uma certa intertextualidade que influencia o modo como as pessoas falam sobre os assuntos em questão. Sendo assim, seria possível observar tendências que se desenvolvem nas respectivas culturas quanto ao surgimento, o desdobramento e a habitualização de certas metáforas-chave. Concomitantemente, isso nos leva de um macronível a um micronível de análise. Nesse sentido, o estudo combina procedimentos quantitativos com qualitativos.

Para a identificação das metáforas e sua sistematização, desenvolvemos as seguintes etapas:

Em um primeiro passo da análise, foram marcados todos os lexemas, ou seja, grupos de lexemas referentes ao tópico ‘sociedade’ que se destacam de um pano de fundo cotextual e contextual gerando, com isso, uma tensão semântica. Para etiquetar tais unidades lexicais como expressões ‘metafóricas’, aplicamos a metodologia ‘Pragglejaz’³ (STEEN 2007:88-91) acerca da questão (1) se as respectivas unidades lexicais têm um significado central e prototípico em outros contextos e (2) se esse significado central precede o significado atual do corpus em perspectiva diacrônica. Em casos mais complexos, foram consultados dicionários etimológicos. Em um segundo passo, foi decidido se o significado atual e contextual⁴ pode ser contrastado com o significado central e, ao mesmo tempo, se pode ser descrito como polissêmico no sentido de uma extensão metafórica do significado prototípico. Nesse caso, o lexema em questão foi identificado como ‘metafórico’. Marcamos exclusivamente palavras de conteúdo semântico próprio (STEEN 2002: 187). Em seguida, agrupamos as expressões

³ O nome do grupo é composto pelas primeiras letras dos primeiros nomes dos participantes do grupo. A eles pertencem Peter Crisp, Ray Gibbs, Alice Deignan, Graham Low, Gerard Steen, Lynne Cameron, Elena Semino, Joe Grady, Alan Cienki e Zoltan Kövecses.

⁴ Cf. o conceito ‘Kon-Determination’ (‘con-determinação’) de Harald WEINRICH (1976: 317-327): Quanto mais contexto é dado a uma expressão tanto mais possibilidades da interpretação são eliminadas. Por conseguinte, em um texto, uma palavra não tem mais seu significado amplo e genérico, mas sim, somente um significado já concretizado. Por isso, o objetivo de Weinrich foi transformar a ‘semântica da palavra’ em uma ‘semântica textual’.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

metafóricas em feixes e as categorizamos, isto é, elas foram agregadas a certos domínios fonte que serviram como doador da imagem.⁵

Para uma melhor ilustração, em uma primeira sistematização quantitativa, os resultados serão apresentados em dois passos, seguindo a distinção entre ‘bildschematische Metaphern’ e ‘Konstellationsmetaphern’ (BALDAUF 1997), aliás, ‘image-schema metaphor’ e ‘structural metaphor’ (KÖVECSES 2002: 36-37):

As the name image-schema implies, metaphors of this kind have source domains that have skeletal image-schemas, such as the one associated with out. By contrast, structural metaphors are rich in knowledge structure and provide a relatively rich set of mappings between source and target. (KÖVECSES 2002: 37).

Tais esquemas imagéticos baseiam-se em nossas experiências físicas no mundo e nossas interações com o mundo, ao passo que metáforas de constelação possuem um conteúdo proposicional com imagens concretas conceitualizando topologicamente um domínio inteiro. Destarte, por exemplo, agrupamos certas expressões que ocorreram de modo singular, preservando uma estrutura conceitual meramente abstrata e não específica, sob o esquema CAMINHO, enquanto a metáfora complexa VIAGEM foi vista como metáfora de constelação, especificando, estendendo e animando o esquema abstrato do CAMINHO. Expressões que pertencem a essa categoria refletem imagens concretas de uma viagem de trem, de avião, de carro ou de barco. Sendo assim, a delimitação serviu, sobretudo, para evitar etiquetas erradas ou especulativas.

3. Resultados

3.1 Comparação das metáforas de esquemas imagéticos

⁵ Dificuldades encontradas com relação ao agrupamento das expressões em mais do que apenas um domínio (SEMINO ET AL. 2004) como no caso dos lexemas *vencedor* e *perdedor*, que tanto podem ser associados ao domínio GUERRA como ao domínio JOGO, de modo geral, puderam ser evitadas por desambiguarem o lexema no micronível ou macronível do texto. No caso dos livros, por exemplo, o termo em questão, muitas vezes, encaixou-se em uma narração metafórica superordenada, dominando um capítulo inteiro.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

Um primeiro olhar lançado ao número absoluto de lexemas ligados a esquemas imagéticos e sua distribuição percentual nos dois corpora revela o seguinte resultado, no qual é diferenciado entre número de lexemas (*token*) e variação de lexema (*type*):

ESQUEMAS IMAGÉTICOS	Brasil		Alemanha	
	Número lexemas	Porcentagem ⁶	Número lexemas	Porcentagem
CONTÊINER	555	19,6	937	21,1
CENTRO – PERIFERIA	478	16,8	648	14,6
VERTICALIDADE	472	16,6	1120	25,2
CAMINHO	488	17,2	737	16,6
UNIDADE – PARTES	421	14,8	588	13,2
FORÇA	101	3,6	140	3,2
MOVIMENTO	295	10,4	270	6,1
BALANÇA	28	1,0	3	0,1
TOTAL	2838	100,0	4443	100,0

Tabela 1: Número de lexemas (tokens) por esquema imagético

ESQUEMAS IMAGÉTICOS	Brasil		Alemanha	
	Número lexemas	Porcentagem	Número lexemas	Porcentagem
CONTÊINER	57	14,4	89	19,3
CENTRO – PERIFERIA	37	9,3	37	8,0
VERTICALIDADE	54	13,6	75	16,2
CAMINHO	118	29,7	132	28,6
UNIDADE – PARTES	85	21,4	78	16,9

⁶ A percentagem refere-se ao total das metáforas encontradas no corpus da respectiva cultura.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

FORÇA	22	5,5	20	4,3
MOVIMENTO	11	2,8	28	6,1
BALANÇA	13	3,3	3	0,6
TOTAL	397	100,0	462	100

Tabela 2: Variação de lexemas (types) por esquema imagético

ESQUEMAS IMAGÉTICOS	Exemplo alemão	Exemplo brasileiro
CONTÊINER	wer siegesgewiß <i>drinnen</i> , wer wackelig dazwischen oder wer schon <i>draußen</i> ist (quem está <i>dentro</i> , certo da vitória, quem está abaladamente no meio ou quem já está <i>fora</i>)	Quem está <i>dentro</i> não <i>sai</i> , quem está <i>fora</i> não <i>entra</i>
CENTRO – PERIFERIA	Die Angst sei <i>von den Rändern</i> der Gesellschaft <i>zur Mitte</i> gewandert (O medo passou das <i>margin</i> s da sociedade para o <i>centro</i>)	Estou <i>à margem da margem</i>
VERTICALIDADE	Viele werden in den <i>Strudel des Abstiegs</i> gerissen (Muitos são arrastados para o <i>turbilhão da queda</i>)	A classe <i>média</i> <i>subiu</i> um <i>degrau</i> na <i>pirâmide</i> social de consumo
CAMINHO	Die deutsche Gesellschaft <i>geht in die Richtung</i> der amerikanischen (A sociedade <i>alemã</i> <i>anda na direção</i> da sociedade norte-americana)	O Brasil <i>caminha a passos largos</i> para <i>superar barreiras</i> históricas
UNIDADE – PARTES	Die Gesellschaft <i>atomisiert</i> sich (A sociedade <i>atomiza-se</i>)	Para melhorar a sociedade como um <i>todo</i>
FORÇA	Die <i>Starken</i> müssten mehr den sozial <i>Schwachen</i> helfen (Os <i>fortes</i> teriam que ajudar mais aos socialmente <i>fracos</i>)	mas de uma grande aliança entre todas as <i>forças</i> sociais do país

		Fim da <i>mobilidade</i> social ajudou Lula
	Die Angst, die immer breitere Schichten erfasst und sie <i>immobilisiert</i>	
MOVIMENTO	(O medo que atinge cada vez mais camadas e as <i>imobiliza</i>)	
		É uma sociedade <i>desequilibrada</i> .
	Die Gesellschaft ist <i>aus dem Gleichgewicht geraten</i>	
BALANÇA	(A sociedade <i>perdeu seu equilíbrio</i>)	

Tabela 3: Exemplos para os esquemas imagéticos

Apesar de muitos paralelos face ao uso de metáforas de esquemas imagéticos também se encontram algumas nuances cruciais apontando preferências da respectiva cultura:

A comparação intercultural mostra um número de lexemas maior para o domínio **contêiner** no corpus brasileiro, ao passo que o número percentual parece aproximadamente igual àquele do corpus alemão. Não obstante, no corpus alemão predomina **verticalidade**, favorecendo um número menor de expressões do domínio **centro – periferia** que, por sua vez, ocupa o primeiro lugar no corpus brasileiro. Entre outros motivos, essa tendência poderia ter raízes sócio-geográficas, uma vez que, no Brasil, o discurso sobre desenvolvimento urbano e arquitetônico é fortemente dominado pelo antagonismo centro – periferia. Nisso, muitas vezes, as camadas mais pobres estabelecem-se ao redor dos centros urbanos, ou seja, pode-se observar uma correlação entre estrutura local e social. O mesmo se vê no nível regional, no qual a polarização entre metrópoles ricas e interior pobre se destaca em oposição à Alemanha. A despeito disso, desde o começo do ‘debate sobre a classe baixa’,⁷ o esquema da verticalidade torna-se cada vez mais uma nova imagem central nos veículos de comunicação da Alemanha.

Ademais, chama atenção a metáfora conceptual do **movimento**, responsável por um número maior e uma variação maior de lexemas no corpus brasileiro. Ela pode ser

⁷ A assim chamada ‘Unterschichtendebatte’ surgiu no ano 2006 junto com a discussão sobre a demolição do estado social e a desigualdade crescente.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

interligada ao tópico clássico da esquerda, presente nas suas abordagens sobre a sociedade, nas quais os ‘movimentos sociais’ passam ao primeiro plano.

Com relação à variação de lexemas, nos dois corpora, o esquema do **caminho** está em primeiro lugar, o que poderia ter algo a ver com a animação implícita desse esquema. Em princípio, podem-se observar mecanismos diferentes de dinamização. Sendo assim, no uso da linguagem, simplesmente não se encontram esquemas imagéticos universais e estáticos em correspondência com a visão tradicional da primeira geração da teoria cognitiva da metáfora (LAKOFF 1987; JOHNSON 1987), pois dentro de um contexto sócio-cultural, tais esquemas são animados e surgem como ‘esquemas imagéticos compostos’ (CIENKI 1997; KIMMEL 2005; Sinha & Jensen de LÓPEZ 2000; GIBBS 2005).

Assim, no corpus alemão encontram-se configurações específicas que refletem algumas particularidades ligadas à cultura alemã, por serem encontradas apenas raramente no corpus brasileiro, como a frequente combinação dos esquemas **verticalidade** e **caminho** (1-5) na imagem de pessoas que caem ou tentam subir. Muitas vezes, esquemas como **caminho**, **verticalidade**, **contêiner** ou **centro – periferia** (6-8) são combinados como ilustram os seguintes exemplos. No exemplo (8), adicionalmente, o esquema da **força** é acrescentada:

(1) Die einen sind *tief gefallen*, die anderen haben nie *abgehoben* (Z32)
(Uns *caíram profundamente*, outros nunca *levantaram*)

(2) *Abstieg in die Katakomben* der Gesellschaft (S2)
(*queda para as catacumbas* da sociedade)

(3) die soziale *Stufenleiter* ist überhaupt *glitschiger* geworden. Der *Absturz* scheint von überall möglich (Bude 2008, 33)
(a *escada social de patamares*, em geral, tornou-se mais *escorregadiça*. A *queda* parece poder ocorrer em qualquer lugar)

(4) *in den Strudel* einer ‚*Abwärtsspirale*‘ zu *geraten* (LESSENICH ET AL. 2006,35)
(*cair no turbilhão da ,espiral para baixo* ’)

(5) Die deutsche Gesellschaft *geht immer weiter den Bach runter* (EoA10)
(A sociedade alemã continua *descendo o rio*)

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

(6) Wer heute *in den unteren Teil* der Gesellschaft *hineingeboren* wird, hat nur wenige Chancen, dort im Laufe seines Lebens wieder *herauszuklettern*(S8)

(Quem nasce *dentro da parte baixa* da sociedade, tem hoje apenas poucas chances de *subir de lá* no decorrer da sua vida)

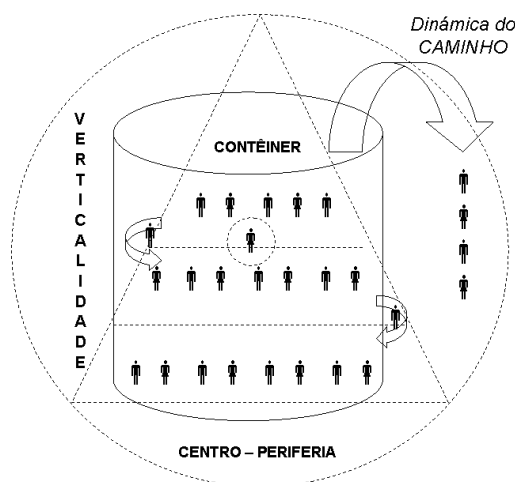
(7) Besser als die Möglichkeiten der Armen, *in die Mittelschicht zu klettern*, sind die *Aufstiegschancen der Mittelschichtler nach ganz oben*. Rund elf Prozent der Beschäftigten schafften im gleichen Zeitraum den *Sprung in die oberen Gehaltsklassen*. (Z12)

(Melhor do que as oportunidades dos pobres de *ascenderem para o interior da classe média* são as chances de *ascensão da classe média até o topo*. No mesmo período, aproximadamente onze por cento dos que têm emprego conseguiram o *salto para as classes salariais superiores*)

(8) Es gibt *Druck* auf die *Ränder*, Hartz IV. Ich gehör’ mittlerweile zu denjenigen, die den *Druck* gut finden, sozialpädagogisch, solange diejenigen, die wirklich staatliche Unterstützung brauchen, nicht *aus dem Raster fallen* (EoA5,1)

(Há *pressão nas margens*, Hartz IV. Entrementes, faço parte daqueles que acham boa essa *pressão*, pela perspectiva sócio-pedagógica, enquanto aqueles que realmente necessitam do apoio estatal não *caírem para fora do retículo*.)

Podemos entender tais ‘esquemas imagéticos compostos’ também como processos complexos da mesclagem, isto é, como ‘integration networks’ (FAUCONNIER & TURNER 2008), nas quais domínios-input distintos se mesclam em um espaço novo. O quadro em seguida ilustra como será uma cobertura potencial de todos os esquemas analisados acima:



Quadro 1: Esquemas imagéticos compostos e dinamizados em redes de integração

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

A forte animação dos esquemas imagéticos no corpus alemão pode ser vista em conexão com a percepção de uma sociedade que está em transformação, uma vez que, no corpus brasileiro, uma dinâmica comparável é vista em apenas sete artigos jornalísticos que se referem todos a uma estatística que, no início do ano 2008, constatou um crescimento incisivo da classe média, causado por uma melhoria das condições salariais da antiga classe baixa. Apesar disso, os esquemas imagéticos do corpus brasileiro são mais estáticos, e de vez em quando, é até explicitado que não há muitas mudanças na sociedade brasileira, quer dizer, VERTICALIDADE ou CONTÊINER também são conceitualizados como modelos estáticos de modo consciente (9-11). No que tange ao esquema do CAMINHO, essa tendência reflete-se na percepção da própria sociedade como objeto animado em movimento circular ou difuso que não consegue andar para frente (12-14).

(9) Quem está dentro não sai, quem está fora não entra (V1)

(10) uma sociedade fundada na dominação patrimonialista de fundo estamental, pirâmide de ascensão previamente bloqueada para os despossuídos de todos os tempos, pendularmente (ausgehängt) oscilantes no trapézio da precariedade social (ESP3)

(11) o negro conhece o seu lugar (Almeida 2007, 231)

(12) fazendo a sociedade permanecer no círculo vicioso do apadrinhamento e se contentando com migalhas (Brotkrumen) (ESP6)

(13) Ela [a sociedade] ainda tá rodando círculo e não se achou (EoB4,1)

(14) [a sociedade] vive num fluxo que leva de nada para lugar nenhum (EoB4,2)

3.2 Comparação das metáforas da constelação

Os resultados acerca das metáforas da constelação podem ser resumidos da seguinte forma:

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

DOMÍNIO FONTE	Brasil		Alemanha	
	Número lexemas	Percen- tagem	Número lexemas	Percen- tagem
PERSONIFICAÇÃO ⁸	295	14,7	114	5,4
PACIENTE DOENTE	85	4,2	87	4,1
FLORA	161	8,0	174	8,3
FAMÍLIA	95	4,7	100	4,7
REGRAS	29	1,4	9	0,4
SISTEMA	171	8,5	185	8,8
MÁQUINA	144	7,2	74	3,5
EDIFÍCIO	147	7,3	252	12,0
COLABORAÇÃO	42	2,1	56	2,7
NEGÓCIO	49	2,4	143	6,8
TEATRO, PALCO	81	4,0	48	2,3
INTRANSPARÊNCIA	69	3,4	19	0,9
GUERRA	416	20,7	222	10,5
VIAGEM	35	1,7	67	3,2
JOGO, COMPETIÇÃO	39	1,9	260	12,3
OBSERVAÇÃO	22	1,1	79	3,8
MUDANÇA CLIMÁTICA	14	0,7	49	2,3
APRENDIZAGEM	15	0,7	0	0,0
ALIMENTAÇÃO	24	1,2	0	0,0
OUTRAS METÁFORAS	77	3,8	168	8,0
TOTAL	2010	100,0	2106	100,0

Tabela 4: Número de lexemas (tokens) por domínio fonte

⁸ A **personificação** não pertence à categoria das metáforas da constelação como campo inteiro estruturado por elementos e suas relações, mas sim, forma uma subclasse das metáforas ontológicas (LAKOFF & JOHNSON 1980; Baldauf 1997). Porém, é listada aqui, uma vez que, devido a sua alta proposicionalidade, ela tem mais em comum com a metáfora da constelação do que com os esquemas imagéticos que representam meras *gestalts*. Então, a diferença decisiva está no grau de abundância proposicional pelo qual metáforas se distinguem como *ground models* daquelas que representam *figure models* (BARANOV & ZINKEN 2003).

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

DOMÍNIO FONTE	Brasil		Alemanha	
	Número lexemas	Porcen- tagem	Número lexemas	Porcen- tagem
PERSONIFICAÇÃO	178	25,5	83	13,7
PACIENTE DOENTE	52	7,4	55	9,1
FLORA	63	9,0	33	5,4
FAMÍLIA	40	5,7	24	4,0
REGRAS	3	0,4	4	0,7
SISTEMA	15	2,1	8	1,3
MÁQUINA	33	4,7	32	5,3
EDIFÍCIO	33	4,7	60	9,9
COLABORAÇÃO	11	1,6	15	2,5
NEGÓCIO	23	3,3	58	9,6
TEATRO, PALCO	29	4,1	17	2,8
INTRANSPARÊNCIA	33	4,7	10	1,7
GUERRA	111	15,9	82	13,5
VIAGEM	30	4,3	38	6,3
JOGO, COMPETIÇÃO	18	2,6	47	7,8
OBSERVAÇÃO	5	0,7	23	3,8
MUDANÇA CLIMÁTICA	7	1,0	17	2,8
APRENDIZAGEM	3	0,4	0	0,0
ALIMENTAÇÃO	12	1,7	0	0,0
TOTAL	699	100,0	606	100

Tabela 5: Variação de lexemas (types) por domínio fonte

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

DOMÍNIO FONTE	Exemplo alemão	Exemplo brasileiro
		caminhar com as próprias <i>pernas</i>
PERSONIFICAÇÃO	eine <i>in die Jahre kommende</i> Gesellschaft (uma sociedade <i>idosa</i>)	
PACIENTE DOENTE	<i>Symptome</i> eines “Unterschichtenlandes” entwickelt, das <i>in Lethargie verfallen</i> ist (desenvolve <i>sintomas</i> de um “país da classe baixa” que <i>caiu em letargia</i>)	parecem <i>esparadrapos cosméticos</i> sobre uma <i>ferida</i> que não <i>sara</i>
FLORA	Rechtsextremes <i>Gedankengut gedeiht</i> [...] in der Unterschicht (<i>sementes</i> de ideias da extrema direita <i>germinam</i> [...] na classe baixa)	E por aqui <i>fincou raízes fortes</i> em nossa sociedade
FAMÍLIA	Der Staat noch als <i>alimentierender Ersatzvater</i> (O estado ainda como <i>pai provedor substituto</i>)	Faz parte da nossa cultura ibérica gostar do <i>afago</i> do Estado
REGRAS	eine Gesellschaft, die keinen <i>Regeln</i> mehr <i>folgt</i> (uma sociedade que não <i>segue</i> mais nenhuma <i>regra</i>)	Toda sociedade precisa de uma idéia <i>reguladora</i>
SISTEMA	soziales <i>Netzwerk</i> (<i>rede social</i>)	para que a coisa <i>funcione</i> , é preciso ter <i>mecanismos</i> de <i>reequilíbrio</i> e <i>regulação</i>
MÁQUINA	in der Mitte der Gesellschaft die materielle <i>Schraube</i> [...] enger <i>drehen</i> (<i>apertar o parafuso</i> no centro da sociedade)	A <i>mola propulsora</i> do avanço das nações, a classe está imobilizada no Brasil
EDIFÍCIO	Die <i>Eckpfeiler</i> dieser Mittelklassenwelt [...] haben an <i>Tragfähigkeit</i> verloren (As <i>pilastras angulares</i> desse mundo da classe média [...] perderam sua <i>suportabilidade</i>)	uma sociedade <i>construída em cima dos alicerces</i> da escravidão

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

		com a <i>colaboração</i> da sociedade
COLABORAÇÃO	man müsste einige <i>Bereiche</i> noch mal <i>überarbeiten</i> (teria que se refazer uma <i>revisão</i> de alguns <i>domínios</i>)	
NEGÓCIO	Neoliberale Gesellschaft <i>mit begrenzter Haftung</i> (Sociedade neoliberal <i>de responsabilidade limitada</i>)	O <i>preço</i> de atingir e manter o status quo de classe média [...] tornou-se quase <i>impagável</i>
TEATRO, PALCO	tarifrechtlich geschützten <i>Platz</i> auf deren <i>Vorderbühne</i> beanspruchen (exigir um <i>lugar</i> protegido jurídico-tarifariamente no <i>primeiro palco</i>)	o grande <i>drama</i> histórico da sociedade brasileira desde o início de seu processo
INTRANSPARÊNCIA	werden die gesellschaftlichen Prozesse zunehmend <i>undurchsichtig</i> (os processos sociais tornam-se cada vez mais <i>intransparentes</i>) <i>opacos</i>	É preciso limpar o <i>emaranhado</i> sistema
GUERRA	<i>Frontlinie</i> verläuft [...] zwischen Ober-, Mittel- und Unterschicht (a <i>linha frontal</i> corre entre as classes alta, média e baixa)	A <i>luta contra</i> a pobreza terá que se tornar a principal <i>batalha</i> de toda a sociedade
VIAGEM	<i>Ersatzanker</i> in <i>stürmischen</i> sozialen <i>Gewässern</i> (uma <i>âncora</i> substituta em <i>águas tempestuosas</i>)	Quem é <i>vagão</i> e quem é <i>locomotiva</i>
JOGO, COMPETIÇÃO	Die meisten von ihnen stehen auf der <i>Verliererseite</i> (a maior parte deles está <i>do lado</i> dos <i>vencidos</i> .)	Que somos <i>peões</i> num <i>jogo de xadrez</i> [...] e a briga não chega nos <i>cavalos</i> , nos <i>reis</i>
OBSERVAÇÃO	gesellschaftliches <i>Selbstbild</i> (<i>auto-retrato</i> da sociedade)	sua abissal desigualdade social é "colonizada" por uma <i>visão</i> "economicista"
MUDANÇA	<i>Wind</i> , den eine moderne Gesellschaft erzeugt	como o Brasil deve atravessar esse período

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

CLIMÁTICA	(vento causado por uma sociedade moderna)	de <i>alta turbulência</i> ?
	Ø	
APRENDIZAGEM		uma grande sociedade que cada dia <i>aprende</i> mais
ALIMENTAÇÃO	Ø	Ela é um <i>bolo</i>

Tabela 6: Exemplos para metáforas conceptuais

Os resultados, de um modo bem geral, afirmam a tese de KÖVECSES (2005: 67-87) de que, no caso da variedade cultural de metáforas, na maioria das vezes, não se trata de uma questão de domínios fontes distintos, mas sim, de conceitualizações preferenciais, como mostra, entre outros, o estudo de SCHRÖDER (2009) com relação às metáforas aplicadas por estudantes brasileiros e alemães para falar sobre domínio AMOR. Pois apesar dos domínios fonte **aprendizagem** e **alimentação**, sem correspondência no corpus alemão, todos os demais domínios, que revelaram pelo menos três ocorrências, podem ser encontrados nos dois corpora.

Como diferença mais crucial, o que chama a atenção é o número significativamente maior de personificações no corpus brasileiro, considerando tanto o número absoluto de ocorrências como a variação de lexemas. De fato, isso está em correlação com a observação de que a transição da palavra *sociedade* às pessoas que a compõem acontece mais naturalmente nas entrevistas brasileiras. Nisso, o ponto de partida frequentemente é formado pela perspectiva dêitica:

(15) “Acho que é uma sociedade *oprimida, induzida e conduzida* de acordo com a opinião da mídia nacional. Mas também somos extremamente *calorosos, bem humorados, alegres e amáveis*”. (EeB2).

Daqui é apenas um passo pequeno para projetar os adjetivos, que são mapeados aos brasileiros, à sociedade em si. Essa disposição à personificação e a plasticidade ligada a essa tendência reflete-se, sobretudo, nos lexemas ligados ao corpo cuja variedade, no corpus alemão, reduz-se aos lexemas *cabeça, pé, cara e testa*. Em contrapartida, no

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

corpus brasileiro, há 22 lexemas distintos que são usados para descrever a sociedade através do domínio CORPO. Aqui, alguns exemplos:

(16) reforma atinge todo o *arcabouço* da sociedade nacional (EeB3)

(17) saindo da *barriga* da família passando para a *barriga* da sociedade, né (EoB7,1)

(18) fica de *braços* cruzados esperando as coisas acontecer (EoB11,3)

(19) a distribuição seletiva de privilégios segundo rótulos de raça inocula na *circulação sanguínea* da sociedade o veneno do racismo (E3)

(20) Com o road map nas *mãos*, o caminho está dado. (ESP6)

Por detrás dessa preferência metafórica, ao mesmo tempo, há uma preferência trópica, uma vez que os exemplos muitas vezes implicam em uma combinação entre metáfora e metonímia,⁹ mais especificamente, o que GOOSSENS (1990) chama *metonymy within metaphor*. Por conseguinte, pode-se reconstruir o seguinte processo da metaforização:

Características e partes do corpo de uma pessoa	⇒	Metonimização	⇒	Pessoa pelo grupo (parte pelo todo)	⇒	Metaforização	⇒	Sociedade possui características e partes do corpo como uma pessoa
---	---	---------------	---	-------------------------------------	---	---------------	---	--

Tais personificações dão um perfil nítido ao abstrato ‘sociedade’ e têm uma função concretizante pelo efeito de compressão que se vê na imagem.

Outra particularidade é o número alto de metáforas que são provenientes do domínio **teatro / palco**. Além de lexemas como *Akteur / ator*, *Bühne/palco*, *Rolle/papel*, *Theater/teatro* que se encontram nos dois corpora, há lexemas como *copiar*, *máscara*, *espelhar*, *fingir*, *fachada*, *quimera*, *dissimulação* etc., que servem a uma visualização da

⁹ Nas abordagens atuais, a visão tradicional de que seja possível uma distinção nítida entre as duas figuras trópicas, é substituída pela ideia de um contínuo (BARCELONA 2003) ou de uma interação entre as duas figuras (GOOSSENS 1990). Em princípio, o critério para a metáfora é a da similaridade construída, para a metonímia o da contiguidade. Destarte, intimidade, por exemplo, ou pode ser vista *como* proximidade (metáfora) ou *via* proximidade (metonímia) (STEEN 2007, 58).

falsidade e dissimulação da sociedade e que parecem apontar para um tópico cultural, a saber, o estilo barroco, onipresente na cultura brasileira (SCHRÖDER 2004; 2006). As metáforas atributivas – as *Attributionsmetaphern* (BALDAUF 1997: 79-92) – reforçam as personificações. De acordo com isso, a sociedade é descrita como *sombria, invisível, opaca, nebulosa, emaranhada, intransparente, moralmente cinzenta, kafkiana* etc., lexemas que foram agrupados no domínio **intransparência**.

Surge outra diferença no que diz respeito ao domínio fonte **guerra**: embora no corpus alemão, a elaboração lexical seja mais saliente, no corpus brasileiro, há um número significativamente maior de ocorrências, o que poderia ser explicado pela retórica da ‘luta das classes’, amplamente presente no discurso da esquerda (SCHRÖDER 2008). Sendo assim, por exemplo, no livro de CHAUI ET AL. (2006), o lexema-chave *luta/lutar*, no total, aparece 23 vezes, o lexema *movimento* 17 vezes. Apenas nesse livro, lexemas ligados ao domínio **guerra** fazem 41% de todas as expressões metafóricas em oposição a 15,9% no corpus brasileiro inteiro. Nesses contextos discursivos, surge também o subdomínio revolução, formado por lexemas semanticamente interligados como *revolução, lutar, escravo, marcha, militante, subjugar, explorar* etc., que faltam no corpus alemão.

Metáforas que não se encontram no corpus alemão, mas sim, no corpus brasileiro, vêm dos domínios alimentação e aprendizagem, que são culturalmente específicos. Descrever a sociedade brasileira em termos de um processo de aprendizagem representa um tópico que se vê em muitas abordagens sobre a própria identidade brasileira, no que tange à tematização de nação ainda muito jovem.¹⁰ A projeção da sociedade brasileira em imagens compactadas como *caldeirão, pizza, bolo* ou *coquetel* recorre ao esquema imagético **parte – todo**, o que poderia estar em conexão com o conceito da *miscigenação*: a identidade brasileira é composta por etnias distintas que se misturaram, gerando um ‘povo novo’ (RIBEIRO 1995), o que já se reflete em muitos títulos de livros.¹¹ Frequentemente, tais metáforas assumem uma função coesiva

¹⁰ Cf. entre outros, *Brasil, um país do futuro?* de Stefan ZWEIG (1941), *Fenomenologia do Brasileiro. Em Busca de um Novo Homem* de Vilém FLUSSER (1998), *Mundo nos Trópicos* de Gilderto FREYRE (1971).

¹¹ Cf. entre outros, *Manifesto Antropófago* de Oswald de ANDRADE (1995), *Brasil – Terra de Contrastes* de Roger BASTIDE (1971), *The Brazilian Puzzle* de David J. Hess & Roberto DAMATTA (1995), *O labirinto latino-americano* de Octavio IANNI (1993).

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

por serem *rapid, concise, and vivid* (PONTEROTTO 2003: 294). Sendo assim, elas introduzem um novo tópico.

Enquanto no corpus brasileiro, no domínio **flora**, a variação dos lexemas representa aproximadamente o dobro daquela do corpus alemão, essa relação se inverte, se olharmos para o domínio **edifício**. Aqui, o número da variação dos lexemas é mais alto no corpus alemão do que no corpus brasileiro. No uso dessa metáfora, também se pode observar uma maior criatividade, tornando a metáfora do **edifício** em uma analogia, por aprofundar certos esquemas imagéticos voltados para a topologia do domínio em questão. BUDE (2008), por exemplo, desenvolve a metáfora **casa da sociedade**, que pode ser vista como extensão e concretização proposicional do esquema **verticalidade** ou **hierarquia** e **contêiner**, combinada com o domínio fonte tradicional **edifício**. Isso acontece mais vezes no corpus alemão do que no corpus brasileiro no nível textológico, de modo que metáforas se tornam ‘isotexemas’ (PLETT 2001: 70-71), que podem até determinar toda a narração de um capítulo ou livro:

(22) *Im Haus* der Gesellschaft *bewohnen* beide Parteien [Unter- und Mittelschicht] ihre eigene *Etage*. Die einen müssen sich mit dem *Parterre* zufrieden geben, die anderen schielen auf die *Beletage*. [...] Die *Ausgeschlossenen*, um im Bild zu bleiben, gibt es *auf jeder Etage*. Sie drücken sich herum, solange es geht, *unten* vermutlich länger als *in der Mitte*. [...] Es kann aber passieren, daß ein Einzelner aufgrund eines “kritischen Lebensereignisses” *ins Strudeln* gerät und wegen Miet- und anderer Schulden *vor die Tür* gesetzt wird. Nach und nach sammeln sich die *Ausgeschlossenen im Flur* und wissen nicht mehr, wohin sie gehören. (BUDE 2008: 127)

(Na *casa* da sociedade, cada partido [a classe baixa e média] *mora* em seu próprio *andar*. Uns têm que *morar no térreo*, outros olham de soslaio para a *cobertura*. [...] Para continuar com essa imagem, os excluídos encontram-se *em qualquer andar*. Eles permanecem por *lá* o mais possível, provavelmente por mais tempo *embaixo* do que *no meio*. [...] Mas pode acontecer que uma única pessoa comece a *entrar em turbilhão* e seja *jogado para fora da porta* por causa de dívidas de aluguel e outras. Pouco a pouco, os excluídos se encontram *no corredor* e não sabem mais qual é o seu lugar.)

A densidade e o número de lexemas dos domínios **jogo / competição** são também mais altos no corpus alemão e a variação de lexemas do domínio **negócio / empresa** é até três vezes maior em comparação ao corpus brasileiro. Em expressões como “Karriere des

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

sozialen Ausschlusses” (“carreira da exclusão social”) (BUDE 2008: 18-19), “*Klienten des Wohlfahrtsstaates*” (clientes do estado de bem estar”) (Lessenich & Nullmeier 2006: 115), “*Wertehaushalt der deutschen Gesellschaft*” (orçamento de valores da sociedade alemã”) (NEUGEBAUER 2007: 27), “*Generationen-Buchhaltung*” (“geração de contabilidade”) (LESSENICH & NULLMEIER 2006: 123), “*Tiefenkrise der Deutschland AG*” (“crise profunda da Alemanha SA) (BECK 2005: 13) oder “*Neoliberale Gesellschaft mit begrenzter Haftung*” (“Sociedade neoliberal *de responsabilidade limitada*”) (FR4) vimos uma característica especial da discussão atual: o domínio fonte da economia predomina cada vez mais esferas da sociedade alemã e torna estudantes, eleitores e pacientes em clientes e consumidores, o que é ironizado aqui. No seguinte trecho, é tematizado explicitamente no capítulo *Verlierer – Gewinner (Perdedores – Ganhadores)* do livro de LESSENICH ET AL. (2006):

(23) Die ausufernde Gewinner/Verlierer-Semantik ist dabei vielfach an jene Stelle getreten, an der zuvor Ausdrücke wie ‚Benachteiligte‘ oder ‚sozial Schwache‘ gestanden haben. Im Sprachgebrauch des Sozialstaats wurde bei solchen Bezeichnungen die gesellschaftliche Verantwortung sozial stärkerer Gruppen immer schon mitgedacht – auch deshalb, weil die Schwachen nicht allein als haftbar für ihre Lage galten. Heute jedoch hat sich mit der allorts erhobenen Forderung nach ‚Eigenverantwortung‘ geradezu ein neuer Existentialismus verbreitet, der soziale Nachteile als falsche Entscheidungen individualisiert und keine ‚sozialen Umstände‘ mehr gelten lässt. (LESSENICH et al. 2006: 368-369)

(Nisso, a semântica transbordante do vencedor/vencido ocupa o lugar de expressões como ‘desfavoráveis’ ou ‘socialmente fracos’. No uso da língua do estado social, tais denominações sempre refletiram a responsabilidade de grupos socialmente mais fortes – também porque não era válido atribuir aos fracos toda a responsabilidade para a sua situação. Todavia, junto à exigência onipresente da ‘responsabilidade própria’, hoje, espalhou-se um novo existencialismo que individualiza desvantagens sociais como decisões falsas e não aceita mais ‘condições sociais’.)

Aqui se mostra uma característica do discurso alemão que metaforicamente se reflete no número alto de metáforas que vêm do domínio **observação**.¹² A metareflexão sobre o

¹² LAKOFF & JOHNSON (1999: 277) denominam essa perspectiva de fora, que é uma metaperspectiva, *The Objective Standpoint Metaphor* que é composta por *Container* e *Knowing Is Seeing*.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

discurso sobre ‘sociedade’ tem uma presença muito forte no corpus alemão. Por consequência, no corpus alemão, não apenas o número de lexemas ligados a esse domínio inclui cinco vezes mais expressões do que no corpus brasileiro, também a variação de lexemas, com uma relação de 23:5, é significativamente maior. Essa tendência também se revela nos comentários intertextuais que se referem à forma como as discussões sobre a sociedade são abordadas nos meios de comunicação de massa:

(24) Die Semantik der Unbeweglichkeit (LESSENICH ET AL. 2006: 338)
(A semântica da imobilidade)

(25) Um dann wie gewohnt die Zukunft beflügelt einzuschwärzen und anzuschwärzen (BECK 2005:7-8)
(para denegrir e pintar de preto o futuro como de costume)

(26) Alles durch die deutsche Brille zu betrachten (BECK 2005: 90)
(observar tudo através dos óculos alemães)

(27) Man hat ja immer nur nen ganz bestimmten *Blickwinkel*, nen ganz bestimmten *Ausschnitt* von dem, was man so mitkriegt von der Gesellschaft (EoD3,1)
(Sempre, tem-se apenas uma certa *perspectiva*, um certo *recorte* daquilo que se percebe da sociedade)

(28) Es wird gern ein *düsteres Bild* von der Lebenssituation der Menschen *gezeichnet* (W11)
(Gosta-se de *pintar* uma *imagem sombria* da situação da vida das pessoas)

3.3 Classes de palavra no uso da linguagem metafórica

Como STEEN (2002, 2004) enfatiza, é relevante qual o tipo de palavra ao qual uma metáfora pode ser agrupada, uma vez que isso tem influência sobre o efeito que a metáfora causa no receptor. Por isso, os lexemas dos domínios conceptuais foram classificados segundo as classes de palavra que eles representam, a saber, segundo substantivo, adjetivo e verbo. As partículas adverbiais que têm uma função crucial no caso dos esquemas imagéticos não foram contadas aqui. De fato, uma breve análise dos

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

lexemas (*types*) não revelou oposições cruciais, não obstante haver algumas nuances elucidativas no que concerne à distribuição dos lexemas nessas três classes distintas:

Classe de palavra	Brasil		Alemanha	
	Número absoluto	Número percentual	Número absoluto	Número percentual
SUBSTANTIVOS	332	58,2	402	56,6
VERBOS	148	26,0	231	32,5
ADJETIVOS	90	15,8	77	10,8
TOTAL	570	100,0	710	100,0

Tabela 7: Metáforas por classe de palavra

Enquanto a parte percentual de substantivos é mais ou menos igual – embora uma parte significativa dos substantivos alemães seja composta por verbos substantivados – no corpus alemão encontram-se mais metáforas verbais, ao passo que, no corpus brasileiro, há mais metáforas de adjetivos. Essa quota maior de metáforas de adjetivos pode ser vista junto com o alto grau de personificação, na qual características variadas são atribuídas à sociedade como se fosse uma pessoa. Metáforas de adjetivos servem à coloração (*Ausmalung*) e acessam as emoções do receptor (KOHL 2007: 48). O fato de essa tendência ser mais forte no corpus brasileiro pode estar interligado ao estilo mais barroco, como já foi mencionado anteriormente. Segundo o estudo de WINDFUHR (1966: 49-77) a preferência pela metáfora nominal e adjetival é típica do barroco, tendo uma função mais ornamental. A animação do construto abstrato ‚sociedade’, no corpus brasileiro, frequentemente abre espaço para a analogia com a metáfora ampliada, ou seja, uma narração metafórica (KOHL 2007: 87). Analogias e comparações que se baseiam em personificações foram usadas 17 vezes no corpus brasileiro, mas apenas cinco vezes no corpus alemão. Com tais imagens comprimidas, muitas vezes, os autores conseguem gerar uma atmosfera que evoca narrações conhecidas:

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

(29) Podemos responder, dizendo que o “*gigante pela própria natureza*” não ficou “*deitado eternamente em berço esplêndido*”, na simbologia palavrosa do hino nacional. O *gigante caminhou, tropeçou e hoje tateia, incerto, buscando novos rumos*. (REIS VELLOSO ET AL. 2006: 96)

(30) que talvez um dia o país possa deixar de caber na seguinte descrição do escritor Paulo Mendes Campos: “Imaginemos um *ser humano monstruoso* que tivesse a metade da *cabeça* tomada por um *tumor*, mas o *cérebro* funcionando bem; um *pulmão sadio*, o outro *comido pela tísica*; um *braço ressequido*, o outro *vigoroso*; uma *orelha lesada*, a outra *perfeita*; o *estômago* em ótimas condições, o *intestino carcomido* de *vermes*. Esse *monstro* é o Brasil: falta-lhe alarmantemente o mínimo de uniformidade social” (V7)

Em oposição, metáforas verbais dinamizam a imagem e exigem a colaboração imaginativa nos processos mentais. Sociedade é mais vista como um local, no qual há ações, e não como uma pessoa com características fixas. Especialmente na análise dos esquemas imagéticos compostos e dinâmicos, esse aspecto vem à tona, como vimos anteriormente. No corpus alemão, todavia, mesmo como pessoa, a sociedade é esboçada mais frequentemente como agente ativo do que como possuidor de características. Sendo assim, no total, no corpus brasileiro, encontram-se 66 lexemas atributivos para descrever a sociedade como *alegre, afetiva, virtuosa, violenta, tranquila, sábia, quente, queixosa, preconceituosa, perversa, mentirosa, lúdica, malandra, hipócrita, invejosa, intimista, cordial, contente, criminosa* etc., contrariamente, no corpus alemão, apenas 33. No entanto, desses 33 lexemas, mais da metade não exprime disposições emocionais, mas sim atitudes em relação ao outro: a sociedade é descrita como *weltoffen (aberta ao mundo), intolerant (intolerante), solidarisch (solidária), oberflächlich (superficial), rentnerfeindlich (hostil aos aposentados), kinderfeindlich (hostil a crianças), egoistisch (egoísta), engstirnig (tapada)* etc. As outras personificações referem-se a ações: a sociedade “*sieht schwarz*” (“é pessimista”), “*will Ungerechtigkeiten nicht wahrhaben*” (“não quer admitir desigualdades”), “*kommt in die Jahre*” (“envelhece”), “*diskutiert über sich selbst*” (“discute sobre si mesmo”), “*verhält sich friedlich*” (“comporta-se pacificamente”) oder “*denkt nur an ihre eigene Person*” (“pensa apenas em si mesma”).¹³ Ademais, o que chama atenção é que, no corpus

¹³ Nisso, poderia se tratar também de um fenômeno da relatividade cultural, que talvez se interligue a diferenças face a línguas anglo-germânicas e línguas românicas em geral. Em seu estudo no qual se pediu

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

brasileiro, muitas vezes prefixos de negação são usados para a descrição da sociedade como *injusta*, *desigual* e *antiliberal* ou partículas de negação como *não solidária*, *sem memória*. Às vezes, as pessoas apontam a ausência de certas características que elas gostariam de ver na sociedade brasileira: *falta de senso coletivo*, *ausência de justiça* etc.

3.4 Funções e modelos do pensamento de metáforas conceptuais

Metáforas podem assumir diversas funções comunicativas: informativas, expressivas, apelativas, metacomunicativas, heurísticas, estéticas, fáticas, catacréticas, epistêmicas, ilustrativas, argumentativas ou sócio-regulativas. A pergunta pela intenção comunicativa se coloca especialmente acerca dos livros e artigos analisados. Pois nesses dois corpora, metáforas não raramente servem para constituir narrações superordenadas, modelos cognitivos ou fórmulas de sentido e padrões de orientação em construir seu domínio alvo de modo discursivo seguindo, ao mesmo tempo, certos valores e ideias sobre o mundo (GEIDECK & LIEBERT 2003, MUSOLFF 2004). Nos dois corpora, três metáforas destacam-se pelo fato de incluírem certos efeitos de *highlighting* e *hiding* (LAKOFF & JOHNSON 1980: 10-12, 67), oferecendo estratégias de comunicação tanto para o lado conversacional e neoliberal, como para o lado solidário-social. Nisso, pode-se observar muitos paralelos entre os dois corpora.

A metáfora da **família** como modelo para a sociedade negativamente conotado encontra-se primordialmente em artigos e livros que têm uma tendência a posturas conservadoras ou neoliberais, opondo-se ao \emptyset modelo social-democrático do *Nurturant Parent Model* (LAKOFF 1995):

(31) Mas o mesmo *pai* que falha ao *cuidar dos filhos* (ALMEIDA 2007: 92)

a crianças inglesas, alemãs, espanholas e israelenses para renarrarem uma estória em quadrinhos, SLOBIN (1996) chega a uma conclusão semelhante no que concerne à relatividade de expressão. Enquanto as crianças espanholas optaram por narrar um cenário no qual predominaram descrições locais e estáticas, focalizando mais o pano de fundo da estória, as narrações inglesas e alemãs incluíram mais verbos de movimento com uma dinâmica direcional.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

(32) Grande parte dessa camada social encontrou *abrigo sob os seios generosos* do Estado (REIS VELLOSO ET AL. 2006: 51)

(33) Kann eine Gesellschaft auf Dauer aushalten, dass viele keine Chance mehr für sich sehen und in eine apathische *Alimentierungsmentalität* verfallen? (W31)

(Uma sociedade consegue sustentar para sempre o fato de muitos dos seus membros não verem mais chances de se sustentarem e caírem em uma *mentalidade de pensão alimentícia*?)

Além desse paralelo, no corpus alemão, algumas das contribuições da esquerda também recorrem à mesma metáfora, todavia, elas a colocam em uma conexão diferente, buscando se livrar da acusação inerente a essa argumentação como preconceito inconsistente. Sendo assim, LESSENICH ET AL. (2006) caricatura essa imagem de modo sarcástico:

(34) “... jene Vertreter einer Neubürgerlichen Kulturelite, die die sozioökonomischen Umbrüche des flexiblen Kapitalismus als Gelegenheitsstruktur für eine Remoralisierung und Rückziehung der – so die Vorstellung – *überalimentierten* und bewegungsarmen, Unterschichten‘ nutzen” (LESSENICH ET AL. 2006: 349).

(... tais representantes de uma elite cultural dos novos burgueses que aproveitam as mudanças sócio-econômicos do capitalismo flexível como estrutura ocasional para uma remoralização e *reeducação* – é essa a ideia – das ‘classes baixas’ *superalimentadas* e imóveis.”)

A acusação da passividade e imobilidade presente nessa metáfora da família também se vê na imagem cunhada pelo neoliberalismo da **sociedade** como **paciente doente**: em conformidade com isso, a sociedade seria “*apathisch*” (“apática”), “*depressiv*” (“depressiva”), teria “*Angstsyndrome*” (“síndrome do medo”), seria “*von einem Bazillus befallen*” (“atacada por um bacilo”), sofreria de uma “*Gedankenstarre*” (“rigidez de pensamento”) ou de um “*Handikap*” (“aleijão”), de uma “*Lähmung*” (“paralisia”) e “*Lethargie*” (“letargia”), seria “*von Krankheiten befallen*” (“atacada por doenças”) etc.

No corpus brasileiro, as doenças vão além do sofrimento meramente psíquico e o diagnóstico é de doenças crônicas e incuráveis. O que domina são metáforas da desagregação corporal integral, referindo-se sempre à história toda de uma sociedade

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

que teve como ponto de partida a desigualdade e a escravidão: portanto, os diagnósticos chamam-se “cegueira”, “física”, “anemia”, “câncer”; a sociedade seria “contaminada” e “carcomida de vermes”, cheia de “fraturas”, “inchaços”, “infecções” e “feridas”; nela, “vicejam tumores”. A falta de vitalidade que se exprime pela metáfora do **paciente doente** não permite o advento social – como projeto utópico da esquerda –, nem a ligação ao ‘Primeiro Mundo’ – como visão pragmática das forças neoliberais:

(35) Acredito que seja a *apatia*. Todos os outros *males* de nossa sociedade (fome, miséria, corrupção, violência, etc.) só existem devido a nossa passividade. (EeB7)

(36) A *debilidade* do ensino no Brasil está na origem da desigualdade social do país (FSP6)

(37) É o Brasil em que *vicejam* o patrimonialismo, o corporativismo, o populismo e outras velhas práticas de efeito *paralisante* (V2)

(38) A associação entre *anemia* econômica e expansão da proteção social produziu distorções (FSP3)

(39) um clima *psicosocial* de *desânimo*, de *derrota* (CHAUÍ ET AL. 2006: 150)

Correspondendo a essa passividade do paciente doente, nos dois corpora surge o esquema do CAMINHO, tanto no discurso sócio-crítico quanto no discurso conservador e neoliberal; porém, o foco (*highlighting*) é diferente: enquanto o discurso sócio-crítico tematiza aqueles que *ficaram para trás*, as vozes conservadoras estão mais preocupadas com a *mudança do caminho* certo e os representantes neoliberais reclamam da *baixa velocidade* :

(40) Der Zug ist tatsächlich auf einem Gleis, auf das er nicht gehört. Aber irgendwo in der Ferne kommt noch einmal eine Weiche, und die können wir umstellen. (S6)¹⁴

(De fato, o trem está num trilho ao qual não pertence. Mas de algum lugar distante, um dia, ainda virá uma via, e nós podemos mudar essa via.)

14 FRANK SCHIRRMACHER sobre seu livro *Minimum-Gesellschaft* em uma entrevista à revista SPIEGEL.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito ‘sociedade’

(41) Der Zug fährt schon seit Jahren in die falsche Richtung - und wenig ist passiert. (W31)

(Já há muitos anos, o trem tomou a direção errada – e pouco acontece.)

(42) Ich glaube, das ist etwas, was vielen Deutschen noch sehr schwer fällt, da selber was in die Hand zu nehmen, sich selber für fähig zu halten, was nach vorne zu treiben, weil man da in Deutschland auch oft gehemmt wird (EoA11)

(Acho que isso é algo que é muito difícil para muitos alemães, resolver as coisas por conta própria, considerar-se capaz a levar as coisas para frente, pois na Alemanha, as pessoas frequentemente são tolhidas.)

(43) abgehängtes Prekariat (NEUGEBAUER 2007: 82)

(precariado desconectado)

(44) “Slow-Motion-Society” (STEINGART 2005: 63)

(45) So entsteht, was man in der Soziologie städtische Unterschicht nennt: vom ersten Arbeitsmarkt abgekoppelt, vom gesellschaftlichen Reichtum ausgeschlossen, auf sich selbst und die jeweiligen ethnischen, religiösen und Geschlechteridentitäten zurückgeworfen. [...] Nur so könne man verhindern, dass ein Bildungsproletariat entsteht, das den sozialen Anschluss verliert (T18)

(É assim que se desenvolve o que se chama classe baixa urbana na sociologia: desconectada do primeiro mercado do trabalho, excluída da riqueza da sociedade, largada para trás e entregue a si mesma e às respectivas identidades étnicas, religiosas e sexuais. [...] Só assim que é que se pode evitar que surja um proletariado educacional que perca a conexão)

(46) para *frear* uma classe dominante *sem freios* (CHAUÍ ET AL. 2006: 42)

(47) O Brasil *caminha* muito *vagarosamente na direção* da modernidade (ALMEIDA 2007: 128)

(48) o país está em transformação e que ela depende das salas de aula. *O avião decolou* e está em *velocidade de cruzeiro*. *A velocidade pode aumentar*, mas o *vôo não sofrerá uma pane*. (ALMEIDA 2007: 21)

3.5 Formação e condensação de metáforas sistemáticas no contexto discursivo

Buscando uma superação da estática e unidirecionalidade da teoria conceptual da metáfora na tradição de LAKOFF & JOHNSON, Lynne CAMERON dirige sua atenção à metáfora no discurso definindo-a como *shifting, dynamic phenomenon that spreads, connects, and disconnects with other thoughts and other speakers, starts and restarts, flows through talk developing, extending, changing. Metaphor in talk both shapes the ongoing talk and is shaped by it.* (CAMERON 2008: 197). Focalizando a formação e a condensação de metáforas no discurso, ela introduz o conceito da ‘metáfora sistemática’, que se opõe àquele da ‘metáfora conceptual’, pois representa a metáfora como produto que surge da interação discursiva como *set of semantically-connected (vehicle) terms used across a discourse event or text to refer to a connected set of topics* (CAMERON 2007: 131). Em seguida, ela ilustra esse aspecto através de uma análise de expressões metafóricas extraídas de uma conversa gravada entre um terrorista e a filha da vítima. Ambos se encontram vinte anos depois do crime para falar sobre os acontecimentos. Cameron chega à conclusão de que as metáforas usadas não são distribuídas de forma linear, mas sim, surgem em certos momentos, nos quais elas tendem a formar feixes (*cluster*). Através de uma análise indutiva, Cameron frisa que a conversa se constitui por meio de uma metáfora-chave que ela denomina RECONCILIATION INVOLVES CHANGING A DISTORTED IMAGE OF THE OTHER, contrastando-a com a metáfora mais genérica, UNDERSTANDING IS SEEING, na terminologia de LAKOFF & JOHNSON. Aí, ela revela que, no discurso real, não apenas vemos expressões que reproduzem essas metáforas conceptuais idealizadas, mas sim que discurso e contexto influenciam ao mesmo tempo o nível cognitivo. Do ponto de vista de STEEN (2007: 271), também podemos falar de cenários que são realizados através de *metaphoric chains*, desdobrando-se, por exemplo, no decorrer de um artigo jornalístico inteiro. Nisso, o papel coesivo da metáfora vem à tona (PONTEROTTO 2003).

Em seguida, mostrar-se-á esse efeito por meio de dois exemplos de cada corpus que foram considerados como exemplos prototípicos que refletem certas tendências da cultura em questão. O primeiro exemplo – um trecho alemão de uma entrevista oral – demonstra o desdobramento de uma metáfora do domínio **observação** que se mescla

com os esquemas imagéticos **contêiner** e **parte – todo**. Pelas particularidades do discurso e do contexto em si, chegamos a uma metáfora sistemática que pode ser formulada como **Minha relação com a sociedade alemã é uma relação de um observador que, às vezes, está dentro e, às vezes, está fora do contêiner olhando para dentro:**

(49) I: Wie seht ihr euch im Verhältnis zur deutschen Gesellschaft?

5,1: “*Beobachtend*” ist das erste Wort, das mir einfällt, obwohl das eigentlich... also ich bin ja *Teil* auch, aber, ich hab das grad wieder gemerkt, ich kann sehr viel analysieren, also *ich guck mir das an*.

5,2: Ich bin auch *Teil davon* und denke eher: Eigentlich *steh* ich meinem Gefühl nach irgendwie *außen*, irgendwie *draußen*, *guck drauf*, also *nirgendwo*, also ich würde keinen *Teil* finden können, wo ich sagen würde, da fühl ich mich wirklich *zugehörig*. Da wüsst ich auch nicht, *wo ich mich hinsortieren sollte*. Also ich hab so dieses Gefühl, ich bin *in diesen Strukturen* und das weiß ich auch, und ich weiß auch, wie die funktionieren, aber es ist nicht so was von hundert Prozent meins, oder da bin ich so *drin aufgegangen* oder so.

5,1: Was den Spießigkeitsfaktor angeht, hab ich mich mächtig in Richtung Spießigkeit entwickelt. Da merk ich, dass ich so *Teil von* bestimmten Sachen bin. Und wenn ich mir dann anmaßen würde, ich *beobachte* das noch, das wär echt ne Anmaßung, oder ich *beobachte* es nur, das wär ne Anmaßung. [...] Ich glaub ich hab ja gestern gesagt, ich geh nicht mehr wählen, und das ist glaub ich auch *ein Schritt raus* oder *daneben*. (EoA5)

(I: Como vocês veem sua relação com a sociedade alemã?

5,1: “*Observador*” é a primeira palavra que passa pela minha cabeça, embora... então, eu seja também *parte*, mas, acabei percebendo isso novamente, posso analisar muito, então *estou olhando para* ela.)

5.2 Eu também sou *uma parte disso* e penso mais assim: No fundo, pelo que sinto, de alguma forma, *estou fora*, de alguma forma *fora olhando para cima*, então *em lugar nenhum*, não encontraria nenhuma *parte* da qual poderia dizer, sinto-me realmente como *fazendo parte disso*. Também não saberia *onde* me deveria *agrupar*. Então, sinto que estou nessas estruturas e também estou consciente disso, e também sei como elas funcionam, mas não é assim, cem por cento meu, ou que eu esteja me realizando nisso, algo desse tipo.

5,1: Com relação ao fator burguês, acho que me desenvolvi muito em direção à burguesia. Aí, percebo que sou *parte de* certas coisas. E se assim, me atreveria a dizer que apenas *estou observando*, realmente seria muita arrogância, ou seja, dizer, que *estou apenas observando isso*, seria uma arrogância. [...] Acho que falei isso ontem, não vou mais votar e acho que isso significa também *um passo para fora* ou *ao lado* da sociedade.)

Um cenário típico brasileiro que exemplificaremos em seguida baseia-se na combinação de **personificação, processo infantil de aprendizagem, falta de orientação psíquica** e do esquema imagético **caminho** construindo a metáfora sistemática **A sociedade brasileira é uma criança perdida que ainda não cresceu o bastante para achar seu caminho**. Concomitantemente, no trecho escolhido, o estilo redundante é muito saliente, uma característica típica da fala brasileira (SCHRÖDER 2003: 156-158), de modo que a cadeia metafórica não se desenvolve apenas por meio de relexicalização, mas sim, ao mesmo tempo e de forma marcante, por meio de repetição verbal. Também poder-se-á perceber no que foi mencionado acima a visão da própria sociedade dada através de características que estão ausentes, mas são desejáveis:

(50) 4,1: A sociedade brasileira, pra mim... pra mim, é um reflexo direto da forma como ela *nasceu*, da forma como ela foi *recriada*, né?

4, 2: uma grande sociedade, a nível de organização, que cada dia *aprende* mais, mas eu acho que o que mais... É... Isso falando das coisas boas, né? Que é uma sociedade que *vive no* clima tropical. [...] Ela *carrega* esse estigma da colônia, por que ela não *conversa entre si*. [...] Então, é uma sociedade que até hoje ainda não *sabe se definir* basicamente. Só sabe *se definir* que é brasileira. Mas definir mesmo que *rumo tomar*, quais são suas verdadeiras origens, a sociedade *se perde* nisso. Ela ainda tá *rodando em si*, como não *se achou*. Então, a coisa que falha que eu acho que é uma das partes ruins da sociedade brasileira que ela não *consegue se organizar*, por que ela não *consegue conversar entre si*. Ela não *consegue se comunicar*, né? [...] O país ainda tá *aprendendo a andar*, tá *aprendendo a lutar*, já que ele não *sabe* ainda [...] Agora o país tem que *aprender conviver* com essa diferença e *se comunicar*. Que *se comunicar* ela vai... Ela vai resolver os problemas. [...] ela é *fachada*, ela é... Ela é *mentirosa*, ela é só para inibir um povo que... É igual eu falei, ela é sem *educação*. E não *tem educação de questionar*, de *mudar*. Num tipo de sociedade que tá *acomodada*. [...] Tem que *aprender* com... com... É obvio, tem que *aprender* com sociedades mais estruturadas a se estruturar, por que o país não *tá aprendendo* e até hoje não *aprendeu*. [...] Tem que *aprender* muito ainda. [...] Que o Brasil tinha que *cuidar* mais dele. [...] Como ele não *aprende consigo próprio*, tem que *aprender com alguém* aí, ué... Por que... O país não *sabe gostar de si mesmo*. O... A própria sociedade brasileira, ela gosta por que... É *omissa*, né? É *omissa*. (EoB4)

Dessa forma, a metáfora sistemática pode assumir a função de constituir um quadro narrativo principal para uma unidade discursiva, o que também se reflete nos outros gêneros textuais. Destarte, muitas vezes, o tópico do cenário metafórico já aparece nas manchetes dos artigos jornalísticos chamando a atenção e focalizando um aspecto

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

específico, antecipando a narração em si. Isso permite a concentração de recursos cognitivos aos aspectos mais relevantes para o autor, o que ao mesmo tempo cobre outros aspectos do assunto em questão. Algumas manchetes e títulos de capítulos de livros do nosso corpus são *Ansteckungsängste (Medo de Contaminação)* (BUDE 2008: 113-119), *Gewinner, Verlierer (Vencedores, Perdedores)* (LESSENICH ET AL. 2006: 353-371), *Barreira na elite* (FSP2), *Segurança, melancolia e inércia* (FSP 11), *Viciados em Estado* (V4), *As pirâmides perpétuas de Faraó* (ESP3), *Im Zentrum der Fliehkräfte (No Centro das Forças Centríflugas)* (T3) e *Die Überflüssigen (Os Supérfluos)* (S2).

4. Conclusão

Apesar de muitos paralelos que se revelaram especialmente na parte quantitativa do estudo, ilustramos como é necessária uma observação mais profunda e contextualizada para trazer à luz diferenças ligadas à respectiva cultura. Em um primeiro passo, seguimos uma análise mais extracomunicativa ao mostrar quais as diferenças que surgem, menos em relação a domínios fonte distintos e mais ao uso quantitativo de certas expressões metafóricas que podem ser associadas a uma certa metáfora conceptual que se manifesta na elaboração lexical do domínio cognitivo em questão. Por fim, no micronível da análise, que também avançou para uma perspectiva mais comunicativa, vimos como, no uso discursivo, configurações metafóricas favorecem certos efeitos de *highlighting* e *hiding* que, por sua vez, são entrelaçadas com certas posições ideológicas que procuram seguir fins estratégicos e causar certas emoções. Ademais, mostrou-se que tais configurações metafóricas, no uso autêntico, sobrepõem-se, desdobrando-se como mesclagens complexas, de modo que nunca são totalmente prefiguradas como, em muitos momentos, sugere a semântica cognitiva segundo LAKOFF & JOHNSON. Atendendo a certas intenções comunicativas no discurso, 'metáforas sistemáticas' emergem com base em uma densidade alta de lexemas da mesma origem, assumindo um papel coesivo. De forma similar, em cenários metafóricos mais complexos, percebem-se extensões, nas quais feixes de metáforas formam alegorias ou narrações analógicas, comprimindo domínios input distintos em uma rede de integração complexa. Tais tendências, em alto índice, apontam para a necessidade de completar a perspectiva extracomunicativa do nosso primeiro passo – a

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

sistematização e investigação quantitativa dos resultados – por um segundo passo, guiado por uma perspectiva comunicativa na qual sejam focalizadas as funções distintas que as metáforas podem assumir em uma situação comunicativa específica e culturalmente encaixada.

Ao concluir, os resultados mais importantes com relação a uma comparação intercultural incluem as seguintes observações:

Enquanto no corpus brasileiro os esquemas imagéticos, muitas vezes, continuam estáticos, no corpus alemão são mais dinamizados e animados, o que indica uma percepção divergente no que diz respeito às respectivas descrições da sociedade: a ênfase no corpus brasileiro está na continuidade da estrutura da sociedade, ao passo que, no corpus alemão, o foco está nas mudanças pelas quais a sociedade inteira está passando, o que causa preocupações, uma vez que essas transformações são interpretadas como uma despedida do modelo do estado social vigente até então.

No corpus alemão há obviamente uma tendência maior a construções metafóricas com topologias bem estruturadas, ao contrário do corpus brasileiro, no qual se percebem mais personificações comprimindo a ideia sobre a sociedade em uma imagem bem plástica.

No corpus brasileiro, é mais frequente a preferência por metáforas dos domínios **flora, teatro / palco, família ou guerra**, enquanto que, no corpus alemão, os domínios **negócio, edifício, jogo / competição, observação** são mais salientados. Além disso, o domínio da **observação** aponta uma alta autorreferencialidade e intertextualidade na discussão sobre a sociedade alemã.

No corpus alemão, observa-se um uso maior de metáforas verbais, ao passo que no corpus brasileiro metáforas de adjetivos e metonímias são mais frequentes.

5. Anexo: Abreviações

- Z12 DIE ZEIT: *Die Angst geht um*, 5.03.2008.
 Z32 DIE ZEIT, *Die neue Unterschicht*, 10.3.2006.
 S2 DER SPIEGEL: *Die Überflüssigen*, 23.10.2006.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

- S6 DER SPIEGEL: "*Wir wurden umprogrammiert*", 06.03.2006.
- S8 DER SPIEGEL: *Der große Graben*, 17.12.2007
- FR4 Frankfurter Rundschau: *Es geht ans Eingemachte*, 14.9.2006.
- T3 TAZ: *Im Zentrum der Fliehkräfte*, 15.12.2006.
- T18 TAZ: *Vom Bildungsverlierer zum Arbeitslosen*, 16.03.2007.
- W11 Die Welt: *Deutsche fühlen sich arm – doch allen geht's gut*, 24.7.2008.
- W31 Die Welt: "*Viele verfallen in eine Alimentierungsmentalität*", 21.10.2006.
- EoA3,1 Entrevista oral Alemanha: feminino, 36 anos, programadora de aplicação.
- EoA5,1 Entrevista oral Alemanha: masculino, 32 anos, pedagogo social.
- EoA5,2 Entrevista oral Alemanha: masculino, 40 anos, pedagogo.
- EoA10 Entrevista oral Alemanha: feminino, 36 anos, desempregada.
- EoA11 Entrevista oral Alemanha: feminino, 34 anos, gráfica.
- V1 Veja: *Congelaram a Classe Média*, 20.12.2006.
- V2 Veja: *O Desafio dos dois Brasis*, 01.11.2006.
- V4 Veja: *Viciados em Estado. Entrevista: Arminio Fraga*, 17.01.2007.
- V7 Veja: *Como pensam os brasileiros*, 22.08.2007.
- ESP3 Estado de São Paulo: *As pirâmides perpétuas de Faoro*, 25.01.2008.
- ESP6 Estado de São Paulo: *Brasil, junção de três rios*, 18.05.2008.
- ESP10 Estado de São Paulo: *Racialização do Estado e do conflito*, 19.08.2007.
- E3 Época: Manifesto: *Cento e treze cidadãos anti-racistas contra as leis raciais*, 21.04.2008.
- FSP2 Folha de São Paulo: *Barreira na elite*, 21.11.2006.
- FSP3 Folha de São Paulo: *Pobres empregados*, 14.11.2006.
- FSP6 Folha de São Paulo: *Ensino débil explica desigualdade do país, dizem economistas*, 23.09.2006.
- EoB4,1 Entrevista oral Brasil: masculino, 25 anos, cantor.
- EoB4,2 Entrevista oral Brasil: masculino, 30 anos, produtor musical.
- EoB6,1 Entrevista oral Brasilien: femino, 32 anos, estudante de alemão.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

- EoB6,2 Entrevista oral Brasil: masculino, 26 anos, estudante de alemão.
- EoB7,1 Entrevista oral Brasil: masculino, 33 anos, pizzaiolo.
- EoB11,3 Entrevista oral Brasil: feminino, 38 anos, servidora pública.
- EeB2 Entrevista escrita Brasil: masculino, 26 anos, administrador de empresas.
- EeB3 Entrevista escrita Brasil: feminino, 40 anos, jornalista.
- EeB7 Entrevista escrita Brasil: männlich, 25 anos, estudante de psicologia.

6. Referências bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas. Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, 142-147.
- BALDAUF, Christa. *Metapher und Kognition. Grundlagen einer neuen Theorie der Alltagsmetapher*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.
- BARANOV, Anatolij & ZINKEN, Jörg. “Die metaphorische Struktur des öffentlichen Diskurses in Russland und Deutschland: Perestrojka- und Wende-Periode”. In: SYMANZIK, Bernd; BIRKFELLNER, Gerhard & SPROEDE, Alfred. *Metapher, Bild und Figur. Osteuropäische Sprach- und Symbolwelten*. Hamburg: Kovač, 2003, 93-121.
- BARCELONA, Antonio. “On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor.” In: BARCELONA, Antonio. *Metaphor and metonymy at the crossroads: A cognitive perspective*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003, 31-58.
- BASTIDE, Roger. *Brasil – Terra de Contrastes*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- BECKMANN, Susanne. *Die Grammatik der Metapher. Eine gebrauchstheoretische Untersuchung des metaphorischen Sprechens*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001.
- CAMERON, Lynne. “Metaphor and talk”. In: GIBBS, Raymond W. Jr. *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, 197-211.
- CAMERON, Lynne. “Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitive metaphor theory”. In: *Annual Review of Cognitive Linguistics* 5, 2007, 107-135.
- CIENKI, Alan. “Some properties and groupings of image schemas”. In: VERSPOOR, Marjolijn; LEE, Kee-Dong & SWEETSER, Eve. *Lexical and Syntactical*

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

- Constructions and the Construction of Meaning*. Amsterdam: John Benjamins, 1997, 3-15.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. "Rethinking Metaphor". In: GIBBS, Raymond W. Jr. *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, 53-66.
- FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do Brasileiro. Em Busca de um Novo Homem*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.
- FREYRE, Gilberto. *Nôvo Mundo nos Trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- FUCHS, Peter. *Die Erreichbarkeit der Gesellschaft. Zur Konstruktion und Imagination gesellschaftlicher Einheit*. Frankfurt: Suhrkamp, 1992.
- GEIDECK, Susan & LIEBERT, Wolf-Andreas. *Sinnformeln. Linguistische und soziologische Analysen von Leitbildern, Metaphern und anderen kollektiven Orientierungsmustern*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2003.
- GIBBS, Raymond W. Jr. "The psychological status of image schemas". In: HAMPE, Beate & GRADY, Joseph E. *From Perception to Meaning. Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005, 113-135.
- GOOSSENS, Louis. "Metaphonymy: The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action". In: *Cognitive Linguistics*, 1, 1990, 323-340.
- HESS, David J. & DAMATTA, Roberto A. *The Brazilian Puzzle. Culture on the Borderlands of the Western World*. New York: Columbia University Press, 1995.
- IANNI, Octavio. *O labirinto latino-americano*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- KIMMEL, Michael. "Culture regained: situated and compound image schemas". In: HAMPE, Beate & GRADY, Joseph E. *From Perception to Meaning. Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005, 285-311.
- KOHL, Katrin. *Metapher*. Stuttgart, Weimar: Metzler, 2007.
- KÖVECSES, Zoltán. *Language, Mind, and Culture. A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in Culture. Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- LAKOFF, George. *Moral Politics: What Conservatives Know That Liberals Don't*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

- LAKOFF, George. "The contemporary theory of metaphor". In: ORTONY, Andrew. *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, 202-251.
- LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh. The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books 1999.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LÜDEMANN, Susanne. *Metaphern der Gesellschaft. Studien zum soziologischen und politischen Imaginären*. München: Wilhelm Fink, 2004.
- MUSOLFF, Andreas. *Metaphor and political discourse: Analogical reasoning in debates about Europe*. Houndmills, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.
- PLETT, Heinrich F. *Einführung in die rhetorische Textanalyse*. Hamburg: Buske, 2001.
- PONTEROTTO, Diane. "The cohesive role of metaphor in discourse and conversation". In: BARCELONA, Antonio. *Metaphor and metonymy at the crossroads: A cognitive perspective*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003, 283-298.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHRÖDER, Ulrike. "Preferential Metaphorical Conceptualizations in Everyday Discourse About Love in the Brazilian and German Speech Communities". In: *Metaphor and Symbol*, 24/2, 2009, 105-120.
- SCHRÖDER, Ulrike. "Tendenzen gegenläufiger Reterritorialisierungen in brasilianischen und deutschen Rap-Texten". In: *Lusorama*, 71-72, 2007, 93-119.
- SCHRÖDER, Ulrike. "Deutsche und brasilianische Kommunikationsstile im interkulturellen Vergleich". In: *ZFAL Zeitschrift für Angewandte Linguistik*, 2, 2006, 49-69.
- SCHRÖDER, Ulrike. "O ator e o espectador. Sobre as diferentes funções da linguagem na apresentação de si mesmo no Brasil e na Alemanha". In: *Pandaemonium Germanicum – revista de estudos germanísticos*, 8, 2004, 235-261.
- SCHRÖDER, Ulrike. *Brasilianische und deutsche Wirklichkeiten. Eine vergleichende Fallstudie zu kommunikativ erzeugten Sinnwelten*. Wiesbaden: Deutscher Universitätsverlag, 2003.
- SEMINO, Elena, HEYWOOD, John & SHORT, Mick. "Methodological problems in the analysis of metaphors in a corpus of conversations about cancer". In: *Jornal of Pragmatics*, 36, 2004, 1271-1294.
- SINHA, Chris & JENSEN DE LÓPEZ, Kristine. "Language, culture and the embodiment of spatial cognition". In: *Cognitive Linguistics*, 11, 2000, 17-41.
- SLOBIN, Dan I. "From 'Thought and Language' to 'Thinking for Speaking'". In: GUMPERZ, John & LEVINSON, Stephen C. *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, 70-96.

Schröder, U. – A construção metafórica do conceito 'sociedade'

- STEEN, Gerard. *Finding Metaphor in Grammar and Usage*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2007.
- STEEN, Gerard. "Can discourse properties of metaphor affect metaphor recognition?" In: *Journal of Pragmatics* 36, 2004, 1295-1313.
- STEEN, Gerard. "Identifying Metaphor in Language: A Cognitive Approach". In: *Style* 36, 3, 2002, 386-407.
- WEINRICH, Harald. *Sprache in Texten*. Stuttgart: Ernst Klett, 1976.
- WINDFUHR, Manfred: *Die barocke Bildlichkeit und ihre Kritiker. Stilhaltungen in der deutschen Literatur des 17. und 18. Jahrhunderts*. Stuttgart: Metzler, 1966.
- ZWEIG, Stefan. *Brasilien – Ein Land der Zukunft*. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1989.

Alguns aspectos da cultura germânica num estudo sobre cartas familiares

Luciane Watthier*

Terezinha da Conceição Costa Hübés

Abstract: We conducted a study of language in the discursive genre family letter analyzing phonic and morphologic peculiarities from the time they were written, as well as the identity of those involved in the interaction (letter producer and recipient). For this article, we selected two letters written by bilingual speakers of German and Portuguese to be analyzed, based on a study concerning the spread of German culture in Brazil, having in mind that these letters reveal many aspects of this process. Furthermore, we reflect upon the outcome of the contact between these two languages.

Keywords: German culture, identity, family letters.

Resumo: Realizamos um estudo da língua de comunicação usada no interior do gênero discursivo ‘carta familiar’ analisando peculiaridades fônicas e morfológicas da linguagem das cartas na época em que foram escritas, bem como da identidade das pessoas envolvidas no processo de interação (autor e receptor da carta). Para este artigo, são analisadas duas cartas escritas por falantes bilíngues de alemão e português, com base em uma reflexão sobre a difusão da cultura germânica no Brasil, tendo em vista serem essas cartas reveladoras desse processo..

Palavras-chave: cultura germânica, identidade, cartas familiares.

* Luciane Watthier é Mestranda em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* de Cascavel. E-mail: lu.letras@hotmail.com. Terezinha C. Hübés é Professora Doutora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* de Cascavel. E-mail: terecostahubes@yahoo.com.br

1. Introdução

O presente estudo surgiu do interesse de compreendermos as razões histórico-sociais para casos de interferência morfofonêmica na língua de comunicação de descendentes de imigrantes alemães, fato que, ainda hoje, é perceptível em várias regiões brasileiras. Como a língua de comunicação é adquirida socialmente, creditamos a fatores sociais, políticos e culturais as causas da ocorrência desses fenômenos na linguagem.

O bilinguismo e a ocorrência de interferência morfofonêmica são características linguísticas observadas como fato corriqueiro em algumas regiões do Brasil após o século XIX, quando o governo promoveu a vinda de imigrantes europeus como forma de garantir mão de obra suficiente para substituir o trabalho escravo. Os imigrantes sentiam-se atraídos pelo serviço aqui oferecido e pelo potencial ainda não explorado de um país jovem, motivos pelos quais a imigração passou a ocorrer de forma muito rápida. Esses fatos acarretaram a vinda de pessoas oriundas de diversos países, especialmente europeus. Cada grupo de imigrantes trazia consigo sua cultura própria, identidades e línguas que se diferenciavam da cultura do país que os recebera.

Dessa forma, algumas regiões brasileiras podem ser consideradas plurilíngues e multiculturais. Dentro das comunidades de imigrantes, parte considerável é bilíngue, sendo uma a língua materna e a outra, a segunda língua. Nesse contexto, fatores sociais, políticos e culturais interferem no desenvolvimento linguístico de falantes dessas comunidades, peculiaridades essas que se refletem no campo fonético-fonológico das duas línguas, o que explica a ocorrência de interferência morfofonêmica de traços da língua materna na segunda língua, tanto na fala como na escrita. Pelo fato de a língua de comunicação ser adquirida no meio social, durante as interações verbais, algumas interferências morfofonêmicas assim geradas foram assimiladas por gerações mais novas. No estudo formal da segunda língua, alguns casos podem ser corrigidos, porém, em comunicações informais em que não há planejamento linguístico, tais casos de interferência, mesmo imperceptíveis ao falante, continuam a ocorrer de forma sistemática.

O presente estudo é parte de um projeto de mestrado iniciado em 2008, que analisa casos de bilinguismo situacional resultantes do contato entre duas línguas, o alemão (língua materna dos imigrantes) e o português (segunda língua), considerando-se mais especificamente o português escrito por indivíduos que têm o alemão como língua materna. No âmbito do projeto, foram analisadas cartas pessoais e familiares produzidas por nossos antepassados, com o fito de buscar, nas narrativas pessoais e informais desse gênero epistolar, marcas reveladoras de história, cultura e identidade. O interesse pelo estudo desse *corpus* surgiu a partir da compreensão de que a linguagem nele contida representa aspectos da época em que é escrita, bem como da visão de mundo dos seus autores.

De um *corpus* composto de quarenta cartas familiares, coletado com o auxílio de professores, familiares e amigos, selecionamos, para ilustrar este trabalho, duas cartas escritas por descendentes de alemães, uma, escrita na década de 1940 (família Dariék – aqui indicada como Cf.1) e a segunda, na década de 1980 (família Stulpen – Cf.2). Tal recorte histórico visa exemplificar aspectos da cultura, linguagem e identidade características de cada época considerada. Na década de 1940 do século passado, por exemplo, houve a proibição do uso de línguas de imigrantes no Brasil, no período conhecido como Era Vargas. Mas, mesmo com a proibição, traços linguísticos característicos da língua dos imigrantes estavam presentes em dadas situações enunciativas em suas cartas familiares, bem como os reflexos das proibições sofridas. Verificamos de que forma esses aspectos são perceptíveis por meio de relatos de fatos, de sentimentos e emoções descritos em exemplares ilustrativos desse gênero discursivo. O objetivo neste trabalho é, pois, apresentar uma reflexão sobre a imigração alemã no Brasil e a difusão de sua cultura, bem como compreender a influência de fatores externos à língua que impediram e dificultaram o processo pleno de aquisição do português pelos imigrantes de fala alemã.

O texto encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro segmento, discorreremos sobre as concepções de língua, identidade e cultura de uma forma geral. No segundo, sobre as especificidades da cultura germânica, abrangendo seu histórico de imigração no Brasil, a difusão de sua cultura no país e alguns fatores de cunho sócio-cultural e político que influenciaram no uso da língua de comunicação de integrantes da

comunidade de imigrantes. No terceiro, apresentamos a análise das cartas familiares e, por último, tecemos algumas considerações a respeito.

2. Reflexão sobre a interdependência entre língua, cultura e identidade

Refletir sobre a língua implica refletir, também, sobre aspectos culturais e identitários, pois língua, cultura e identidade se constituem a partir do social e não ao contrário. Além disso, essas três terminologias estão em uma relação de interdependência, uma vez que cultura e identidade só se manifestam por meio da língua, a qual, por sua vez, faz parte daquelas enquanto manifestações de um grupo social.

Para embasar este trabalho, valemo-nos das considerações teóricas de BAKHTIN (2004), para quem a necessidade de comunicação justifica a existência da língua, ou seja, ela se concretiza por meio da interação verbal, permitindo aos homens agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o e sendo constituídos por ele. A língua é, portanto, uma atividade social, um conjunto de signos capaz de representar o real e um produto de uma necessidade histórica do homem, criado por ele para trocar experiências e de se organizar socialmente.

A língua é compreendida como um veículo de comunicação que se realiza por meio da interação social, representando a realidade circundante e, até mesmo, a forma como o falante a constitui, refletindo todas as suas mudanças e alterações sociais. Nesse sentido, a palavra é a “arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior do sistema” (BAKHTIN 2004: 15).

Assim, a língua não pode ser vista como um simples espelho, mas como a responsável por constituir a realidade, uma vez que, segundo as explicações de Bakhtin, a realidade passa a existir apenas por meio da interação verbal, dando vida à cultura e à identidade de um grupo social. Cultura e identidade só podem ser expressas pela língua e, segundo WOODWARD (2000), é só por meio dela e dos sistemas simbólicos que as representam adquirem sentido. Ao mesmo tempo, a linguagem como um todo necessita

da cultura para se manifestar, pois, conforme Koch, “toda e qualquer manifestação da linguagem ocorre no interior de determinada cultura” (KOCH 1996: 36).

Desse ponto de vista, linguagem não é apenas língua, ou um mero conjunto de signos. É a responsável pela interação social e cultural, carregando consigo, de acordo com LOPES (1986), as ideologias de um grupo social produzidas pela sociedade, bem como os valores culturais e identitários de cada falante. Segundo Mello:

Uma língua não é apenas um sistema de sons, um conjunto de unidades significativas dispostas em uma cadeia morfossintática. É muito mais do que um instrumento de comunicação. Uma língua é um comportamento social e como tal está intrinsecamente ligada à vida, à cultura e à história de um povo. São os falares, os modos de ser, os valores, as crenças que fazem com que os povos sejam diferentes ou semelhantes, porém singulares (MELLO 1999: 23).

Em outras palavras, a língua é constituída a partir do social, servindo como um reflexo das estruturas sociais, ou seja, em uma relação estreita entre língua e cultura, tem-se a primeira como a refletora da segunda e vice-versa. O mesmo vale para a identidade, uma vez que ela só é revelada por meio da língua, ao mesmo tempo em que a língua faz parte da identidade de um grupo social. Tudo o que temos na cultura e na identidade não passa de palavras, isto é, não existe, segundo Bakhtin, absolutamente nada na cultura, além da palavra: “toda cultura não é nada mais que um fenômeno da língua” (BAKHTIN 1988: 45).

Com base em GROSJEAN (1982), compreendemos também a cultura como um conjunto de valores de uma sociedade, desde sua língua até sua identidade, as quais estão intrinsecamente ligadas. A cultura abrange, portanto, “a maneira de vida das pessoas ou sociedade, incluindo suas regras de comportamento; seus sistemas econômicos, sociais e políticos; suas línguas; suas leis; e assim por diante” (GROSJEAN 1982: 157). Criada a partir desses valores, a identidade, por sua vez, é compreendida como um processo de identificação do Eu e de diferenciação entre o Eu e o Outro, por meio do qual um indivíduo se define socialmente e se reconhece dentro de um grupo social. O processo de construção da identidade é o que define a visão de um indivíduo em relação ao mundo que o cerca, como, também, a representação social de si mesmo e do outro. Neste sentido, LOPES (1986) explica que a sociedade é a fonte produtora das

ideologias, carregando consigo os valores culturais da sociedade de que esse indivíduo é membro, bem como da identidade de cada falante.

Podemos imaginar, portanto, uma ponte entre as definições de cultura e identidade. Cavalcanti recorre a SARUP (1996) para afirmar que é a cultura que nos forma: sem cultura não haveria identidade. Conclui-se, assim, que toda e qualquer representação “está inserida primeiramente na língua(gem) e depois na cultura” (CAVALCANTI 2001: 52).

Ainda sob a mesma perspectiva, McLaren compreende que a formação da identidade se dá a partir das práticas sociais, enfatizando que “identidades envolvem articulações prediscursivas (material) e discursivas (semióticas) e estão sempre relacionadas às práticas sociais materiais de uma formação social mais ampla” (MCLAREN 2000: 46). Conforme o teórico, criamos, contextualizamos e recontextualizamos nossas identidades a partir de copadrões específicos de relações significativas e de seus usos. As identidades, ao expressarem nossas individualidades, expressam o meio em que vivemos.

Dito de outro modo, aspectos ideológicos e identitários podem ser perceptíveis ou recuperáveis por meio da leitura de textos escritos, mesmo ocorrendo a hibridização linguística, a qual pode ser observada quando duas ou mais línguas de um mesmo falante entram em contato, causando uma interferência da língua materna na escrita, na leitura ou na fala da segunda língua. Neste artigo, é nas cartas familiares que buscamos e analisamos tais características, observando de que forma a língua é reveladora das ideologias de um grupo social.

Como os remetentes das cartas do *corpus* de pesquisa são descendentes de alemães, passamos, no próximo segmento, a discutir sobre a imigração alemã e o enraizamento desses imigrantes no Brasil, buscando subsídios para a leitura e análise das cartas familiares aqui apresentadas.

3. Imigração alemã no Brasil

No Brasil, o processo de imigração ocorreu com maior intensidade a partir do século XIX, devido à abertura dos portos brasileiros às demais nações. Segundo VIDAL

(2007), com o término da escravidão, o país se tornou um cenário no qual a mão-de-obra era escassa, enquanto a produção agrícola estava em alta, apresentando-se como uma nova alternativa de vida para a população que sofria com crises econômicas, impostos elevados, industrialização, desemprego, superpopulação e outros fatores que causavam fome, miséria e mortes. Em sua grande maioria, esses imigrantes vinham de países europeus (alemães, italianos, poloneses) e asiáticos (japoneses) e contribuíram para a formação de um país multicultural.

Os alemães foram um dos primeiros imigrantes vindos ao Brasil, uma vez que alguns agricultores alemães aqui chegaram em 1818, antes mesmo da regulamentação da imigração, que se deu em 1820. De acordo com VIDAL (2007), os imigrantes enfrentaram muitas dificuldades até se acomodarem como um novo grupo social. Seus problemas iniciaram-se com a longa viagem pelo Atlântico em condições desumanas, continuaram com a demora nos loteamentos e, talvez a mais difícil barreira a ser transposta tenha sido a língua; o desconhecimento da língua local dificultou a interação com a população brasileira. Como dito anteriormente, cada grupo social possuía uma cultura que o identificava, carregada por cada um de seus indivíduos. Assim, ao imigrarem para o Brasil, esses grupos trouxeram consigo sua própria cultura e, com ela, a língua e a identidade que lhe eram concernentes.

Por esse motivo, formaram-se colônias compostas por membros com uma língua em comum, no caso o alemão, fato que lhes facilitava a interação social, favorecendo, conforme a explanação de MANFROI (1979), a homogeneidade étnica/cultural; o uso dos vários dialetos das regiões de origem desses imigrantes contribuiu para sedimentar a cultura alemã em bases sólidas, fator que explica por que essas colônias viveram, durante muito tempo, isoladas da população brasileira, como, por exemplo, no caso dos gaúchos¹.

BORTONY e GUIMARÃES, ao realizarem uma pesquisa sobre os migrantes rurais em Brasília, estudaram o caso específico das colônias fechadas, afirmando que esses núcleos podiam favorecer “a conservação da cultura rural e, portanto, a focalização do vernáculo”. Demonstaram, assim, um alto nível de densidade moral ou consensual,

¹ Citamos os gaúchos, pois o Rio Grande do Sul foi o primeiro estado brasileiro a acolher os imigrantes alemães.

encontrada em sociedades tradicionais, o que funciona como um mecanismo de resistência à assimilação (BORTONY & GUIMARÃES 1988: 27).

No contexto dos núcleos alemães, a igreja e a escola, onde se ensinava a ler, escrever e a calcular em língua alemã, foram importantes meios de preservação da cultura dos grupos de imigrantes no Brasil. Ainda hoje, esses meios são extremamente importantes para a sobrevivência da cultura nas cidades em que os imigrantes e seus descendentes se encontram.

Nesse sentido, a língua é uma marca decisiva de identidade grupal; na medida em que os imigrantes se dedicavam à preservação da língua alemã, mesmo estando fora de sua terra natal, reafirmavam-se enquanto indivíduos pertencentes à cultura alemã, diferenciando-se dos grupos sociais nativos de nossa terra. Conforme postula Spolsky:

Uma das formas de identificar uma pessoa é através de sua língua. Porque a língua está inerentemente envolvida na socialização, o grupo social cuja língua você fala é uma importante identidade grupal para você. Há outras marcas de identidade étnica, como comida ou roupa ou religião. Mas a língua tem um papel especial, em partes porque organiza o pensamento e em partes porque estabelece relações sociais (SPOLSKY 2003: 57).

Nas explanações de MENDES (2002), encontramos referências às necessidades de ligação e/ou diferenciação de um indivíduo/grupo social em relação a outro. Esse teórico fala nas forças centrípetas e centrífugas: a primeira diz respeito à necessidade de se ligar ao outro, ou seja, identificar-se com o outro, utilizando cultura e língua ‘comum’ a todos. Já a segunda é a necessidade de diferenciação do outro, marcada pela utilização de seus traços dialetais, étnicos e regionais, que, no caso dos imigrantes, na grande maioria das vezes ocorre como interferências linguísticas ou alternâncias fonológicas.

Essa diferenciação pode dar-se de forma forçada, quando o grupo difunde, propositalmente, sua cultura, identidade e língua próprias, excluindo os demais grupos sociais da interação verbal ou, mesmo, de forma natural, quando, por não conhecer as demais culturas, um grupo não consegue agir diferentemente do que lhe foi passado por sua cultura de origem étnica.

Se a cultura é um traço de identificação de um grupo social, ou seja, características e conhecimentos pertencentes a todos os seus membros, falamos das

forças centrípetas. Por outro lado, se a identidade é um traço de identificação adquirido a partir da cultura, entretanto, individual e variante de um membro para outro de um mesmo grupo social, falamos das forças centrífugas. Dessa forma, um grupo social, visto do exterior, tem a necessidade de se diferenciar de outro, passando a todos os membros os mesmos traços culturais, ao mesmo tempo em que, no seu interior, estes indivíduos diferenciam-se entre si conforme suas características identitárias.

Esses aspectos são tratados por teóricos da área como “diferença” enquanto constituinte da identidade, quer dizer, enquanto aspectos que marcam uma identidade e a diferenciam da outra. Nesse caso, só podemos ser marcados de uma forma se existem pessoas que se diferenciam de nós. WOODWARD (2000) e SILVA (2000), em seus textos, tratam do assunto ao considerarem a diferença como um meio pelo qual as identidades são fabricadas, uma vez que, segundo as explicações de Silva, “identidade e diferença estão em uma relação de interdependência [...] na diferença se produz a identidade” (SILVA 2000: 75-76).

As diferenças identitárias seriam, portanto, características que permitem separar as identidades de um grupo social de outro e, segundo Woodward, “o componente chave em qualquer sistema de classificação” (WOODWARD 2000: 41), que, por sua vez, constrói significados, os quais dão sentido ao mundo social.

Para Semprini, esse sistema de classificação seria o multiculturalismo, pois o citado autor compreende a diferença como “uma realidade concreta, um processo humano e social, que os homens empregam em suas práticas cotidianas e que se encontra inserida no processo histórico” (SEMPRINI 1999: 11). A linguagem tem fundamental importância dentro do sistema de diferenciações: além de ser um meio pelo qual o mesmo é empregado, é um meio no qual a diferença é negociada, produzida e reproduzida.

Em um país como o Brasil, é a diferença entre os grupos sociais que o torna multicultural, que leva à formação de colônias devido à dificuldade de conviver com a diferença. No caso da imigração, esse processo pode passar da diferenciação entre identidades e culturas para uma assimilação e/ou mescla entre as mesmas, visto que, em algum momento, as colônias formadas por imigrantes poderão interagir com os grupos sociais nativos da terra.

Devido ao isolamento das colônias alemãs em relação aos gaúchos, foi possível a construção de uma base para a difusão da cultura alemã entre seus membros. Entretanto, a mesma foi abalada com a ocorrência de guerras que levaram à repressão do uso dessa língua durante a Era Vargas.

O primeiro fator responsável por isso foi a Primeira Guerra Mundial, quando o Brasil se posicionou contra a Alemanha, em 1917, auxiliando, com enfermeiros e remédios, a tríplice Entente, formada pela França, pela Rússia e pelo Reino Unido, que lutava contra a tríplice Aliança, formada pela Itália, pelo Império Austro-Húngaro e pela Alemanha. Os governantes do momento evocaram, de acordo com ROCKENBACK (2004), por meio de uma campanha nacionalista, a necessidade de domínio da língua portuguesa, promovendo ações políticas, como a implantação de escolas públicas, o fechamento de escolas e associações junto com o afastamento de professores e a proibição da imprensa em língua alemã.

Mas, apesar de todos os meios de repressão que abalaram a estrutura da cultura germânica no Brasil, ao final da guerra, os imigrantes se reorganizaram e voltaram a difundir sua cultura de origem, assim como faziam antes da guerra. Porém, outro fator desestruturou essas bases antes mesmo do início da Segunda Guerra Mundial. O responsável foi Getúlio Vargas, que governou o Brasil entre 1930 e 1945, reprimindo a cultura e a língua alemã por meio de uma campanha nacionalista que exigia o domínio e uso da língua portuguesa pelos imigrantes. Isso aconteceu em 1937, com a instituição, por Getúlio Vargas, do Estado Novo e a proibição do uso de qualquer língua estrangeira, bem como de bandeiras e outros símbolos estrangeiros, fazendo com que dezenas de escolas responsáveis pelo ensino e difusão da cultura alemã fossem fechadas.

A repressão foi, entretanto, ainda maior quando o Brasil entrou, oficialmente, na Segunda Guerra Mundial, em 1942. Iniciou-se a perseguição aos imigrantes alemães e houve o fechamento de sociedades culturais com o confisco de bandeiras, escudos, medalhas e bibliotecas.

Semprini, ao trabalhar com a imigração nos Estados Unidos, fala do racismo “gota de sangue” (SEMPRINI 1999: 17), um processo de exclusão sofrido pelo indivíduo por causa de sua ascendência, ou seja, um indivíduo é considerado negro, apesar de sua aparência branca, pelo simples fato de ter um bisavô negro. No contexto dos imigrantes

alemães, esse processo ocorreu de uma forma um pouco diferente. Mesmo sendo nascido no Brasil, se um indivíduo tivesse o sobrenome de origem alemã, era vítima de racismo, não podendo nem mesmo casar-se com um nativo. As perseguições e repressões à cultura alemã foram responsáveis pela perda de parte dessa cultura, uma vez que, ao final da guerra, a mesma não pôde mais ser restabelecida nos moldes anteriores, assim como ocorrera após a Primeira Guerra Mundial.

SEMPRINI (1999) explica que conflitos sofridos pelos imigrantes alemães no Brasil provocaram incertezas e ansiedades. Assim, o medo de que a nacionalidade brasileira se perdesse com a afirmação da cultura alemã levou à imposição da política de nacionalização. Conforme VIDAL (2007), além de desestruturarem a cultura alemã colonial da época, as repressões causaram marcas na identidade dos imigrantes, pois falar alemão ou cultivar suas tradições, até mesmo no meio familiar, era visto como crime que resultava em prisão, sendo considerado ameaça à ideia de nacionalidade brasileira. Resultados desse processo podem ser observados, conforme VIDAL (2007), na geração que cresceu sob tais conflitos, a qual é incapaz de dominar a língua alemã falada na infância, sem saber, suficientemente, o português para uma escrita normativa.

A dificuldade encontrada pelos imigrantes alemães na escrita deve-se ao fato de que parte de sua aprendizagem realizou-se, mesmo no Brasil, em língua alemã e, após o fechamento das escolas e a proibição deste tipo de ensino, o restante da aprendizagem deu-se em língua portuguesa. Com as restrições feitas ao uso e cultivo da língua alemã, os imigrantes iniciaram o contato com a língua e a cultura do povo brasileiro, obrigando-se a conviverem com novas formas de vida, novos costumes e novos valores, deixando para trás, pelo menos durante o período de repressão, cultura e língua próprias de seu grupo social.

Desse modo, ao entrarem em contato com os habitantes do novo país, os imigrantes assimilaram alguns de seus traços culturais e identitários, mesclando valores e características dos dois países, o que, em longo tempo, fez surgir novas culturas e novas identidades. BORTONI-RICARDO, ao fazer uma análise sociolinguística da imigração no Brasil, expõe as transformações na cultura dos imigrantes, afirmando que aqueles que chegam “à cidade já como adultos alteram certas características de seu dialeto original. Esse processo é influenciado pelos padrões de sua socialização no novo habitat [...]” (BORTONI-RICARDO 2005: 102).

Assim, os imigrantes alemães, por serem obrigados a utilizar o português, passaram por processos de misturas de línguas entre o alemão e o português para que a interação verbal pudesse acontecer. Conforme BORTONI e GUIMARÃES, isso ocorre porque os imigrantes têm a consciência de que “a escolarização, e conseqüentemente o conhecimento da língua padrão, são necessários para a mobilidade social” (BORTONI & GUIMARÃES 1988: 25). Os autores mencionam o uso da língua padrão porque trabalham com a migração rural-urbana e os migrantes, chegando à cidade, com variações dialetais, devem aprender a língua padrão para uma inserção naquela comunidade. No caso do tema aqui abordado verifica-se o mesmo processo, com a diferença de que, nessa situação, a língua a ser aprendida é um novo idioma.

Surge, então, o fenômeno da interferência linguística, ou seja, a inserção de traços fonológicos e morfológicos da língua materna na escrita e/ou na fala da segunda língua. O contato entre línguas ocorre quando se tem um falante bilíngue² que interage em uma língua que não é a materna e utiliza traços fonológicos desta naquela, ou durante a aprendizagem de um indivíduo bilíngue quando interferências prejudicam a aquisição tanto de uma quanto de outra língua, como aconteceu com os imigrantes alemães no Brasil. Mello, em um estudo sobre o falar bilíngue, afirma que o movimento migratório é uma das principais causas para ocorrência de situações que resultam em bilinguismo ou multilinguismo, pois “a língua de origem continua sendo usada entre familiares e aqueles que compartilham as mesmas raízes, enquanto a língua da comunidade local é adquirida para uso nas demais interações” (MELLO 1999: 34).

² Caracterizamos um indivíduo como bilíngue quando é capaz de se comunicar em duas línguas e multilíngue quando se comunica em três ou mais línguas. Há, entretanto, quanto a estes conceitos, uma grande variação nas definições entre os linguistas, havendo aqueles que, para classificar um indivíduo como bilíngue, exigem que ele tenha o domínio completo de ambas as línguas, assim como um falante nativo, como defende Bloomfield: “bilíngue é o indivíduo que tem habilidade de falante nativo em duas ou mais línguas” (BLOOMFIELD 1933: 56). Por outro lado, há aqueles que concordam que um domínio menor dessas línguas é suficiente para que ocorra uma situação de bilinguismo, conforme defende Mackey (1968), que considera o bilinguismo desde “uma competência mínima até um domínio completo de mais de uma língua” (MACKAY 1968: 555).

Ao fenômeno da interferência linguística, Silva-Corvalan prefere chamar de transferência linguística, por acreditar que esta tenha uma conotação mais positiva em relação à outra. A teórica considera, portanto, que este fenômeno ocorre “quando uma língua evidencia desvios ou diferenças da norma linguística monolíngue que correspondem a estruturas existentes na língua em contato” (SILVA-CORVALAN 1989: 170).

Esses aspectos podem ser percebidos na leitura de textos informais, uma vez que, neste caso, ocorre uma escrita mais próxima a da comunicação do dia-a-dia. Portanto, em cartas familiares escritas por imigrantes e seus descendentes em comunidades de pequenos grupos étnicos aparecem traços de interrupções, digressões, repetições e o uso bilíngue e bidialetal dos elementos prosódicos e traços de segmentos linguísticos do falar da língua materna deste grupo e do português brasileiro que, a partir da competência comunicativa, caracterizam os procedimentos constitutivos da oralidade. Como cita Hymes, a competência comunicativa “é aquela que se refere ao conhecimento e uso da estrutura da língua. É um conhecimento comumente inconsciente e mostrado na fala espontânea” (HYMES 1972: 270), dos usuários de dois códigos linguísticos, como ocorre em pequenos grupos, comunidades de imigrantes e seus descendentes.

Considerando o exposto, os processos pelos quais se formam a cultura e as identidades de um grupo social possuem fortes relações entre si. Os aspectos são revelados na escrita de textos e, em especial, nos informais, como as cartas familiares, *corpus* do estudo. É o que mostramos no próximo segmento.

4. Análise do corpus: fatores culturais e identitários

Considerar a língua como um veículo por meio do qual os indivíduos interagem possibilita a compreensão de que a língua é um veículo de interação comunicativa que reflete o mundo e a visão de cada sujeito em relação ao mesmo. Assim, uma carta familiar, por exemplo, produz uma representação da realidade circundante e, até mesmo, de sua visão sobre esse meio.

As cartas analisadas neste estudo nos foram cedidas pelas próprias famílias a que elas pertencem. Uma delas pela família Dariék e a outra pela família Stulpen³.

A carta da família Dariék (doravante Cf.1) foi escrita por Ivone a seu irmão, Juca, no dia 14 de maio de 1944. Ivone morava em São Paulo, SP e escreveu a Juca

³ Os nomes aqui apresentados são fictícios.

quando ele estava no seminário, em Santa Maria, RS. O texto integral encontra-se em anexo:

A carta da família Stulpen, supracitada (doravante Cf.2), não traz exatamente o ano em que foi escrita. No entanto, com base em informações cedidas pela família, chegamos à conclusão de que isso ocorreu no ano de 1987, visto que Gema, a remetente da carta, tinha 56 anos quando a escreveu e, hoje, se viva, teria 78.

Ao lermos as correspondências, observamos que ambas foram escritas como o objetivo de relatar notícias sobre a família, já que remetentes e destinatários moravam distantes um do outro e a forma mais acessível de manter contato era por meio de cartas, devido ao difícil acesso ao telefone.

Ivone e Juca (Cf.1) eram irmãos, católicos, descendentes de alemães e vindos de uma família que tinha na agricultura e na criação de animais seu sustento, pois Ivone conta a Juca - afastado desse meio por estar estudando no seminário -, que criavam porcos e galinhas, além de plantarem feijão, tudo para sustento próprio e, também para venda:

[...] Oche nos vazeo dinheiro venteo 2 borcos. Emílio Brieger é no negosio do *cuhu* em San Paulo ele drabalha lá nos temos 24 borcos e 40 galinhas vendeo vichon pra 800\$500 um sacco pra 50\$000”. Alfonso Has voi no dotor – ele foi muinto doente. O medrio resebi carta de ti [...] (Cf.1)

O fato de “fazer dinheiro” para essa família era novidade, tanto que merecia ser relatado em carta, revelando, assim, as dificuldades financeiras enfrentadas por eles. Além disso, a correspondência ainda comprova que, para essa família, era costume a comunicação via cartas. Isso pode ser percebido quando a remetente não especifica a doença de Alfonso e quando fala que seu primo recebeu uma carta de Juca, dando a entender que sua carta era a continuação de assuntos já iniciados em cartas anteriores.

Assim como Ivone, também Gema (Cf.2) era agricultora. Porém, para ela, isso dificultava a comunicação com seus familiares habitantes de outras cidades, pois trechos da carta revelam que há muito tempo Gema e não trocava correspondências com sua sobrinha, a remetente da carta:

O meu pai faleceu no dia 12 de novembro de 1972. E a mãe faleceu no dia 06 de março de 1979. E a irmã mais velha faleceu no dia 20 de fevereiro de 1977 e a Olívia faleceu no dia 06 de abril de 1982. [...] Nós trabalha ainda na roça. Nós planta de tuto, nós tem 10 cabeça gado e porco. Nós vende leite [...] (Cf. escrita por Gema em 10 de janeiro de 1987).

O que nos permite compreender que remetente e destinatário da Cf.2 já não tinham contato há muito tempo é o fato de relatarem falecimentos que ocorreram muito tempo antes da data em que a carta foi escrita (1987). Isso nos permite inferir, ainda, que, na época, o telefone ainda era de difícil acesso, principalmente aos habitantes da zona rural.

Por outro lado, as transcrições revelam, claramente, a dificuldade que Ivone (Cf.1) e Gema (Cf.2) tinham em escrever na língua portuguesa por serem imigrantes alemãs e terem o costume de utilizar somente o alemão no dia-a-dia. Dessa forma, ocorria uma mistura entre essas duas línguas e as palavras de grafia desconhecida em português eram escritas em alemão, como pode ser observado no recorte da Cf.1, quando, além de contar a seu irmão que eles haviam vendido porcos e feijão, Ivone fala que seu primo estava trabalhando em São Paulo, provavelmente com criação de gado, que a missivista chama de “negocio do *cuhu*”, usando, claramente, a palavra alemã em lugar do termo “vaca” em português.

Tais marcas da cultura alemã revelam-se, ainda, na grafia de algumas palavras, que refletem a linguagem oral corrente na comunidade de imigrantes: *oche* (*hoje*), *venteo* (*vendeu*), *borcos* (*porcos*), *drabalha* (*trabalha*), *april* (*abril*), *tuto* (*tudo*), *fefereiro* (*fevereiro*). Essa característica explica-se pelo fato das missivistas terem sido alfabetizadas em língua alemã e terem aprendido português em situação informal, a partir de seu cotidiano. Desse modo, eles apresentavam uma mistura entre a língua alemã e o português, demonstrando dificuldades tanto na fala quanto na grafia do português, uma vez que aquilo que escreviam era um reflexo do modo como se comunicavam no cotidiano:

[...] Hoje no dia 10 de janeiro eu guero resonder a tua carta gue tu escreveu para min. A paula e eu morra junto já faís 10 ano que eu esta com a perna quebrada. E não da bem certo mãs assim vai tudo bem [...]” (Cf.2)

Talvez essas interferências detectadas na escrita das missivistas possam ser explicadas através de fatos históricos, pois, como anteriormente mencionado, entre os anos de 1930 e 1945, com o governo de Getúlio Vargas no Brasil e a Segunda Guerra, houve a proibição do uso de línguas de imigrantes. Essa é a época em que, entre os imigrantes ligados originalmente às nações integrantes do Eixo, falar em outro idioma, até mesmo no meio familiar, era considerado um crime que resultava em prisão. Isso explica, nesse contexto, as suas inúmeras dificuldades de comunicação escrita e oral.

A língua alemã, internalizada nessas pessoas, dificultou a expressão em português, marcada pela mistura de traços fonéticos-fonológicos, morfológicos e lexicais de uma língua na outra. A língua de origem era o que identificava essas pessoas como pertencentes ao seu grupo social, portadora das marcas da cultura e da identidade desse povo. Como já destacamos em Spolsky (vide citação no item 3 do trabalho), ela é uma marca de identidade grupal.

No caso das cartas analisadas, em que ocorre o contato entre o alemão e o português, percebe-se a troca de traços surdo/sonoro: [t] por [d], de [b] por [p], de [g] por [k] e de [v] por [f] (*tuto* por *tudo*, *brecisa* por *precisa*, *april* por *abril*, *guero* por *quero*, *oche* por *hoje*, *voi* por *foi*, *fefereiro* por *fevereiro*, só para citar alguns exemplos), além da inserção de lexemas em português em meio ao texto em alemão, como observamos na transcrição de alguns trechos da Cf.1. Aspectos como esses são fenômenos de interferências morfofonêmicas e alternância de código.

Devido aos aspectos apontados, podemos inferir que as missivistas eram pessoas simples, batalhadoras e pouco instruídas, pois, caso contrário, teriam aprendido o idioma do país, mesmo morando em um local onde a comunicação em alemão era comum. Porém, por morarem na lavoura e distante da cidade, provavelmente o acesso ao estudo lhes era difícil, o que fez com que o aprendessem a segunda língua em seu cotidiano, ocorrendo a mistura entre as duas línguas.

Sendo assim, compreendemos parte de sua cultura condicionada à época: somada a essa distância dos centros de formação, havia a dificuldade de locomoção e a crença de que, ao viver na zona rural, as pessoas não precisariam de uma educação formal para trabalhar nesse meio. É o que o recorte a seguir revela: “[...] Agora tu me escreve, que profissão ele tem. Ele tem estuto ou ele trabalha na roça, tem terra [...]” (Cf.2)

Quando se trabalhava na lavoura, não havia uma grande preocupação em estudar. Essa concepção de vida era incentivada pelo fato de que esses imigrantes moravam em comunidades fechadas, onde predominava a cultura trazida do país de origem: utilizavam seus dialetos, sem o contato direto com a cultura local, bem como com os nativos daquelas terras. Isso causava, segundo BORTONY & GUIMARÃES (1988), uma resistência à assimilação, ao mesmo tempo que, conforme postula MANFROI (1979), possibilitava a formação de uma base para a cultura alemã.

Desse modo, observamos, na prática, o teorizado anteriormente, ou seja, que a língua é responsável pela reflexão e refração da realidade. Marcuschi corrobora para essa visão ao afirmar:

[...] a língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala (MARCUSCHI 2007: 35).

5. Considerações finais

Sendo a escrita repleta de marcas da identidade das pessoas envolvidas nas enunciações, bem como da cultura da época em que as mesmas foram escritas, observamos na prática o que foi antes teorizado. Por meio da leitura da carta analisada, temos uma visão da cultura da época em que ela foi escrita e, também, da identidade das pessoas envolvidas nesse processo de situação comunicativa. Em outras palavras, é apenas por meio de práticas sociais realizadas pela língua que a realidade passa a existir.

Por esse motivo, consideramos as cartas familiares como documentos de valor histórico inestimável, pois, sendo produzidas a partir de um contexto comunicativo em que desponta a cultura e a identidade própria de seu missivista, são portadoras, portanto, de marcas capazes de recuperar essas características.

A ideia de língua como ação social reveladora de aspectos culturais e identitários da época em que foi produzida é corroborada por Koch, segundo a qual “os fenômenos sociais são fenômenos linguísticos de alguma forma, assim como os fenômenos linguísticos são, em parte, sociais” (KOCH 1996: 59).

Concordamos, também, com BAZERMAN (2006), de que as cartas familiares estão abertamente ligadas às relações sociais e a autores particulares, tornando-se um material riquíssimo em particularidades de uma época e da cultura de um povo. Além disso, expressam, na maior parte das vezes, a modalidade mais natural da comunicação humana, ou seja, uma “conversa” informal, na qual é possível observar as mais espontâneas manifestações de interferência linguística. Consideramos, pois, a carta familiar como um material precioso, revelador de aspectos e peculiaridades da época em que foram escritos, bem como da identidade das pessoas envolvidas nessa situação comunicativa. Entretanto, apesar da informalidade, naturalidade e uso do linguajar típico da oralidade, características encontradas na carta familiar, não se deve avaliá-las como textos sem relevância para a constituição de um *corpus* acadêmico. Pelo contrário, são discursos ricos em relações sociais, uma vez que essa organização é um reflexo dos modos como interagimos verbalmente no nosso cotidiano. Para Bazerman, a organização das cartas familiares “só significa que elas nos revelam clara e explicitamente a sociabilidade que faz parte de toda escrita” (BAZERMAN 2006: 99).

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et.al. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAZERMAN, Charles. Cartas e a base social dos gêneros diferenciados. In: Dionísio, Ângela Paiva; Hoffnagel, Judith Chambliss (org.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Trad. Judith C. Hoffnagel. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006, 83– 99.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegamos na escola, e agora?: Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI, Stella Maris; GUIMARÃES, Lytton Leite. Mudança linguística e redes sociais: um estudo exploratório de migrantes rurais em Brasília. In: Hamel, Rainser Enrique; Suárez, Yolanda Lastra de; Cruz, Héctor Muñoz (eds). *Sociolinguística Latinoamericana – X Congresso Mundial de Sociologia*. Universidad Nacional Autónoma de México, 1982.
- CAVALCANTI, Marilda C. Considerações sobre alguns cenários sociolinguisticamente complexos no contexto brasileiro: o andamento do projeto “vozes na escola”. In: *Línguas & Letras*. Cascavel, Edunioeste, 2001, v.2, no.2, 43-66.

- GROSJEAN, F. *Life with two languages: An introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- HYMES, D. *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1972.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. Estratégias pragmáticas de processamento textual. In: Rajagopalan, Kanavill (Org.). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, jan/jun. 1996, no. 30, 35-42.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: Fishman, J. A. (Ed.). *Readings in the sociology of language*. Haia, Mouton, 1968. 554-84. Manfroi (1979)
- MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. 3ª. ed. Trad. Bebel Orofino Schaefer. São Paulo: Cortez, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MELLO, Heloísa Augusta Brito de. *O falar bilíngue*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.
- MENDES, José Manuel Oliveira. O desafio das identidades. In: Santos, Boaventura de Sousa Santos (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002, 503-540.
- ROCKENBACK, Silvio Aloysio. *Imigração alemã: 180 anos – história e cultura*. Silvio Aloysio Rockenback; Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre: Corag, 2004.
- SEMPRINI, Andréa. *Multiculturalismo*. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SILVA-CORVALAN, C. *Sociolinguística: teoría y análisis*. Buenos Aires: Alhambra, 1989.
- SPOLSKY, B. *Sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 2003.
- VIDAL, Sirlei Lopes. Ações de políticas linguísticas na revitalização da língua alemã em Agudo-RS. In: *Anais do I Fórum Internacional da Diversidade Linguística*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, 937 – 944.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, 07-72.

Anexos

mem
muita
268 22/03/43
14

São Paulo, 14 de maio 1944.

Gerido Imor

Oche qro escreve uma carta
vai muito bem no dia o sol vai cha
no Matto vem o Alois isto vai um dia
felisidades pra mim agora eo non breica
drabalha muito e em outra vida
gerido Imor a seada achada. Ditem
fo agi o Budrio e o B. Ginta Feica vamos
andara cavala na casa do Pai para papa
ra a festa. near du falta agora. O Alois
resels dua carta em Santiago. Oche nos
vaser dinheiro ventos e Bocos. temistruiger
e no negocio de cuho em San Paulo. elle dra
balha la. nos tem 24 Bocos e 40 Galumbas
vendes Kichou pra 8008500 um sacco pra 50000
alfonso das vai no Joto ele foi muito doarte.
O medico resechid carta de ti
agora cega para oche lembianças de Alois
elle e na rosa agora e lembianças
dua Imor

hoje no dia 10 de Janeiro eu quero
responder a tua carta que tu escreves
para mim. A Paula e eu morra junto
já faz 10 anos que eu esta com
perna quebrada. E não da bom cortar
alás assim vai tudo bem.

Eu esta com 76 anos e a Paula com 62 anos
Ela trabalha ainda na roça
Ela planta de tudo, nós tem 10
cabeça gado e porco. Ela vende leite
Sobrinhos meu estura em Paraná on
Vida Cristal. Agora tu me escreve
como vai tuas irmãs e irmãos
principalmente o Riquie ele
faleceu nesta casa. Dos Brós.

O meu Pai faleceu no dia 12 de
Novembro de 1942, e a mãe faleceu
no dia 6 de Março de 1949. E a irmã
mais velha faleceu no dia de fevereiro
de 1944 e a Olívia faleceu
no dia 6 de Abril de 1982,
como foi triste para nós

O irmão meu morra com parte
de nós. Eles estão bem eles fez
uma casa nova.
Agora tu me escreve, que profissão
ele tem. Ele tem estúio ou ele
trabalha na roça, tem terra.
Para mim é difícil viajar
por causa da perna. Porque vocês
não ven. Escreve noticias de Paraná
Agora eu quero terminara carta

É um feliz e no Novo
Muitas Lembranças de mim
e da Paula

Endereço

Santa Cruz Rio grande do Sul

O discurso indireto no alemão: um estudo quantitativo do uso dos modos¹

Andressa Costa*

Abstract: This paper presents a quantitative study of the use of the *Konjunktiv* and *Indikativ* moods in German indirect speech. By analyzing a corpus of 400 news articles of online publications, it describes the factors that influence the choice of indirect speech mood. For this purpose, the following hypotheses were considered: the choice of indirect speech mood can be influenced by the type of reporting verb (*sagen*/to say, *erklären*/to explain, etc), by its position (before or after the indirect speech), by the tense of the reporting verb, by the type of verb of the indirect speech (regular, irregular, auxiliary), if the subordinate clause is initiated or not by a conjunction, the degree of embeddedness of the subordinate clause and the distance between the reporting verb and the verb of the indirect speech.

Key Words: German, Indirect Speech, Linguistic Variation, Verbal Mood

Resumo: Este artigo apresenta um estudo quantitativo do uso dos modos *Konjunktiv* e *Indikativ* no discurso indireto no alemão. Através da análise de um corpus de 400 textos *online* do gênero notícia de jornal, descrevem-se fatores que influenciam a escolha do modo do discurso indireto. Para a realização deste estudo partiu-se das seguintes hipóteses: a escolha do modo do discurso indireto pode ser influenciada pelo tipo de verbo do discurso citante (*sagen*/dizer, *erklären*/explicar), pela posição deste (antes ou depois do discurso citado), pelo tempo verbal do verbo finito do discurso citante, tipo de verbo do discurso citado (regular, irregular, auxiliar), se a oração subordinada é introduzida ou não por conjunção, grau de inserção da oração subordinada e distância entre discurso citante e discurso citado.

Palavras-chave: Alemão, discurso indireto; variação lingüística; ,modo verbal

Introdução

No alemão, o termo **discurso indireto** é comumente associado ao modo *Konjunktiv* que tem como uma de suas funções principais marcá-lo (Cf. DUDEN 2005: 529; ZIFONUN et al. 1997: 1753). No Duden encontra-se a seguinte regra básica de uso do *Konjunktiv* na língua escrita padrão:

¹ Artigo baseado em dissertação de mestrado defendida junto à Área de Alemão da FFLCH/USP.

* Mestre em Língua Alemã pelo Departamento de Letras Modernas da USP. E-mail: cristinnebr@yahoo.com.br

- a) Konjunktiv I ist zu wählen, wenn die aktuelle Verbform formal eindeutig als Konjunktiv erkennbar ist.²

(1) In der Zeitung stand, die Maschinenfabrik **suche** noch zwei Schlosser oder Schlosserinnen. (DUDEN 2005: 541)

[No jornal estava escrito que a fábrica de máquinas **procurava** ainda dois serralheiros.]

Konjunktiv I - *suche* (3ª pessoa singular, presente)

Indikativ – *sucht* (3ª pessoa singular presente)

- b) Steht keine eindeutige Konjunktiv-I-Form zur Verfügung, erscheint der Konjunktiv II. In der 1./3. Person Plural kommt somit, außer im Fall *sein*, ausschließlich der Konjunktiv II infrage.³

(2) Ein Badegast drängte ans Mikrofon und fragte, warum die beiden sich nicht endlich **zusammentäten**. (Stern 1994)

[Um banhista correu ao microfone e perguntou por que os dois não se **uniam** finalmente.]

Konjunktiv II - *zusammentäten* (3ª pessoa plural, Präteritum)

Indikativ und Konjunktiv I – *zusammentun* (3ª pessoa plural, presente)

No entanto, autores como EISENBERG (2004), ZIFONUN et al. (1997) e BUSCHA/ZOCH (1995), que se ocupam com o tema, observam que esta regra básica não é estritamente seguida no alemão atual. É cada vez mais frequente o uso do *Konjunktiv II*, da forma *würde* + *Infinitiv* e do *Indikativ* ao lado do *Konjunktiv I*. Por isso, esses autores tentam encontrar regularidades, a fim de descrever fatores que influenciam o uso dos modos no discurso indireto no alemão atual. Dentre os principais fatores apontados citamos: o tipo de verbo (regular, irregular, verbo *sein*, *haben*), registro linguístico, tipo de texto.

No presente trabalho foi realizado um estudo no qual se buscou descrever o uso dos modos no discurso indireto no alemão e os fatores que influenciam a escolha do modo usado, a partir da análise de um corpus. O corpus é composto por 400 textos *online* do gênero notícia de jornal, dos periódicos alemães SPIEGEL ONLINE e FAZ (*Frankfurter Allgemeine Zeitung*). Os dados foram analisados estatisticamente, usando-

² Deve-se escolher o *Konjunktiv I* quando a forma atual do verbo é inequivocamente reconhecida como *Konjunktiv*.

³ Caso não haja uma forma não ambígua do *Konjunktiv I*, então aparece o *Konjunktiv II*. Na 1ª/3ª Pessoa do plural usa-se apenas o *Konjunktiv II*, exceto do caso de *sein*.

se o programa *SPSS for Windows (Statistical Package for the Social Sciences)*. Sobre o corpus, vale ressaltar que o tipo de texto usado para compô-lo (texto *online*) apresenta mais divergências do padrão do que o texto impresso, já que o tempo de produção e publicação do texto *online* é menor que o do impresso, o que pode influenciar na qualidade do texto em relação à elaboração da linguagem, mesmo que se trate de um texto do registro formal.

Hipóteses

Para o desenvolvimento da pesquisa, partiu-se das seguintes hipóteses:

1. A escolha do modo do discurso indireto pode ser influenciada pela posição do discurso citante em relação ao discurso citado, isto é, se ele está antes ou depois do discurso citado. A posição intermediária foi excluída da análise por apresentar poucos casos.

2. Um segundo fator é o tempo do verbo do discurso citante. Neste caso, quis-se verificar se há uma relação entre o tempo verbal do discurso citante e o modo do discurso citado e, em caso afirmativo, como ocorre esta relação. Em alemão falta a *consecutio temporum* no discurso indireto entre as orações regente e regida que há, por exemplo, no Português e Inglês. Em ambas as línguas o verbo do discurso citado passa por mudanças na forma temporal, a fim de que o seu sentido temporal se ajuste ao do verbo do discurso citante (Ver FIORIN 2002: 178-181; LEECH/SVARTVIK 1994: 132-133). Em alemão, tal regra não é prevista no padrão.

3. O tipo de oração subordinada (introduzida ou não por conjunção) na qual o discurso indireto aparece também pode influenciar a escolha do modo. Como apontam BUSCHA/ZOCH (1995: 40-42) (Veja também DUDEN 2005: 538-539), o uso da conjunção torna o *Konjunktiv* supérfluo, já que a conjunção e o discurso citante são elementos suficientes para indicar que aquela oração é um discurso indireto e por isso o *Indikativ* pode ser usado no seu lugar. No entanto, se a oração subordinada aparece sem conjunção, então o *Konjunktiv* é obrigatório, segundo os autores.⁴

⁴ Em alemão é possível sob certas condições uma oração subordinada sem conjunção com verbo finito, em Português, se a conjunção é suprimida o verbo vai para a forma infinitiva (cf. CUNHA/CINTRA 1985: 620).

4. Outro fator a ser considerado é o verbo do discurso citante. Neste caso, foi considerada, por exemplo, a questão da factividade ou não factividade do verbo do discurso citante que, segundo EISENBERG (2004: 117-118) é um aspecto que pode determinar a escolha do modo, e por isso se quis observar aqui qual é a relação verbo factivo/não factivo e *Konjunktiv/Indikativ* no corpus.

5. Outra hipótese é que a escolha do modo pode ser influenciada pelo tipo de verbo do discurso citado, isto é, o fato deste ser irregular, regular, misto ou um dos verbos *sein* (ser/estar: que é usado como auxiliar do *Perfekt*, passiva de estado, e como verbo pleno), *haben* (ter: auxiliar *Perfekt*, verbo pleno), *werden* (tornar-se: auxiliar passiva/futuro, verbo pleno) ou modal exerce algum tipo de influência na escolha do modo. Por exemplo, alguns verbos fortes possuem formas arcaicas do *Konjunktiv II* e por isso são substituídas com frequência pela forma *würde + Infinitiv*.

6. O grau de inserção⁵ das orações em discurso indireto pode determinar a escolha do modo. A hipótese que se levanta aqui é que quanto mais inserida for uma oração, maior a tendência a se usar *Indikativ*.

7. Distância dos verbos do discurso citante e do discurso citado. É provável que haja também uma relação entre a escolha do modo e a distância do discurso citante – discurso citado. Isto é, quanto mais distante o verbo do discurso citado for do discurso citante, a tendência seria de aquele aparecer mais no modo *Indikativ* e menos no *Konjunktiv*.

Os dados da análise

Os dados selecionados para a análise foram restringidos às ocorrências com discurso citante anteposto ou posposto ao discurso citado, e com verbo do discurso citado nos modos *Konjunktiv I*, *Konjunktiv II* e *Indikativ*. As ocorrências com posição do discurso citante interposta e verbo no discurso citado na forma *würde+Infinitiv* foram excluídas por apresentarem poucos casos.

⁵ O grau de inserção se refere ao nível de subordinação de uma oração. Oração no grau de inserção um é subordinada a uma oração principal. Uma oração no grau de inserção dois está subordinada a uma oração inserida no grau um, e assim por diante.

Deve-se ainda ressaltar que as ocorrências foram sempre analisadas separando-se os casos com o verbo do discurso citado no singular e no plural. Com isso, quis-se evitar a influência do fator ambiguidade dos verbos que, no caso do plural, obriga o uso do *Konjunktiv II* em detrimento do *Konjunktiv I* e *Indikativ* por que estes dois modos apresentam muitas formas ambíguas entre si.

Acrescente-se também que houve dois momentos de análise: no primeiro momento, os dados foram analisados sem nenhum tipo de restrição; a segunda análise foi feita com restrição dos dados a determinadas ocorrências que apareceram em contextos apontados na primeira análise como favorecedor de determinado modo.

Os resultados apresentados a seguir são, portanto, desta segunda análise.

Análise dos dados e resultados

Hipótese 1 - Posição do discurso citante

Para esta análise foram utilizadas apenas ocorrências com verbo do discurso citante no *Präsens* ou *Perfekt*, pois como se observou no corpus, estes dois tempos favorecem o *Indikativ* cujo percentual de frequência é bem maior do que com o verbo no *Präteritum* ou *Plusquamperfekt*. Além disso, restringiram-se os dados às ocorrências com oração subordinada no grau de inserção um por se tratar de orações subordinadas introduzidas pela conjunção *dass* ou sem conjunção.

As tabelas um e dois mostram o resultado da análise do corpus no que diz respeito ao uso dos modos sob a perspectiva da posição do discurso citante:

Costa, A. – O discurso indireto no alemão

Tabela 1 - distribuição modo / posição discurso citante
Verbo do discurso citado no singular

Modo	Posição do discurso citante		Total
	anteposta	posposta	
Konjunktiv I	536 93,1%	365 96,6%	901 94,4%
Konjunktiv II	17 3%	7 1,9%	24 2,5%
Indikativ	23 4,0%	6 1,6%	29 3%
Total	576 100%	378 100%	954 100%

Análise estatística: Valor 5,7 – $p = 0,057^{(*)}$ – df: 2⁶

Tabela 2 - distribuição modo / posição discurso citante
Verbo do discurso citado no plural

Modo	Posição do discurso citante		Total
	anteposta	posposta	
Konjunktiv I	42 32,6%	30 29,7%	72 31,3%
Konjunktiv II	74 57,4%	62 61,4%	136 59,1%
Indikativ	13 10,1%	9 8,9%	22 9,6%
Total	129 100%	101 100%	230 100%

Análise estatística: ns – df: 2

A diferença do percentual de frequência do *Konjunktiv I* com discurso citante anteposto e posposto é pequena. Com as ocorrências no singular este modo é mais frequente com discurso citante posposto (96,6% contra 93,1%). Com as ocorrências no plural o resultado é o seguinte: 32,6% com discurso citante anteposto e 29,7% com discurso citante posposto.

⁶ Para as variáveis de escala nominal como as frequências de tokens, foi utilizado o teste do Qui-quadrado de Pearson. Para as variáveis de escala intervalar como a distância entre os verbos do discurso citante e do discurso citado, foi usada a análise de variância com um fator (One-Way ANOVA). São apresentados três valores: a significância do valor calculado (Valor ou Valor F), o valor em si e o grau de liberdade do cálculo. Com relação ao nível de significância, um asterisco * indica que a probabilidade para um erro tipo I fica entre 1% e 5% ($0.01 \leq p < 0.05$). Dois asteriscos ** indicam que a probabilidade é menor que 1% ($0 < p < 0.01$), e três asteriscos *** que é praticamente 0% ($p = 0$). Um asterisco entre parêntese (*) indica uma tendência estatística na qual a margem de erro fica entre 5% e 10% ($0.05 < p < 0.1$).

O *Konjunktiv II* apresenta também resultados que se invertem conforme o verbo esteja no singular ou plural. Além disso, a diferença de percentual de sua frequência não é grande conforme o discurso citante esteja antes ou depois do citado. Desse modo, tem-se o seguinte resultado: o *Konjunktiv II* tem maior frequência nas ocorrências no singular com discurso citante anteposto (3% contra 1,9%) e maior frequência com discurso citante posposto nas ocorrências no plural (61,4% contra 57,4%).

Os resultados do *Indikativ* mostram uma tendência: o seu percentual de frequência é sempre maior com o discurso citante anteposto, tanto nas ocorrências no singular (4,0% contra 1,6%) quanto nas ocorrências no plural (10,1% contra 8,9%). Contudo, os testes estatísticos mostram que este resultado apresenta uma tendência estatística nas ocorrências com o verbo no discurso citado no singular (Valor 5,7 – $p = 0,057^{(*)}$ – df: dois), mas não é significativo com as ocorrências no plural.

Hipótese 2 - Tempo do discurso citante

Para a análise do uso dos modos sob a perspectiva do tempo do discurso citante, restringiram-se os dados às ocorrências com discurso citante na posição anteposta ao discurso citado e com oração subordinada com grau de inserção um.

Tabela 3 - distribuição modo / tempo do discurso citante
Verbo do discurso citado no singular

Modo	Tempo do discurso citante				Total
	Präsens	Perfekt	Präteritum	Plusquamperf	
Konjunktiv I	82 60,7%	14 63,6%	473 93,8%	63 87,5%	632 86,2%
Konjunktiv II	16 11,9%	1 4,5%	13 2,6%	4 5,6%	34 4,6%
Indikativ	37 27,4%	7 31,8%	18 3,6%	5 6,9%	67 9,1%
Total	135 100%	22 100%	504 100%	72 100%	733 100%

Análise estatística: Valor 113,9 – $p = 0^{***}$ - df: 6

Costa, A. – O discurso indireto no alemão

Tabela 4 - distribuição modo / tempo do discurso citante
Verbo do discurso citado no plural

Modo	Tempo do discurso citante				Total
	Präsens	Perfekt	Präteritum	Plusquamperf	
Konjunktiv I	7 15,6%	2 66,7%	38 33,9%	4 23,5%	51 28,8%
Konjunktiv II	20 44,4%	0%	64 57,1%	10 58,8%	94 53,1%
Indikativ	18 40%	1 33,3%	10 8,9%	3 17,6%	32 18,1%
Total	45 100%	3 100%	112 100%	17 100%	177 100%

Análise estatística: Valor 25,6 – p = 0*** - df: 6

Uma observação importante sobre os quatro tempos acima é que eles são agrupados por WEINRICH (1993: 198-199) em dois registros temporais que exprimem a atitude do falante em relação à situação comunicativa atual e que indicam ao ouvinte o modo como ele deve entender aquele relato, isto é, como comentário ou narrativa. Ao grupo I pertencem os tempos do mundo comentado⁷ (*Tempora der besprochenen Welt*), a saber: *Präsens*, *Perfekt* e *Futur*; ao grupo II pertencem os tempos do mundo narrado (*Tempora der erzählten Welt*): *Präteritum* e *Plusquamperfekt*.⁸

O *Indikativ* apresenta um resultado interessante: seu percentual de frequência é sempre maior nas ocorrências nas quais o tempo do discurso citante está em um dos tempos do grupo I *Präsens* (27,4% singular, 40% plural) ou *Perfekt* (31,8% singular, 33,3% plural). O *Konjunktiv I* apresenta também um resultado bastante interessante nas ocorrências no singular: ele é mais frequente nas ocorrências com o verbo no *Präteritum* (93,8%) e no *Plusquamperfekt* (87,5%), tempos do mundo narrado.

No caso do *Konjunktiv II*, os resultados da análise das ocorrências no singular não mostram nenhuma tendência em relação ao tempo verbal do discurso citante. Este modo teve maior percentual de frequência nas ocorrências no *Präsens* (11,9%), seguido pelas ocorrências no *Plusquamperfekt* (5,6%), as ocorrências no *Präteritum* tiveram o menor percentual (2,6%). Já os resultados das ocorrências no plural podem ser descritas

⁷ Ver GOUVÊA, Função dos tempos verbais no discurso. <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno14-09.html>

⁸ *Präsens*, *Futur* e *Plusquamperfekt* podem ser traduzidos como presente, futuro e mais que perfeito. *Präteritum* e *Perfekt* são formas usadas para expressar eventos passados, mas que não equivalem unilateralmente ao Pretérito imperfeito e Pretérito perfeito do Português.

segundo a proposta de WEINRICH (op. cit.): a frequência do *Konjunktiv II* é maior nas ocorrências que aparecem nos tempos do mundo narrado (*Präteritum* 57,1% e *Plusquamperfekt* 58,5%).

Uma explicação possível para este fato pode ser que, no singular, este modo não é tão frequente (seu percentual é de apenas 4,6%) porque na terceira pessoa do singular, no qual todos os dados analisados se encontram, as formas verbais do *Indikativ* e *Konjunktiv I* não coincidem. No plural, todavia, este modo apresenta alta frequência de ocorrência, já que muitas vezes ele assume o papel do *Konjunktiv I* na marcação do discurso indireto, justamente por causa da ambiguidade de formas entre este e o Indicativo.

Como apontam os testes estatísticos, esta análise mostra resultados altamente significantes sobre o uso dos modos sob a perspectiva do tempo do discurso citante, tanto para as ocorrências no singular (Valor 113,9 – $p = 0^{***}$ - df: 6) quanto para as ocorrências no plural (Valor 25,6 – $p = 0^{***}$ - df: 6).

Hipótese 3 - Forma da oração subordinada

A distinção para esta análise foi feita entre oração subordinada introduzida pela conjunção *dass* e oração subordinada sem conjunção porque apenas esta conjunção pode ser suprimida.

Os resultados desta análise também se mostram significativos. De acordo com os testes de estatística tem-se o seguinte: Valor F 59,4 – $p = 0^{***}$ - df: 2 para as ocorrências no singular e Valor F 15,1 – $p = 0,001^*$ - df: 2 para as ocorrências no plural. As tabelas cinco e seis mostram o resultado da análise.

Tabela 5 - distribuição modo / forma da subordinada
Verbo do discurso citado no singular

Modo	Tipo conector		Total
	Sem	Dass	
Konjunktiv I	373 97,6%	111 80,4%	484 93,1%
Konjunktiv II	9 2,4%	8 5,8%	17 3,3%
Indikativ	0%	19 13,8%	19 3,7%
Total	382 100%	138 100%	519 100%

Análise estatística: Valor F 59,4 – p = 0*** - df: 2

Tabela 6 - distribuição modo / forma da subordinada
Verbo do discurso citado no plural

Modo	Tipo conector		Total
	Sem	Dass	
Konjunktiv I	32 38,1%	5 16,1%	37 32,2%
Konjunktiv II	49 58,3%	18 58,1%	67 58,3%
Indikativ	3 3,6%	8 25,8%	1 9,6%
Total	84 100%	31 100%	115 100%

Análise estatística: Valor F 15,1 – p = 0,001** - df: 2

Os resultados interessantes são do modo *Indikativ* e *Konjunktiv I*, que apresentam as seguintes regularidades: *Indikativ* tem maior percentual de ocorrência com as orações introduzidas pela conjunção *dass* (13,8% - singular; 25,8% - plural) e o *Konjunktiv I* é mais frequente nas orações sem conjunção (97,6% - singular; 38,1% - plural). O *Konjunktiv II* apresenta diferença de percentual apenas nas ocorrências no singular: seu percentual é maior nas orações com *dass* (5,8%), mas nas ocorrências no plural o percentual é praticamente igual nos dois tipos de orações subordinadas (58,3% sem conector; 58,1% com *dass*).

A explicação comumente apresentada nas gramáticas para este caso é que, com a conjunção, o discurso indireto já é suficientemente marcado, por isso, o *Konjunktiv I* é dispensável. Contudo, se falta a conjunção, então o *Konjunktiv I* é necessário. O

Costa, A. – O discurso indireto no alemão

Konjunktiv II apresenta o mesmo resultado que o *Indikativ*. Isto é, ele tem maior frequência com as orações introduzidas pela conjunção *dass*.

Hipótese 4 - O verbo do discurso citante

Os resultados da análise sob a perspectiva do discurso citante variaram de acordo com o verbo utilizado. Foram analisados apenas os verbos com frequência mínima de oito ocorrências, com verbo do discurso citado no singular, pois o plural não teve resultados significativos (provavelmente devido à pouca quantidade de dados para cada verbo selecionado) e com oração subordinada introduzida por *dass*, pois só neste caso haveria ocorrências suficientes de *Indikativ*. Os verbos analisados foram os seguintes: *glauben*, *berichten*, *sagen*, *begründen*, *erklären*, *betonen* e *hinweisen*. Assim, temos o seguinte resultado:

Tabela 7 – distribuição modo / discurso citante
Verbo do discurso citado no singular

Modo	Discurso citante							Total
	<i>glauben</i>	<i>berichten</i>	<i>sagen</i>	<i>begründen</i>	<i>erklären</i>	<i>betonen</i>	<i>hinweisen</i>	
Konjunktiv I	2 25%	5 55,6%	18 75%	9 69,2%	9 64,3%	8 88,9%	12 80%	63 68,5%
Konjunktiv II	0%	0%	2 8,3%	2 15,4%	3 21,4%	0%	2 13,3%	9 9,8%
Indikativ	6 75 %	4 44,4%	4 16,7%	2 15,4%	2 14,3%	1 11,1%	1 6,7%	20 21,7%
Total	8 100%	9 100%	24 100%	13 100%	14 100%	9 100%	15 100%	92 100%

Análise estatística: Valor 24 – p = 0,020* - df: 12

Berichten, *sagen*, *begründen*, *erklären*, *betonen* e *hinweisen* apresentaram maior percentual de ocorrências com o modo *Konjunktiv I*.

O resultado mais inesperado foi do verbo *glauben*. Ele tem três vezes mais casos no *Indikativ* (75%) do que no *Konjunktiv I* (25%). Todavia, a factividade neste caso não é uma explicação, pois este verbo é não-factivo, e por isso, se esperaria mais *Konjunktiv*

I. A explicação possível para o caso de *glauben*, que se pode encontrar no corpus, é que este verbo ocorre mais em contextos que favorecem o *Indikativ* do que em contextos nos quais o *Konjunktiv I* é preferido. Isto é, em todas as ocorrências em questão, *glauben* está anteposto ao discurso citado e em cinco das seis ocorrências com *Indikativ*, *glauben* está no *Präsens* e apenas em um caso ele está no *Präteritum*. Já nas duas ocorrências com o *Konjunktiv I* no discurso indireto, *glauben* está no *Konjunktiv I*. Estes dois casos podem ser justificados pelo fato de que a oração com *glauben* é discurso indireto como se pode notar abaixo:

(3) Die britische Polizei **glaube**, dass der Schlüssel für Litwinenkos Tod bei dieser Gruppe liege, berichtet der "Guardian". (SPIEGEL ONLINE Politik Ausland 186. Artikel: 01. Dezember 2006)

[A polícia britânica **acredita** que a chave para a morte de Litwinenko está neste grupo, informa o "Guardian".]

(4) Die CDU-geführte Landesregierung **glaube** offenbar, dass das Land Hessen ihr gehöre. (FAZ Politik Länder 213. Artikel: 05. Januar 2007)

[O governo encabeçado pelo CDU **acha** aparentemente que o estado de Hesse pertence a ele.]

glaube (acreditar/achar) – 3ª Pessoa singular *Konjunktiv I Präsens*

Neste caso também o teste mostra um resultado significativo nas ocorrências no singular (Valor 24 – $p = 0,020^*$ - df: 12).

Hipótese 5 - Tipo do verbo do discurso citado

Para esta análise restringiram-se os dados às ocorrências com discurso citante anteposto, verbo do discurso citante no *Präteritum* ou *Plusquamperfekt* e oração subordinada com grau de inserção um. As colunas foram ordenadas decrescentemente de acordo com o percentual de frequência do *Indikativ*, por isso a ordenação não é a mesma nas tabelas no singular e plural. Assim, têm-se os seguintes resultados significativos segundo o teste estatístico (ocorrências no singular Valor F 34,9 – $p = 0,01^*$ - df: 8; ocorrências no plural Valor F 135 – $p = 0^{***}$ - df: 18).

Costa, A. – O discurso indireto no alemão

Tabela 8 – distribuição modo / tipo do verbo
Verbo do discurso citado no singular

Modo	Tipo de verbo										Total
	sein pass	werden pass	modal obj	regular	werden fut	sein pleno	haben perf	irregular	haben pleno	sein perf	
Konj I	13 86,7%	19 82,6%	92 87,6%	65 95,6%	43 95,6%	70 89,7%	81 97,6%	81 97,6%	19 100%	46 97,9%	529 93,5%
Konj II	0%	1 4,3%	8 7,6%	0%	0%	5 6,4%	0%	1 1,2%	0%	1 2,1%	16 2,8%
Ind	2 13,3%	3 13%	5 4,8%	3 4,4%	2 4,4%	3 3,8%	2 2,4%	1 1,2%	0%	0%	21 3,7%
Total	15 100%	23 100%	105 100%	68 100%	45 100%	78 100%	83 100%	83 100%	19 100%	47 100%	566 100%

Análise estatística: Valor F 34,9 – p = 0,01* - df: 18

Tabela 9 - distribuição modo / tipo do verbo
Verbo do discurso citado no plural

Modo	Tipo de verbo										Total
	werden fut	werden pass	irregular	regular	sein pleno	modal obj	sein perf	sein pass	haben perf	haben pleno	
Konj I	0%	0%	0%	0%	18 85,7%	0%	17 100%	4 100%	0%	0%	39 31,5%
Konj II	0%	4 66,7%	16 76,2%	9 81,8%	0%	23 95,8%	0%	0%	17 100%	2 100%	71 57,3%
Ind	1 100%	2 33,3%	5 23,8%	2 18,2%	3 14,3%	1 4,2%	0%	0%	0%	0%	14 11,3%
Total	1 100%	6 100%	21 100%	11 100%	21 100%	24 100%	17 100%	4 100%	17 100%	2 100%	124 100%

Análise estatística: Valor F 135 – p = 0*** - df: 18

Observando os resultados, nota-se que o *Indikativ* apresenta maior índice de frequência com os verbos *sein* e *werden* como auxiliar da passiva nas ocorrências no singular (13,3% e 13% respectivamente). No entanto, nas ocorrências no plural este resultado não se manteve com o verbo *sein* na mesma função, que não foi registrado nenhuma vez.

Costa, A. – O discurso indireto no alemão

O *Konjunktiv I* tem alto índice de ocorrência no singular com todos os tipos de verbos analisados, apenas nas ocorrências no plural o seu percentual de frequência restringe-se aos casos com *sein* (pleno (85,7%), auxiliar do *Perfekt* (100%) e da passiva (100%)). Já que é o único verbo que tem forma não ambígua com o *Indikativ*, isso justifica o fato de todas as ocorrências no plural deste verbo estarem neste modo.

O *Konjunktiv II* predomina nas ocorrências no plural com a maioria dos verbos, à exceção de *sein*, fato esperado por se tratar do plural. Nas ocorrências no singular, este modo mostra maior percentual de frequência com os verbos modais (7,6%), seguido por *sein* pleno (6,4%).

Hipótese 6 - Grau de inserção

Os dados desta análise foram restringidos às ocorrências com discurso citante anteposto e verbo do discurso citante no *Präteritum* e *Plusquamperfekt*. As tabelas dez e onze apresentam os resultados da análise.

Tabela 10– distribuição modo / grau de inserção
Verbo do discurso citado no singular

Modo	Grau de inserção			Total
	Grau um	Grau dois	Grau três	
Konjunktiv I	536 93,1%	78 79,6%	6 66,7%	620 90,8%
Konjunktiv II	17 3%	2 2%	0%	19 2,8%
Indikativ	23 4%	18 18,4%	3 33,3%	44 6,4%
Total	576 100%	98 100%	9 100%	683 100%

Análise estatística: Valor 39,8 – p = 0*** - df: 4

Tabela 11 - distribuição modo / grau de inserção
Verbo do discurso citado no plural

Modo	Grau de inserção			Total
	Grau um	Grau dois	Grau três	
Konjunktiv I	42 32,6%	4 16,7%	3 60%	49 31%
Konjunktiv II	74 57,4%	10 41,7%	2 40%	86 54,4%
Indikativ	13 10,1%	10 41,7%	0%	23 14,6%
Total	129 100%	24 100%	5 100%	158 100%

Análise estatística: Valor 16,3 – p = 0,003** - df: 4

Os resultados mostram a seguinte tendência em relação ao modo *Indikativ*: ele tem o seu percentual de frequência aumentado quanto mais inserida for a oração subordinada. Isso acontece tanto com as ocorrências com o verbo no singular quanto no plural. (4% - 18,4% - 33,3%; 10,1% - 41,7% - apenas o grau três no plural não apresentou ocorrências com este modo).

O *Konjunktiv I* apresenta um resultado progressivo descendente nas ocorrências com verbo no singular: seu percentual diminui quanto mais inserida for a oração (93,1% - 79,6% - 66,7%). Já as ocorrências no plural não apresentam resultado interessante para este modo. Seu percentual é maior com as orações no grau três (60%) seguido pelas orações no grau um (32,6%).

O *Konjunktiv II* não apresenta grande diferença no percentual de frequência das ocorrências no singular, embora se note uma progressão descendente quanto ao percentual de frequência deste modo (3% - 2% - 0%). O mesmo tipo de progressão pode ser percebido nas ocorrências no plural, isto é, o percentual diminui progressivamente quanto mais inserida for a oração (57,4% - 41,7% - 40%).

Também se nota que as orações mais inseridas são na grande maioria relativas ou adverbiais. Já as orações em grau de inserção um são quase absolutamente orações subordinadas introduzidas por *dass* ou sem conjunção. O grande número de orações sem conjunção no grau de inserção um provavelmente pode ser um fator que justifique o alto índice de *Konjunktiv I*, já que ele é obrigatório nas orações sem conjunção. O alto índice de *Indikativ* nos graus dois e três pode ser justificado pela predominância de orações

Costa, A. – O discurso indireto no alemão

adverbiais e relativas. Essas orações não permitem a supressão da conjunção, o que favorece o uso do *Indikativ* ou podem ser também informações adicionadas pelo autor do relato que não fazem parte do enunciado original e por isso não são discurso indireto.

Os valores 39,8 – $p = 0^{***}$ - df: 4 para as ocorrências no singular e 16,3 – $p = 0,003^{**}$ - df: 4 indicam que estes resultados são também significativos.

Hipótese 7 - Distância discurso citante – discurso citado

Aqui nos referimos à distância entre o verbo do discurso citante e o verbo do discurso citado, que foi medida contando-se o número de palavras entre os dois verbos. As restrições para esta análise são: grau de inserção um, verbo do discurso citante no *Präteritum/Plusquamperfekt* e discurso citante anteposto.

Tabela 12 – distribuição modo / distância
Verbo do discurso citado no singular

Modo	Media	N	Desv. típ.
Konjunktiv I	7,1	536	6,14634
Konjunktiv II	7,5	17	5,19757
Indikativ	12,7391	23	5,91006
Total	7,3003	576	6,20281

Análise estatística: ANOVA: Valor F 9,5 – $p = 0^{***}$ - df: 575 (2/573)

Tabela 13 – distribuição modo / distância
Verbo do discurso citado no plural

Modo	Media	N	Desv. típ.
Konjunktiv I	7,2381	42	5,01125
Konjunktiv II	7,4865	74	5,96162
Indikativ	8,5385	13	5,81113
Total	7,5116	129	5,62238

Análise estatística: ANOVA: ns – df: 128 (2/126)

No que diz respeito à distância entre o verbo do discurso citante e o verbo do discurso citado, os resultados são bastante claros: o *Indikativ* é mais usado nos casos em que a distância entre ambos os verbos é maior (singular - 12,7; plural - 8,5). O *Konjunktiv I* é mais frequente quanto mais próximo os dois verbos estão um do outro, o que se percebe

tanto nas ocorrências no singular (7,1) quanto no plural (7,2). No entanto, como mostram os testes estatísticos, apenas o resultado com as ocorrências no singular (Valor $F_{9,5} - p = 0^{***}$ - df: 575 (2/573) são significativas.

Considerações finais

O estudo sobre o uso dos modos no discurso indireto no alemão desenvolvido neste trabalho mostrou resultados bastante satisfatórios no que diz respeito às hipóteses levantadas sobre os fatores que podem influenciar o uso dos modos no discurso indireto.

A partir dos resultados obtidos podem-se descrever os seguintes fatores que favorecem o modo *Indikativ*: discurso citante anteposto, verbo do discurso citante num dos tempos do grupo I (*Präsens* ou *Perfekt*), oração subordinada introduzida por *dass*, grau de inserção dois ou três e maior distância entre o verbo do discurso citante e o verbo do discurso citado.

O *Konjunktiv I* teve maior percentual de frequência com os seguintes fatores: posposição do discurso citante, verbo do discurso citante num dos tempos do grupo II (*Präteritum* ou *Plusquamperfekt*) apenas nas ocorrências do singular, oração subordinada sem conector, oração no grau de inserção um e menor distância entre o verbo do discurso citante e o verbo do discurso citado.

O *Konjunktiv II* apresentou resultados bastante variados, dependendo se as ocorrências estivessem no singular ou plural. No entanto, puderam-se observar as seguintes tendências para o uso deste modo no corpus: nas ocorrências no plural, ele mostrou maior percentual com discurso citante posposto, verbo do discurso citante num *Präteritum* ou *Plusquamperfekt* (Tempos do grupo II), e oração subordinada sem conector. O único resultado constante tanto com as ocorrências no singular quanto no plural refere-se ao grau de inserção. Seu percentual decresce progressivamente quanto mais inserida for a oração.

Ressalte-se que este estudo limitou-se a uma análise da frequência de uso dos modos sob as perspectivas dos fatores acima expostos. Um estudo aprofundado que tenha como intuito explicar o porquê dos resultados foge ao escopo deste trabalho. Um estudo mais aprofundado do tema poderia ser feito com ocorrências restringidas a apenas um verbo do discurso citante (*sagen*, por exemplo, por ser o verbo introdutor de

discurso prototípico em alemão), orações introduzidas por *dass*, verbo do discurso citante num dos tempos do grupo I (*Präsens* ou *Perfekt*), discurso citante anteposto e oração no grau de inserção um. Desse modo, se poderia analisar mais detalhadamente a interação destes fatores na influência da escolha do modo do discurso indireto.

Referências bibliográficas

- AUER, Peter (1998). "Zwischen Parataxe und Hypotaxe: 'abhängige Hauptsätze' im Gesprochenen und Geschriebenen Deutsch". in: Zeitschrift für Germanistische Linguistik 1998, 284-307.
- BRAUN, Peter. *Tendenzen in der deutschen Gegenwartssprache: Sprachvarietäten*. 2. Aufl. Stuttgart; Berlin; Köln; Mainz: W. Kohlhammer, 1987.
- BUSCHA, Joaquim; ZOCH, Irene *Der Konjunktiv*. 1. Aufl. Leipzig: Langenscheidt, 1995.
- DUDEN *Die Grammatik: unentbehrlich für richtiges Deutsch*. 7. voll. neu erarb. Und erw. Aufl. Mannheim; Leipzig; Wien; Zürich, 2005.
- EISENBERG, Peter *Grundriss der deutschen Grammatik: Der Satz 2*. überarb. und aktual. Aufl. Stuttgart/Weimar: J. B. Metzler, Band 2, 2004.
- ENGEL, Ulrich *Deutsche Grammatik*. Heidelberg: Groos, 1988.
- ENGEL, Ulrich *Deutsche Grammatik*. Neubearbeitung. München: Iudicium, 2004
- GLÜCK, Helmut; SAUER, Wolfgang Werner *Gegenwartsdeutsch*. 2. überarb. und erweit. Aufl. Stuttgart; Weimar: Metzler, 1997.
- GÖTZE, Lutz; HESS-LÜTTICH, Ernest W. B *Knaurs Grammatik der deutschen Sprache*. München: Droemer Knauer., 1989.
- GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Função dos tempos verbais no discurso. In: Cadernos do CNLF, Série VIII, nº14, Rio de Janeiro, 23 a 27 de agosto de 2004.
<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno14-09.html>. (18.11.2009)
- WEINRICH, Harald *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim; Leipzig; Wien; Zürich: Dudenverlag, 1993.
- WEINRICH, Harald *Tempus: besprochene und erzählte Welt*. 6., neu bearb. Aufl., I. Aufl. Dieser Ausg.. München: Beck, 2001
- ZIFONUN, Gisela; HOFFMAN, Ludger; STRECKER; Bruno *Grammatik der deutschen Sprache*. Berlin; New York: Walter de Gruyter. Band 2/Band 3, 1997.

Processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira e aprendizagem de falantes não-nativos de alemão

Kelly Stanich
Selma Meireles*

Abstract: Cognition can be defined as a process of knowledge acquisition that draws upon environmental information as well as on material registered in our memory. This process, which is not always conscious, involves perception, attention, memory and action. It is therefore not only merely acquisition of knowledge, but also a process of converting all that is apprehended by the learner in accordance with his identity and experiences. This work proposes a theoretical model for cognitive processes related to foreign language production, relying on recent neuroscientific theories about memory, learning and processing of representations of frequent linguistic sequences (*chunks*), focusing on data concerning German as a foreign language. As a result, theoretical knowledge about a foreign language and the abilities to use it are seen as complementing skills that interact during the learning process, rather than different stages of the same knowledge defined by time of learning and storage in the memory, as suggested by some authors.

Keywords: memory and language; cognition and language; chunks; foreign language production; knowledge automatization.

Resumo: A cognição pode ser definida como um processo de aquisição de conhecimento que tem como material a informação do meio em que vivemos e o que já está registrado na nossa memória. Este processo envolve percepção, atenção, memória e ação, e nem sempre acontece de forma consciente. Mais do que simplesmente a aquisição de conhecimento, é um processo de conversão de tudo o que é captado pelo aprendiz de acordo com sua identidade e suas experiências. Com base nesse conceito, propõe-se um modelo teórico para o processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira, fundamentado em teorias recentes da neurociência sobre memória, aprendizagem e processamento de representações de seqüências freqüentes na língua (*chunks*) e ilustrado com dados referentes ao alemão como língua estrangeira. Como resultado, nota-se que o conhecimento teórico sobre a língua estrangeira e a capacidade de utilizá-la são habilidades complementares que interagem na aprendizagem da mesma, mas como saberes distintos, e não estágios do mesmo conhecimento determinados pelo tempo de aprendizagem ou armazenamento na memória, como sugerem alguns teóricos da área.

* Kelly Stanich (kellystanich@gmail.com): Doutora em língua alemã pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP); Selma Meireles (selmamm@usp.br): Professora-doutora do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP.

Palavras-chave: memória e linguagem; cognição e linguagem; *chunks*; produção em língua estrangeira; automatização do conhecimento.

Zusammenfassung: Aus der Sicht der Neurowissenschaft kann Kognition als ein Wissenserwerb-Prozess definiert werden, der sowohl Informationen aus der Umwelt als auch aus unserem Gedächtnis verwendet. Der Prozess baut auf Perzeption, Aufmerksamkeit, Gedächtnis und Handeln auf und läuft nicht immer bewusst ab. Es handelt sich dabei aber nicht nur um Wissenserwerb, sondern um die Umwandlung all dessen, was vom Lerner anhand seiner Identität und Erfahrungen wahrgenommen wird. Davon ausgehend wird hier ein theoretisches Modell der Wissensverarbeitung im Rahmen der Produktion in einer Fremdsprache vorgestellt, das auf neuen neurowissenschaftlichen Theorien über Gedächtnis, Lernen und die Verarbeitung von Repräsentationen häufiger linguistischer Sequenzen (*chunks*) basiert und mit Daten aus dem Bereich Deutsch als Fremdsprache illustriert wird. Aus dem Modell ergibt sich, dass theoretisches Wissen über eine Fremdsprache und die Fähigkeit, die Sprache erfolgreich zu verwenden, als einander ergänzende, während des Lernprozesses miteinander interagierende Fähigkeiten anzusehen sind, und nicht als zwei Phasen einer durch Lernzeit und Speicherung im Gedächtnis bestimmten einheitlichen Kenntnis, wie von manchen Autoren vorgeschlagen wird.

Stichwörter: Sprache und Gedächtnis; Sprache und Kognition; *chunks*; Fremdsprachenproduktion; Wissensautomatisierung.

Introdução

KRASHEN (1982: 10s.), em sua hipótese sobre a distinção entre aquisição e aprendizagem, define a aquisição como um processo involuntário de internalização “natural” da linguagem, com foco no significado e que não requer conhecimento consciente das regras gramaticais correspondentes. A aprendizagem, por sua vez, é vista como um processo consciente, que envolve a capacidade de reconhecer e explicar essas regras e ocorre geralmente em situação formal de ensino (idem). Entretanto, o autor afirma que, embora a aquisição seja típica das crianças (já que essas, em situações normais, adquirem inevitavelmente a língua), os adultos podem servir-se dos dois processos: **podem aprender e também adquirir a língua**, pelo menos em alguma medida. Segundo GONZÁLEZ (1994), a aquisição pode ser compreendida como “saber usar a língua” e a aprendizagem, como “saber sobre a língua”¹.

¹ É interessante notar que a língua alemã faz distinção entre o “saber teórico” (wissen) e as capacidades/habilidades (können), por ex.: Ich weiß, was du meinst (Sei o que você quer dizer) / Ich kann Klavier spielen (Sei tocar piano) O mesmo acontece no inglês: *I know what you mean*, mas: *I can play the piano*.

Como complemento à hipótese da distinção entre aquisição e aprendizagem, KRASHEN propõe hipóteses sobre o monitor, sobre uma ordem natural de aprendizagem, sobre *input*, *intake* e sobre um filtro afetivo. As principais críticas às suas hipóteses fundamentam-se no fato de o autor ter apresentado, nas primeiras versões de seu trabalho, os processos de aquisição e aprendizagem como sendo independentes. Outra fonte de críticas advém das dificuldades de comprovação empírica dos mecanismos responsáveis pelos dois tipos de processos. Contudo, embora dê apenas os primeiros passos na direção de uma distinção entre processos envolvidos na aprendizagem, o trabalho de Krashen aponta, como nenhum outro, para um caminho interessante a ser seguido, se quisermos explicar uma das questões mais curiosas que podemos observar em nossas experiências com o ensino/aprendizagem de língua estrangeira (LE): as diferenças entre o conhecimento consciente sobre a língua e suas regras e a habilidade de uso da língua na comunicação.

As pesquisas em aquisição da linguagem apontam cada vez mais para a interação de múltiplos fatores que interferem no processo de aprendizagem de uma língua². Diversos autores (como KRASHEN (1977, 1982, 1985), MCLAUGHLIN (1978), BIALYSTOK (1978), SINCLAIR (1991) e KLEIN (1992), entre outros) referem-se a duas formas de aquisição ou de processamento do conhecimento linguístico, uma que estaria mais relacionada à aprendizagem e utilização de regras explícitas e outra relacionada à aprendizagem e utilização mais automatizada da língua. MCLAUGHLIN e BIALYSTOK propõem a automatização do conhecimento pela passagem de um sistema de armazenamento para outro. Para MCLAUGHLIN (1978), através da prática, processos controlados se convertem em processos automáticos, à medida que são armazenados na memória de longa duração. Essa proposta fundamenta-se no modelo de memória proposto na década de 60 por ATKINSON e SHIFFRIN (1968). No entanto, a idéia de que a memória como um todo ou qualquer um de seus subsistemas privilegie o decorrer do tempo como fator determinante na manutenção, transferência ou descarte de seus conteúdos é controversa. Além disso, até o momento, não há consenso sobre o limite temporal que determinaria a passagem da informação do sistema de curta para o de longa duração. Trabalhos nas áreas de psicologia, neurologia e neurociência

² Utiliza-se aqui o termo **aprendizagem**, referindo-se à aquisição de conhecimento de qualquer espécie e, por extensão, à aquisição de conhecimento linguístico ou metalinguístico, por meio de instrução formal ou de experiências vivenciadas. O termo **aquisição** é utilizado como sinônimo de “acumulação / ganho de conhecimento” através de aprendizagem.

mencionam prazos de minutos, de vinte e quatro horas e até de anos para a consolidação de itens da memória.

Acreditamos que, seguindo-se esse modelo, muitos exemplos da experiência prática com o ensino/aprendizagem de LEs fiquem sem explicação. O simples fato de uma informação sobre a língua estar presente na memória de longa duração, como proposto pelos autores citados anteriormente, não faz com que ela seja utilizada de forma automática durante a produção em LE. Um exemplo comumente percebido e relatado é a utilização do pronome *ihr* (2^a. pessoa do plural, informal): em situação de sala de aula, os alunos geralmente praticam muito mais a declinação do pronome *du* (2^a. pessoa do singular, informal) e do pronome *Sie* (2^a. pessoa, singular ou plural, formal), pois dirigem-se principalmente a um colega ou a um professor. Nos países de língua alemã, o pronome *Sie* formal é utilizado normalmente em sala de aula, nos diálogos entre professores e alunos adultos. No Brasil, no entanto, muitas vezes preferimos utilizar um tratamento mais informal e, portanto, quando falamos com a classe ou com mais de um aluno, utilizamos a 2^a. pessoa do plural, informal, *ihr*. Ouvimos inclusive relatos de vários professores (falantes não-nativos do alemão) sobre a sua necessidade de treinar essa questão especificamente antes de iniciar um curso para conseguir utilizar esse pronome em sala de aula com as declinações corretas. Muitas vezes, esses professores têm experiências de vários anos no ensino da língua alemã e estão acostumados a expor as tabelas de declinação no quadro, sem necessidade de consulta a qualquer material. Seria estranho pensar que tais tabelas ainda não estão em suas memórias de longa duração e que, por isso, eles ainda não têm esse conhecimento automatizado.

Em contraste, falantes nativos, assim como não-nativos que passaram muito tempo em países de língua alemã mas tiveram pouco contato com o ensino formal, utilizam as declinações mais comuns praticamente sem dificuldades em suas produções linguísticas, mas são incapazes de montar uma tabela de declinações. Alunos principiantes, desde as primeiras aulas, utilizam expressões como *mit mir* (“comigo”), *für mich* (“para mim”), *wie geht's dir?* (“como vai você?”) com as devidas declinações, sem tê-las ainda aprendido de modo sistemático. É comum também que, após conhecerem as tabelas e todo o sistema de declinação, os alunos produzam algumas expressões com as declinações corretas, sem hesitação, mas parem, após a produção, para analisar o que produziram e constatar que as produziram corretamente.

No caso dos professores que, apesar de terem memorizado todas as tabelas de declinação, podem ter dificuldade no uso de uma ou outra declinação em sua produção linguística, considera-se que as tabelas estejam realmente consolidadas em suas memórias. No entanto, o que permite o uso fluente desse conhecimento é a frequência da utilização dos dados linguísticos referentes aos conteúdos dessas tabelas, relacionados ao contexto em que são utilizados. Essa prática forneceria as informações necessárias para a formação de **outro tipo de memória**, menos consciente e mais automatizada. Não seria, portanto, o ato de lembrar a regra ou a tabela que se tornaria mais rápido ou automático, mas sim, uma **outra informação, com outro formato**, estaria em uso no momento da fluência verbal. Como vimos nos tópicos anteriores, a capacidade de uso fluente do conhecimento linguístico estaria relacionada à formação e ao uso da memória não-declarativa, por meio da construção e do processamento de unidades significativas prontas para uso. A passagem “automática” de informações explícitas sobre a língua e suas regras do sistema de memória de curta para o de longa duração, como propõe MCLAUGHLIN, ou de um sistema de conhecimento explícito para um de conhecimento implícito, como propõe BIALYSTOK (1978), não explica a capacidade de uso fluente da língua.

Neste artigo, apresentamos a hipótese de que os dois níveis ou processos de aprendizagem descritos de várias formas em teorias da linguagem (KRASHEN 1977, 1982, 1985; MCLAUGHLIN 1978; BIALYSTOK 1978; SINCLAIR 1988; KLEIN 1992, entre outros) relacionam-se a **diferentes sistemas da memória humana**, que se diferenciam não pelo tempo de armazenamento (memórias de curta e longa duração), mas pelo tipo ou formato da informação armazenada.

Memória declarativa indica um sistema de conhecimento no qual as informações representadas são explicitamente acessíveis em forma de fatos e dados e podem ser conscientemente evocadas, isto é, o indivíduo tem acesso consciente ao conteúdo da informação. Subdivide-se em memória para fatos (ou memória semântica) e memória para eventos (ou memória episódica).

Em oposição, o termo **memória não-declarativa** abrange habilidades e vieses no desempenho que não podem ser explicitamente acessados e manifestam-se apenas sob a forma de desempenhos comportamentais, adquiridos gradualmente ao longo de diversas experiências. Subdivide-se em habilidades e hábitos (nas modalidades motora, perceptual e cognitiva), pré-ativação (ou indução, alteração do desempenho em função de material

previamente apresentado), condicionamento clássico (memória de associações emocionais e memória de associações motoras) e aprendizagem não-associativa (adaptação a estímulos que deixaram de ter importância ou ganharam importância).

Resumindo, podemos dizer que a **memória declarativa** pode ser compreendida como um “saber que” e a **memória não-declarativa**, como um “saber como” (cf. XAVIER 1996).

Segundo trabalhos desenvolvidos na área de neurocognição da linguagem, a memória declarativa estaria relacionada ao conhecimento explícito do léxico e de regras da língua. A memória não-declarativa, por sua vez, seria responsável pelas habilidades motoras da linguagem e pelo processamento de representações de sequências frequentes na língua, utilizadas como expressões prontas (aqui denominadas *chunks*), sem a necessidade de composição em tempo real (cf. BYBEE 2002; ULLMAN 2001; ULLMAN et al. 2002).

Podemos relacionar diversos fatores envolvidos na aprendizagem de uma língua a um ou a vários desses subsistemas da memória. A habilidade para pronunciar uma certa sequência de fonemas, por exemplo, estaria relacionada ao sistema de habilidades e hábitos, mas, se a sequência for uma palavra conhecida, estará também relacionada à memória semântica. A capacidade de indução estaria relacionada ao sistema de pré-ativação (*priming* – uma facilitação inconsciente ou viés no desempenho em decorrência da exposição prévia às informações); por exemplo, uma única exposição a uma palavra pode ser suficiente para facilitar seu processamento horas depois.

A interação social estaria relacionada tanto à memória episódica (a memória de uma determinada situação de interação, por exemplo), quanto à memória de associações emocionais. Fatores psicológicos como motivação e identidade estariam também diretamente relacionados à memória emocional e à episódica. Considerando-se as inúmeras possibilidades de combinação de fatores na aprendizagem de uma língua e as experiências individuais de cada aprendiz, as combinações de relações e interações entre os sistemas seriam infinitas, como no modelo de aquisição da linguagem proposto por PAIVA (2005).

Desses sistemas de memória, o denominado sistema de **memória declarativa** estaria relacionado ao conhecimento consciente (explicitável) sobre a língua e suas regras. O sistema de **não-declarativa**, por sua vez, seria responsável pelo processamento de informação de forma involuntária e pela habilidade de uso da língua na comunicação através da automatização de regras (cf. SQUIRE e ZOLA-MORGAN 1988, 1991). A noção de independência entre os sistemas de memória é bastante consensual nos estudos de

neurociências, sendo reforçada pela dissociação entre os tipos de prejuízo de memória de longa duração apresentados por pacientes amnésicos e parkinsonianos: enquanto pacientes amnésicos apresentam prejuízo de memória declarativa, pacientes com doença de Parkinson apresentam prejuízo específico de funções de memória não-declarativa, pelo menos nos estágios iniciais da doença.

Com base nesta distinção entre os sistemas de memória, propõe-se aqui um modelo teórico para o processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira, fundamentado em teorias recentes da neurociência sobre memória, aprendizagem e processamento de representações de sequências frequentes na língua (*chunks*). A hipótese aponta novas interpretações para questões sobre produção em língua estrangeira, como automatização do conhecimento, criatividade, papel do *output* e papel da instrução.

Aprendizagem de língua estrangeira e processos cognitivos

Ao acompanharmos o percurso das teorias e abordagens em aquisição da linguagem, do behaviorismo ao sócio-interacionismo, passando pelo inatismo e pelo construtivismo, entre outras, vemos que essas teorias e abordagens procuram explicar a aprendizagem de línguas focando aspectos diferentes (cf. p. ex.: SCARPA 2001; GUEDES EVANGELISTA 2003: 83s.). Fatores cognitivos, sociais ou emocionais são vistos, muitas vezes, como fatores independentes, de maior ou menor importância, ou mesmo de importância incalculável, e por isso são ignorados. Daí resultam visões fragmentadas, que dificultam a compreensão global do processo complexo que é a aprendizagem de línguas.

No entanto, nota-se que há aspectos congruentes nos vários trabalhos e uma convergência desses estudos para determinados pontos, como a tendência a se considerar a aprendizagem de línguas como dinâmica, complexa e composta de múltiplos fatores que se combinam e a existência de diferentes modos de processamento e aprendizagem. LARSEN-FREEMAN (1997) foi a primeira a abordar essa complexidade à luz da teoria dos sistemas complexos ou teoria do caos. Essa teoria afirma que a natureza é um sistema complexo composto por outros sistemas igualmente complexos, não-lineares, dinâmicos, caóticos, imprevisíveis, sensíveis às condições iniciais, abertos e adaptativos, pois têm capacidade de auto-organização. A autora apresenta várias evidências para comprovar que há semelhanças

entre esses sistemas e a aquisição de segunda língua (L2), entre elas, a dinamicidade do processo de aprendizagem, sua complexidade, a não-linearidade e a auto-organização da interlíngua. Como afirma PAIVA (2005: 24), considerando esses conceitos da teoria do caos/complexidade, LARSEN-FREEMAN reúne, por exemplo, o cognitivismo e o sócio-interacionismo, postulando que “tanto a criatividade individual quanto a interação social se combinam para influenciar a moldagem da gramática em desenvolvimento”³.

A capacidade humana de apreender o mundo e expressar-se através da linguagem está intimamente ligada ao funcionamento de uma sofisticada rede de neurônios interconectados, que nos permite falar, entender o discurso de outras pessoas e, também, pensar. Estas atividades requerem uma grande estrutura neurológica, que nos capacita não só a armazenar dados correspondentes a milhares de unidades lexicais e diversas estruturas sintáticas, mas também a fazer interconexões entre elas e o mundo em que vivemos, seja ele um mundo físico, social ou afetivo que compartilhamos com nossos semelhantes. No entanto, em que pese o grande progresso realizado nesse campo, ainda há muito poucas unanimidades sobre a interface entre a linguagem e o sistema neurológico.

Do ponto de vista da linguística, diversas correntes surgidas a partir da década de 1970 ocupam-se da linguagem humana a partir de uma perspectiva fortemente influenciada pelas novas descobertas da psicologia e das neurociências. Essas correntes, frequentemente reunidas sob o termo geral de *linguística cognitiva* (veja, p.ex., SCHWARZ 1992), propõem uma investigação das línguas à luz de esquemas comportamentais e sistemas de apreensão da realidade e estruturação da informação apoiados em dados biológicos e processos mentais de cunho geral, como, por exemplo, os estudos elaborados no departamento de neurocognição da linguagem do Instituto Max Planck de neurociências cognitivas em Leipzig / Alemanha, sobre o processamento semântico-conceitual (FRIEDERICI; STEINHAEUER & PFEIFER 2002; HAHNE 2001; HAHNE & FRIEDERICI 1998, 2001).

O objeto de estudo é a linguagem enquanto fenômeno mental, ou seja, todos os componentes da capacidade humana de comunicar-se através da linguagem. Para tanto, procura incorporar aspectos da competência procedural, em especial a análise de pontos comuns entre o sistema linguístico e outros sistemas; a noção de competência linguística passa a abranger também os mecanismos que permitem colocar em prática o conhecimento

³ Tradução de Vera Lúcia M. de Oliveira e Paiva: “...both individual creativity and social interaction combine to influence the shape of the developing grammar.” (Paiva 2005: 24)

linguístico, definindo a capacidade linguística do ser humano tanto em termos estruturais (no sentido de sistema mental do conhecimento) como procedurais (no sentido de mecanismo processador).

A linguística cognitiva considera a linguagem como uma faceta integral da cognição, e não como um módulo isolado. Tanto quanto possível, é vista como acessando fenômenos cognitivos de caráter mais geral, tal como atenção, percepção, categorização e memória, dos quais não pode ser dissociada: uma língua é entendida como um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais; uma unidade, por sua vez, é um padrão de atividade de processamento dominado (*mastered*) completamente pelo indivíduo e pode, assim, ser executado de modo mais ou menos automatizado, caracterizando uma “rotina cognitiva”. O conhecimento linguístico reside em “pacotes” rotinizados de atividade de processamento, alguns dos quais são ativados como parte do processamento geral executado pelo sistema como um todo ao produzir ou entender novas expressões. É através do constante impacto do uso que unidades linguísticas se mantêm e se desenvolvem: a ativação de uma unidade reforça-a e aumenta progressivamente a sua fixação; por outro lado, uma unidade que não é explorada tende a “decair” e pode finalmente perder-se. Através de procedimentos de elaboração e extensão, as unidades geram variações que podem assumir uma vida própria. Sincronia e diacronia são inseparáveis nessa perspectiva baseada no uso (cf. LANGACKER 2007: 425-431).

Com base nestas considerações, o próximo tópico focaliza mais detalhadamente as interações entre aprendizagem e sistemas de memória, como pressupostos para a proposta de um modelo dos processos que guiam a aprendizagem de línguas estrangeiras.

Aprendizagem e memória

Embora seja comum referir-se à memória como uma entidade única, a maioria dos modelos cognitivos atuais trabalha com a noção de múltiplos componentes, aos quais são atribuídas funções diversas. Aqui, consideramos a hipótese de que os dois níveis ou processos de aprendizagem descritos de várias formas em teorias da linguagem (KRASHEN 1977, 1982, 1985; McLAUGHLIN 1978; BIALYSTOK 1978; SINCLAIR 1988; KLEIN 1992, entre outros) relacionam-se a diferentes sistemas da memória humana, que se diferenciam não pelo tempo

de armazenamento (memórias de curta e longa duração), mas pelo tipo ou formato da informação armazenada. Para efeito de simplificação, conforme proposto por SQUIRE e ZOLA-MORGAN (1988, 1991), esses diferentes sistemas de memória serão aqui denominados de **declarativo** e, em oposição, **não-declarativo**. Ambas são consideradas como sistemas da memória de longa duração mas, segundo MAGILA & XAVIER (2000), esses sistemas possuem **diferenças evidentes quanto ao formato da informação representada**.

Memória declarativa indica um sistema de conhecimento no qual as informações representadas são explicitamente acessíveis em forma de fatos e dados e podem ser conscientemente evocadas, isto é, o indivíduo tem acesso consciente ao conteúdo da informação. Em oposição, o termo **memória não-declarativa** abrange habilidades e vieses no desempenho que não podem ser explicitamente acessados e manifestam-se apenas sob a forma de desempenhos comportamentais. Esse tipo de informação seria adquirido gradualmente ao longo de diversas experiências. Em resumo, podemos dizer que a memória declarativa pode ser compreendida como um “saber que” e a memória não-declarativa, como um “saber como” (cf. XAVIER 1996). Conforme proposto por SQUIRE e ZOLA-MORGAN (1988, 1991), a memória declarativa subdivide-se em memória para fatos (ou memória semântica) e memória para eventos (ou memória episódica) e estaria relacionada ao conhecimento explícito do léxico e de regras da língua. A memória não-declarativa, por sua vez, seria responsável pelas habilidades motoras da linguagem e pelo processamento de representações de sequências frequentes na língua, utilizadas como expressões prontas (aqui denominadas **chunks**), sem a necessidade de composição em tempo real (cf. BYBEE 2002; ULLMAN 2001; ULLMAN et al. 2002), e que desempenham um papel fundamental na armazenagem e na organização da informação.

Chunks – unidades significativas da memória

O fenômeno de agrupamento (*chunking*) pode ser verificado no processamento de informação de diversos tipos, por exemplo, quando agrupamos os algarismos de um número telefônico para facilitar a memorização. Ações como jogar tênis ou tocar piano também são guiadas por representações estruturais que organizam a sequência de movimentos em *chunks*, em unidades integradas. Um claro exemplo dessa organização é encontrada na notação

musical, na qual as partituras representam tais unidades como frases musicais contendo temas ou motivos completos, os quais devem ser executados e interpretados como uma unidade e podem ser comparados a sintagmas ou frases na linguagem verbal.

Uma consequência interessante do processo de *chunking* é que, através desse processo, a informação agrupada pode também ser decomposta em mais itens de informação do que se poderia normalmente reter na memória. Por exemplo, ao reter na memória sete palavras de dez letras cada, podemos decompô-las em setenta letras, usando o conhecimento sobre como soletrar palavras, e assim armazenar na memória uma quantidade de letras muito superior ao limite normal. Essa característica evidencia a habilidade humana de codificar informação em “pacotes”, que podem ser “manuseados” ou processados com agilidade e rapidez (como num programa de compactação de arquivos no computador) dentro do limite da memória (cf. GAZZANIGA et al. 2002: 307, 458). Outra característica interessante é que o limite se refere à quantidade de *chunks*, mas não ao seu conteúdo. Conclui-se que, para o registro da informação como um *chunk*, não há um limite para o tamanho dessa informação, desde que forme uma unidade.

Segundo PAWLEY & SYDER (1983), no processamento da linguagem, a memória de longa duração armazena sequências frequentes como unidades significativas prontas para uso, que podem ser acessadas e utilizadas sem a necessidade de processamento ou composição “*online*” pela seleção de fonemas, palavras ou recordação de regras gramaticais explícitas. Nos estudos da linguagem e aquisição da linguagem, tais unidades significativas têm recebido diferentes denominações, a partir de várias abordagens do tema, incluindo *speech formulae* (PETERS 1983), *lexicalized sentence stems* (PAWLEY & SYDER 1983), *lexical phrases* (NATTINGER & DECARRICO 1992), *ready made units* (COWIE 1992) e *formulaic sequences* (WRAY 2000, 2002). Com base em SINCLAIR (1991) e WRAY (2002), o termo *chunk* é aqui utilizado como uma sequência frequente na língua, contínua ou descontínua, de fonemas, palavras ou grupos de palavras, que é mantida e evocada da memória como uma unidade, não sendo sujeita à formação ou análise gramatical e abrangendo aspectos motores, semânticos e, inclusive, afetivos e situacionais, relacionados à adequação e a relevância da expressão para o falante.

Como são registrados não como uma sequência ordenada de unidades linguísticas, mas como um elemento único e coeso, pode-se supor que os *chunks* pertençam ao mesmo domínio que as fórmulas de rotina e expressões estereotipadas que caracterizam o discurso automático.

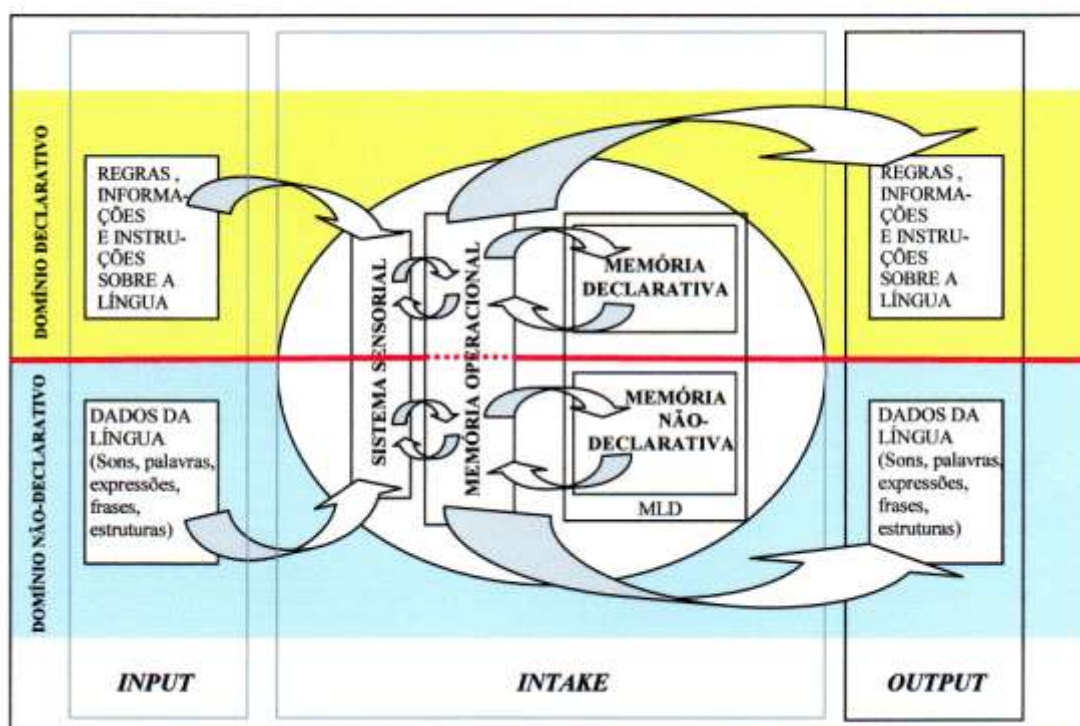
Os *chunks* compreendem também diferentes fatores pragmáticos, sociais e culturais, os quais são registrados como um único bloco de informação. O próximo item evidencia a sua importância para a produção linguística e propõe um modelo de processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira que permita a visualização de processos nela envolvidos.

Um modelo teórico para o processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira

Conforme exposto nos tópicos anteriores, a capacidade de uso fluente do conhecimento linguístico estaria relacionada à formação e ao uso da memória não-declarativa, por meio da construção e do processamento de unidades significativas prontas para uso. A passagem “automática” de informações explícitas sobre a língua e suas regras do sistema de memória de curta para o de longa duração, como propõe MCLAUGHLIN, ou de um sistema de conhecimento explícito para um de conhecimento implícito, como propõe BIALYSTOK, não explica a capacidade de uso fluente da língua.

Considerando o conhecimento de regras, tabelas, listas de vocabulário e qualquer conhecimento teórico sobre a língua como um formato diferente de informação, registrado na memória declarativa, esta forma de conhecimento auxiliaria ou aceleraria a formação da informação automatizada, não se transformando nela, mas direcionando a atenção para os dados correspondentes no *input* linguístico e até mesmo fornecendo elementos para a formação de novos dados, ausentes no *input*, como veremos a seguir. Somente a prática da produção linguística e o uso da criatividade permitiriam ao aprendiz e mesmo ao falante considerado proficiente utilizar com fluência as expressões aprendidas através do *input* e criar expressões novas. A frequência da produção dessas expressões forneceria aos sistemas de processamento e memória uma unidade compilada de informações motoras (relacionadas com a pronúncia e articulação dos fonemas) e informações sobre o significado, a adequação e a relevância de cada expressão. Essa compilação estaria potencialmente preparada para o armazenamento na memória e para sua retomada e reutilização, sem o esforço cognitivo de composição de toda a expressão em tempo real.

Retomando os conceitos de memória operacional, memória declarativa e memória não-declarativa e lembrando ainda os conceitos de *input*, *output* e *intake* (este último considerado o processo de internalização do *input*), apresentamos uma representação gráfica do modelo que proponho para o processamento cognitivo relacionado à produção em LE. O modelo se refere, a princípio, tanto a aspectos da aprendizagem e da produção em LE quanto em língua materna (LM). No entanto, vamos nos concentrar nas considerações sobre a produção em LE. Os exemplos aqui apresentados referem-se a aprendizes adultos de alemão como LE, sem contato anterior com o idioma fora do ambiente de ensino formal.



A parte superior do modelo, que denominamos **domínio declarativo**, representa a memória declarativa, os dados do *input* que potencialmente seriam processados nesse domínio (regras explícitas e instruções sobre a língua) e os dados do *output*, retomados e reconstruídos após o processamento na memória operacional. Os dados do *output*, tal como no *input*, se apresentam na forma de regras explícitas e conhecimento teórico sobre a língua. A parte inferior do modelo, denominada domínio não-declarativo, representa a memória não-declarativa, os dados linguísticos do *input* potencialmente processáveis como unidades significativas (ou

chunks) e os dados linguísticos do *output*. Para efeito de simplificação, nos campos *input*, *intake* e *output*, o modelo mostra apenas dados linguísticos e dados sobre a língua, respectivamente nos domínios não-declarativo e declarativo. No entanto, considero também a presença de diversos fatores extralinguísticos (elementos culturais, experiências individuais, fatores sociais etc.), apesar de não representados no modelo.

As setas no sentido *input - sistema sensorial* mostram a percepção dos dados do *input*. Os dados que efetivamente alcançam o sistema sensorial são ainda selecionados ou filtrados pela memória operacional, segundo critérios não-conscientes, relacionados à relevância e à capacidade de processamento. Essa seleção é representada pelas setas que partem da memória operacional e retornam em direção a ela.

Vamos agora examinar mais detidamente os dois grandes domínios que compõem o modelo.

○ domínio não-declarativo

A parte do modelo aqui denominada **domínio não-declarativo** representa o processamento de **dados da língua** (sons, palavras, expressões, frases, estruturas) provenientes do *input*, a reprodução desses dados na produção (*output*) e a geração de novos dados no **sistema de memória de longa duração não-declarativa**. Por “**geração** de novos dados na memória” é possível entender também “**armazenamento** de novos dados na memória”. No entanto, em conformidade com estudos de neurociência (p. ex.: CARLSON 2002: 424), consideramos a memória não como um conjunto de dados armazenados, mas como um conjunto de modificações na rede neuronal, decorrentes da experiência e do aprendizado. Os dados provenientes do *input* não são “armazenados”, mas processados de forma a **gerar** novas representações que modificam as redes neuronais.

Na representação gráfica do domínio não-declarativo, a seta no sentido *input* → **sistema sensorial** mostra a percepção dos dados do *input* (visuais, auditivos e sensoriais em geral). Os dados que alcançam o sistema sensorial são ainda selecionados ou “filtrados” pela memória operacional, segundo critérios não-conscientes, relacionados à capacidade de processamento e à relevância. No modelo, essa seleção é representada pelas setas no sentido **sistema sensorial** → **memória operacional** e no sentido **memória operacional** → **sistema sensorial**.

O processamento se dá nas duas direções. A percepção é também influenciada pelo trabalho da memória operacional: por terem experiências e memórias diferentes, os indivíduos podem ter também uma percepção diferente do mesmo *input*.

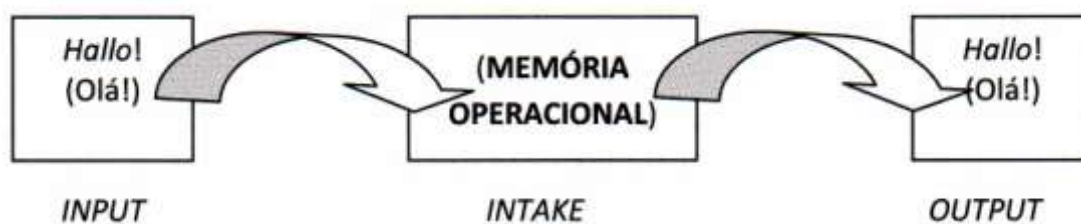
A seta no sentido **memória operacional** → *output*, mostra que, posteriormente, o processamento na memória operacional permite a reprodução dos dados do *intake* na produção. Podemos ilustrar esses processos com um exemplo simples de uma frase que alunos de alemão geralmente aprendem nas primeiras aulas e logo estão aptos a reproduzir (ex. 1) ou, ainda, com uma resposta imediata repetitiva (ex. 2).

Ex. 1:



Neste exemplo, consideramos o *output* como mera repetição do *input* recebido.

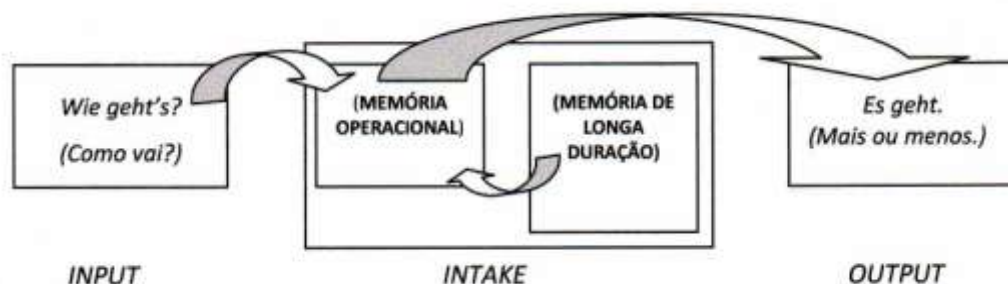
Ex. 2:



Neste segundo exemplo, somente se assumirmos que o falante, assim como uma criança que ainda aprende a falar, simplesmente repete ou imita o que foi ouvido, sem um processamento mais complexo ou reflexão a respeito da adequação do que diz, podemos considerar a resposta imediata como mera repetição do *input* recebido. Obviamente, na maioria dos casos, não é isso o que ocorre. O falante precisa escolher o que dizer em determinada situação ou decidir qual a resposta adequada a uma determinada pergunta. Para tanto, a memória operacional não

trabalha apenas processando os dados provenientes do *input*, mas também retomando e reprocessando os dados da memória de longa duração, como mostra o próximo exemplo.

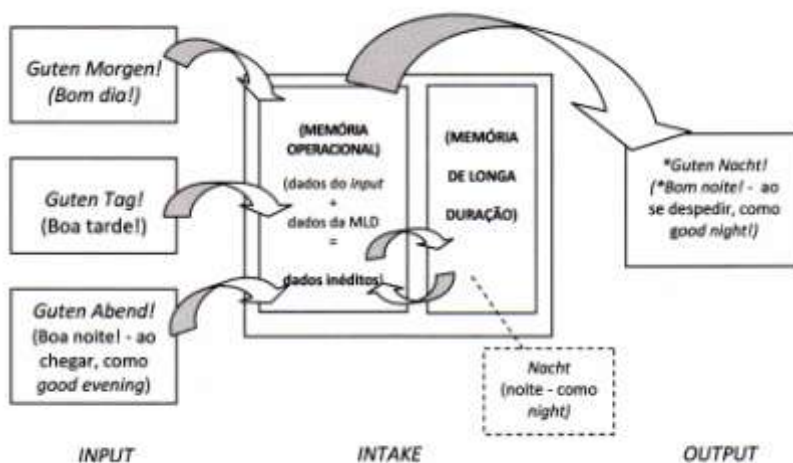
Ex. 3:



Neste caso, a resposta não pode ser considerada mera repetição do *input*. A fonte de dados para a resposta não é o *input* imediatamente recebido e sim outros dados, anteriormente recebidos e memorizados.

O processamento conjunto dos dados provenientes do *input* e dos dados retomados da memória de longa duração permite ainda a geração de dados originais (ou seja, não provenientes do *input*), que, por sua vez, podem ser utilizados no *output* e passar também a integrar a memória de longa duração.

No exemplo a seguir (ex. 4), o falante recebe *inputs* diferentes em diversas situações. O processamento desses dados juntamente com outros dados retomados da memória de longa duração permite, em uma nova situação, a produção de um dado inédito. Ex. 4:



Neste caso, o dado inédito “*Guten Nacht!*” apresenta uma incorreção, já que a expressão correta seria “*Gute Nacht!*”. O falante seria melhor sucedido se tivesse recebido do *input* a expressão correta “*Gute Nacht*” ou ainda se dispusesse de mais informações, sobre gênero e declinação, para deduzir a expressão corretamente. No entanto, mesmo incorreta, a expressão é compreensível e adequada à situação (desejar “boa noite” ao despedir-se).

Essa capacidade de escolher / mudar a resposta e de adaptar-se a novas situações, demonstra a aprendizagem e é esta, inclusive, a definição de aprendizagem adotada pelas neurociências cognitivas, a qual nos parece perfeitamente aplicável à aprendizagem de línguas. Conforme CARLSON (2002: 424), a aprendizagem é o processo pelo qual as experiências mudam nosso sistema nervoso e, assim, nosso comportamento. A função primária da capacidade de aprender é desenvolver comportamentos adaptados a um ambiente que muda constantemente. É essa mesma capacidade, entre outras, que permite ao falante chegar à fluência e adaptar-se a uma nova comunidade linguística.

○ domínio declarativo

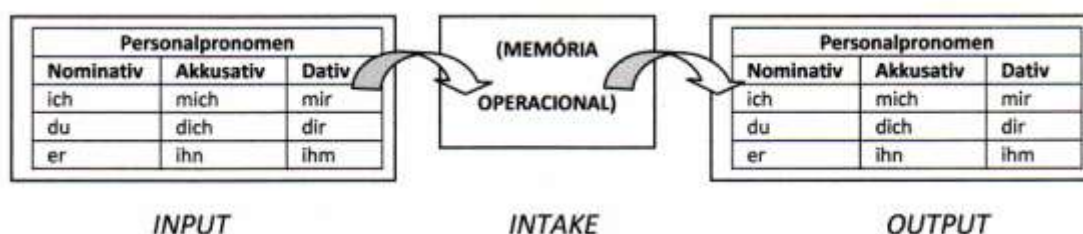
A parte superior do modelo, aqui denominada **domínio declarativo**, representa a aquisição consciente de conhecimentos relativos às regras, informações e instruções **sobre a língua** e o processamento desse tipo de informação. Tal processamento permite a geração de novos dados no **sistema de memória de longa duração declarativa** e a reprodução desse tipo de dado na produção. Os dados do *output*, assim como no *input* processado nesse domínio, se apresentam na forma de regras explícitas e conhecimento teórico sobre a língua e não como palavras, expressões ou estruturas da língua.

Neste ponto, é necessário frisar que, com essa divisão do *input* em *input* não-declarativo e *input* declarativo, no esquema gráfico do modelo, queremos apenas representar essa especificidade no processamento da linguagem. Obviamente, o *input* não se encontra “isolado”, mas o processamento ocorre, sim, em sistemas separados, da mesma forma como na percepção visual de objetos, por exemplo, temos células especializadas na percepção da forma e outras especializadas na percepção da cor, e, no entanto, temos a impressão de uma percepção única. O mesmo ocorre com o *output*. Apenas analisando a produção, não é possível separar um *output* exclusivamente produzido pelo sistema declarativo de outro exclusivamente produzido pelo sistema não-declarativo. Afinal, mesmo para falar ou escrever

sobre regras, o falante precisa expressar-se por meio de sons, palavras, expressões e estruturas da língua. No entanto, evidências neurofisiológicas demonstram que o processamento ocorre em sistemas separados. O *output* e as condições em que é produzido podem também permitir inferências sobre um maior ou menor uso de um ou de outro sistema de memória.

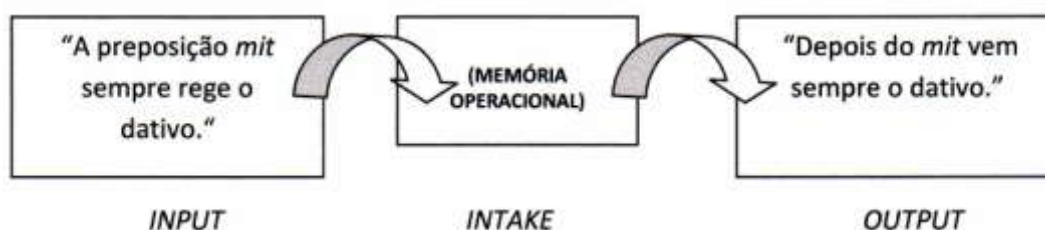
Podemos ilustrar os processos de aprendizagem do domínio declarativo com os seguintes exemplos:

Ex. 5:



No exemplo 5, o aprendiz recebe como *input* uma tabela com a declinação dos pronomes pessoais e é capaz de reproduzi-la no *output*. Nos exemplos 6 e 7, um aluno aprende uma regra em uma aula ou em um livro e pode compreendê-la e reproduzi-la com suas próprias palavras.

Ex. 6:



Ex. 7:



A capacidade de reproduzir a tabela do exemplo 5 e as regras dos exemplos 6 e 7 não garantem, entretanto, que o aluno seja capaz de aplicar adequadamente as instruções sintetizadas nessa tabela e essas regras em uma situação de produção linguística, como na conversação, por exemplo. Este tipo de processamento e aprendizagem produz melhores resultados quando o aluno precisa demonstrar seu conhecimento da língua através da reprodução de regras ou de outras informações teóricas, como nos exercícios com lacunas abaixo, retirados de manuais didáticos em uso atualmente em diversos cursos de alemão como LE:

Ex. 8:

Ergänzen Sie die Regel. (Complete a regra.)

Im Nebensatz mit dass steht das Verb am Ende. (Na oração subordinada com *dass* o verbo encontra-se no final.)

(FUNK *et. al. Studio D A2*, 2006, p. 29)

Ex. 9:

Der Nebensatz beginnt mit dem Subjunktor „wenn“, das Verb steht am Ende. Nebensatz vor Hauptsatz: Der Hauptsatz beginnt mit dem Verb.

(A oração subordinada começa com a conjunção “wenn”, o verbo encontra-se no final.

Oração subordinada antes da principal: a principal começa com o verbo.

(MÜLLER. *Optimal A1*, 2004, p. 85)

Ex. 10:

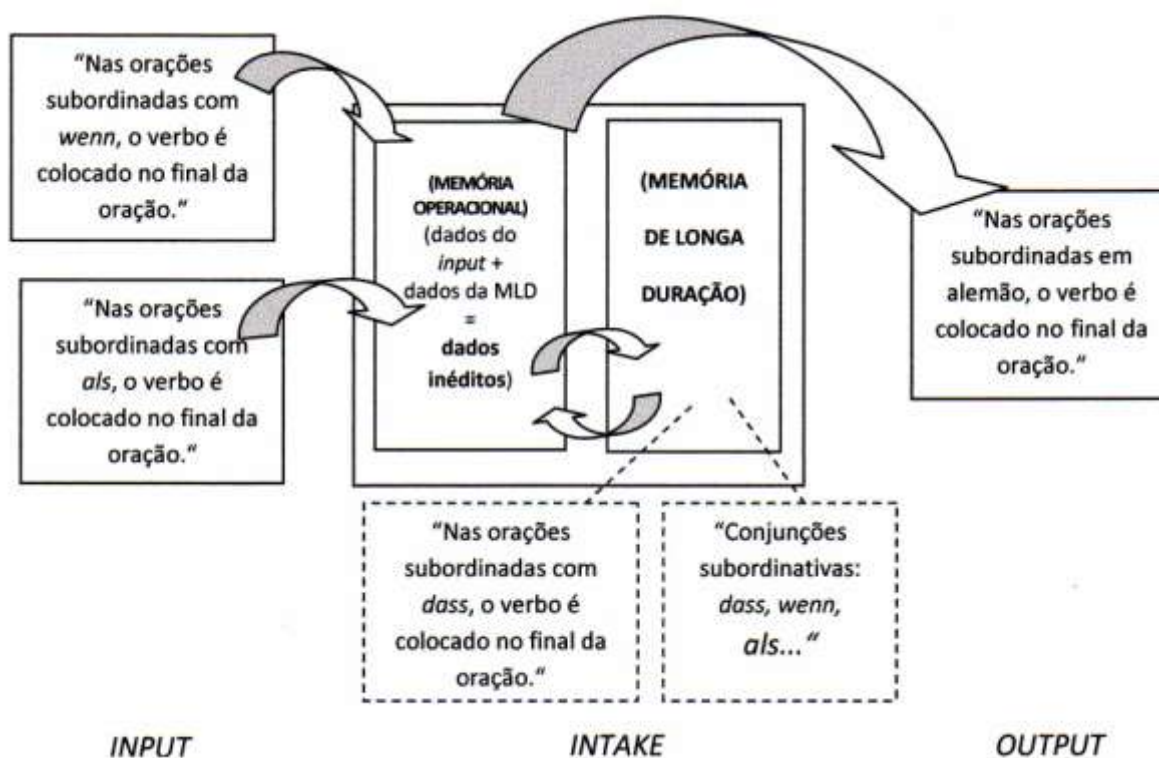
Ergänzen Sie die Regel. (Complete a regra.)

Akkusativendung im Maskulinum Singular ist immer -en. (A terminação do acusativo no masculino singular é sempre -en.)

(FUNK *et. al. Studio D A1*, 2006, p. 119)

Da mesma forma que no domínio não-declarativo, também no domínio declarativo a memória operacional retoma dados da memória de longa duração. O processamento conjunto dos dados provenientes do *input* e dos dados retomados da memória de longa duração permite a geração de dados originais, que, por sua vez, podem ser utilizados no *output* e passar também a integrar a **memória de longa duração declarativa**, como mostra o exemplo a seguir (ex. 11):

Ex. 11:



Assim, no modelo aqui proposto, temos dois domínios onde ocorrem processamentos de diferentes informações relacionadas à linguagem: o **domínio declarativo**, que processa e permite a aprendizagem e a produção exclusivamente de dados teóricos sobre a língua e o **domínio não-declarativo**, que processa e permite a aprendizagem e a produção de dados da língua propriamente ditos (sons, palavras, expressões, estruturas).

Como visto anteriormente, a memória operacional funciona como um sistema de manipulação e processamento de informações e trabalha não apenas com dados provindos do

sistema sensorial, mas também com dados retomados das memórias declarativa e não-declarativa. No processamento da linguagem, esse sistema de memória atuaria, então, selecionando dados novos e confrontando-os com outros, já registrados nos sistemas declarativo e não-declarativo, e seria responsável também pelo envio de novos dados para esses sistemas, como indicam as setas no sentido **memória operacional → memória de longa duração (MLD)**.

Estudos demonstram que a aprendizagem de tarefas relacionadas à memória não-declarativa não depende da intermediação da memória de curta duração e que a informação pode passar direto para a memória de longa duração, mesmo que o sujeito não tenha consciência dessa aprendizagem (cf. SQUIRE et al. 1992; GRAF, SQUIRE & MANDLER 1984). No entanto, quando se utiliza o conceito de memória operacional e não o de memória de curta duração, permanecem algumas dúvidas. Alguns autores, como GRUBER & GROSCHE (2004), acreditam que a memória operacional seja representada por dois subsistemas com funções diferentes. Um desses subsistemas seria responsável pelo controle cognitivo e o outro estaria relacionado à manutenção da informação. Seguindo-se esse modelo, se considerarmos que a execução de qualquer tarefa cognitiva depende de algum tipo de controle, mesmo que não-consciente, considero ser viável a hipótese de que a aprendizagem e execução de tarefas linguísticas relacionadas à memória não-declarativa dependa do subsistema de controle da memória operacional, mesmo que não necessite de manutenção temporária e consciente no outro subsistema.

Como mostra o esquema, nenhuma seta cruza a linha que separa os domínios declarativo e não-declarativo. Apenas no processamento na memória operacional os dados de um e de outro domínio estão em contato. As novas informações geradas a partir desse contato podem vir a integrar o sistema de memória declarativo ou o sistema não-declarativo. **As memórias declarativas, portanto, não se transformam em memórias não-declarativas, mas podem auxiliar ou acelerar sua formação**, direcionando a atenção para os dados correspondentes no *input* linguístico ou fornecendo elementos para a formação de novos dados linguísticos, ausentes no *input*. Em outras palavras, a possibilidade de confronto, na memória operacional, entre dados do *input* e dados já registrados na memória de longa duração e ainda entre dados do domínio declarativo e do não-declarativo, permite a criação de outros dados, originais, que, por sua vez, podem passar a fazer parte da memória declarativa ou da não-declarativa.

Os dados de um domínio, portanto, não podem “passar” simplesmente de um domínio para o outro, como propõe BIALYSTOK (1992), quando se refere à passagem da informação de um sistema de conhecimento explícito para um de conhecimento implícito. Tampouco trata-se da passagem da memória de curta duração (ou operacional) para a de longa duração, como propõe MCLAUGHLIN (1992), já que tanto o sistema de memória declarativa quanto o sistema de memória não-declarativa são partes da memória de longa duração.

Aprendizagens diversas ativam os mesmos sistemas de memória envolvidos na aprendizagem de línguas, o sistema de memória não-declarativo e o sistema de memória declarativo. Nesse ponto, apesar de suas especificidades em outros aspectos, a aprendizagem de línguas é muito semelhante à aprendizagem de outras habilidades cognitivas e motoras. A compreensão desse fato pode trazer contribuições para a aprendizagem e o ensino de línguas, além de permitir, na medida de sua utilidade, o uso de estratégias de ensino e de aprendizagem e de técnicas de investigação similares às utilizadas para outras habilidades.

O que pretendemos destacar aqui é que a aprendizagem de habilidades – vistas como a capacidade de executar ações ou sequências de ações com determinado propósito, de forma automatizada – é papel da memória não-declarativa. Não se adquire uma habilidade se não for de forma não-declarativa, utilizando o sistema de memória não-declarativa, segundo seu modo de funcionamento próprio. A aprendizagem declarativa de regras e teorias, por sua vez, é papel da memória declarativa, com seu funcionamento diverso, que envolve a consciência da aprendizagem e que pode auxiliar o sistema de memória não-declarativa, mas que não leva diretamente à aprendizagem de habilidades.

Aspectos relacionados à aprendizagem de LE

Em nosso modelo, identificamos a produção fluente em língua estrangeira não com um aumento na capacidade de acessar mais rapidamente dados declarativos a fim de produzir dados linguísticos adequados a uma situação de comunicação, mas sim, com a automatização de sequências motoras não acessíveis conscientemente. Automatizar o conhecimento linguístico, aumentando a fluência na produção, significa ser capaz de utilizar expressões e estruturas prontas para uso de forma espontânea e sem diminuição da velocidade normal de fala/escrita, sem a necessidade de recorrer conscientemente a regras formais. Essa automatização ocorre no domínio não-declarativo, de forma não-consciente e involuntária.

Propomos que os diferentes dados apenas entram em contato na memória de processamento. Assim, não há transformações de um tipo de dados para o outro, ou transposição de dados do domínio declarativo para o não-declarativo e vice-versa, mas ambos podem ser utilizados como meios para a criação de novos dados linguísticos ou sobre a língua, o que nos levou ao detalhamento de cinco aspectos no modelo, cujos resultados principais são expostos a seguir. Em STANICH 2008 (disponível *online* na Biblioteca de Teses da USP), encontra-se o detalhamento completo de cada aspecto, bem como sua ilustração com exemplos a partir da aprendizagem do alemão como LE provenientes de várias fontes (materiais didáticos, experiência própria como aprendiz e professor de alemão como LE, relatos de outros professores, testes de produção escrita e entrevistas).

O primeiro aspecto é a **reprodução de dados provenientes do *input***, no domínio não-declarativo. O esquema gráfico do modelo representa a percepção dos dados do *input*, o processamento na memória operacional e a produção por simples imitação ou pela retomada de dados da memória de longa duração. Destaca-se a importância dos *chunks* como unidades significativas da memória e no processamento cognitivo, segundo a perspectiva da neurociência e da linguística. Além da importância da frequência (isto é, da repetição), unidade, ordem e ritmo são características fundamentais para a formação e acessibilidade dos *chunks*.

O segundo aspecto refere-se à **automatização do conhecimento**. A ocorrência frequente de sequências na língua faz com que essas sejam interpretadas como relevantes pelo sistema nervoso. No domínio não-declarativo, e, portanto, de forma não-consciente e involuntária, as sequências motoras são processadas, automatizadas e associadas a informações semânticas, situacionais e afetivas. Podem, assim, ser acessadas e utilizadas rapidamente como expressões prontas, o que possibilita a fluência. É importante lembrar que os *chunks* podem ser formados a partir de vários elementos, desde sequências de fonemas e morfemas até blocos de texto completos, facilitando a produção linguística em todos os níveis.

O terceiro aspecto analisado é o **papel da criatividade**. Os processos mediados pela memória operacional permitem o cruzamento de informações dos sistemas de memória declarativa e não-declarativa e o preenchimento de *chunks* abertos ou descontínuos. Esses processos favorecem tanto a ocorrência de dados linguísticos originais na produção do falante quanto a produção de novos dados sobre a língua.

A possibilidade de criação de dados originais, de natureza declarativa ou não-declarativa, mediada pela memória operacional, leva ao quarto aspecto analisado: **o papel do output**. A literatura sobre o tema atribui ao *output* cinco funções: percepção de lacunas na aprendizagem; formação, teste e avaliação de hipóteses; reflexão sobre a língua; desenvolvimento da fluência e *auto-input*, as quais são comentadas em relação aos aspectos analisados do modelo, destacando-se a importância do *auto-input*. Sugerimos que o *output* (mesmo quando considerado o *output* do sistema de processamento, não expresso na forma de linguagem escrita ou oral) é a forma de *input* que mais permite reforçar as conexões neuronais e intensificar os efeitos sobre a memória e a aprendizagem, por exigir uma participação mais ativa do aprendiz. Quando em situações de comunicação concreta, o *auto-input* vem ainda acompanhado de uma avaliação de sua eficácia ou funcionamento na comunicação, fornecida pelo *feedback* externo.

○ papel da instrução

Após chegarmos a considerações sobre a automatização do conhecimento, a criatividade e o *auto-input*, parece difícil não perguntar sobre o valor da instrução formal e o papel do professor. Compreender o papel do sistema de memória declarativa na aprendizagem pode nos aproximar de questões sobre o papel da instrução, seja ela formal, informal ou mesmo autodidata. Por esses motivos, como um quinto aspecto, o papel da instrução é examinado segundo os pressupostos teóricos que nortearam a elaboração do modelo proposto.

A primeira função específica que podemos supor para a instrução (e, por consequência, para o professor) é a mesma atribuída ao *input* processado no domínio declarativo, ou seja, fornecer ao aprendiz regras e informações teóricas, possibilitando a produção, mesmo sem fluência, enquanto o conhecimento não está automatizado na memória não-declarativa. A sua criação de possibilidades de produção e de repetição, por sua vez, favorecerá a formação de memórias não-declarativas para uso fluente na comunicação.

Contudo, o professor consciente dos processos cognitivos envolvidos na aprendizagem tem um papel muito mais significativo, que, em sua maior parte, não pode ser desempenhado pelo material didático ou pelo aluno autodidata, o de trabalhar a favor das tendências e dos processos naturais da aprendizagem, facilitando-os, promovendo-os e, na medida do possível, tornando-os mais conscientes para os aprendizes.

São recursos essenciais, principalmente no ensino de línguas estrangeiras para:

- a) promover a motivação;
- b) fornecer *feedback* relevante (por exemplo, criando “regras divertidas” em situações em que não há regras, a fim de ativar fatores emocionais que reforcem a automatização);
- c) analisar o material didático disponível e sua adequação ao perfil e aos objetivos dos alunos;
- d) tornar explícitos aos alunos, na medida do possível, processos e estratégias de aprendizagem

Considerações finais

Acreditamos ter explicitado, com o modelo proposto, que os processos denominados aquisição e aprendizagem, assim como os processos automáticos e controlados e os módulos de conhecimento implícito e explícito, relacionam-se nessa ordem e, em muitos aspectos, com o uso das memórias não-declarativa e declarativa. No entanto, a relação entre esses módulos ou processos torna-se mais clara quando consideramos dois sistemas de memória independentes, com formatos de informação diferentes, que podem dar origem a dados originais a partir de seu processamento na memória operacional.

Muitas questões permanecem em aberto para trabalhos futuros, pois as considerações aqui apresentadas abrem infinitas possibilidades. Esperamos, com esta pesquisa, ter contribuído, de alguma forma, para diminuir a lacuna de trabalhos envolvendo linguagem e cognição voltados para a aprendizagem e não apenas para o estudo de patologias. Esperamos também que esta proposta incentive a compreensão da questão das diferenças entre o conhecimento consciente sobre a língua e suas regras e a habilidade de uso da língua na comunicação, bem como as questões adjacentes, como a automatização do conhecimento, o papel da produção e da instrução.

Referências bibliográficas

- ATKINSON, R.C. & SCHIFFRIN, R.M. "Human memory: A proposed system and its control processes". In: SPENCE, K. W. (Ed.). *The psychology of learning and motivation: Advances in research and theory*. New York, Academic Press, 1968, 89-195.
- BIALYSTOCK, E. "Un modelo teórico del aprendizaje de lenguas segundas". In: LICERAS, J. M. (Ed.). *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid, Visor, 1992 (1a. ed. 1978), 177-192.
- BYBEE, J. "Phonological evidence for exemplar storage of multiword sequences". In: *SSLA* 24, Cambridge, Cambridge University Press, 2002, 215-221.
- CARLSON, N. R. *Fisiologia do comportamento*. Barueri, Manole 2002.
- COWIE, A.P. "Multiword lexical units and communicative language teaching". In: ARNAUD, P. and BEJOINT, H. (Eds.). *Vocabulary and Applied Linguistics*. London, Macmillan, 1992.
- FRIEDERICI, A. D.; STEINHAEUER, K. & PFEIFER, E. "Brain signatures of artificial language processing: Evidence challenging the critical period hypothesis". In: *PNAS*, vol. 99, 1, 2002, p. 529-534.
- FUNK, H. et al. *Studio D A2: Kurs- und Übungsbuch. Teilband 1*. Berlin, Cornelsen, 2006.
- GAZZANIGA, M. S.; IVRY, R. B. & MANGUN, G. R. *Cognitive neuroscience: the biology of the mind*. 2a. ed. New York: Norton, 2002.
- GONZÁLEZ, N. T. M. *Cadê o pronome? - O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem de espanhol por brasileiros adultos*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 1994.
- GUEDES EVANGELISTA, C. R. *A modalidade em redações escritas por aprendizes brasileiros de alemão*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 2003.
- GRAF, P., SQUIRE, L. R., & MANDLER, G. "The information that amnesic patients do not forget". In: *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory & Cognition* 10, 1984, 164-178.
- GRUBER, O. & GROSCHE, T. "Executive control emerging from dynamic interactions between brain systems mediating language, working memory and attentional processes". In: *Acta Psychologica* 115, 2004, 105-121.
- HAHNE, A. *What's different in second language processing? Evidence from event-related brain potentials*, 2001.
- HAHNE, A. & FRIEDERICI, A. D. "Processing a second language: Late learners comprehension mechanisms as revealed by event-related brain potentials". In: *Bilingualism: Language and Cognition*, 2001.
- HAHNE, A., FRIEDERICI, A. D. "Differential task effects on semantic and syntactic processes as revealed by ERPs." In: *Cognitive Brain Research*, 1998.
- KLEIN, W. *Zweitspracherwerb. Eine Einführung*. Frankfurt/Main: Hain, 1992.
- KRASHEN, S. D. *The input hypothesis: issues and implications*. London: Longman, 1985.
- KRASHEN, S. D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford, Pergamon, 1982.
- KRASHEN, S. D. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. New York, Pergamon Press, 1981.
- KRASHEN, S. D. "El modelo del monitor y la actuación de los adultos en L2". In: LICERAS, J. M. (ed.). *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid, Visor, 1992 (1a. ed. 1977).
- LANGACKER, R. "Cognitive Grammar". In: GEERAERTS, D. & CUYCKENS, H (Ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford, Oxford University Press, 2007, 421-461.

- LARSEN-FREEMAN, D. “Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition”. In: *Applied Linguistics* 18 (2). Oxford, Oxford University Press, 1997, 141-165.
- MCLAUGHLIN, B. “Algunas consideraciones metodológicas sobre el modelo del monitor”. In: LICERAS, J. M. (ed.). *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid, Visor, 1992, 153-176 (1a. ed. 1978).
- MÜLLER, M. et al. *Optimal AI (Kursbuch&Arbeitsbuch)*. München, Langenscheidt, 2004.
- NATTINGER, J. R. & DECARRICO, J. S. *Lexical Phrases and language Teaching*. Oxford, Oxford University Press, 1992.
- PAIVA, V. L. M. O. “Modelo fractal de aquisição de línguas”. In: BRUNO, F. T. C. (Org.). *Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: Reflexão e Prática*. São Paulo, Claraluz, 2005.
- PAWLEY, A. & SYDER, F. H. “Two puzzles for linguistic theory: Native like selection and native like fluency”. In: RICHARDS, J. & SCHMIDT, R. (Eds.) *Language and Communication*. London, Longman, 1983.
- PETERS, A. *The units of language acquisition*. New York, Cambridge University Press, 1983, 131.
- SCARPA, E. M. “Aquisição da linguagem”. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v.2. São Paulo, Cortez, 2001.
- SCHWARZ, M. *Einführung in die kognitive Linguistik*. Tübingen, Francke, 1992.
- SINCLAIR, J. M. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford, Oxford University Press, 1991.
- SQUIRE, L. R., OJEMANN, J. G., MIEZIN, F. M., PETERSEN, S. E., VIDEEN, T. O., & RAICHLE, M. E. “Activation of the hippocampus in normal humans: A functional anatomical study of memory”. In: *Proceedings of the National Academy of Sciences* 89, 1992, 1837-1841.
- SQUIRE, L. R. & ZOLA-MORGANS, S. “The medial temporal lobe system”. In: *Science* 253, 1991, 1380-1386.
- SQUIRE, L. R. & ZOLA-MORGANS, S. “Memory: brain systems and behavior”. In: *Trends in Neurosciences* 11, 1988, p. 170-175.
- STANICH, K. *Aspectos do processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira e aprendizagem de falantes não-nativos de alemão: hipótese explicativa*. São Paulo, FFLCH-USP, 2008 - <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-27022009-144843/>
- ULLMAN, M.T. “A neurocognitive perspective on language: The declarative/procedural model”. In: *Nature Reviews Neuroscience* 2, 2001, 717-726.
- ULLMAN, M.T. et al. “Sex differences in the neurocognition of language”. In: *Brain and Language* 83, 2002, 9-224.
- WRAY, A. *Formulaic Language and the Lexicon*. Cambridge, Cambridge University Press, 2002.
- XAVIER, G. F. “Memória: correlatos anátomo-funcionais”. In: NITRINI, R., CARAMELLI, P. & MANSUR, L. (Eds.). *Neuropsicologia: das bases anatômicas à reabilitação*, 1996, p. 107-129.

Kompetenzorientierung im Fremdsprachenunterricht – was heißt das eigentlich?

Ulrike Arras*

Abstract: In recent years, the teaching of foreign languages in schools, universities and other institutions involved with language learning has faced several changes and new orientations. The main reason for these changes certainly is the Common European Framework of Languages, published in 2001 by the European Council. In Germany we additionally develop new educational standards, considering as representative examples English and French as first foreign languages taught in our school system (Kultusministerkonferenz (ed.) 2004; Tesch et al. (eds.) 2008). Normally, such changes in educational systems lead to uncertainty and confusion, a context this article intends to clarify. Are we now asked to design our classes, our material and our curricula in completely new modes? What consequences do teachers as well as learners face up to following these new approaches in teaching and learning? What does competence orientation mean exactly? And which chances does it offer?

Keywords: competences; assessment; action orientation, action-oriented approach.

Zusammenfassung: Die letzten Jahre haben für unseren Fremdsprachenunterricht, sowohl an Schulen und Hochschulen als auch an sonstigen Bildungseinrichtungen, Neuorientierungen in vielerlei Hinsicht erbracht. Hauptanstoß für diese neuen Ansätze hat ohne Zweifel der vom Europarat veröffentlichte *Gemeinsame europäische Referenzrahmen für Sprachen* (GeR) 2001 gegeben, im schulischen Kontext in Deutschland zudem die Entwicklung von Bildungsstandards, so u. a. für Englisch und Französisch als 1. Fremdsprache (s. KULTUSMINISTERKONFERENZ 2004 sowie TESCH et al. 2008). Wie so oft führen Neuorientierungen im Bildungswesen jedoch auch zu Verunsicherungen: Müssen wir jetzt unseren Unterricht, unsere Curricula und unsere Leistungsmessung komplett umgestalten? Welche konkreten Auswirkungen haben diese neuen Ansätze für Lehrkräfte und für Lernende? Der Aufsatz möchte dazu beitragen, ein wenig Klarheit zu schaffen. Was heißt eigentlich Kompetenzorientierung? Welche konkreten Möglichkeiten zur Verbesserung unseres Unterrichts bietet dieser neue Ansatz?

Stichwörter: Kompetenz; Handlungsorientierung; Evaluation.

* Doktor phil.; Universidad Central de Venezuela, Escuela de Idiomas Modernos; Deutscher Akademischer Austauschdienst Caracas. Email: ulrike.arras@gmail.com

1. Begriffsbestimmung

Was heißt Kompetenz? Die Fachliteratur im Bereich Fremdsprachendidaktik und Sprachlehrforschung geht i. d. R. von einem weiten Kompetenzbegriff (exemplarisch CASPARI et al. 2008, WEINERT 1999, 2001 und vor allem ZIENER 2008) aus. Das bedeutet, Kompetenz wird mehrdimensional verstanden und schließt „Dimensionen wie Wissen, Fähigkeiten, Fertigkeiten, Einstellungen und Motivation, aber auch volitionale (Absicht, Bereitschaft) und soziale Aspekte ebenso wie Erfahrungen und konkretes Handeln“ (CASPARI et al. 2008: 166) ein. Kompetenz umfasst demnach sowohl Handlungsfähigkeit (kommunikative und interkulturelle Handlungsfähigkeit in konkreten sprachlich und interaktiv zu bewältigenden Situationen) als auch die prinzipielle Disposition, also die Wissens- und Handlungsbasis, das Potenzial, mit dem fremdsprachliche und interkulturelle Handlungsfähigkeit erworben werden kann. Im *Gemeinsamen europäischen Referenzrahmen für Sprachen*¹ (GeR 2001: 21) heißt es dazu:

Wir sprechen von kommunikativen Aufgaben, weil Menschen bei ihrer Ausführung ihre spezifischen Kompetenzen strategisch planvoll einsetzen, um ein bestimmtes Ergebnis zu erzielen. Der handlungsorientierte Ansatz berücksichtigt deshalb auch die kognitiven und emotionalen Möglichkeiten und die Absichten von Menschen sowie das ganze Spektrum der Fähigkeiten, über das Menschen verfügen und das sie als sozial Handelnde (soziale Akteure) einsetzen.

Kompetenz in diesem Sinne unterscheidet sich von jener im kommunikativen Ansatz üblicherweise angestrebten Ausbildung funktional-kommunikativer Fertigkeiten, also die vier Fertigkeiten Leseverstehen, Hörverstehen, Schreiben und Sprechen (als fünfte Fertigkeit wird das Übersetzen/Dolmetschen/die Sprachmittlung bezeichnet). Sie sind nicht gleichzusetzen mit den Fertigkeiten, die als *savoir faire* verstanden werden (s. u.). Kompetenzorientierung im Unterricht bedeutet eine stärkere Hinwendung zur Ausbildung von Handlungsfähigkeit zur Lösung konkreter sprachlicher und/oder interkultureller Probleme bzw. Aufgaben. Dies wird u. a. Auswirkungen auf die Gestaltung von Lehr- und Lernmaterialien haben (s. u.).

¹ Ein erster Entwurf des GeR erschien 1996. Die gültige Fassung veröffentlichte der Europarat dann im Jahr 2001 zunächst in englischer Sprache. Die deutschsprachige Version erschien 2001. Mittlerweile liegt er in etlichen europäischen (auch auf Portugiesisch) sowie außereuropäischen Sprachen vor.

Fremdsprachliche Kompetenzen werden erstmals im GeR „operational beschrieben, Teilkompetenzen definiert und Kompetenzniveaus bestimmt“ (CASPARI et al. 2008: 164). Dort sind zudem die Bezugsgrößen der Kompetenz skizziert, also jene Kompetenzquellen, die beim Lernen und Lehren fremder Sprachen eine Rolle spielen. Sie seien im Folgenden kurz genannt:

Da sind zunächst Wissensbestände (*savoir*), also Wissen als Ergebnis von Lernen (formales Lernen ebenso wie Lernen aufgrund von Erfahrungen). Hierzu zählt Faktenwissen, aber auch explizites Wissen etwa über Grammatikregeln. Sodann schließt Kompetenz Fertigkeiten (*savoir faire*) ein, also die praktischen Fähigkeiten, die uns bei der Bewerkstelligung einer Aufgabe unterstützen. Eine zentrale Rolle beim Spracherwerb spielt zudem die Lernfähigkeit (*savoir apprendre*), also die Fähigkeit, mit Neuem umzugehen, Erfahrungen, Beobachtungen, neue Wissensbestände in bereits vorhandene zu integrieren, Neues zu adaptieren für eigene Zwecke. Selbstverständlich spielen auch die kommunikativen Kompetenzen eine wichtige Rolle, unabhängig davon, ob sie im Rahmen der Erstsprachensozialisation, im Fremdsprachenunterricht oder in anderen, etwa beruflichen oder privaten, Kontexten erworben und entwickelt werden. Hierunter verstehen wir sowohl linguistische als auch soziolinguistische und pragmalinguistische Kompetenzen, etwa die Sicherheit im Umgang mit bestimmten kommunikativen Situationen in der eigenen oder in anderen Kulturen. Erst das Zusammenspiel dieser drei Bereiche ermöglicht Kommunikation und konstituiert kommunikative Kompetenz. Schließlich sind die persönlichkeitsbezogenen Kompetenzen (*savoir être*) ausschlaggebend. Das *savoir être* wird als Ergebnis verschiedener Akkulturationsprozesse verstanden, denn der Mensch verfügt über mehrere kulturelle und sprachliche Bezugsrahmen, was sich in seiner natürlichen Mehrsprachigkeitsdisposition widerspiegelt: Der Normalfall ist keineswegs die Einsprachigkeit, ganz im Gegenteil: Die Menschen verfügen i. d. R. über Kompetenzen in verschiedenen Kommunikationssystemen, Sprachen, Dialekten, Codes. Damit einher geht auch die Fähigkeit, sich in verschiedenen sozialen und kulturellen Kontexten zu bewegen, angemessen zu handeln und Aufgaben alleine oder gemeinsam mit Anderen zu lösen.

2. Konsequenzen für das unterrichtliche Geschehen

Die skizzierten Dimensionen von fremdsprachlichen Kompetenzen können im Fremdsprachenunterricht nutzbar gemacht werden, um das Fremdsprachenlernen zu fördern und zu verbessern. Im Folgenden sollen einige zentrale Auswirkungen der Kompetenzorientierung auf den Fremdsprachenunterricht kurz beschrieben werden.²

2.1 Lehrmaterial und Aufgaben

Ausschlaggebend für die Kompetenzorientierung ist die zunehmende *output*-Orientierung. Lehrmaterial, das sich der Kompetenzorientierung verschreibt, wird die Lehr- und Lerninhalte in Zukunft stärker nach zu lösenden Problemen/Aufgaben arrangieren. Damit sind wir relativ frei in der Gestaltung der Curricula und der Lehrmaterialien, wir können uns stärker von Lehrwerken lösen, stärker regional- und lerngruppenspezifisch arbeiten. Aufgabenorientiertes Lernen³ im Kontext offener Lernsituationen, in denen die Lernenden in größerem Maße selbstständig Lern- und Lösungswege entwickeln erlaubt zudem eine stärkere Lernerorientierung, was auch eine Neuorientierung der Rolle der Lehrkraft als lernberatende und impulsgebende Instanz mit sich bringt. In der Folge werden wir vermutlich im Unterricht mehr als bisher Projektarbeit integrieren können, also größere Aufgabenfelder abstecken, die die Lernenden alleine oder in der Gruppe ihren Kompetenzen, Interessen und Möglichkeiten entsprechend bearbeiten können. Entsprechende Lernaufgaben sind materialgeleitet und integrieren verschiedene Kompetenzen, also verschiedene Fertigkeiten, Wissensbestände und Interessen. Projektarbeit bringt zudem die Entwicklung von *social skills* mit sich, also von Kompetenzen, deren Ausbildung nicht primär Aufgabe des Fremdsprachenunterrichts sind (zumindest nicht explizit in der Erwachsenenbildung). Lern- und Übungsaufgaben müssen dabei prinzipiell andere Kriterien und Qualitätsmerkmale aufweisen als Testaufgaben. Testaufgaben müssen gewährleisten, Leistung valide und *reliabel* zu messen, sie sollten zudem ein gewisses Maß an Standardisierung (s. u.) aufweisen, etwa um den Schwierigkeitsgrad weitgehend konstant halten zu können. Weniger wichtig erscheint bei

² Zu den Merkmalen des kompetenzorientierten Fremdsprachenunterrichts s. beispielsweise CASPARI et al. 2008.

³ S. hierzu exemplarisch für den Französischunterricht die Beiträge in TESCH et al. 2008.

Testaufgaben, dass sie inhaltlich einen hohen Interessantheitsgrad aufweisen oder in der Gruppe zu lösen sind. Hingegen ist bei Lern- und Übungsaufgaben gerade der motivationale Faktor ausschlaggebend, eher unerheblich erscheint hingegen, dass Lern- und Übungsaufgaben standardisiert sind.⁴

2.2 „Yes we can!“ – Relativierung der „Defizitperspektive“ und Stellenwert von Fehlern

Fremdsprachen-Lehrkräfte haben oftmals ein berufliches Selbstverständnis, das dem eines Arztes oder einer Ärztin ähnelt: Eine fremde Sprache zu lernen wird als Zwischenstadium betrachtet, in dem die Zielsprache noch defizitär ist, Fehler gleichsam eine Krankheit darstellen, die es zu diagnostizieren und mit Medikamenten in Form von gezielten (Grammatik-)Übungen zu heilen gilt. Die Gesundung ist erreicht, wenn das Ziel *near native speaker*-Niveau erlangt wird. Diese „Defizitperspektive“ konnte in den letzten Jahren dank wichtiger Erkenntnisse aus der Fehlerforschung sowie nunmehr durch die Kompetenzorientierung relativiert werden. Wir sind heute weit entfernt davon, als Ziel des Fremdsprachenunterrichts das Erreichen eines muttersprachlichen Niveaus der Zielsprache anzupeilen. Vielmehr geht es heute darum, individuelle, auch Teilkompetenzen auszubilden und die Lernbedürfnisse der Lernenden stärker zu berücksichtigen, also eine stärkere Individualisierung und individuelle Profilierung fremdsprachlicher Kompetenzen zu ermöglichen. Dass Fehler keineswegs negativ, sondern ganz im Gegenteil den Lernweg positiv dokumentierende Phänomene sein können, wissen wir aus der Fehlerforschung.⁵ Der handlungsorientierte Sprachbegriff, der dem GeR zugrunde liegt, erlaubt uns umzudenken: Nicht was eine Lernerin nicht kann ist von Interesse, sondern just, das was sie kann. Bei der Beurteilung dessen, was ein Lerner oder eine Lernerin kann oder gemessen an einem bestimmten Niveau und seiner Beschreibung noch nicht kann, helfen uns die Kann-Beschreibungen des GeR. Dank der Kompetenzorientierung sind sie positiv formuliert, d. h. sowohl der GeR als auch die Skalen zur Selbstevaluation des Europäischen Portfolios für Sprachen (EPS) liefern Deskriptoren, die das beschreiben, was jemand bereits kann, ohne

⁴ Zur Unterscheidung von Übung sowie Lern- und Testaufgaben s. besonders den Beitrag von CASPARI et al. 2008.

⁵ Einen Überblick über den Forschungsstand verdanken wir Königs 2003. Für eine aktuelle Darstellung zum Umgang mit Fehlern s. KLEPPIN 2006.

Negativformulierungen. Freilich finden sich auch Einschränkungen, jedoch sind auch diese tendenziell positiv formuliert. So heißt es beispielsweise in der Globalskala (EUROPARAT 2001: 35) auf dem Niveau A1: „Kann sich auf einfache Art verständigen, wenn die Gesprächspartnerinnen und Gesprächspartner langsam und deutlich sprechen und bereit sind zu helfen.“ Die Einschränkung bezieht sich hier auf die Kooperationsbereitschaft der zielkulturellen KommunikationspartnerInnen. Und um ein Beispiel aus der Sprachproduktion auf A2 anzuführen: „Kann mit einfachen Mitteln die eigene Herkunft und Ausbildung, die direkte Umgebung und Dinge im Zusammenhang mit unmittelbaren Bedürfnissen beschreiben.“ Hier liegt die Einschränkung auf der Domäne (unmittelbare Kommunikationsbedürfnisse, persönlicher Lebensbereich) und der Bandbreite der sprachlichen Mittel (einfach).

Dieser Ansatz, Kompetenzen positiv zu beschreiben, spiegelt sich auch in den in den letzten Jahren entwickelten Beurteilungskriterien im Kontext standardisierter Prüfungen wider. Als Beispiel seien die Deskriptoren zur Einstufung des Aspekts Korrektheit (ein Kriterium unter insgesamt neun gleich gewichteten Aspekten) beim Prüfungsteil Schriftlicher Ausdruck des TestDaF angeführt. Sie lauten auf den vier beim TestDaF zu unterscheidenden Niveaustufen⁶:

TDN5: Der Text enthält vereinzelt morphosyntaktische, lexikalische und orthografische Fehler.

TDN4: Der Text enthält gelegentlich (nicht-systematische) morphosyntaktische, lexikalische und orthografische Fehler, die das *Verstehen jedoch nicht beeinträchtigen*.

TDN3: Der Text enthält morphosyntaktische, lexikalische und orthografische Fehler, die das *Verstehen beeinträchtigen*.

Unter TDN3: Der Text enthält morphosyntaktische, lexikalische und orthografische Fehler, die *das Verstehen deutlich erschweren*. (TESTDAF-INSTITUT, 2008; Hervorhebungen nicht im Original)

Demnach geht es nicht mehr darum, Fehler zu zählen, etwa zur Ermittlung des noch immer beliebten Fehlerquotienten. Denn ein solches Vorgehen erscheint zwar fair und *reliabel* (der

⁶ TDN steht für TestDaF-Niveaustufe, wobei das höchste Niveau (TDN5) gleichauf mit C1 des GeR liegt und TDN3 B2 entspricht. Unterhalb des Niveaus 3 wird nicht weiter differenziert, unter TDN3 besagt lediglich, dass das Eingangsniveau des TestDaF nicht erreicht wurde. Eine ausführliche Darstellung findet sich bei ARRAS 2007:33f.

Fehlerquotient wird für alle zu beurteilenden Lernenden einer Gruppe errechnet, der Maßstab ist damit sozusagen für alle identisch), jedoch widerspricht die Verwendung des Fehlerquotienten zur Bestimmung von Kompetenz vehement unserer Zielsetzung. Mit einem Fehlerquotienten können wir keineswegs Aussagen treffen über die kommunikative Kompetenz, über die Fähigkeit, konkrete Lösungen in der Zielkultur herbeizuführen oder angemessen in einer bestimmten Situation schriftlich oder mündlich zu agieren. Ganz im Gegenteil: Der Einsatz solcher Instrumente führt dazu, dass Lernende nicht ihre Kompetenzen ausprobierend ausbauen oder unter Beweis stellen, sondern Fehlervermeidungsstrategien und einen minimalistischen Habitus entwickeln, möglichst wenig oder gar nichts sagen oder schreiben, und wenn, dann stets „auf der sicheren Seite bleiben“, also sich möglichst einfach äußern, keine Risiken eingehen. Die sicherste Fehlervermeidungsstrategie ist das Schweigen. Wer Fehler sucht, wird Schweigen ernten, steht zu befürchten. Und unsere Fehlersuche entpuppt sich schlussendlich womöglich als Kreativitätskiller.

Der GeR sowie die neuen Ansätze in der Leistungsbeurteilung bieten da bessere Möglichkeiten. Wie im zitierten Beispiel bleibt die übergeordnete Frage jene nach der Kommunikativität der Leistung. Das bedeutet: Ist der Text trotz der Fehler zu verstehen? Stören die Fehler? Wenn ja, in welchem Ausmaß? Die Grenze liegt dort, wo Fehler die Kommunikation stören oder vereiteln oder wo es zu Missverständnissen kommt.

Auf den Punkt gebracht können wir für den Fremdsprachenunterricht festhalten: Kompetenzorientierung hat zur Folge, dass wir danach fragen, was jemand kann (anstatt danach zu suchen, was jemand nicht kann) und in welchem Ausmaß, auf welchem Niveau er oder sie das kann: Was kann ich und wie? Dieser Ansatz macht eine neue Evaluationskultur erforderlich. Wie also beurteilen wir fremdsprachliche Leistungen? Welche Auswirkungen hat Kompetenzorientierung auf die Leistungsmessung?

2.3 Evaluationskultur

Der GeR ist seit seinem Erscheinen viel kritisiert worden, er sei verantwortlich für ungehemmtes Prüfen und Testen.⁷ Diese „Testitis“ habe *teaching to the test* zur Folge, es

⁷ Sachbezogene Kritik lässt sich anschaulich dem von BAUSCH et al. (2005) herausgegebenen Sammelband „Der Gemeinsame europäische Referenzrahmen für Sprachen in der Diskussion. Arbeitspapiere der 22. Frühjahrskonferenz zur Erforschung des Fremdsprachenunterrichts“, entnehmen.

werde am Ende nur noch das gelernt, was auch weitgehend zuverlässig und valide messbar ist. Das Unterrichtsgeschehen werde damit reduziert auf das Messbare, gar von „McDonaldisierung“ (Schwerdtfeger) ist die Rede, denn wie das Gewicht des Fleischklops im Hamburger standardisiert ist, so würden auch Leistungen standardmäßig ermittelt und lasse keinen Raum für Individualität.

Diese Bedenken müssen wir ernst nehmen, jedoch auch die Chancen aufzeigen, die der GeR bietet, gerade für eine Individualisierung. Individualisierung, also das Gegenteil von standardmäßiger, schablonenhafter Lernkultur ist m. E. ein konstituierendes Element des kompetenzorientierten Fremdsprachenunterrichts. Kompetenzorientierung meint ja vor allem auch Lernerorientierung, also die Orientierung am Individuum, seinen individuellen Kompetenzen, Lernzielen und Lernbedürfnissen, seinen individuellen Lernstilen, seinem individuellen Lernprofil. Erst die – freilich standardisierten, also für alle gültigen – skalierten Leistungsbeschreibungen ermöglichen es, das Lernprofil, den Lernfortschritt auf individueller Ebene zu dokumentieren.

Wie in den oben gemachten Ausführungen bereits deutlich geworden ist, hat Kompetenzorientierung auch Konsequenzen auf die Art und Weise, auf die Prinzipien der Leistungsmessung. Auch hier hat der GeR wichtige Anstöße gegeben, wie sich nicht zuletzt an der Entwicklung standardisierter DaF-Sprachprüfungen zeigt.⁸ Standardisierung umfasst dabei die Festlegung und Konstanthaltung von Testspezifikationen, die Kontrolle der Durchführungsmodalitäten, kriterienorientiertes (statt bezugsgruppenorientiertes) Bewerten sowie schließlich auch testmethodische Verfahren zur Kontrolle zentraler Testgütekriterien. Übergeordnetes Ziel bei all diesen Standardisierungsbestrebungen ist die Gewährleistung von Fairness in der Leistungsmessung, etwa indem sicher gestellt wird, dass ein Test stets gleich schwierig ist, dass also unabhängig vom Zeitpunkt der Testdurchführung die Schwierigkeitsfaktoren konstant bleiben.⁹

⁸ Den Anfang dieser Entwicklung machte sicher die Konzipierung der Prüfung TestDaF als die erste standardisierte Deutschprüfung für ausländische Studierende. Er wird seit 2001 vom TestDaF-Institut in Hagen administriert und weltweit durchgeführt. Der TestDaF unterliegt einer ständigen Qualitätskontrolle und hat sich in der Folge schnell zum wichtigsten Nachweis ausreichender Sprachkenntnisse für ein Studium in Deutschland entwickelt. In der ersten Dekade unseres Jahrhunderts wurden weitere Deutschprüfungen konzipiert und reformiert, so das Deutschs Sprachdiplom (DSD), die neuen Prüfungen des Goethe-Instituts, auch der FaDaF ist um ein gewisses Maß an Standardisierung der Deutschen Sprachprüfung zum Hochschulzugang bemüht, wie das neue, 2005 erschienene DSH-Handbuch zeigt (FADAF (ed.)).

⁹ Zu einigen Prinzipien und praktischen Konsequenzen für die Qualitätssicherung in der Leistungsmessung s. ARRAS 2007 und GROTHJAHN 2008.

All diese Qualitätssicherungsmaßnahmen sind freilich sehr aufwendig und können nur z. T. im Alltag des Fremdsprachenunterrichts angewendet werden. Dennoch erfordert die Entwicklung einer neuen Evaluationskultur im Fremdsprachenunterricht die Berücksichtigung bestimmter Gütekriterien und Prinzipien.¹⁰ So fordert REUTER (erscheint), dass „die Funktionen der Evaluation konkret benannt und transparent gemacht werden und im Rahmen der Evaluation Konsequenzen für das weitere Lehren und Lernen dargelegt und anschließend umgesetzt werden.“ Ein zentrales Prinzip ist somit der Grundsatz der Transparenz und Rechenschaftslegung. Eine gut entwickelte Evaluationskultur im Fremdsprachenunterricht erfordert, dass wir den Lernenden, uns selbst, aber auch der Gesellschaft und anderen *stake holders* gegenüber deutlich machen, was wir tun im Fremdsprachenunterricht, wie die Lernziele konzipiert sind, welches Kompetenzniveau angestrebt wird und schließlich auch, wie und warum und anhand welcher Maßstäbe wir Leistungen messen und beurteilen. Dies erscheint mir als einer der wichtigsten Aspekte in der gegenwärtigen Entwicklung. Eine weitere Konsequenz wird der Einzug von Portfolios in den Fremdsprachenunterricht sein, denn Portfolios sind die konsequente Weiterentwicklung der Kann-Beschreibungen für die Selbsteinschätzung. Sie bieten zudem die Chance für eine neue Selbstwahrnehmung der Lernenden: sie sind nicht mehr Objekt von unterrichtlichem Bemühen, sondern Subjekt ihres Lernprozesses und damit direkt verantwortlich für ihren eigenen Lernfortschritt. Auch dieser Faktor wird die Rolle der Lehrkraft verändern.

3. Zusammenfassung

Zusammenfassend lässt sich die Neuorientierung im Hinblick auf Kompetenzorientierung wie folgt skizzieren:

- Übergeordnetes didaktisches Ziel der Kompetenzorientierung ist die **Überführung von Wissen in Können** und damit Anwenden in konkreten Handlungsfeldern und Situationen: Eine fremde Sprache „können“ heißt demnach, in ihr handeln, mit ihrer Hilfe in der Zielkultur Situationen bewältigen und konkrete Aufgaben lösen. Dazu ist es notwendig, „’träge’, isolierte Wissensbestände“ zu überwinden (CASPARI et al. 2008: 170) und inhalts- bzw. handlungsorientiert zu arbeiten.

¹⁰ REUTER (erscheint) entwickelt exemplarisch für den Französischunterricht an deutschen Sekundarschulen zentrale Prinzipien einer solchen Evaluationskultur.

Arras, U. – Kompetenzorientierung im Fremdsprachenunterricht

- Statt einer langsamen und stetigen Progression wird es darum gehen, Probleme/Aufgaben mit unterschiedlichen Mitteln und Ansätzen lösen zu lassen und dabei auch die **Ausbildung von Teilkompetenzen** zu fördern.
- **Transparenz und Rechenschaftslegung** sollte in Zukunft eine zentrale Rolle spielen. Dabei stehen transparenten Lernzielen (was muss ich am Ende können?) transparente Beurteilungsmaßstäbe (wie wird das evaluiert?) gegenüber.
- Kompetenzorientierung wird eine neue Evaluationskultur hervorbringen, bei der nach Möglichkeit **Leistungen in der Fremdsprache kriterienorientiert beurteilt** werden und bei der Fehler sowohl in der Lernsituation als auch aus der Beurteilungsperspektive einen neuen Stellenwert erhalten.

Abschließend sei darauf hingewiesen, dass bei weitem nicht alles, was wir lernen oder lehren, auch angemessen messbar ist. Beispielsweise stehen wir bei der Entwicklung von Messinstrumenten zur Erfassung von interkulturellen oder methodischen Kompetenzen noch weitgehend am Anfang. Der Forschungsbedarf ist groß und wird uns in der nächsten Dekade beschäftigen.¹¹ Wir werden sehen, welche Vorschläge wir aus Forschung und Unterrichtspraxis entwickeln. Es bleibt spannend!

Literaturverzeichnis

- ARRAS, U.: *Wie beurteilen wir Leistung in der Fremdsprache? Strategien und Prozesse bei der Beurteilung schriftlicher Leistungen in der Fremdsprache am Beispiel der Prüfung Test Deutsch als Fremdsprache (TestDaF)*. Giessener Beiträge zur Fremdsprachendidaktik. Tübingen, Narr, 2007.
- ARRAS, U. Der Gemeinsame europäische Referenzrahmen für Sprachen: einige Auswirkungen auf Leistungsmessung und Unterricht. In: *DaF-Brücke. Zeitschrift für Deutschlehrerinnen und Deutschlehrer Lateinamerikas*, Nr. 9, 2007, 42-46.
- BAUSCH, K.-R./ BURWITZ-MELTZER, E./ KÖNIGS, F. G./ KRUMM, H.- J. (eds.). *Bildungsstandards. Dokumentation der Frühjahrskonferenz zur Erforschung des Fremdsprachenlernens*. Tübingen, Narr, 2005
- BAUSCH, K.-R./ KÖNIGS, F. G./ KRUMM, H.-J. (eds.). *Der gemeinsame europäische Referenzrahmen für Sprachen in der Diskussion. Arbeitspapiere der 22.*

¹¹ Das Positionspapier von Vorstand und Beirat der Deutschen Gesellschaft für Fremdsprachenforschung (CASPARI et al. 2008) skizziert einige Forschungsdesiderata im Kontext Bildungsstandards und Kompetenzorientierung.

- Frühjahrskonferenz zur Erforschung des Fremdsprachenunterrichts*. Tübingen, Narr, 2005
- BUNDESMINISTERIUM FÜR BILDUNG UND FORSCHUNG (BMBF): *Zur Entwicklung nationaler Bildungsstandards. Eine Expertise*. 2003.
- CASPARI, D./ GRÜNEWALD, A./ HU, A./ KÜSTER, L./ NOLD, G./ VOLLMER, H. J./ ZYDATIß, W.: Kompetenzorientierung, Bildungsstandards und fremdsprachliches Lernen – Herausforderungen an die Fremdsprachenforschung. Positionspapier von Vorstand und Beirat der DGFF. Oktober 2008. In: *Zeitschrift für Fremdsprachenforschung*. Band 19, Heft 2/2008, 163-186.
- CASPARI, D./ GROTHJAHN, R./ KLEPPIN, K. Kompetenzorientierung und Aufgaben, in: TESCH, B. et al. (eds.): *Bildungsstandards Französisch: konkret. Sekundarstufe 1: Grundlagen, Aufgabenbeispiele und Unterrichts Anregungen*. Berlin, Cornelsen, 2008, 85-87.
- COUNCIL OF EUROPE: *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment*. Cambridge University Press, 2001.
- EUROPARAT/RAT FÜR KULTURELLE ZUSAMMENARBEIT: *Gemeinsamer europäischer Referenzrahmen für Sprachen: lernen, lehren, beurteilen*. Berlin et al., Langenscheidt, 2001.
- FADAF (FACHVERBAND DEUTSCH ALS FREMDSPRACHE) (ed.): *Deutsche Sprachprüfung für den Hochschulzugang. Prüfen, erstellen, korrigieren. DSH-Handbuch für Prüferinnen und Prüfer*. Hannover, DruckTeam, 2005.
- GROTHJAHN, R.: Testen im Fremdsprachenunterricht. Aspekte der Qualitätsentwicklung. In: *PRAXIS Fremdsprachenunterricht*, Heft 1/2009, 4-8.
- HU, A./ LEUPOLD, E.: Kompetenzorientierung und Französischunterricht. In: TESCH, B./ LEUPOLD, E./ KÖLLER, O. (eds.): *Bildungsstandards Französisch: konkret. Sekundarstufe 1: Grundlagen, Aufgabenbeispiele und Unterrichts Anregungen*. Berlin, Cornelsen, 2008, 51 – 84.
- KÖNIGS, F. G.: Fehlerkorrektur. In: BAUSCH, K.-R/ CHRIST, H./ KRUMM, H.-J. (eds.): *Handbuch Fremdsprachenunterricht*. 4. vollständig neu bearbeitete Auflage. Tübingen, Narr, 2003, 377-382.
- KLEPPIN, K. Zum Umgang mit Fehlern im Fremdsprachenunterricht. In: Jung, U. O. (ed.): *Praktische Handreichungen für Fremdsprachenlehrer*. 4., völlig neu bearbeitete Auflage. Frankfurt/Main et al., Peter Lang, 2006, 64-70.
- KULTUSMINISTERKONFERENZ (KMK). *Bildungsstandards für die erste Fremdsprache (Englisch/Französisch) für den Mittleren Bildungsabschluss*. Luchterhand, 2004.
- REUTER, B. Evaluieren und Testen im Französischunterricht. Grundlagen und Prinzipien. In: *Der Fremdsprachliche Unterricht Französisch* (erscheint).
- SCHWERDTFEGER, Inge C. Der europäische Referenzrahmen – oder: Das Ende der Erforschung des Sprachenlernens? In: Karl-Richard BAUSCH/Herbert CHRIST/Frank G. KÖNIGS/ Hans-Jürgen KRUMM (eds.). *Der Gemeinsame europäische Referenzrahmen für Sprachen in der Diskussion*. Arbeitspapiere der 22. Frühjahrskonferenz zur Erforschung des Fremdsprachenunterrichts. Tübingen, Gunter Narr Verlag, 2003. S. 173-178.
- TESCH, B./ LEUPOLD, E./ KÖLLER, O. (eds.). *Bildungsstandards Französisch: konkret. Sekundarstufe 1: Grundlagen, Aufgabenbeispiele und Unterrichts Anregungen*. Berlin: Cornelsen, 2008.

- TESTDAF-INSTITUT. *Beurteilungsanleitung zur Musterprüfung 3.* (unv. Ms.) 2008.
- TIMM, J. P. (ed.). *Fremdsprachenlernen und Fremdsprachenforschung: Kompetenzen, Standards, Lernformen, Evaluation. Festschrift für Helmut Johannes Vollmer.* Tübingen, Narr, 2006.
- WEINERT, F. E. *Concepts of competence (Contribution within the OECD project Definition and selection of competencies: Theoretical and conceptual foundations (DeSeCo).* Neuchatel: DeSeCo. 1999.
- WEINERT, F. E. Vergleichende Leistungsmessung in Schulen – eine umstrittene Selbstverständlichkeit. In: WEINERT, F. E. (ed.). *Leistungsmessungen in Schulen.* Weinheim und Basel: Beltz Verlag, 2001, 17-31.
- ZIENER, G. *Bildungsstandards in der Praxis. Kompetenzorientiert unterrichten.* Stuttgart, Klett, Kallmeyer, 2008.

O texto como unidade de trabalho no ensino de línguas e de tradução

Masa Nomura

João Azenha*

Abstract: Since the mid 1980's, a paradigm change has taken place in Translation Studies: the primacy of the text to be translated gradually loses terrain to the reception conditions of the translated text. Such a change brought consequences to the concept of translation competence itself: translation students have to be able not only to show a good command of the languages involved, but also to activate other kinds of knowledge, in order to comprehend the text in the source language, and to design translation strategies which enable them to comply with the requirements of the translation task. The article argues that the systematic application of concepts taken from contrastive linguistics research (German/Portuguese), as well as from text linguistics, can help students to improve their knowledge of the foreign language and guide them in their first steps as translators. The theoretical considerations (Part I) are illustrated by an example taken from a translation course (Part II).

Keywords: Types of knowledge and text production; acquisition of German as a foreign language; translation competence.

Resumo: A partir de meados da década de 1980, observa-se uma mudança de paradigma na pesquisa sobre tradução: a primazia reservada até então ao texto de partida cede lugar paulatinamente aos fatores que coatuam na recepção do texto traduzido. Tal mudança tem conseqüências para a noção de competência tradutória: dos tradutores iniciantes não se espera apenas que tenham bons conhecimentos das línguas com as quais trabalham, mas também que sejam capazes de, na fase de compreensão do texto a ser traduzido, ativarem outras formas de conhecimento e, na fase de retextualização, traçarem estratégias que lhes possibilitem preencher lacunas adequadas à tarefa de tradução. Este artigo visa a demonstrar que a aplicação sistemática de conceitos da pesquisa lingüística de base contrastiva para o par de línguas alemão-português, bem como de conceitos da lingüística textual, pode contribuir para que os tradutores iniciantes ampliem e aprofundem seus conhecimentos na língua estrangeira, ao mesmo tempo em que são orientados

* Masa Nomura (manomura@usp.br) é professora doutora e João Azenha Jr. (azenha@usp.br) é livre-docente da Área de Alemão, Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP

nos primeiros passos da tradução. As considerações teóricas sobre o tema (Parte I) são ilustradas por um exemplo de aplicação (Parte II).

Palavras-chave: Tipos de conhecimento e produção de texto; aquisição de alemão como língua estrangeira; competência tradutória.

Zusammenfassung: Seit Mitte der 80er Jahre hat sich ein Paradigmenwechsel in der Übersetzungsforschung vollzogen: Der bis dahin vorrangig behandelte Ausgangstext tritt nun in den Hintergrund, um den verschiedenen Faktoren Raum zu geben, die bei der Rezeption des übersetzten Textes eine wichtige Rolle spielen. Dieser Wechsel hat Folgen für den Begriff der Übersetzungskompetenz: von angehenden ÜbersetzerInnen wird nicht nur verlangt, dass sie über ausreichende Sprachkenntnisse verfügen, sondern auch, dass sie bei der Rezeption des zu übersetzenden Textes andere Wissensbestände aktivieren und bei der Verfassung des Zieltextes Strategien entwickeln, die ihnen ermöglichen, Probleme, die ihnen aus mangelnden Sprachkenntnissen erwachsen, auftragsgemäß zu lösen. Ziel der vorliegenden Arbeit ist es, aufzuzeigen, dass die systematische Anwendung von Konzeptionen der kontrastiven Sprachforschung (Deutsch/Portugiesisch) sowie der Textlinguistik im Übersetzungsunterricht dazu beitragen kann, den Studenten sowohl bei der Erweiterung und Vertiefung ihrer Deutschkenntnisse, als auch im Anfangsstadium ihrer Übersetzerausbildung zu helfen. Die theoretischen Erwägungen (Teil I) werden durch ein exemplarisches Beispiel (Teil II) erläutert.

Stichwörter: Wissensbestände und Textproduktion; Erwerb des Deutschen als Fremdsprache; Übersetzungskompetenz.

Parte I. Uma moldura teórica

Tanto no ensino de língua estrangeira (LE) quanto no de tradução, tem-se como objetivo contrastar, no trato com o texto de trabalho, não só os mecanismos de funcionamento das línguas-objeto, como também o seu uso contextualizado, que consiste em analisar as funções comunicativas da linguagem e as convenções socioculturais pelas quais se pautam os comportamentos linguísticos em cada comunidade cultural. No caso da tradução, o desconhecimento do mecanismo de funcionamento de cada língua e de seu uso contextualizado se torna um problema quando o aprendiz, ao executar uma tarefa de tradução, tem de lidar com o texto de partida e precisa entendê-lo bem, para então poder produzir satisfatoriamente o texto de chegada, este também sujeito ao mesmo crivo reflexivo por que passa o texto de partida.

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

A aquisição de LE e a transposição de conteúdos de uma língua para outra são atividades que pressupõem do receptor do texto conhecimentos de vários tipos. A experiência no ensino de tradução mostra que não basta ao aprendiz possuir apenas competência bilíngue. Dele se exige muito mais que o conhecimento meramente gramatical e semântico-lexical do par de línguas em contato. Para alcançar plenamente a compreensão textual, é necessário ativar outras formas de conhecimento – de mundo, de comunidade cultural e de suas convenções, de temas, de gêneros textuais – para, então, na fase de reprodução e de retextualização, possibilitar preencher as lacunas que surgem no processo de transposição de códigos das línguas/culturas em contato.

A unidade de trabalho do professor de língua estrangeira e de tradução é, pois, o texto, considerado na dimensão do seu enraizamento na cultura de origem. Como ponto de partida de nossas reflexões, tomamos como base a noção de texto ao mesmo tempo como estrutura de enunciação – *Text auf dem Papier* – e como representação mental – *Text im Kopf* –, tal como conceituado por NUSSBAUMER (1991).

Textos, de uma forma geral, consistem de uma sequência linear de enunciados e de elementos textuais, que se conectam uns com os outros através de recursos próprios da língua, os elementos linguísticos de coesão. A coesão textual sozinha não é suficiente para a apreensão do sentido de um texto, mas é a partir dos elementos coesivos que se chega à coerência: trata-se de um processo contínuo de intercâmbio entre elementos de base semântico-pragmática e elementos linguísticos de superfície, que se alimentam e se realimentam reciprocamente, formando assim as diversas fases de processamento cognitivo. Com base nesses elementos, o leitor vai construindo paulatinamente o sentido do texto. Nesse processo, a estrutura da enunciação (*Text auf dem Papier*) se transforma na estrutura mental do texto (*Text im Kopf*). Essa representação mental do texto modifica-se continuamente num movimento de ir e vir associativo e liberta-se pouco a pouco das minúcias do “texto no papel”. A linearidade dos elementos linguísticos se dissolve e se transforma em uma estrutura cognitiva multidimensional de sentidos, culminando na constituição do sentido do texto (*Textsinn*)¹. A compreensão de texto é, pois, um processo

¹ Cf. LINKE/NUSSBAUMER/PORTMANN 2004, 261-263; NUSSBAUMER 1991, 129-177.

dinâmico e interativo, que ativa vários sistemas de conhecimento armazenados na mente do indivíduo.

Os tipos de conhecimento de que dispomos

Abordaremos primeiramente o conhecimento linguístico. Todo texto/discurso é realizado através de dado sistema linguístico. Para produzir um texto, necessitamos de conhecimentos gramaticais e lexicais da língua considerada. Isso significa que o falante deve possuir competência linguística, que pressupõe vários tipos de saberes: saber construir uma frase declarativa (enunciação acerca dos fatos do mundo); saber quais regras são necessárias para promover uma pronominalização; saber como as informações da base proposicional (o conteúdo temático) se misturam com o plano de ação e se distribuem ao longo do texto/discurso para constituir as proposições (as menores unidades semânticas de cada oração); saber a partir de que regras se dá a entender ao interlocutor se determinado objeto de que fala o texto já é previamente conhecido dele; saber que unidades lexicais ocupam quais posições na estrutura sintática; saber como as frases são conectadas umas com as outras; saber quais regras fonológicas usar para dar relevância a determinados elementos sintáticos, e assim por diante.

De acordo com a sua função, os tipos básicos de conhecimento linguístico se subdividem em (a) conhecimento linguístico necessário para registro de representações mentais em estruturas sonoras/fonêmicas (classificação de sons e significados) - conhecimento de coesão; e (b) o conhecimento linguístico necessário para a constituição do complexo verbal em diferentes níveis – combinação de itens lexicais, conexão de proposições simples em proposições complexas e em estruturas proposicionais - conhecimento de coerência.

Conhecimento de conceitos de linguística textual no trabalho efetivo com o texto

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

Trabalhando com o “texto no papel”, o leitor, em primeira instância, busca apreender basicamente, através dos elementos linguísticos nele presentes, as informações pertinentes, que se movimentam no texto em ondas de progressão e retroação, de remissão a elementos do mundo (referência, dêixis, exófora) e do texto (dêixis textual), de estruturação da informação (encadeamento tema-rema), de recuperação ou retomada de alguns elementos já mencionados anteriormente (anáfora, elementos da cadeia tema-rema, pronominalização) e introdução de novas informações (catáfora, elementos remáticos); o leitor procura por elementos de conexão sintático-semântica através de conectores de vários tipos – causais, modais, espaciais, temporais, concessivos – e de itens lexicais relacionados semanticamente entre si (sinônimos, antônimos, hiperônimos, hipônimos, paráfrases) que possibilitem instaurar, constituir e reconstituir os sentidos do texto, até que as partes assim estruturadas o conduzam à compreensão global do mundo construído no texto (*Textwelt*)².

A produção de texto/discurso faz uso também de recursos semióticos que podem substituir, de forma restrita, alguns recursos do sistema linguístico que os acompanham ou os intensificam. Mímica, gestual e entoação são os recursos paralinguísticos que podem acompanhar os enunciados orais. Na expressão escrita, os objetos icônicos (fotos, desenhos) e a disposição gráfica do espaço concedido ao texto têm a função de ilustrar e explicitar a expressão verbal, ou, em alguns casos, de atribuir a ela uma interpretação peculiar.

Conhecimento da função comunicativo-pragmática do texto/discurso

A produção do texto/discurso é sempre a realização da intenção de um falante e atende à necessidade de comunicação verbal. Atualiza intenções de indivíduos que agem

² Cf. HEINEMANN / VIEHWEGER 1991, 93-103; NUSSBAUMER 1991, 120-177; LINKE/ NUSSBAUMER/ PORTMANN 2004, 253.

socialmente. Em seu processo de intercâmbio social, o falante sempre tem intenção de conseguir algo do seu interlocutor. Em ensino de LE, o conhecimento de que, num diálogo qualquer entre interlocutores colocados em determinada situação de comunicação, há sempre uma propósito específico (intenção) e um objetivo a atingir (função pragmática) por parte de cada falante, ajuda o aprendiz a compreender e executar “atos de fala” (ato locucionário, ilocucionário e perlocucionário)³, empregando a formulação verbal adequada à situação.

Para o trabalho com o texto, são de particular importância os conceitos de ilocução e perlocução. Quando o falante intenta provocar determinadas reações no receptor, ou quer alcançar determinados estados/objetivos em seu ambiente natural e social, necessita ter à sua disposição conhecimentos acerca de quais enunciados linguísticos em quais situações comunicativas concretas ou em quais estados de coisas pode conseguir realizar determinados objetivos. Esse estado de coisas pretendido só pode ser alcançado se o receptor consegue reconhecer, por intermédio de um texto, o que um falante tem intenção de conseguir, de que forma o interlocutor é envolvido nisso e como este último pode contribuir para alcançar o desejado intento. Em outras palavras, o usuário da língua deve saber formular linguisticamente suas intenções e saber envolver seu interlocutor a fim de conseguir atingir seus objetivos.

Conhecimento de estruturas textuais globais: gêneros textuais-discursivos

Em ensino de língua, o professor pode decidir sobre qual estrutura textual global pode ser encaixado um tema (uma base proposicional) como, por ex., “acidente de trânsito”. Tal tema pode ser tratado sob diversas formas textuais: como narrativa ou relato oral (contar ao interlocutor o fato, o sucedido); como relato do fato para servir como prova

³ Cf. AUSTIN 1962; 1-82; e SEARLE 1981[1969], 1-29; 30-57.

testemunhal para uma companhia de seguros; como ata protocolada na polícia sobre detalhes do acidente; como reportagem para jornal etc. Conforme os diferentes objetivos de cada formulação textual-discursiva, a base proposicional “acidente de trânsito” é realizada através de diferentes gêneros textuais, que se diferenciam por marcas prototípicas de cada tipo e de cada gênero.

Narrativa, relato, ata e outros gêneros textuais diferenciam-se por princípios específicos de constituição textual, por marcas textuais globais típicas. Trata-se do mesmo conteúdo com funções comunicativo-pragmáticas diferentes. Produtor e receptor devem possuir um conhecimento específico sobre estruturas textuais globais, ter conhecimento de tipologias e gêneros textuais que lhes possibilitem estabelecer textos como exemplares de uma classe. Nosso conhecimento (armazenado) sobre estruturas textuais globais ajuda a explicitar fatores textuais internos e externos presentes no texto. Reconhecemos a existência de um padrão textual (*Textmuster*)⁴, que fornece o formato característico e os recursos verbais prototípicos do gênero de texto sob análise.

Conhecimento enciclopédico ou de mundo, contexto, interação

A partir da noção de que o texto constitui um processo⁵, ativa-se mais um tipo de conhecimento responsável pelo processamento textual: o conhecimento enciclopédico ou de mundo. Ele abrange as informações armazenadas na memória de cada indivíduo e compreende o conhecimento declarativo, manifestado por enunciações acerca dos fatos do mundo, e o conhecimento episódico e intuitivo, adquirido através da experiência. Tais conceitos se organizam em blocos e formam uma rede de relações, de modo que um dado conceito evoca invariavelmente uma série de entidades associadas a ele (*frames, scripts*). O *frame* “jogo de futebol” evoca, em cadeia associativa sucessiva, uma série de entidades: “clubes”, “jogador”, “camisa de clubes”, “chuteira”, “bola”, “gol”, “apito”, “árbitro”, “torcedor”. O conhecimento enciclopédico transforma-se em conhecimento procedimental,

⁴ Cf. FIX et al. 2002, 105.

⁵ Cf. HEINEMANN/HEINEMANN 2002: 122; HEINEMANN/VIEHWEGER 1991: 93-103.

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

que fornece instruções para agir em situações comunicativas específicas (contexto, interação). O conhecimento interacional relaciona-se com a dimensão interpessoal da linguagem e permite a realização de ações por meio da linguagem, subdividindo-se em conhecimento ilocucional (por meios linguísticos diretos e indiretos utilizados para atingir um objetivo), conhecimento comunicacional (uso de meios adequados para atingir os objetivos desejados), conhecimento metacomunicativo (procedimentos de atenuação para evitar distúrbios na comunicação) e conhecimento de superestruturas e modelos textuais globais (conhecimento de tipos e gêneros textuais).

Ao produzir o texto, o produtor apela para sua reserva armazenada de conhecimentos e experiências. O mesmo faz o receptor, que precisa fazer inferências para preencher as lacunas de conteúdo⁶. A ideia de interatividade que se estabelece entre o produtor e o receptor do texto, ou entre o texto e seu receptor, ganha contornos sólidos, já que é a partir do embate entre os conhecimentos de mundo de ambos os interlocutores (produtor e receptor) que se dá (ou não) a compreensão textual.

A seguir, veremos como essa ideia de interatividade se desdobra e, ao mesmo tempo, se adensa na complexa tarefa de ensinar a traduzir.

Ensinar a traduzir é compartilhar conhecimentos

Num ensaio intitulado “O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória”, ARROJO (1992, 99) relata a seguinte passagem:

Há alguns meses, depois de uma aula de Prática de Tradução no Programa de Bacharelado em Inglês (modalidade tradução) da PUC-SP, uma das alunas me entregou uma lista manuscrita de palavras e expressões inglesas. Explicou-me que essas palavras e expressões haviam sido extraídas de um manual de computação que aceitara traduzir e que, depois de consultar

⁶ Cf. POLENZ 1988, 302-325.

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

vários dicionários bilíngues, alguns deles técnicos, resolvera vir até mim em busca dos significados que tanto ela como os dicionários consultados desconheciam. Quando lhe perguntei, entre irritada e perplexa, porque julgava que eu pudesse lhe oferecer aquilo que até mesmo os dicionários lhe negavam, a aluna, também entre irritada e perplexa, me respondeu que, como responsável por vários cursos de prática de tradução e como especialista da área, eu tinha o dever de conhecer a tradução para o português das palavras e expressões mencionadas.

A partir desse relato, a autora desenvolve sua argumentação tomando por fundamento o confronto, flagrado nesse incidente, entre duas visões opostas: de um lado, a herança de uma abordagem cartesiana, “logocêntrica”, como Arrojo a chama, segundo a qual as palavras encerram “significados supostamente mumificados” (p. 103), independentes do contexto em que se encontrem inseridas. Na falta, então, de dicionários completos e infalíveis, a aluna teria se sentido autorizada a apresentar à professora, à responsável pelo ensino de tradução, apenas uma lista de palavras e expressões. De outro lado, Arrojo destaca uma abordagem “menos ilusória (...), que tem como base o questionamento da possibilidade de qualquer significado absolutamente estável ou inerente à palavra ou, em sentido mais amplo, ao próprio texto” (p. 103).

Quase duas décadas são passadas desde a publicação desse ensaio. No entanto, e a despeito do desenvolvimento e da ramificação de muitas áreas dos estudos da linguagem e dos estudos da tradução, a situação descrita parece preservar sua atualidade, ao menos em parte. Afinal, a experiência na sala de aula de tradução ainda aponta para o fato de que a “ilusão do significado estável, mumificado”, continua a fazer parte da busca de todos aqueles que, ao se defrontarem com as primeiras dificuldades da tradução, se vêem diante da difícil tarefa não apenas de atribuir sentido, mas também, e sobretudo, de assumir a responsabilidade por ele, mesmo que, muitas vezes, não disponham do tão desejado respaldo de uma fonte fidedigna.

Nessa mesma linha de raciocínio, a experiência também mostra que o mero abandono do aspecto “cartesiano” – motivado por leituras teóricas e discussões em classe, por exemplo – instaura um nível de instabilidade, com o qual os tradutores iniciantes não sabem lidar: ao relacionarem a “nova” perspectiva com a prática de tradução, não raro se observa que os estudantes defendem certo posicionamento em teoria, mas em geral são

incapazes de derivar dele um instrumental, a partir do qual possam realizar (e defender) sua tradução. Por sua vez, o ensino de tradução, mesmo ancorado numa perspectiva “menos ilusória”, e que muitas vezes caminha *pari passu* com o desenvolvimento das habilidades de expressão em língua estrangeira, não pode considerar pressupostos bons conhecimentos da língua estrangeira e da língua materna e prescindir, assim, da perspectiva de interagir com o desenvolvimento dessas habilidades, no sentido de complementar, aprofundar e expandir os conhecimentos de língua (recém-) adquiridos pelos estudantes.

A questão é complexa, pois pressupõe que sejam harmonizados conceitos de diferentes ordens: a noção mesma de como se produzem sentidos em linguagem, a visão de tradução associada a ela e os tipos (e níveis) de conhecimento que precisam ser ativados na operação de traduzir. Além disso, o confronto de visões diferentes, tal como vimos no exemplo de ARROJO (1992), para além de opor concepções atreladas a abordagens sobre tradução fundamentadas filosoficamente⁷, remete também a uma mudança de olhar operada nos estudos da tradução desde meados da década de 1970 e que teve impacto imediato sobre a noção mesma de competência tradutória. No que segue, examinaremos brevemente em que consiste essa mudança de perspectiva e qual seu impacto para a distinção entre competência linguística e competência tradutória. Veremos também que, antes de excludentes, esses dois momentos da história mais recente dos estudos da tradução são complementares e que o espaço da sala de aula de tradução pode se transformar num fórum privilegiado em que visões distintas coexistem e tentam se harmonizar, a fim de que alunos e professores, juntos, possam dar conta de uma tarefa específica.

Uma mudança de olhar

Desde meados da década de 1950, desenvolveram-se mais sistematicamente os estudos linguísticos de base estruturalista, inspirados no trabalho pioneiro do linguista genebrino Ferdinand de Saussure (1857 – 1913). Quase concomitantemente, assistimos

⁷ Referimo-nos aqui às duas concepções levantadas por ARROJO (1992) no ensaio citado: a cartesiana, ou logocêntrica, de um lado, e a “menos ilusória”, ou desconstrutivista, de outro.

também ao desenvolvimento dos estudos linguísticos baseados nos trabalhos de Noam Chomsky sobre a gramática gerativo-transformacional. Em ambos os casos, tratava-se de perspectivas teóricas que buscavam uma explicação para a gênese do sentido, fosse pela segmentação dos níveis de análise linguísticos em unidades cada vez menores, fosse pela busca por universais de linguagem situados numa chamada estrutura profunda, a partir da qual se gerava a estrutura de superfície.

O impacto dessas investigações deixou marcas profundas nas teorias de tradução geradas neste período: se fosse possível chegar à determinação de um sentido por uma operação linguística, então também seria possível chegar à identificação de um sentido (quer dizer, de uma leitura consensualmente válida) para os textos. E se isso fosse possível, então, a operação de tradução deveria consistir da determinação desse sentido na língua de partida (ou no “original”, para usar um termo próprio dessa fase dos estudos de tradução) e de sua substituição por material linguístico equivalente (CATFORD 1980, 22)⁸ na língua de chegada.

Por volta dos anos de 1980, a visão estruturalista é revista por um grupo de estudiosos a partir de um conceito amplo de cultura, que engloba todas as manifestações do pensamento e do comportamento. Dentro dessa visão, os textos são comparados às folhas de uma árvore (HÖNIG e KUSSMAUL 1984), da qual ainda se pode distinguir o tronco e pressupor uma parte “invisível” – as raízes –, responsável pela vida da planta. Para os estudos da tradução daquele período, a metáfora da árvore ajudou a compreender que os textos estão enraizados nas culturas, trazem dela suas características mais fundamentais, delas se nutrem e, nesse sentido, são únicos:

A sociocultura é a raiz de toda manifestação linguística e determina em grande parte sua forma. Quem quiser, portanto, “atacar o problema da tradução pela raiz”, não se deve orientar apenas pela parte visível do texto – tronco, galhos e folhas, por assim dizer –, mas deve estar em condições de

⁸ A primeira edição da obra de Catford data de 1965. Para um aprofundamento da questão da equivalência em tradução, tão em voga nesse período, cf., entre outros, CATFORD (1980), KOLLER (1992) e os trabalhos atinentes ao tema contidos em CARDOZO et alii (2009). Numa perspectiva um pouco diferenciada, a questão da equivalência aplicada ao ensino de tradução também está tratada em CORRÊA e NEIVA (2000).

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

avaliar o aspecto geral do texto com base nos pressupostos socioculturais.
(HÖNIG e KUSSMAUL 1984, 45)⁹

Assim, o sentido dos textos estaria associado às peculiaridades de cada cultura, ao modo como cada uma enxerga o mundo e organiza sua experiência. A partir daí, uma simples operação de transcodificação, como a que estava embutida no momento anterior à virada cultural, não daria mais conta do processo, se não fosse acompanhada de adaptações necessárias ao novo modo de ver o mundo na cultura para a qual se traduz. E mais: as novas condicionantes forçaram uma revisão do papel do indivíduo que lê, interpreta e traduz os textos: a operação de traduzir passa a ser uma transferência singular de sentidos gerados na interação do indivíduo com os textos e a depender da finalidade que se tem em mente para o texto traduzido.

Do primeiro momento, voltado retrospectivamente para o texto de partida, resultaram dois efeitos colaterais indesejáveis: de um lado, o caráter normativo e prescritivo das operações de traduzir, seja do ponto de vista do fazer tradutório, seja do da avaliação de traduções; de outro, o fato de que, no interior dessa perspectiva, a competência linguística se confunde com a tradutória: quanto mais se conhece(m) a(s) língua(s) da(s) qual(is) e para a(s) qual(is) se traduz, melhor o resultado da tradução.

Tal perspectiva encontra-se expressa historicamente em dicotomias que marcam os estudos da tradução ao longo do tempo: tradução palavra vs. sentido, tradução literal vs. tradução livre, entre outras. Assim, não é de se estranhar que resquícios importantes dessa orientação estejam presentes, ainda hoje, não apenas na noção mesma de tradução trazida à sala de aula por estudantes iniciantes (como no exemplo apontado no início desta seção), mas também na crítica profissional de tradução, que muitas vezes deposita sobre o léxico seus termos de comparação, confronta soluções de tradução mediadas por dicionários e, não raro, “prescreve” uma solução melhor.

Acompanhando, então, a chamada “virada pragmática” dos estudos da linguagem – a teoria dos atos de fala, a sociolinguística, a linguística textual, só para citar alguns exemplos – o olhar se volta do texto de partida para os mecanismos da recepção (situação

⁹ Salvo indicação em contrário, as traduções das citações são dos autores deste artigo.

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

comunicativa, moldura cultural, normas, convenções, comportamentos etc.), bem como para seus agentes (quem pede, quem faz, quem deve receber a tradução), e o processo de tomada de decisões passa necessariamente a ser pautado pela decisão sobre a função que o texto traduzido deverá desempenhar no sistema receptor. Desse modo, outros elementos vêm somar-se à configuração da competência em tradução, que se descola, por assim dizer, da competência linguística: quanto mais se esmiuçarem o perfil do destinatário e as condições de recepção, tanto melhor – ou mais adequada – será a tradução.

Isso, que parece novo, na verdade não o é, e as dicotomias recorrentes na historiografia da tradução são a prova disso: para a tradução literal, temos o correlato da tradução livre; para a tradução palavra por palavra, a tradução pelo sentido. Em suma: uma mudança de orientação rumo ao destinatário da tradução, como a que nos referimos no parágrafo anterior, está presente na historiografia da tradução desde sempre¹⁰.

Contudo, se a historiografia da tradução ensina que foi entre extremos que se processou toda a linha evolutiva, para a aula de tradução o investimento em apenas um desses extremos pode não ser produtivo. Assim, mesmo operando no interior de uma visão contemporânea, prospectiva e descritiva da tradução, a consideração do texto a ser traduzido e de suas condições de produção continua a ser o ponto de partida por excelência para a definição de uma estratégia de trabalho. E, aqui, as zonas de intersecção com as perspectivas do ensino de língua estrangeira, dos estudos da linguagem e da tradução, podem trabalhar conjunta e produtivamente para a sedimentação de uma concepção de tradução que reconhece e admite diferenças, mas busca tirar proveito daquilo que os opostos têm de melhor para o caso específico.

Parte II. Um exemplo de aplicação

O exemplo apresentado a seguir visa a ilustrar brevemente a tentativa de harmonizar perspectivas e de, ao mesmo tempo, reforçar as linhas de cooperação entre o ensino de

¹⁰ Um exemplo disso são as considerações do orador Cícero (séc. I a.C.) sobre como suplantar seus rivais gregos na mobilização dos ouvintes.

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

alemão como LE e o de tradução. O trabalho foi realizado com alunos da graduação alemão/português, ainda em fase de aquisição da língua estrangeira: os estudantes tinham, em média, cinco semestres de um estudo sistemático do alemão e, à exceção de alguns poucos, ainda não tinham cursado qualquer disciplina optativa específica de tradução.

O trabalho foi desenvolvido em três etapas: (1) uma etapa de recepção (quer dizer, de compreensão) do texto a ser traduzido, realizada em sala de aula, na qual especial ênfase foi dedicada à ativação de vários tipos de conhecimentos – conhecimentos enciclopédicos, da função comunicativo-pragmática do texto/discurso, de língua, conforme conceituados na Parte I deste estudo – e a partir da qual foram definidas as diretrizes da tradução; (2) uma etapa de retextualização (quer dizer, da redação propriamente dita do texto traduzido), em que a análise do texto de partida e a estratégia de tradução serviram de base para o trabalho individual realizado em casa; e (3) uma etapa de controle (quer dizer, de correção do trabalho), realizada em sala de aula, para a qual se consideraram como elementos balizadores as considerações desenvolvidas na primeira etapa.

O exemplar de texto utilizado, escrito em alemão e em inglês¹¹, foi o material de divulgação de uma exposição, em Berlim, da artista plástica búlgara Iva Milanova. Desse prospecto-convite, por assim dizer, que combina texto e imagens, o trecho escolhido para a tradução ao português foi o seguinte:

Quadro 1

Die in Bulgarien geborene, deutsche Künstlerin Iva Milanova malt mit einem reich modellierten Impasto. Der kräftige Farbauftrag ihrer ikonenhaften Bilder quillt vor Leben und Farbe über. Ihre Palette besonders lebhafter Primär- und Sekundärfarben schreit dem Betrachter mit einer lustvollen Lebensenergie entgegen. In Milanovas prachtvollen Gemälden tut sich eine Welt auf, in der grundlegende Formen neben abstrakten Symbolen stehen, in der Menschen in Muster aufgehen und Muster sich zu Menschen verdichten; Augen entstehen aus gespiegelten Bögen, während konzentrische Kreise zu Pupillen werden. Die Malerin improvisiert mit der Melodie von Form und Farbe und schwelgt in Momenten der Entdeckung,

¹¹ A leitura do folheto informativo não permite dizer qual versão do texto serviu de base à outra. A fim de concentrar a atenção sobre o trabalho com o texto alemão, não será considerada aqui a versão inglesa do texto, à qual os alunos tiveram acesso durante todo o processo descrito nesta seção.

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

Demontage und spontanen Erkenntnis. Aus einer Vielzahl von Formen schafft sie Bedeutung, die gleichzeitig komplex und auf eine symbolische Art einfach ist. Milanova hat bereits in Deutschland, Italien und den Vereinigten Staaten ausgestellt und wurde auch ausgewählt, um an einer Ausstellung während der Biennale in Venedig teilzunehmen. Sie besitzt Magister-Abschlüsse der Humboldt-Universität zu Berlin in Kunstgeschichte sowie Archäologie und wurde für drei Jahre an der Kunsthochschule in Sofia ausgebildet. (Agora Gallery, SoHo & Chelsea, New York).

Na etapa de recepção, compreensão e análise do texto em alemão, os estudantes destacaram dificuldades de diversas ordens e confessaram não saber “por onde começar”, nem como hierarquizar os pontos que mereceriam maior atenção.

A fim de organizar e sistematizar o trabalho sugeriu-se uma direção de abordagem em três etapas: (1) da reflexão sobre a inserção do texto numa situação comunicativo-funcional para (2) questões de sintaxe e, só então, para (3) as especificidades do léxico. A sugestão levou em conta dois aspectos: em primeiro lugar, incentivar a compreensão do texto como um todo, quer dizer, evitar sua fragmentação imediata em partes desconectadas umas das outras; em segundo, reverter a expectativa tradicional, “herdada”, de que as unidades lexicais são depósitos de significados estáveis.

Para tanto, o caminho escolhido foi o da ativação, por redes associativas, de diferentes tipos de conhecimentos. Após uma leitura atenciosa do conjunto, foram discutidas questões atinentes basicamente às artes plásticas (ramo de atuação da artista plástica), à Bulgária (país natal da artista), à Igreja Ortodoxa e ícones (estes últimos motivados pela reprodução de uma tela da artista no prospecto a ser traduzido). Nesta etapa de ativação de conhecimentos de mundo, o objetivo foi concentrar a atenção numa série de conceitos e numa faixa de léxico potencialmente pertinentes ao exercício da tradução. Esta etapa de ativação e de mapeamento de conhecimentos trouxe à baila a necessidade, para a tradução, de se resgatarem e, conforme o caso, de se construírem conhecimentos numa extensão capaz de permitir um tratamento do tema restrito ao âmbito específico da tarefa proposta.

Na sequência, e ainda no interior dessa fase inicial de sensibilização, a discussão se deslocou para a ativação, também por associação, dos conhecimentos da função

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

comunicativo-pragmática do texto/discurso em questão, bem como de sua estrutura global, com destaque para três funções de linguagem nele identificadas: a referencial, a expressiva e a apelativa. Para a tradução, definiu-se como tarefa a elaboração da versão brasileira do texto que apresenta a artista e sua obra.

O primeiro passo foi destacar, no corpo do texto, zonas em que os estudantes percebiam com maior clareza o predomínio de uma ou mais funções. No quadro abaixo, os trechos em *itálico* apontam para as passagens em que, segundo eles, predomina a função referencial e, os trechos em **negrito**, para o predomínio das funções expressiva e de apelo:

Quadro 2

Die in Bulgarien geborene, deutsche Künstlerin Iva Milanova malt mit einem reich modellierten Impasto. Der kräftige Farbauftrag ihrer ikonenhaften Bilder quillt vor Leben und Farbe über. Ihre Palette besonders lebhafter Primär- und Sekundärfarben schreit dem Betrachter mit einer lustvollen Lebensenergie entgegen. In Milanovas prachtvollen Gemälden tut sich eine Welt auf, in der grundlegende Formen neben abstrakten Symbolen stehen, in der Menschen in Muster aufgehen und Muster sich zu Menschen verdichten; Augen entstehen aus gespiegelten Bögen, während konzentrische Kreise zu Pupillen werden. Die Malerin improvisiert mit der Melodie von Form und Farbe und schwelgt in Momenten der Entdeckung, Demontage und spontanen Erkenntnis. Aus einer Vielzahl von Formen schafft sie Bedeutung, die gleichzeitig komplex und auf eine symbolische Art einfach ist. Milanova hat bereits in Deutschland, Italien und den Vereinigten Staaten ausgestellt und wurde auch ausgewählt, um an einer Ausstellung während der Biennale in Venedig teilzunehmen. Sie besitzt Magister-Abschlüsse der Humboldt-Universität zu Berlin in Kunstgeschichte sowie Archäologie und wurde für drei Jahre an der Kunsthochschule in Sofia ausgebildet. (Agora Gallery, SoHo & Chelsea, New York)

Esta primeira etapa permitiu que os estudantes identificassem características fundamentais de grandes áreas do texto como um todo e definissem diferentes fontes de pesquisa, tanto no sentido de confirmarem informações, quanto no sentido de aprofundarem conhecimentos de diferentes naturezas. A área destacada em **negrito**, por exemplo, foi imediatamente identificada como a que demandaria uma ativação mais intensa dos conhecimentos da língua estrangeira. Foi nela, também, que a ausência de informações referenciais possibilitou aos alunos levantarem a hipótese de que ali estariam concentradas

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

as observações valorativas do produtor do texto sobre o trabalho da artista. Para a área destacada em itálico, especial atenção foi reservada ao conhecimento enciclopédico e ao contexto.

Na sequência, e a fim de emigrar para o nível dos conhecimentos de língua alemã propriamente ditos, passou-se a questões de sintaxe, para o que se fez uso de mecanismos de redução das orações a seus componentes essenciais com a eliminação de atributos e modificadores e de destaque para os conectores e elementos de retomada. O quadro a seguir apresenta o resultado dessa etapa. Nele, os componentes essenciais da oração estão destacados em negrito e os mecanismos de relação e de retomada (neste caso, conectores e pronomes possessivos) em itálico:

Quadro 3

Die [...] Künstlerin Iva Milanova malt mit einem [...] Impasto. **Der [...] Farbauftrag ihrer [...] Bilder quillt vor** Leben und Farbe **über. Ihre Palette [...] schreit dem Betrachter** mit [...] Lebensenergie **entgegen.** In *Milanovas* [...] Gemälden **tut sich eine Welt auf, in der [...] Formen neben [...] Symbolen stehen, in der Menschen in Muster aufgehen** und (*in der*) **Muster sich zu Menschen verdichten; Augen entstehen aus [...] Bögen, während [...] Kreise zu Pupillen werden. Die Malerin improvisiert mit** [...] Form und Farbe und **[die Malerin] schwelgt in** Momenten der Entdeckung, Demontage und [...] Erkenntnis. **Aus [...] Formen schafft sie Bedeutung, die gleichzeitig komplex und [...] einfach ist. Milanova hat [...] in** Deutschland, Italien und den Vereinigten Staaten **ausgestellt** und **[Milanova] wurde** [...] **ausgewählt, um an** einer Ausstellung [...] in Venedig **teilzunehmen. Sie besitzt** Magister-Abschlüsse [...] **in** Kunstgeschichte sowie Archäologie und **[sie] wurde** [...] **an** der Kunsthochschule in Sofia **ausgebildet.** (...) (Agora Gallery, SoHo & Chelsea, New York)

O processo de redução aqui demonstrado permitiu à maioria dos estudantes construir uma espécie de texto-andaime, no qual todo o sistema de relações sintáticas estivesse reconstruído de forma mais simples e mais visível. Com o foco da atenção concentrado

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

nessa estrutura de relações, os estudantes foram solicitados a retomarem a leitura do texto como um todo (preparação para a próxima etapa)¹².

O passo seguinte consistiu em dar relevância às informações contidas no interior dos atributos e nos advérbios e em identificar as estratégias de condensação de informações em alemão – por exemplo, através do emprego de participios ampliados e de nominalizações:

Quadro 4

Die **in Bulgarien geborene, deutsche** Künstlerin Iva Milanova malt mit einem **reich modellierten** Impasto. Der **kräftige** Farbauftrag ihrer **ikonenhaften** Bilder quillt vor Leben und Farbe über. Ihre Palette **besonders lebhafter Primär- und Sekundärfarben** schreit dem Betrachter **mit einer lustvollen Lebensenergie** entgegen. In Milanovas **prachtvollen** Gemälden tut sich eine Welt auf, in der **grundlegende** Formen neben **abstrakten** Symbolen stehen, in der Menschen in Muster aufgehen und Muster sich zu Menschen verdichten; Augen entstehen aus **gespiegelten** Bögen, während **konzentrische** Kreise zu Pupillen werden. Die Malerin improvisiert mit **der Melodie von** Form und Farbe und schwelgt in Momenten der Entdeckung, Demontage und **spontanen** Erkenntnis. Aus **einer Vielzahl von** Formen schafft sie **Bedeutung, die gleichzeitig** komplex und **auf eine symbolische Art** einfach ist. Milanova hat **bereits** in Deutschland, Italien und den Vereinigten Staaten ausgestellt und wurde auch ausgewählt, um an einer Ausstellung **während der Biennale in Venedig** teilzunehmen. Sie besitzt Magister-Abschlüsse **der Humboldt-Universität zu Berlin** in Kunstgeschichte sowie Archäologie und wurde **für drei Jahre** an der Kunsthochschule in Sofia ausgebildet. (Agora Gallery, SoHo & Chelsea, New York)

Nesta etapa, a identificação dos recursos empregados para a condensação de informações no pequeno espaço do prospecto teve dois desdobramentos: em primeiro lugar e “retrospectivamente”, ela chamou a atenção dos estudantes para a necessidade de cada um rever, na extensão de sua necessidade, tanto a construção dos participios ampliados em alemão, quanto o emprego de modificadores em geral (por exemplo, os participios passado e presente, advérbios etc.) e o emprego do genitivo; em segundo, numa perspectiva

¹² Sobre o processo de ir-e-vir para a constituição de sentido, cf. as noções de *Text auf dem Papier* e *Text im Kopf*, tal como desenvolvidas na primeira parte deste artigo.

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

prospectiva, os estudantes foram convidados a pensar em formas de acomodação dessas estruturas em português, capazes de dar conta da tarefa de condensação de informações, mas sem prejudicarem a clareza e a legibilidade. O aspecto contrastivo foi acompanhado, portanto, da preocupação com a recepção e a função do texto traduzido.

Ainda no interior desses atributos complexos, procedeu-se, então, ao destaque para o emprego do léxico específico das artes plásticas [no quadro a seguir, em negrito] e para o emprego inusitado de unidades lexicais, responsáveis pela dimensão “expressiva” do texto. Quanto a este último aspecto, chamou-se a atenção para o estabelecimento, em alemão, de um campo semântico organizado em torno da palavra “*Leben*” [no quadro a seguir, em itálico].

Quadro 5

Die in Bulgarien geborene, deutsche Künstlerin Iva Milanova malt mit einem *reich modellierten* **Impasto**. Der *kräftige* **Farbauftrag** ihrer *ikonenhaften* **Bilder** quillt vor *Leben* und **Farbe** über. Ihre **Palette** besonders *lebhafter* **Primär- und Sekundärfarben** *schreit* dem Betrachter mit einer *lustvollen* Lebensenergie *entgegen*. In Milanovas prachtvollen **Gemälden** tut sich eine Welt auf, in der *grundlegende* **Formen** neben *abstrakten* **Symbolen** stehen, in der Menschen in **Muster** aufgehen und Muster sich zu Menschen verdichten; Augen entstehen aus *gespiegelten* **Bögen**, während *konzentrische Kreise* zu **Pupillen** werden. Die Malerin improvisiert mit der *Melodie* von **Form** und **Farbe** und schwelgt in Momenten der Entdeckung, **Demontage** und spontanen Erkenntnis. Aus einer Vielzahl von Formen schafft sie Bedeutung, die gleichzeitig komplex und *auf eine symbolische* Art einfach ist. Milanova hat bereits in Deutschland, Italien und den Vereinigten Staaten **ausgestellt** und wurde auch ausgewählt, um an einer **Ausstellung** während der **Biennale** in Venedig teilzunehmen. Sie besitzt Magister-Abschlüsse der Humboldt-Universität zu Berlin in **Kunstgeschichte** sowie Archäologie und wurde für drei Jahre an der **Kunsthochschule** in Sofia ausgebildet. (Agora Gallery, SoHo & Chelsea, New York)

Ao isolar faixas de léxico ligadas, de um lado, ao vocabulário específico das artes plásticas e, de outro, a combinações inusitadas (o emprego de metáforas, por exemplo), o procedimento permitiu explorar diferentes tipos de fontes de consulta de forma mais racional. Além disso, ao chamar a atenção para uma dimensão de maior expressividade, esta etapa colocou os estudantes diante da necessidade de eles próprios se afastarem das

acepções consagradas em dicionários, de tomarem decisões que envolviam criatividade e de criarem argumentos que dessem sustentação às suas escolhas.

A seguir, os estudantes foram orientados no sentido de observarem rigorosamente uma sequência de procedimentos para o trabalho de retextualização:

- a) reconstrução das amarras sintáticas, tal como proposto na redução do texto alemão [Quadro 3]. Em outras palavras, foi-lhes solicitado reconstruir o texto-andaime alemão, desta vez em português;
- b) reflexão sobre alternativas para a condensação de informações em português (a partir do Quadro 4), levando em conta, para isso, o espaço gráfico do prospecto. Especial atenção foi solicitada no sentido de se acomodarem, em português, as informações contidas nos participios. Num esquema de retroalimentação, foi-lhes solicitado inserir no texto-andaime (item a), acima) as estruturas escolhidas para a acomodação das informações dos participios;
- c) realização de pesquisa específica para o vocabulário das artes plásticas (em especial, da pintura) [Quadro 5, em negrito] e reconstrução das dicotomias apresentadas no texto: “concreto vs. abstrato”, “forma vs. símbolo”, “humano vs. modelo (padrão)”;
- d) reconstrução criativa do campo semântico organizado em torno da palavra “vida” [Quadro 5, em itálico] e exploração do aspecto intersemiótico: buscar alternativas de tradução sugeridas pela imagem reproduzida no prospecto.

As três versões intermediárias da tradução, realizadas a partir dos Quadros 3, 4 e 5, foram então refundidas num texto que foi elaborado individualmente e em casa e, depois, discutido em sala de aula. A partir da apresentação dos resultados, ficou claro que os estudantes que se ativeram ao planejamento proposto, isto é, que seguiram rigorosamente a sequência de procedimentos sugerida, foram capazes de redigir textos mais coesos e mais coerentes.

Além disso, o tratamento por etapas das dificuldades de compreensão e de retextualização contribuiu para uma maior consciência no emprego de recursos linguísticos, o que – na opinião dos estudantes – representou ganhos para os conhecimentos de alemão,

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

sobretudo no que respeita a tópicos gramaticais pouco explorados até então (neste caso, os participípios ampliados, a organização de um campo semântico, o emprego de metáforas).

Por fim, o trabalho monitorado permitiu um controle a cada etapa e, como consequência disso, uma maior conscientização acerca dos mecanismos de produção de sentido em linguagem, obtida pela interação de diferentes vertentes de pesquisa. O resultado imediato disso foi a construção de argumentos mais sólidos, que auxiliaram os estudantes na defesa de suas opções de tradução, toda vez que essas opções tiveram de se distanciar do apoio de fontes dicionarizadas; toda vez, enfim, em que eles tiveram de se deparar com a dimensão criativa em tradução.

Para concluir: ressalvas e desafios

O exemplo apresentado acima mostrou não apenas ser possível, mas também produtiva, a combinação de uma perspectiva “retrospectiva”, quer dizer, voltada para o texto de partida (suas características e condições de produção) com uma perspectiva “prospectiva”, quer dizer, voltada às novas condições de recepção. Assim, sem sugerir uma concentração demasiada em aspectos léxico-semânticos, o que reforçaria uma noção de tradução (e de produção de sentido) herdada e sintonizada com o exemplo da aluna apresentado no início da seção “ensinar a traduzir é compartilhar conhecimentos”, a observância de um planejamento, de uma sequência de procedimentos estabelecida em conexão com vários preceitos dos estudos linguísticos, permitiu a reconstrução do texto como um todo, numa estratégia de ir-e-vir, de retroalimentação, capaz de garantir a esse conjunto não apenas sua coesão e sua coerência, mas também sua adequação à tarefa de tradução.

A despeito disso, porém, também foram constatados desvios significativos na reconstrução da dimensão textual-discursiva, conforme demonstra a passagem apresentada a seguir. As opções 1 e 2 de tradução revelam a perda da amarra sintática e as opções 3, 4 e 5, se comprovam a recuperação total ou parcial dessa amarra, também atestam o deslocamento de problemas de tradução para outros níveis da organização discursiva. Os

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

três recursos de destaque – negrito, itálico e sublinhado – visam a facilitar a identificação dos pontos em que os estudantes ou não conseguiram recuperar os trechos correspondentes em alemão, ou só o fizeram parcialmente:

In Milanovas prachtvollen Gemälden tut sich eine Welt auf, in der grundlegende Formen neben abstrakten Symbolen stehen, in der *Menschen in Muster aufgehen und Muster sich zu Menschen verdichten*; Augen entstehen aus gespiegelten Bögen, während konzentrische Kreise zu Pupillen werden.

[1] Na pintura primorosa de Milanova abre-se um mundo, [?] nas formas básicas estão próximos de símbolos abstratos, predominam nos homens das amostras e amostras ganham formas de homens; olhos transformados a partir de arcos refletidos, enquanto círculos concêntricos são pupilas.

[2] As vistosas pinturas de Milanova abrem-se para um mundo que estão na concretude das formas ao lado do simbolismo abstrato, abre-se nas pessoas como modelo e modelo para transformar as pessoas, os olhos surgem espelhados de arcos ao passo que os círculos concêntricos tornam-se pupilas.

[3] Nas magníficas pinturas de Milanova encontra-se um mundo no qual formas fundamentais estão ao lado de símbolos abstratos; nas quais *as pessoas do desenho ficam absorvidas* e os desenhos condensam-se em pessoas; olhos resultam de arcos refletidos, enquanto arcos concêntricos tornam-se pupilas.

[4] Nas esplendorosas pinturas de Milanova um mundo se abre no qual formas fundamentais convivem com símbolos abstratos no qual *as pessoas abrem-se a modelos e se condensam na forma de modelos para as pessoas*, olhos são resultado de arcos trabalhados enquanto círculos concêntricos se transformam em pupilas.

[5] Nos magníficos quadros de Milanova abre-se um mundo, onde as formas concretas juntam-se a símbolos abstratos, em que *os homens ficam absorvidos nos modelos e estes se consolidam nos seres humanos*; aos olhos são dados forma de arcos espelhados e os círculos transformam-se em pupilas.

As opções 1 e 2 apontam, basicamente, para lacunas na elaboração do texto-andaime em português a partir do Quadro 3, que foi realizado sob monitoramento em sala

de aula. As opções 3, 4 e 5, além de indicarem uma certa frouxidão no tratamento do texto-andaime, também parecem apontar para um tratamento indevido das questões de acomodação das informações do texto alemão em mecanismos de condensação adequados em português, de um lado, e a um descuido proporcional no que respeita, sobretudo, à recriação do campo semântico.

A constatação desses desvios poderia ser minimizada pela observação de que, numa classe de cerca de vinte alunos, nem todos apresentam um mesmo nível de resposta às sugestões propostas pelo professor. Afinal, se por falta de disciplina, ou se confiando que a mera substituição de palavras num trabalho linear fosse dar conta das dificuldades, os resultados apresentados acima demonstram que os estudantes não dedicaram atenção e tempo suficientes a etapas específicas da retextualização, capazes de garantir ao resultado coesão e coerência. O dado positivo, neste caso, é o de que o tipo de desvio na tradução aponta necessariamente para uma etapa específica e não cumprida a contento no processo de retextualização, isto é, o tipo de desvio aponta para uma lacuna específica que, em cada caso, precisa ser preenchida.

Ao mesmo tempo, a relativa falibilidade do procedimento, detectada em alguns casos, pode apontar para, pelo menos, dois outros desafios. O primeiro diz respeito aos estudantes e sugere que a reversão de expectativa dos tradutores iniciantes, no que respeita à noção de tradução enquanto trabalho linear com foco no léxico e no uso de fontes dicionarizadas bilíngues, não se dá a partir de uma única tomada de consciência, num único exercício vivenciado, mas ao longo do tempo e com a observância sistemática e monitorada de um procedimento. Um correlato, na prática, para o que se tem observado, como dissemos, nas aulas de teoria da tradução. O segundo volta-se aos professores e aos cursos de tradução. No interior de uma experiência interativa, há muito ficou para trás a figura do professor-tradutor que, com sua experiência, transforma a aula ou num conjunto de dicas sobre como traduzir (bem), ou então num anedotário de situações sobre como traduzir (mal). Vista sob a ótica da construção de conhecimento, a tradução impõe aos que monitoram esse aprendizado, cada vez mais, o desafio de dominar, em diferentes extensões, conceitos de áreas afins; o desafio, enfim, de construir metodologias adaptáveis às mais

Nomura, M.; Azenha, J. – O texto como unidade de trabalho

diversas situações. Este desafio é o correlato, na prática da aula de tradução, para a noção, amplamente aceita em teoria, da tradução como uma área inter e transdisciplinar.

Anexo

Iva Milanova



“La Bocca e la Verità“

Malerei

16.12.2005 - 12.02.2006

ART CENTER BERLIN FRIEDRICHSTRASSE

Iva Milanova

Die in Bulgarien geborene, deutsche Künstlerin Iva Milanova malt mit einem reich modellierten Impasto. Der kräftige Farbauftrag ihrer ikonenhaften Bilder quillt vor Leben und Farbe über. Ihre Palette besonders lebhafter Primär- und Sekundärfarben schreit dem Betrachter mit einer lustvollen Lebensenergie entgegen. In Milanovas prachtvollen Gemälden tut sich eine Welt auf, in der grundlegende Formen neben abstrakten Symbolen stehen, in der Menschen in Muster aufgehen und Muster sich zu Menschen verdichten; Augen entstehen aus gespiegelten Bögen, während konzentrische Kreise zu Pupillen werden. Die Malerin improvisiert mit der Melodie von Form und Farbe und schwelgt in Momenten der Entdeckung, Demontage und spontanen Erkenntnis. Aus einer Vielzahl von Formen schafft sie Bedeutung, die gleichzeitig komplex und auf eine symbolische Art einfach ist. Milanova hat bereits in Deutschland, Italien und den Vereinigten Staaten ausgestellt und wurde auch ausgewählt, um an einer Ausstellung während der Biennale in Venedig teilzunehmen. Sie besitzt Magister-Abschlüsse der Humboldt-Universität zu Berlin in Kunstgeschichte sowie Archäologie und wurde für drei Jahre an der Kunsthochschule in Sofia ausgebildet. (Agora Gallery, SoHo & Chelsea, New York)



Bulgarian-born German artist Iva Milanova lays down a richly textured impasto. Her thickly painted icon-laden works brim with life and color. Especially active, her palette of primary and secondary color shouts out to viewers with a lusty energy for life. Milanova's splendid images compare basic shapes to abstract symbols. It is an inter-related world where people become pattern and vice-versa. Eyes are formed from mirrored arcs and co-centric circles become pupils. Hers is a musical improvisation of form and color. It basks in moments of discovery, disassembly, and instantaneous recognition. Through a range of forms she builds both complex and simple symbolic meaning. Milanova has shown in Germany, Italy and in the United States, and has also been chosen to participate in a exhibition during the Venice Biennale. She obtained degrees in art history and archeology from the Humboldt-University in Berlin and was educated at the University of Arts in Sofia for three years. (Agora Gallery, SoHo & Chelsea, New York)

ART CENTER BERLIN FRIEDRICHSTRASSE

10117 Berlin-Mitte, Friedrichstraße 134,

gegenüber Friedrichstadtpalast

S-/U-Bhf. Friedrichstraße oder U-Bhf. Oranienburger Tor

Tel. 030 / 27 87 90 20, www.art-center-berlin.de

Referências bibliográficas

- ARROJO, Rosemary. O ensino da tradução e seus limites. In: ARROJO, Rosemary (org.). *O signo desconstruído. Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas (SP), Pontes, 1992, 99-105.
- AUSTIN, John L. *How to Do Things with Words*. Oxford, 1962.
- CARDOZO, Maurício / HEIDERMAN, Werner / WEININGER, Markus J. (eds.). *A Escola Tradutológica de Leipzig*. Frankfurt a.M., Peter Lang, 2009.
- CATFORD, John Cunnison. *Uma teoria lingüística da tradução*. Trad. do Centro de Especialização de Tradutores do Inglês do Instituto de Letras da PUC-Campinas. São Paulo, Cultrix; Campinas (SP), PUC, 1980. [1ª ed.1965]
- CORRÊA, Angela Maria da Silva / NEIVA, Aurora Maria Soares. Estratégias e problemas do tradutor aprendiz: uma visão introspectiva do processo tradutório. In: MONTEIRO, Maria José Pereira. *Práticas discursivas: instituição, tradução e literatura*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2000, 34-52.
- FIX, Ulla / POETHE, Hannelore / YOS, Gabriele. *Textlinguistik und Stilistik für Einsteiger. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*. Frankfurt am Main etc., Peter Lang, 2002.
- HEINEMANN, Margot / HEINEMANN, Wolfgang. *Grundlagen der Textlinguistik. Interaktion – Text – Diskurs*. Tübingen, Niemeyer, 2002.
- HEINEMANN, Wolfgang; VIEHWEGER, Dieter. *Textlinguistik. Eine Einführung*. Tübingen, Niemeyer, 1991.
- HÖNIG, Hans G. / KUSSMAUL, Paul. *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*. 2., durchgesehene Aufl. Tübingen, Narr, 1982.
- KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. 4., völlig neu bearb. Aufl. Heidelberg, Wiesbaden, Quelle & Meyer (UTB 819), 1992.
- LINKE, Angelika / NUSSBAUMER, Markus / PORTMANN, Paul R. *Studienbuch Linguistik.5.*, erweít. Aufl. Tübingen, Niemeyer, 2004.
- NUSSBAUMER, Markus. *Was Texte sind und wie sie sein sollen. Ansätze zu einer sprachwissenschaftlichen Begründung eines Kriterienrasters zu Beurteilung von schriftlichen Schülertexten*. Tübingen, Niemeyer, 1991.
- POLLENZ, Peter von. *Deutsche Satzsemantik. Einführung in Grundbegriffe des Zwischen-den-Zeilen-Lesens*. 2., durchges. Aufl. Berlin, Sammlung Götschen, 1988.
- SEARLE, John R. *Os actos de fala. Um ensaio de Filosofia da Linguagem*. Coimbra, Livraria Almedina, 1981. [*Speech Acts*. Cambridge, Cambridge University Press, 1969.]

Lektoren, Hörbücher, Events - Zur Neufassung des Handbuchs *Literaturbetrieb in Deutschland*

David-Christopher Assmann*

ARNOLD, Heinz Ludwig; BEILEIN, Matthias (Hg.): *Literaturbetrieb in Deutschland*. 3., völlig veränderte Auflage. Neufassung. Edition Text + Kritik München, 2009. 440 Seiten. ISBN 978-3-88377-996-6.

Literatur, Literaturbetrieb, Literaturwissenschaft

Als Jens Jessen jüngst zum Auftakt einer Diskussion im Jahrbuch der deutschen Schillergesellschaft fragte, ob denn der gegenwärtige Literaturbetrieb die Literatur nicht ‚verderbe‘ (JESSEN 2007), provozierte er damit Antworten, die sich vor allem im Gestus der Problematisierung der Frage selbst übten: „[D]enn was ist mit ‚der Literaturbetrieb‘ gemeint, und wie soll man so ganz allgemein dessen Einfluß auf *die* Literatur insgesamt einschätzen können?“ (DREWS 2008: 481). Doch so wenig die Frage, ob und wie literarische Texte und ihre Autorinnen und Autoren unter den gegenwärtigen Betriebsbedingungen ‚leiden‘, sich mit dem Hinweis auf eindeutige Ableitungsverhältnisse zwischen ‚Betrieb‘ und ‚Literatur‘ beantworten lässt, so wenig kann die Literaturwissenschaft auf die Auseinandersetzung mit eben diesen gesellschaftsstrukturellen und institutionellen Voraussetzungen der Produktion, Vermittlung und Rezeption von Literatur verzichten. Literarische Texte sind immer auch in gesellschaftliche, seien es wirtschaftliche, politische oder ganz allgemein soziale Kontexte eingebettet. Und nicht zuletzt deshalb hat sich die Beschäftigung mit dem, was grob unter dem Label ‚Literaturbetrieb‘ firmiert, denn auch mittlerweile als ein

* Kollegiat des Deutsch-Italienischen Promotionskollegs der Universitäten Bonn und Florenz.
www.germanistik.uni-bonn.de/dipd

wichtiges und nicht mehr wegzudeckendes Feld (nicht nur) der germanistischen Literaturwissenschaft in Forschung und Lehre etabliert.

Konzentration, Beschleunigung, Marketing

Die von Heinz Ludwig ARNOLD und Matthias BEILEIN herausgegebene Neufassung des Handbuchs *Literaturbetrieb in Deutschland*, das 1971 erstmals erschien und 1981 durch eine zweite, völlig veränderte Auflage bereits einmal aktualisiert worden ist, kommt diesen gewachsenen Ansprüchen mit geballter fachlicher Kompetenz nach und bietet der literaturwissenschaftlichen Erforschung der vielfältigen Entstehungsbedingungen von Literatur in der deutschsprachigen Gegenwartsgesellschaft eine mindestens ebenso vielfältige wie informative Grundlage. Neben Bodo Plachtas Überblick über den *Literaturbetrieb* (PLACHTA 2008) und Stefan Neuhaus Einführung in die *Literaturvermittlung* (NEUHAUS 2009) trägt damit auch der germanistische Klassiker in Fragen Literaturbetrieb insbesondere den sich durch sozial-, ökonomie- und medienstrukturelle Faktoren seit einigen Jahren abzeichnenden Wandel von Wertungsroutinen in der literarischen Öffentlichkeit durch eine Neuauflage Rechnung. Matthias Beilein bringt diese tiefgreifenden Entwicklungen im Literatur- und Kulturbetrieb in seinem Beitrag prägnant auf den Punkt, wenn er festhält, dass

[d]ie Konzentration in Buchhandel und Verlagswesen, die Beschleunigung in der Titelproduktion, der gestiegene Einfluss von Literaturagenten, gesteigerte Rentabilitätsforderungen von Verlags- bzw. Konzernleitung, die Digitalisierung der Kommunikation und des Publizierens, der gestiegene Stellenwert des Marketings und die Veränderungen im Marketing von produktorientiertem zu zielgruppenorientiertem Denken etc. (32)

das Handeln von Produzenten, Vermittlern und Lesern von Literatur in Deutschland maßgeblich verändert haben und dies in Zukunft auch weiter tun werden. Doch wie wirken sich diese Veränderungen, die immer wieder auch Gegenstand heftiger Debatten und Kontroversen (nicht nur in der Literaturkritik) sind, ganz konkret auf die Arbeit im Literaturbetrieb aus? Wie beeinflussen etwa Marktkonzentration, Marketing und Beschleunigung das Handeln der Akteure und Vermittlungsinstanzen? Welche (neuen) Anforderungen werden an Vermittlungsstrategien gestellt? Und lassen sich aus diesen

veränderten Ansprüchen Prognosen für die Zukunft erstellen? Kurz: Was bedeutet ‚Literaturbetrieb in Deutschland‘? Die Herausgeber und mit ihnen die Mitarbeiterinnen und Mitarbeiter des Bandes möchten diesen und ähnlichen Fragen durch ein „Panorama kritischer, teils dezidiert subjektiver Auseinandersetzungen“ (10) mit unterschiedlichsten Aspekten des deutschsprachigen literarischen Lebens begegnen.

Berufsbilder, Märkte, Medien

Fünf Blöcke strukturieren die insgesamt 30 Beiträge des Handbuchs: Die Leserinnen und Leser erhalten Einblicke in gegenwärtige Tendenzen in den Bereichen „Berufsbilder“, „Vermittler“, „Märkte und Medien“, „Literatur und Öffentlichkeit“ und „Grenzüberschreitungen“. Die auf den ersten Blick recht vage inhaltliche Bestimmung dieser Blöcke wird dabei durch die im Einzelnen präzisen und Interesse weckenden Titel der Beiträge, die jeweils im Untertitel ein systematisierendes Schlagwort aus dem Literaturbetrieb mitführen, aufgefangen: Denn jeder einzelne Beitrag ist schließlich der Ort, an dem sich der je spezifische Einblick in ein bestimmtes Feld des insgesamt immer wieder als ‚diffuses Phänomen‘ etikettierten literarischen Lebens ergibt. Und gerade diese Vielstimmigkeit spiegeln die Beiträge des Handbuchs in ihrer Gesamtheit auch wider.

Der erste Block beschäftigt sich mit Berufsbildern im Literaturbetrieb. Die Spannweite reicht hier von Verlegern über Literaturagenten bis hin zu Buchhändlern. Dabei spielen gerade für die Berufsprofile die angesprochenen Veränderungen im Literaturbetrieb eine wichtige Rolle, agieren doch letztlich alle Akteure des Literaturbetriebs in einem „Raum zwischen Geist und Kommerz“ (15), wie Verleger Thedel Wallmoden in seinem einleitenden Artikel konstatiert. Und auch Karin Fleischanderl weiß aufgrund ihrer Erfahrungen als literarische Übersetzerin, dass „[d]er höchste Wert [...] Verkäuflichkeit [heißt; DCA]“ (43). Diese Maxime wirkt sich auf die sich meist durch ‚kontingente Karrierewege‘ auszeichnenden literaturbetrieblichen Berufsbilder und deren Professionalisierung unmittelbar aus, wie Matthias Beilein in seinem Beitrag für den Beruf des Lektors verdeutlicht. Demnach werde der kulturvermittelnde Aspekt der Lektoratsarbeit, die „abgesehen von der Leidenschaft für die Literatur und dem fehlerfreien Beherrschen wenigstens der Muttersprache“ (27)

keine verbindlichen Schlüsselqualifikationen verlange, in vielen Verlagen nämlich zunehmend „zugunsten ökonomischer Aspekte in den Hintergrund“ (34) verschoben.

Während es dem ersten Abschnitt noch um Akteure ging, fokussieren die Beiträge des zweiten Blocks auf institutionelle Fragen. Zu den literaturvermittelnden Organisationen und Einrichtungen des Literaturbetriebs zählt das Handbuch unter anderen Autorenverbände, Literaturmuseen oder Sprachakademien. So stellt etwa Rainer Moritz sehr verständlich und trotz nur eines einzigen (wenn auch des wesentlichen!) Literaturhinweises sehr informativ das Selbstverständnis von Literaturhäusern in Deutschland vor, denen es immer auch darum gehe, „das ökonomisch Erfolgreiche nicht in Bausch und Bogen zu verdammen, sondern [...] die Spreu vom Weizen zu trennen“ (127). Moritz' und alle anderen Beiträge dieses Blocks zeichnen sich durch einen hohen Informationsgrad aus, der – zum Beispiel in Jochen Mayers prägnantem Überblick über die Geschichte der Literaturarchive in Deutschland, speziell des wohl einmaligen Marbacher Literaturarchivs – immer auch Platz für Anekdotisches lässt.

Unter dem Titel „Märkte und Medien“ werden Beiträge zusammengefasst, die sich entweder mit Aspekten des deutschen Buchmarkts beschäftigen oder mediale Fragestellungen von Literatur thematisieren. Dazu zählen Beiträge zu Bestsellerlisten, Hörbüchern oder Formen digitaler Literatur. Katrin Blumenkamp stellt kleine und Kleinst-Verlage vor und berichtet dabei nicht zuletzt auch von ihren Erfahrungen mit der Gründung ihres eigenen ‚Mini-Verlags‘. Nadine van Holt ermöglicht sorgfältig zusammengetragene Einsichten in die Stellung und Bedeutung von Literaturzeitschriften; Hans Sarkowicz gibt einen Überblick über die Geschichte und die aktuelle Bedeutung von Literatur im Radio und weist in diesem Zusammenhang darauf hin, „wie wichtig das Radio weiterhin für Verlage und Autoren ist“ (245). Denn gerade auch das Radio sichere „die öffentliche Präsenz von Schriftstellern, und [...] erinnert an Werke, die zu Unrecht vergessen sind“ (245). Wolfram Göbel schließlich informiert kompakt über Chancen und Risiken, die sich für Autoren, Texte und Leserinnen aus dem Konzept ‚Books on Demand‘ ergeben.

Die damit bereits angesprochene Frage, welche Spielräume und Möglichkeiten sich durch die Digitalisierung von Literatur ergeben, reichen auch in den Bereich des Verhältnisses von Literaturbetrieb und Öffentlichkeit hinein, das der vierte Block untersucht. Denn hier wird unter anderem „Das Buch und sein Leser im Web 2.0“

diskutiert, wie der Titel des Beitrags von Birte Huizing verspricht. Darüber hinaus geht es diesem Block zum Beispiel um die Bedeutung literarischer Events und den Zusammenhang von Literatur und Justiz. Besonders ins Auge sticht aber der Beitrag von Sabine Buck zum „Kritikerstreit als Betriebsphänomen“, weil er – darin dem Artikel von Tilman Lang und Meike Homann zu Literatur im Fernsehen vergleichbar – nicht nur über die wichtigsten Debatten in der Literaturkritik seit 1945 verständlich und komprimiert deskriptiv informiert, sondern diese darüber hinaus auch analytisch näher untersucht. So kann Buck überzeugend skizzieren, dass Literaturdebatten wiederkehrenden Abläufen folgen und die jeweils beteiligten Akteure dabei zumeist typische Argumentationsweisen und Themen verwenden. Dabei sei die literarische Streitkultur seit 1945 nicht zuletzt auch ein Indiz dafür, „dass das deutsche Feuilleton zunehmend von den Aufmerksamkeitsmechanismen der Massenmedien geprägt wird“ (369). Eher den Charakter eines Exposé hat hingegen Michael Dahnkes Beitrag zu Literaturpreisen, der seine Leser eher mit Fragen denn mit Antworten und Informationen zur Praxis der Preisvergabe in Deutschland zurück lässt.

Der fünfte und letzte Block blickt schließlich über die Grenzen des deutschen Literaturbetriebs hinaus und stellt einerseits die Literaturbetriebe in Österreich und der Schweiz und andererseits den Stellenwert von internationaler Literatur im deutschsprachigen Raum vor. Insbesondere der atemberaubende Parforceritt Doris Mosers durch den österreichischen Literaturbetrieb bietet in diesem Block Möglichkeiten für zahlreiche weitergehendere Überlegungen.

Verderben, Literaturbetrieb, Literatur

Das Handbuch geht den veränderten Rahmenbedingungen literarischer Kreativität im deutschsprachigen Literaturbetrieb der Gegenwart und den sich daraus für die Literatur ergebenden Chancen und Risiken in insgesamt durchweg informativen und zu vielerlei Anschlussüberlegungen anregenden Beiträgen nach. Dabei eröffnet nicht zuletzt das sich bereits in den vorherigen Auflagen bewährte Prinzip, neben Literaturwissenschaftlerinnen und Literaturwissenschaftlern auch profilierte Expertinnen und Experten aus der literaturbetrieblichen Praxis zu Wort kommen zu lassen, konkrete und überaus hilfreiche Einblicke in unterschiedlichste Aspekte des

gegenwärtigen Literaturbetriebs. Denn es sind nicht zuletzt diese durchaus subjektiven ‚Werkstattberichte‘ und ‚Blicke hinter die Kulissen‘ der Praktiker, die neben den knappen und komprimierten Skizzen historischer Entwicklungen und der pointierten Vermittlung basaler Informationen zum ‚Ist-Stand‘ im Betrieb immer auch wertvolle und gar nicht zu unterschätzende Räume für Anekdotisches, persönliche Erfahrungen und Meinungen eröffnen.

Verdirbt nun der Literaturbetrieb die Literatur? Auf Jens Jessens Frage kann und sollen die Beiträge des Handbuchs keine Antwort geben. Und das nicht, weil selbst ein über 400 Seiten starkes Überblickswerk nicht alle Facetten des Literaturbetriebs abdecken und die Frage damit umfassend beantworten kann – so fehlt etwa ein Artikel zu Poetikvorlesungen, stellen diese doch ohne Frage (auch) ein wichtiges, beliebtes Phänomen im literarischen Leben in Deutschland dar. Der Versuch, die Frage nach dem ‚Verderben‘ der Literatur durch ihren Betrieb zu beantworten, verfinge sich vielmehr in denjenigen Mechanismen von Debatten, Kontroversen und Streitigkeiten in der Literaturkritik, wie sie Sabine Buck in ihrem hervorragenden Beitrag herausarbeitet. Und aus solchen Streitigkeiten sollte die Literaturwissenschaft sich doch besser heraushalten.

Das Handbuch bietet insgesamt einen in dieser Form und in dieser Qualität ohne Frage einmaligen, angesichts der tiefgreifenden Veränderungen im Literaturbetrieb längst überfälligen, nur zu empfehlenden Überblick über aktuelle Entwicklungen des literarischen Lebens in Deutschland. Sein besonderes Merkmal ist dabei die gelungene Kombination aus Überblicksdarstellung einerseits und Detaileinblicken andererseits. Es bietet nicht zuletzt deshalb überaus viele Orientierungshinweise (nicht nur) für Studierende der Germanistik, die sich einen fundierten, sehr verständlichen, hervorragend informierten und dennoch komprimierten Überblick über das verschaffen möchten, was den Literaturbetrieb in Deutschland gegenwärtig charakterisiert. Denn genau das zeigt das Handbuch einmal mehr: dass es *den* Literaturbetrieb nicht gibt – und dennoch (oder gerade deshalb) ist es wichtig, sich mit ihm literaturwissenschaftlich zu beschäftigen.

Literaturverzeichnis

DREWS, Jörg. Zum Thema: Verdirbt der Literaturbetrieb die Literatur? In: *Jahrbuch der deutschen Schillergesellschaft* 52, 2008, 481-491.

JESSEN, Jens. Verdirbt der Literaturbetrieb die Literatur? Vorbemerkung zu einer Diskussion. In: *Jahrbuch der deutschen Schillergesellschaft* 51, 2007, 11-14.

NEUHAUS, Stefan. *Literaturvermittlung*. Stuttgart, UVK, 2009.

PLACHTA, Bodo. *Literaturbetrieb*. Paderborn, Fink, 2008.

Franz Biberkopf está de volta

Elcio Loureiro Cornelsen*

DÖBLIN, Alfred. *Berlin Alexanderplatz*. trad. Irene Aron. São Paulo: Martins, 2009.¹

“Franz Biberkopf ist wieder da” – essa frase do romance *Berlin Alexanderplatz*, do escritor alemão Alfred Döblin (1878-1957), marca o momento em que o protagonista, recém-liberto da Penitenciária de Tegel, estupra Minna, irmã de Ida, sua antiga namorada e prostituta, que Biberkopf espancara até a morte. Estar “de volta” para o ex-detento é se sentir “homem” de novo, após ter cumprido pena de quatro anos de reclusão por “homicídio culposo, agressão seguida de morte” (18). Primeiramente, tenta ir com prostitutas, mas sem sucesso. Só com Minna, num ato quase que de tentar reviver Ida, Biberkopf adquire ânimo para recomeçar vida nova em Berlim, mesmo que esse recomeço seja marcado por mais um crime. O protagonista do romance, designado pelo narrador-autoral como “nosso bom homem” (9), encerra em si um leque de contradições. A promessa de se manter “decente” após sair da prisão se esvai em atitudes como essa, mais parece uma promessa “vazia”, da qual o leitor tem de desconfiar. Mas, aqui, extraímos essa frase do romance e lhe emprestamos outro sentido: “Franz Biberkopf está de volta” (41), numa bela tradução de Irene Aron para a editora Martins.

Esse “brutamonte”, um misto de rompantes de violência e momentos de extrema docilidade ou mesmo ingenuidade, que cativa o leitor desde o início, pois parece tão humano, demasiado humano em seus defeitos e virtudes, por assim dizer, é uma “cobaia” posta a prova pelo Dr. Döblin, médico neurologista. Longe de ser um romance psicológico – Döblin, aliás, privilegiava a psiquiatria em detrimento da psicanálise emergente na época e escreveu vários de seus romances usando pranchetas de prontuários médicos, nos intervalos de seus plantões

* Doutor em Estudos Germânicos pela *Freie Universität Berlin*; Professor Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais; membro da *Internationale Alfred-Döblin-Gesellschaft* desde 1994; endereço eletrônico: cornelsen@letras.ufmg.br

¹ Os números entre parênteses após as citações correspondem aos números das páginas da edição supracitada.

Cornelsen, E. – Franz Biberkopf está de volta

em clínicas, hospitais e manicômios, e desses prontuários nasceu o esboço para o protagonista –, *Berlin Alexanderplatz* é a história de um anti-herói, desajustado socialmente, que, literalmente “luta” para conquistar o seu espaço nas ruas de Berlim – o linguajar do boxe e da guerra é recorrente ao longo do romance –, após permanecer fora de circulação por longos quatro anos. Pouco sabemos sobre seu passado, deduzimos que o espancamento seguido de morte de Ida ocorrera no ano de 1923, fatídico ano da hiperinflação na República de Weimar, pois o tempo do narrado comporta o período de 1927 a 1929, exatamente o período em que o romance foi escrito. Supomos também que Biberkopf tomara parte como soldado na Primeira Guerra Mundial. O seu jargão é perpassado constantemente por expressões que remetem à guerra, além da canção militar *Die Wacht am Rhein* – “A Guarda do Reno” – ter sido cantada por ele após sair da prisão, como forma de, pela primeira vez, articular sua voz fora dos muros da Penitenciária de Tegel. A saída da prisão é um renascer de Biberkopf; um renascer fadado à morte.

Berlin Alexanderplatz é a obra que conferiu a Alfred Döblin reconhecimento tanto na Alemanha como no cenário internacional. Traduzido em vários idiomas, esse romance sempre é associado ao nome do autor, principalmente por se reconhecer que, nele, Döblin conseguiu transpor com maestria na prática, aspectos teóricos que postulara anteriormente.

O aspecto inovador em *Berlin Alexanderplatz* é a forma de expressão do mundo narrado, a Berlim no final dos anos 1920. A maneira de representação tradicional do romance do século XIX tornou-se inadequada para o processo de representação da grande cidade em transformação. A velocidade com que se apresentavam as mudanças exigia uma nova forma de linguagem. Através do princípio estilístico da montagem, que tem suas raízes na técnica do filme e da simultaneidade a partir de diversas perspectivas, além da técnica de colagem dos mais variados textos, presente também no Dadaísmo, Döblin oferece ao leitor um quadro múltiplo de imagens e planos que, em um primeiro momento, podem transmitir a idéia de caos e de desconexão, mas que, todavia, relacionam-se entre si.

Como frisado anteriormente, o protagonista do romance pode ser considerado uma espécie de anti-herói, uma personificação da autêntica individualidade humana. Tal qual uma cobaia, Biberkopf é observado nas mais diversas situações vivenciadas entre os anos de 1927 e 1929. Médico de profissão, Döblin põe à prova sua cobaia sob o efeito de “golpes”, “algo imprevisível e que mais parece com um destino” (9), como formula o próprio narrador-autoral. A saída de Biberkopf da penitenciária de Berlim-Tegel marca o início da experiência. A tentativa de uma “vida nova” significa ao mesmo tempo a redescoberta da grande cidade

Cornelsen, E. – Franz Biberkopf está de volta

através dos olhos daquele que, por anos, não conheceu outra realidade senão aquela vivida atrás dos muros da prisão. Desempregado, sem pertences e sem ter para onde ir, Biberkopf é observado em suas tentativas de integrar-se à sociedade: de forma ingênua, o ex-presidiário tenta impor-se pela força, recebe um golpe, cai em depressão e, por fim, recobra os ânimos para tentar outra vez. Esta “via crucis” se repete por três vezes: primeiramente, Biberkopf é enganado por um companheiro de comércio ambulante e deixa de tirar proveito financeiro de sua nova relação amorosa com uma viúva; depois acaba por ter o seu braço direito amputado após um “acidente” durante a fuga de um assalto, do qual participara a contragosto; o terceiro e último golpe se concretiza com o assassinato de sua namorada, Mieke. A cobaia, assim como a sua vontade de impor-se através da força, não sobrevive a esse último golpe. Com isso, a experiência chega ao fim. Esse momento marca o “nascimento” de um “novo” Franz Biberkopf, o qual recebe o nome adicional “Karl”, para ser melhor diferenciado do falecido. Por assim dizer, Döblin contempla os leitores com uma paródia do romance de formação. Pois o cabeça-dura nada aprende, precisa “renascer” para ser dotado de consciência. Poderíamos falar de um “romance de transformação”, ou mesmo “anti-romance de formação”. E isso, sem dúvida, tem a ver com o momento crítico que atravessava a República de Weimar.

Não obstante suas especificidades, a história de Franz Biberkopf demonstra situações típicas, as quais podem atingir qualquer um, indiscriminadamente. No contexto dos contratempos que o acometem espelham-se diversas tendências da República de Weimar: crise econômica, alto índice de desemprego, a crescente influência de discursos nacionalistas e racistas sobre o instável cenário político, a luta da camada proletária pela sobrevivência, além de uma vida apática e humilhante em uma sociedade cujos traços marcantes são o poder, a violência e a concorrência. A Berlim dos anos 1920 não é apenas uma cidade de proprietários de fábrica, de acionistas da Bolsa de Valores, de pequenos comerciantes, funcionários públicos, operários e artífices, mas também o mundo daqueles excluídos pela sociedade, dos pauperizados pela Primeira Guerra Mundial e pela hiperinflação do ano de 1923, dos desempregados, também dos proxenetes, ladrões e vigaristas. Aos inúmeros excluídos pertence Franz Biberkopf. Sua trajetória representa a vida daqueles que se decepcionaram profundamente com a República de Weimar, uma vez que a transformação social após 1918 não correspondeu às expectativas de grande parte da sociedade.

Em vários aspectos o romance impõe dificuldades a seus tradutores, a começar pelo princípio estilístico da montagem e da colagem, mas também por se tratar de um romance aqui-e-agora. Para um leitor alemão contemporâneo, não é tarefa nada fácil ler a obra-prima

Cornelsen, E. – Franz Biberkopf está de volta

de Döblin nos dias de hoje, e o que dirá para vertê-lo para outra língua e outra cultura. São várias as marcas da época. Hoje, o leitor alemão menos familiarizado com o contexto sócio-histórico de emergência do romance, com certeza, tem dificuldade de entendê-lo na íntegra. Certa vez, perguntei a um leitor alemão: — Quem é esse tal de “Jolly na redoma de vidro”, mencionado por Biberkopf no romance *Berlin Alexanderplatz*? E a resposta foi imediata: — “Keine Ahnung!” – “Não tenho a mínima ideia!”. Mais tarde, em uma de minhas “incursões investigativas” sobre Berlim, quando já pensava em realizar um estudo sobre o romance, me deparei com um livro usado, ali, numa pequena banca de um livreiro, em frente a uma modesta lojinha, no bairro de Schöneberg: *Berlin: Schicksal einer Großstadt*, de Walther Kiaulehn (München: C. H. Beck, 1958). Gostei do preço: 5 marcos. E do volume: 595 páginas. Mal sabia que, naquele livro, tempos depois, eu encontraria a resposta para minha pergunta:

A luz viva dos anos 1920 produziu sombras bem negras. Como o esporte não é pensado sem recorde, os recordes se tornaram populares. Os parvos confundiram, ao final, toda espécie de recorde com o esporte, e os expertos fizeram negócios com isso. No restaurante ‘Krokodil’, na alta Friedrichstrasse, famoso por joelhos-de-porco e bifês com ovos fritos, ‘Jolly’ bateu o recorde de fome. Ele ficou numa grande gaiola de vidro lacrada, barba por fazer, com o copo d’água numa das mãos e o cigarro na outra, enquanto se exibia para os degustadores de joelho-de-porco. [...] ² (tradução própria)

Aparentemente, um exemplo banal. Entretanto, ele nos dá a dimensão exata do que significa um romance aqui-e-agora. Uma sensação da época, como deve ter sido a “performance” de Jolly no restaurante “Krokodil” não passou despercebida a Döblin, e tampouco faltam no romance sucessos musicais da época, hoje em dia desconhecidos pelas gerações mais jovens, ou mesmo músicas típicas, dessas cantadas em cervejarias, como “Trink, trink, Brüderlein trink...”

Mais uma vez: “Franz Biberkopf está de volta” (41), numa tradução que não apenas se junta à tradução portuguesa, de autoria de Sara Seruya e Teresa Seruya (Lisboa: Dom Quixote, 1992) e à primeira tradução brasileira, de Lya Luft (Rio de Janeiro: Rocco, 1995). Indo além, a “cobra naja” (143) – “Kobraschlange” – está de volta em grande estilo, ao mesmo tempo, tão alemão e tão brasileiro. “Nosso” Biberkopf não exige “da vida mais do que pão com azeitonas”, como na tradução portuguesa, pois, agora, suas paragens interculturais

² KIAULEHN, Walther. *Berlin: Schicksal einer Großstadt*. München: C. H. Beck, 1958, p. 550.

são outras. Fazendo jus ao “Butterbrot”, ele “exige mais do que um simples pãozinho com manteiga” (10). E quando ele deixa a Penitenciária de Tegel, uma frase lapidar anuncia: “A pena começa” (13), ou mesmo “Começa agora a pena”, na tradução do além-mar. Ambas, aquém e além-mar se irmanam no gesto de tentar reduzir a polissemia do termo “Strafe” – “castigo”, “pena”, “sanção penal”, “punição”. E tal gesto implica uma escolha. Escolha acertada, essa, pois Biberkopf acaba de deixar um instituto prisional, ganha novamente as ruas de Berlim, mesmo que titubeante, mas sua pena, de fato, começa com sua libertação, a pena de viver à sua maneira num contexto em crise. E essa voz narrativa – ou seriam “vozes”? – que inverte o sentido esperado da libertação para a punição pela liberdade não fala, de modo algum, de “castigo”, como outrora a história de Franz Biberkopf foi apresentada ao leitor brasileiro. São esses pequenos detalhes que nos fazem reconhecer não só as dificuldades derivadas do processo de tradução, mas também revelam a competência tradutológica com que fomos, finalmente, brindados. Nós e Alfred Döblin. Infelizmente, um autor ainda a se descobrir aquém-mar, um autor ofuscado por sua própria obra-prima, mas que vivenciou e retratou como poucos, muito poucos, a mentalidade da sociedade e a vida cotidiana no Kaiserreich, na República de Weimar, na fuga-exílio-pela-vida, na zona-ocupada-e-dividida, e, por fim, na ex-zona-ocupada-chamada-BRD. Aliás, não se trata aqui de ressuscitar velhos fantasmas da teoria da tradução literária, longe de se falar de “fidelidade” ou da tradução como texto “devedor” ao “original”. A questão vai muito além, pois o texto, por si só, vai muito além. Verdadeiro desafio para qualquer tradutor. Mas não estamos diante de uma tradução qualquer, essa, com a qual Irene Aron e a Editora Martins nos contemplam neste ano de 2009, 80 anos após o lançamento do original. O princípio estilístico da montagem e da colagem, destacado por Walter Benjamin na mais célebre resenha do romance – “Krisis des Romans” –, é tratado com muita percepção e sentido aguçado. Tarefa nada fácil para a tradutora, que se vê diante do paradoxo postulado por Benjamin em outro célebre ensaio – “Die Aufgabe des Übersetzers” –, entre a “tarefa” e a “desistência”, encerradas no termo “Aufgabe”, com as quais o tradutor se defronta. Movendo-se com maestria, deixa-nos marcas textuais que irmanam original e tradução, pois há um sopro de Berlim nas linhas de *Berlin Alexanderplatz*. Impossível reproduzir um dialeto – o *Berlinerisch* –, ou mesmo difícil diferenciar textualmente entre os diversos socioletos presentes no texto, mas muito da “destreza” no lidar com o par alemão-português, irmanados pelo sentimento, e não só pelo sentido, faz com que Biberkopf, não obstante seus rompantes de brutalidade, deslize diante do leitor brasileiro, numa Berlim-Babilônia fascinante.

Cornelsen, E. – Franz Biberkopf está de volta

Certa vez, num de seus vários ensaios de Teoria da Literatura – a serem descobertos por nossos editores –, especificamente em *Der Bau des epischen Werks* (“A construção da obra épica”), de 1929, Döblin fez a seguinte conjectura em relação à recepção: “O leitor realiza, portanto, o processo de produção juntamente com o autor”.³ Quando a instância de recepção é mais do que um leitor, é um leitor-tradutor, isso se torna mais complexo ainda. Pois este não vai atrás apenas do “sentido” do texto, mas também do “estilo” do autor. O texto surge como um construto. Como uma última ilustração a esse respeito, gostaríamos de mencionar uma passagem singular do romance de Döblin, uma paráfrase de Gênesis 1-3 – uma dentre várias outras paráfrases e citações bíblicas ao longo da obra –, especificamente em relação ao Paraíso e à vida harmoniosa que reinava antes da “Queda”, a qual precede um fragmento citado da ópera infantil *Hänsel und Gretel* (1893; “Joãozinho e Maria”), de Engelbert Humperdinck:

Certa feita, viveram no paraíso duas pessoas, Adão e Eva. Haviam sido colocadas ali pelo Senhor, que também criara animais e plantas e o céu e a terra. E o paraíso era o esplêndido Jardim do Éden. Flores e árvores cresciam aqui, os animais brincavam, ninguém atormentava ninguém. O sol nascia e se punha, a lua fazia o mesmo, era essa a única alegria durante todo o dia no paraíso.

Começemos assim alegremente. Vamos cantar e girar: palma, palma, palma, pé, pé, pé, pé, roda roda roda, para lá, para cá, não é difícil. (51)

No início do Segundo Livro, de um total de nove livros que compõem o romance, a ingenuidade de Biberkopf em acreditar que a grande cidade, do mesmo modo que a prisão, orientar-se-ia por uma “ordem”, que ele deveria observar a fim de evitar problemas, é expressa metaforicamente por meio dessa seqüência de textos montados. No entanto, na medida em que os contratempos vão surgindo, o quadro da harmonia paradisíaca e da alegria infantil desfaz-se textualmente de modo fragmentário: “Palma, palma, palma, pé, pé, pé, peixes, pássaros, o dia todo, paraíso” (107). Aliás, é interessante notar que, nas três traduções para a língua portuguesa, as tradutoras interferiram no texto ao manterem o início do verso da canção infantil inalterado, amenizando a radicalidade com que Döblin estiliza a imagem metafórica construída pela junção da paráfrase bíblica e do trecho da ópera infantil, pois literalmente, teríamos: “palma, palma, pé, peixes, pássaros, dia todo, paraíso” (“Mit den Händchen, klapp, klapp, mit den Füßchen trapp, Fische, Vögel, ganzen Tag, Paradies”). Todavia, devemos lembrar que tradução é escolha. O tradutor é um “re-poetizador”, como

³ Döblin, Alfred. *Der Bau des epischen Werks*. *Die Neue Rundschau*. ano 40, n. 4, Berlim, p. 527-551, abr. 1929.

Cornelsen, E. – Franz Biberkopf está de volta

diria Walter Benjamin. E a tradução, como nos lembra Haroldo de Campos, é “transcrição ou transtextualização desmistificada”.

Certamente, o romance de Döblin foi uma das obras que mais desafios impuseram a Irene Aron, detentora de uma longa e sólida carreira de tradutora que transpôs para nossa língua, entre outras, obras de Elias Canetti, Bertolt Brecht, Peter Schneider, Günter Grass, Walter Benjamin, Peter Handke, Victor Klemperer, e Ruth Klüger. Desafios vencidos com maestria, atestados por esse belíssimo texto que, agora, temos diante de nós. E a editora Martins, ao optar por manter o título alemão *Berlin Alexanderplatz* e por suprimir o subtítulo “Die Geschichte vom Franz Biberkopf” realiza um gesto que o escritor, sem dúvida, aprovaria. Pois assim era o seu desejo original. O subtítulo em alemão foi uma imposição do editor Samuel Fischer, em 1929. São por essas e outras, que não cansamos de anunciar, outra vez, a boa nova: Franz Biberkopf está de volta!